

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CRIAÇÕES COLETIVAS DA JUVENTUDE NO CAMPO POLÍTICO:  
um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**

**CELECINA DE MARIA VERAS SALES**

**Fortaleza – Ceará  
2003**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CRIAÇÕES COLETIVAS DA JUVENTUDE NO CAMPO POLÍTICO:  
um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**

**CELECINA DE MARIA VERAS SALES**

**Fortaleza – Ceará  
2003**

**CELECINA DE MARIA VERAS SALES**

**CRIAÇÕES COLETIVAS DA JUVENTUDE NO CAMPO POLÍTICO:  
um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**

**Tese de Doutorado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal do  
Ceará, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>.  
Maria Nobre Damasceno, como  
requisito parcial à obtenção do título  
de Doutor em Educação.**

**Fortaleza – Ceará  
2003**

Esta tese foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Educação outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados, na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida Instituição.

A citação de qualquer trecho desta tese é permitida, desde que seja feita em conformidade com as normas da ética científica.

---

Celecina de Maria Veras Sales

Tese aprovada em: \_\_\_\_\_

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Nobre Damasceno  
(Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Julieta Costa Calazans

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena de Paula Frota

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Chaves Gurgel do Amaral

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Iório Dias

Aos meus pais (*in memoriam*).

A Zequinha, meu companheiro de todas as horas.

Aos meus filhos André e Maira.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Ceará, pelo investimento em minha capacitação profissional.

Às colegas do Departamento de Economia Doméstica, especialmente Clarisse, Elisa, Amália e Consuelo, pela amizade, apoio e incentivo nesta caminhada.

Às colegas do NEGIF, companheiras nas aventuras de fazer pesquisa.

Ao grupo de pesquisa sobre juventude, da FACED, pelos momentos de estudo e trocas.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Nobre Damasceno, minha orientadora, que tornou o meu percurso um aprendizado contínuo. Com ela tive também um encontro de valores, afetos, e pensamentos. A ela minha admiração como pessoa e preceptora.

A Rita Cláudia, grande amiga, que foi incansável em localizar documentos, dados, que serviram de fontes essenciais para este trabalho, e que compartilhou comigo as angústias desse percurso.

A Célia Gurgel, amiga sempre disponível a ajudar, com quem dividi algumas reflexões, e que colaborou com críticas e sugestões a este trabalho.

A Gema Galgani, amiga, companheira, que me introduziu no MST, e juntas nos aventuramos em um referencial teórico intempestivo e na riqueza do mesmo campo empírico, e com quem os momentos divididos foram produtivos e inesquecíveis.

A Silvio Gadelha, um bom encontro no doutorado, que me introduziu ao pensamento de Deleuze e Guattari, indicando bibliografia, esclarecendo minhas dúvidas; sua contribuição foi indispensável na elaboração desse trabalho.

A Lena, companheira das mesmas lutas políticas, pela disponibilidade em traduzir o meu resumo em francês, como o fez das vezes anteriores.

A Fátima Sampaio, colega de Departamento, que traduziu o meu resumo em inglês, meu agradecimento especial.

A Eduardo, artista do virtual, agradeço pela formatação, gráficos, tabelas, mapas e arte final deste trabalho.

Aos jovens dos assentamentos Antônio Conselheiro e Palmares, e a todos os jovens que estiveram presentes nesta investigação, por me fazerem acreditar que ainda é possível pensar política e liberdade.

Aos militantes e dirigentes do MST Ceará, por terem colocado à minha disposição documentos e informações sobre o Movimento e assentamentos por eles acompanhados. Agradeço especialmente a Deuzália e Paulo, tão presentes neste estudo.

A Vilanice, dirigente do MST-CE que me mostrou na prática ser possível construir a luta com coragem e ternura.

A Lourdes, militante do MST, espírito livre, sempre produzindo o novo, inventando novos desejos, agradeço os momentos de reflexões sobre o pensar e agir político da militância do MST.

Aos meus sobrinhos, irmãos e cunhados, que sempre deram crédito aos meus projetos pessoais.

A Maíra e André, que me fazem a todo momento rever meus conceitos e preconceitos, a eles que estão presentes em todos os acontecimentos da minha vida e me fazem permanecer acreditando na luta por uma sociedade melhor.

A Zequinha, meu companheiro, amigo, parceiro, amante, marido, pela tolerância nos intrépidos caminhos da tese, pela insistência em me desobrigar do cotidiano familiar nesse período, e por me fazer acreditar todos os dias na potência do amor. Meu agradecimento pela revisão, pelas sugestões na produção do texto e por não medir esforços em buscar bibliografia, documentos, para este trabalho. A ele dedico essa tese.

## RESUMO

O presente trabalho se propõe compreender as formas singulares de fazer política, presentes, tanto na vida cotidiana como nos eventos político-culturais, principalmente aqueles programados pelo MST (marchas, acampamentos, cursos, concursos, etc.). Ao investigar as ações dos jovens nestes eventos e na vida cotidiana do assentamento, percebi que nos momentos coletivos, quando estão em contato com outros jovens, eles transformam os diversos espaços em momentos de formação e sociabilidade. Durante os eventos políticos e culturais os jovens sempre inventam programações que escapam às definidas e, na vida cotidiana recriam atividades rotineiras, transformando-as em lazer e convivibilidade. Deste modo as expressões culturais e o cotidiano são espaços privilegiados para esses jovens fazerem política, quando reinventam coletivamente esses espaços. Para analisar essa problemática, optei pelo estudo do Assentamento Rural Antônio Conselheiro, Município de Ocara-CE, coordenado pelo MST. Observei esses jovens no assentamento e nos eventos sociais e políticos e, nesse percurso, pude também observar outros jovens, de outros assentamentos, municípios, regiões e estados. O trabalho de campo foi realizado no Assentamento Antônio Conselheiro, em cursos de formação política, marchas, acampamentos na cidade e no campo, noites culturais, jornadas socialistas, encontros regionais da juventude, encontro estadual do MST, oficinas de gênero com jovens, mulheres e em reuniões de grupos de jovens nos assentamentos, buscando compreender quais relações se estabelecem entre a formação e a vivência política. Os recursos utilizados foram a observação direta, o registro no diário de campo e as entrevistas, técnicas estas que foram importantes para captar informações acerca das atividades dos jovens investigados.

## **ABSTRACT**

The study analyses the peculiar ways of political engagement which are present both in every day routines as well as in political and cultural events, specifically those carried out by MST -Landless Movement. The investigation of young persons' actions in those kind of events and in everyday life led to the conclusion that when young persons get together, they utilize these meetings as opportunities for sociability and development. During the cultural and political events young persons make up programming which differs from the originally planned. In everyday life they recreate routines, converting them into moments of togetherness and leisure. Cultural manifestations and everyday routines are, therefore, special moments for the political action of young persons. To analyse this problem a study was developed in the rural settlement Antônio Conselheiro, which is coordinated by MST and is located in Ocara, CE. Young persons were observed in this settlement, in other settlements as well as in several cities, states and regions. Data were collected in the Antônio Conselheiro settlement, in teaching formative courses, in marches, in urban and rural campings, in cultural night events, in socialist meetings, in regional youth meetings, in the state MST meeting, in gender workshops with women and young people and in the youth group meetings of the settlement. The study aimed at understanding which kind of relationships are established between formative actions and political engagement. The methodological approach consisted of direct observation, recording information in a field diary and interviews. These techniques were important to raise information about the activities of the young persons who were investigated.

## RÉSUMÉ

Le but de ce travail est de comprendre les manières, les plus diverses et les plus singulières, de faire de la politique autant dans la vie quotidienne que dans les événements politiques et culturels, surtout ceux organisés par le MST (Mouvement de sans Terre-Marches, campements provisoires, cours, concours...). En examinant les actions des jeunes pendant leurs événements et dans leur vie quotidienne, leurs habitudes dans les "Assentamentos" (Projets de Reforme Agraire), on s'est tenu compte que les moments d'action collective, avec d'autres jeunes, les entraînent dans la capacité de transformer les plusieurs occasions en moments de formation et de sociabilité. Pendant les événements politiques et culturels les jeunes créent souvent des activités non définies préalablement. De même, dans la vie quotidienne ils sont capables de recréer des activités habituelles et de les transformer en moments de loisirs et de convivialité. Ainsi les expressions culturelles et la vie quotidienne constituent-elles une place privilégiée dans la formation de ces jeunes pour qu'ils puissent développer l'esprit de réflexion et de critique dans leur formation politique, lorsqu'ils recréent les espaces collectivement. Pour analyser ce problème, on a pris comme objet d'étude l' "Assentamento" appelé Antônio Conselheiro, dans la petite ville d' Ocara, dans l'état du Ceará, coordonné par le MST. On a observé les jeunes dans cet "Assentamento" et au cours des événements sociaux et politiques. À partir de ce travail on a pu observé aussi d'autres jeunes, venus d'autres "Assentamento", situés dans d'autres petites villes, régions ou états. La recherche a été menée à l' "assentamento" Antônio Conselheiro en profitant les activités suivantes: les Cours de Formation Politique, les Cours de Formation de Professeurs, les Marches, les Campements Provisoires dans les villes ou à la campagne, les Soirées Culturelles, les Journées Socialistes, les Rencontres Regionales de la Jeunesse, la Rencontre de L'état du Ceará du MST, les Ateliers de Rapports Sociaux de Sexe avec les jeunes et avec les femmes, les réunions de groupe de jeunes aux "Assentamentos", dans le but de comprendre les rapports entre la formation et l'expérience politique. On a utilisé la methodologie de l'observation sur place, des registres dans le journal des paysans sans terre, des interviews, tout cela très important pour arriver à des informations concernant les activités des jeunes enquêtés.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
Minha Viagem Inicial .....	14
Construindo e Reconstruindo: O Objeto em Percorso.....	16
Inserção do Pesquisador .....	18
O Encontro com a Teoria.....	22
Um Percorso não Linear .....	29
Área Estudada.....	35
<b>PARTE I ACAMPAMENTO</b>	
<b>1 OCUPAÇÃO: ORDEM E DESORDEM.....</b>	<b>43</b>
1.1 A Experiência de Ocupar a Terra .....	43
1.2 A Fazenda Ocupada.....	53
1.3 A Organização do Acampamento.....	60
1.4 A Formação Política no Acampamento.....	70
1.5 O Excluído também Exclui.....	74
<b>2 RESISTÊNCIA: AS TÁTICAS QUE CONFRONTAM PODERES.....</b>	<b>80</b>
2.1 Construindo Formas de Resistência .....	80
2.2 Acampamento - O Sentido de Ocupar a Terra .....	88
2.3 A Vida no Acampamento .....	91
<b>PARTE II ASSENTAMENTO</b>	
<b>1 ASSENTAMENTO: LUTA, CONQUISTA E ORGANIZAÇÃO. ....</b>	<b>98</b>
1.1 O Que São Assentamentos Rurais? .....	98
1.2 Do Acampamento ao Assentamento .....	110
1.3 MST e a Organização do Assentamento Antônio Conselheiro .....	113
1.4 Geografia do Assentamento.....	125
<b>2 SER JOVEM.....</b>	<b>132</b>
2.1 O que é Ser Jovem no Mundo Rural.....	132
2.2 Juventude e MST .....	139
2.3 Vida Cotidiana no Assentamento Antônio Conselheiro.....	147
<b>3 MIGRAÇÃO .....</b>	<b>159</b>
<b>4 CARTOGRAFIA POLÍTICA .....</b>	<b>179</b>
4.1 Terreno da Micropolítica .....	179
4.2 Sobre a Desconfiança na Política .....	184
4.3 Juventude e a Vontade de Mudar a Política .....	188
4.4 Pertença ao MST - novos sentidos .....	193
4.5 Formação Política no MST.....	197

4.6 Militância Política .....	203
4.7 Poder Disciplinar .....	218

### **PARTE III EXPRESSÕES CULTURAIS DOS JOVENS ASSENTADOS**

#### **1 OS MICROUNIVERSOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS DOS JOVENS RURAIS .230**

1.1 Sobre o Conceito de Cultura.....	230
1.2 Como o MST vê a Cultura.....	234
1.3 As Manifestações Culturais Coletivas dos Jovens Assentados .....	237
1.4 Experimentações Minoritárias .....	252
1.4.1 A Marcha .....	252
1.4.2 Acampamento como Prática Política - Acontecimento.....	255

#### **2 INVENÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO NA VIDA COTIDIANA .....268**

2.1 As Expressões Culturais dos Jovens no Cotidiano do Assentamento .....	268
2.2. Práticas Discursivas e Corporais dos Jovens.....	277

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS.....290**

#### **BIBLIOGRAFIA .....296**

#### **ANEXOS ..... 316**

## **SIGLAS**

- BNDES** – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
- CEBs** – Comunidades Eclesiais de Base
- CONCRAB** - Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil.
- CONTAG** – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
- CPT** - Comissão Pastoral da Terra
- EMATERCE** – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará
- FACED** – Faculdade de Educação
- FUFPI** - Fundação Universidade Federal do Piauí
- IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- IPEA** – Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas
- IPLANCE** - Instituto de Pesquisa e Informação do Ceará
- MST** - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- NEAD** - Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
- OCDE** - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico
- ONG** - Organização Não Governamental.
- ONU** - Organização das Nações Unidas
- PROCERA** – Programa Especial de Crédito para Reforma Agrária
- PRONAF** – Programa Nacional de Agricultura Familiar
- SIPRA** - Sistema de Informações de Projetos de Reforma Agrária
- SNDS** - Superintendência Nacional do Desenvolvimento Agrário
- UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.
- UNICAMP** - Universidade Estadual de Campinas
- UFC** - Universidade Federal do Ceará
- UFMA** – Universidade Federal do Maranhão

## **INTRODUÇÃO**

### **Minha Viagem Inicial**

Ao final deste estudo me proponho falar em meu próprio nome, no singular, não se trata da hora da minha verdade ou de minhas memórias, mas se refere a um relato dos caminhos solitários trilhados na pesquisa. Mas a minha solidão nesse período foi, ao mesmo tempo, extremamente povoada de encontros. Encontros com jovens, autores, idéias, acontecimentos e com militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Convido os leitores a refazer esta viagem juntos, revisitando todas as etapas, as escalas, as cenas, as imagens, cores, sons, e as múltiplas entradas que, como um rizoma, me possibilitaram fazer conexões – “o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.15). Durante todo o percurso muitas foram as encruzilhadas, e por isso mesmo, como pesquisadora, tive que fazer experimentações.

É importante frisar que toda pesquisa, desde a escolha do tema, não se define por acaso, pois as questões vão surgindo em um movimento contínuo de encontros e desencontros.

Esta pesquisa, como tantas outras, foi afetada por fluxos vindos da minha juventude e geração, fluxo da minha prática política, fluxo de desejo.

Estudar a juventude foi para mim uma certa reconciliação com o tempo, eterno retorno, não no sentido de ter a realidade de volta, de retroceder no tempo, mas redimir o passado e ter “vontade de futuro”.

Ao observar os jovens assentados nas suas lutas, me vêm à cabeça imagens do passado, me vejo com 14 anos discutindo sobre as táticas para operar mudanças na nossa sociedade, organizando grupos de jovens na cidade e no campo para discutir sua realidade, e falando sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Nos anos de 1970, o Brasil vivia sob a ditadura militar e grande parte da minha geração quase não se dava conta disso. A igreja nos estimulava a ocupar os espaços, e assim entrei no movimento estudantil ainda atrelada à Pastoral da Juventude. Em 1978 a minha entrada na vida universitária fortaleceu a minha militância, seguida de envolvimento nos movimentos sociais e depois, anos 80, no Movimento Feminista e em um novo partido político que surgia naquele momento, o Partido dos Trabalhadores.

O medo da repressão ainda presente exercia um fascínio para desafiar o silêncio e nos juntarmos a um grito de liberdade que se levantava naquele momento.

A própria escolha da profissão (Serviço Social) passou também por essa vontade de mudar o mundo, uma época, 1978, em que no Brasil já se começava a falar em anistia, recomeço, democracia, organização das minorias. Iniciei a minha vida profissional em uma ONG, trabalhando com educação popular em áreas urbanas, e em seguida no rural.

Em 1983 aconteceu minha iniciação como pesquisadora em uma terra de negros no Maranhão. Foi um aprendizado estudar aquele grupo, minha inserção como pesquisadora me trouxe a experiência profissional não-militante; aprendi a conviver com os informantes, observando, descrevendo.

Em 1985 ingressei como professora na FUFPI, depois retornei à UFMA como docente e voltei a pesquisar no meio rural. Em 1997 vim para a UFC e assim pude voltar à pesquisa e me reencontrar com o rural.

Trago esses acontecimentos, primeiro para mostrar que partimos “do princípio de que todas as formas são individualizações historicamente datadas, que tanto sujeito quanto objeto são composições circunstanciadas” (MANGUEIRA, 2001, p.260). Segundo para juntos avaliarmos criticamente as fragilidades e postura metodológica.

Em toda prática, incluindo a de pesquisar, somos constituídos e atravessados por vários tempos e espaços. Deleuze e Guattari dizem que “o pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichês preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos traga a visão” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.262). Penso que o(a) pesquisador(a) também é assim; quando vai ao campo leva consigo informações, métodos, vivências, preconceitos, prenoções, verdades que atravessam seu olhar investigativo, e que nada tem de imparcialidade ou neutralidade.

Mesmo sabendo que o contato com a juventude me leva de volta ao passado, procurei me afastar de um clima saudosista e nostálgico. Foi com essas preocupações que procurei estudar os jovens das áreas de assentamentos rurais.

### **Construindo e Reconstruindo: O Objeto em Percurso**

Nas minhas leituras sobre a juventude e o material coletado, tentei fazer um exercício de me abstrair de comparações ou julgamentos entre a juventude estudada e outras juventudes ditas revolucionárias. Procurei abrir espaços para uma *corrente de ar*, que

possibilitasse uma abertura às novas visibilidades, invenções, novas percepções, novas afecções.

Outros fatores que me mobilizaram a realizar esse estudo foi a minha convivência com famílias rurais em trabalhos de educação popular e outras pesquisas no meio rural, inclusive a do mestrado, quando tive oportunidade de observar situações do cotidiano doméstico, familiar e social, em que crianças e jovens participavam do mundo do trabalho e da luta pela terra. No entanto, entendo que muito pouco se conhece sobre os jovens do meio rural, uma vez que os estudos sobre as sociedades camponesas sempre os viram através da unidade familiar, “filhos de agricultores”, “aprendiz de agricultor” e, posteriormente, sob a óptica dos movimentos sociais rurais.

Essa inquietação me motivou a elaborar questões que me fizeram iniciar esse estudo e, de certa forma, são questões construídas durante o meu percurso nos trabalhos de campo. Neste sentido, esta investigação é também uma continuidade de estudos anteriores com a juventude e com as famílias rurais.

Para iniciar a investigação com os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, busquei leituras de pesquisas sobre juventude e realizei uma sistematização de minhas observações, feitas nos eventos onde os jovens rurais estavam presentes. Durante minha aproximação com esses jovens, estive sempre com a preocupação de olhar o mundo deles, na perspectiva de seu próprio olhar.

Percebi que os meios de comunicação e alguns estudos sobre a juventude dos anos de 1990 descrevem os jovens como desprovidos de idealismo, ausentes do campo político. Comecei a me perguntar: Qual o significado da ausência dos jovens dos canais tradicionais de fazer política? Os jovens estariam em outros territórios, reinventando outras formas de fazer política? As expressões culturais permeadas por um discurso contestatório, indicando mecanismos de rebeldia e desordem, estariam sendo o território para exercício da política?

Ao estudar os jovens rurais, estou me referindo a uma categoria imprecisa, que ultrapassa critérios puramente biológicos ou jurídicos, e esta delimitação me remete a uma compreensão sobre a concepção de idade e seus significados. Considero necessário ressaltar que, no rural, a noção de idade tem especificidades diferenciadas das sociedades urbanas.

Minhas considerações não significam uma universalização, mesmo porque parto da afirmação que a “juventude rural” é diversa. A aparente homogeneidade identificada pelo trabalho na agricultura familiar possui variações regionais, climáticas, culturais e familiares. Um traço marcante para a determinação do modo de vida da família rural é a forma de acesso à terra.

Neste estudo privilegio os jovens do Assentamento rural Antônio Conselheiro, Município de Ocara, coordenado pelo MST. Como esses jovens no seu agir político têm uma mobilidade espacial e temporal, procurei acompanhá-los e, nesse percurso, pude, nas minhas idas e vindas, encontrar outros jovens, de outros assentamentos, municípios, regiões e estados. Essas paradas foram importantes para construir a problematização.

### **Inserção do Pesquisador**

Meu primeiro contato com os jovens assentados do Ceará aconteceu em novembro de 1997, durante um curso de Formação do MST no Município Caridade, no Assentamento Serrote. O convite partiu de uma professora da UFC, que iria desenvolver uma oficina de gênero no referido curso, e, além de aceitar o convite, participei da elaboração e execução da oficina.

Nessa oportunidade, durante dois dias, convivi com os jovens, observei e registrei aquele momento. No início, chamaram-me atenção, a disciplina, a rigidez de horários e tantas outras recomendações, regras já conhecidas pelos jovens ao aceitarem o convite do MST. E

me perguntei: o que mobilizava aqueles jovens a permanecerem confinados durante trinta dias assistindo a aulas, estudando e, no “tempo livre”, desenvolverem tarefas de limpeza e organização do local?

Os encontros seguintes com os jovens assentados aconteceram também através da referida professora em outras oficinas com outros jovens e mulheres; assim fui me aproximando também da direção estadual do MST, composta por muitos jovens.

Esses contatos me instigaram a investigar aqueles jovens. No primeiro momento pensei acompanhar um curso de formação básica para militantes e posteriormente observar aqueles jovens no período pós-curso, nos seus assentamentos. Meu interesse era compreender o processo de construção da identidade de jovens assentados formados pela Escola de Formação Política do Movimento dos Sem Terra, e conhecer os possíveis elementos do Curso de Formação Política do MST, incorporados na prática cotidiana dos jovens, pressupondo a Escola de Formação como espaço político, repassador de conhecimentos que servem de suporte para formação de militantes do MST.

Essa foi a problemática que impulsionou meu projeto de doutorado, e, para analisá-la optei pela Escola de Formação Regional do Ceará e acompanhamento de um curso de Formação Básica de Militantes, ofertado pela Escola de Formação, sob a responsabilidade do Setor de Formação do MST. O curso ocorre uma vez por ano, durante 30 dias consecutivos. As turmas são formadas por grupos de 30 a 50 pessoas das diversas microrregiões do Estado. Mas o fato de os jovens morarem em diferentes e distantes assentamentos me fez recuar e repensar a problemática de estudo.

Essa dificuldade me possibilitou rever o problema da pesquisa e o próprio percurso da investigação, momento em que iniciava meus estudos sobre subjetividade. Comecei a pensar que seria mais interessante visitar alguns assentamentos, onde poderia

encontrar alguns daqueles jovens que havia encontrado nos cursos, e também outros que já haviam passado por tal experiência.

Havia também outro obstáculo a transpor, ganhar a confiança dos militantes do MST que iriam me inserir nos assentamentos por eles coordenados.

No início da minha aproximação com o Movimento, pairava uma certa desconfiança a meu respeito, eu era uma desconhecida, oriunda de outro Estado; qualquer contato tinha que passar por aquela professora, porque a mesma era considerada por eles como pessoa de confiança. Dei uma cópia da minha dissertação de mestrado, abordando a resistência das mulheres nos conflitos de terra no Maranhão, me ofereci para fazer oficinas de gênero, mas o convite não veio. Eu somente mantinha contato com os jovens e mulheres quando acompanhava a professora. Passei por um período de testes, e me incomodava muito me sentir observada e sem saber quando seria aprovada.

Quando finalmente me senti aceita, iniciei as visitas a alguns assentamentos da microrregião metropolitana, pois muitos dos encontros e cursos de que participei se concentravam na região, e também consegui ter um bom relacionamento com os militantes do MST que trabalhavam na região, inclusive uma dessas militantes era uma das mais jovens da direção.

Meus contatos com os assentamentos e as minhas experiências anteriores com o meio rural, me levaram a refletir sobre a diversidade entre as áreas rurais formadas por antigas comunidades rurais e os assentamentos. Percebi, então, que havia uma dinâmica diferente entre elas.

Nos assentamentos, a vida cotidiana é reinventada, há uma reconstrução do próprio espaço físico, quando os próprios assentados determinam o local de construção da escola, das casas, da roça, da igreja, da associação, como também há a construção de uma nova sociabilidade, uma vez que diferentes grupos de parentesco e vizinhança, oriundos de

outras fazendas, outros municípios e até de outras microrregiões, se estabelecem no assentamento, e a própria forma de acesso à terra, na grande maioria das vezes através de ocupação, gera novas relações que dão um sentido de começo, de novo.

A minha aproximação com os jovens nos assentamentos e com o MST me fez repensar a problemática de estudo. Comecei a perceber que o Movimento dos Sem Terra era, para os assentados, uma referência política e social importante e constituía um elemento de produção de subjetividade.

Iniciei de forma mais sistemática minhas leituras sobre subjetividade e, através de um grupo de estudo com encontros semanais, fui avançando na compreensão da multiplicidade deste campo, e, a partir de então, fui repensando conceitos, esquemas teóricos e me situando em um tipo de pensamento que se depara com a diferença e a enfrenta, ativando seu papel criador e construtivista.

Dessa forma, o meu objeto e a problematização da pesquisa foram se definindo na busca da produção da diversidade dentro da juventude do MST, e não mais a uniformização através da política, da superação das diferenças, mas como esses jovens viviam as diferenças.

Muitas questões foram sendo recolocadas, para serem aprofundadas no decorrer da pesquisa. Para os jovens das áreas de assentamento, a política seria uma alternativa para sair do isolamento que as distâncias impõem, para criar redes de relações? Seria uma forma de sociabilidade? Um campo de possibilidades para recriar um espaço com novos significados, onde possam transpor barreiras de segregação social? O MST seria portador de possibilidades para emergir uma subjetividade singular, tanto na vida pessoal como social e política dos jovens?

## O Encontro com a Teoria

O ato de pesquisar traz inquietações e transporta o pesquisador a um isolamento inicial. É como fazer uma viagem sem necessariamente sair do lugar.

Nos primeiros momentos da viagem nos sentimos perdidos, vem o medo, a falta da multidão; depois mais calmamente sentimos o gozo do estar só, de refletir as incertezas, as dúvidas, e, só então, podemos começar a abrir trilhas que nos levem a lugares desconhecidos e a lugares aparentemente familiares.

Foi dessa forma que comecei a repensar meu problema de pesquisa; logo senti a necessidade de uma base teórica outra, que pudesse clarear meu olhar.

Em uma busca aflita, iniciei a revisão da bibliografia, mas, quanto mais lia, mais sentia a necessidade de um outro referencial teórico-metodológico, outra forma de pensar o problema, ou reelaborar as questões. Foi então que aconteceram as primeiras aproximações com as idéias, com o pensamento da diferença.

Meu encontro com Félix Guattari e Suely Rolnik foi inicialmente assustador, uma desestabilização aos meus esquemas teóricos. A desconstrução de conceitos como identidade, cultura, não foi fácil, a cada leitura minha cabeça borbulhava como criança descobrindo o mundo. E, por mais que eles negassem crenças, verdades, e eu não identificasse com clareza suas trilhas, suas rotas, seus caminhos, sentia-me obrigada a pensar diferente.

Ao avançar na leitura do livro *Micropolítica: Cartografias do Desejo* tinha a sensação de estar escorregando de todos os lados, de andar no teto ou virar do avesso ao me deparar com as algumas questões feitas por Guattari e Rolnik (1996). Sobre o conceito de identidade, os autores perguntam: “Será que o que organiza um comportamento, uma relação social, um sistema de produção é o fato de ele ser circunscrito a uma identidade? Ou de ele ter, colada, uma etiqueta? Ou ainda de ele se exercer sob leis prefixadas de um regulamento?”

Para Guattari, “identidade é um conceito de referenciação” (1996, p.66.), por isso ele prefere utilizar o conceito de singularidade.

Para chegar mais perto desse pensamento, que questiona a noção de sujeito como sistema natural e afirma o pensamento como potência criadora, procurei outros atalhos para entrar nessa lógica, e, nesse momento foi muito importante o encontro com Silvio Gadelha<sup>1</sup>. Nas leituras posteriores comecei a compreender os deslocamentos dessa forma de pensar, como, por exemplo, a substituição do conceito de sujeito pelo conceito de produção de subjetividade.

Segundo Guattari e Rolnik (1996) a produção de subjetividade não se refere apenas a uma subjetividade dos indivíduos, individualizada, mas também a uma produção de subjetividade social.

Outros bons encontros foram as leituras de Roberto Machado e Daniel Lins. Suas falas muitas vezes pareciam metafóricas, ou um labirinto em que se anda, anda sem conseguir parar, buscando talvez chegar a algum lugar, rodando e voltando ao mesmo lugar.

E assim fui relendo Guattari, que me apresentou Deleuze, já apresentado pelo professor Daniel Lins nas suas aulas.

Refletindo com Deleuze, comecei a “experimentar” essa leitura. Descobri que no pensamento de Deleuze o político sempre esteve presente e aparece como possibilidade, acontecimento, singularidade.

Logo pensei, exultante, que havia encontrado o que estava procurando, como se fosse algo pronto, porque fui treinada a copiar, aplicar e não incentivada a experimentar, criar... A velha história da Academia, aplicabilidade de conceitos, uso de paradigmas.

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Professor da FAGED-UFC e Doutor em Educação pela mesma instituição. Meu colega de doutorado e estudioso desse pensamento, com quem tive o prazer de compartilhar minhas dúvidas.

Eu queria utilizar um pensamento novo com velhas regras. É muito difícil “inventar conceitos”, pois somos viciados em modelos prontos.

Alguns eventos foram importantes na minha caminhada, como o “II Simpósio Internacional de Filosofia<sup>2</sup>”, um acontecimento que me estimulou a experimentar novas possibilidades, me trouxe questões inquietantes e me fez refletir que a minha intenção não era fazer filosofia, mas exercitar formas de pensar meu problema de pesquisa e a própria vida.

A idéia do bom encontro é importante porque nos faz pensar, viver o acontecimento. Garimpar, criar, experimentar, talvez esse seja o caminho. O começo? O meio? Quem sabe!

Descobri nesse percurso que meu interesse não era a busca da verdade, como Platão, mas a busca de sentido, tentando captar o movimento, os fluxos que circulam e fazem dizer o acontecimento.

No pensamento de Deleuze tudo é acontecimento, todas as coisas, as pessoas. O acontecimento “é uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos, e que estabelece ligações, relações entre eles, através das épocas, dos sexos, dos reinos – naturezas diferentes” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.83).

Dias (1995, p.32), ao se perguntar o que é um acontecimento no pensamento de Deleuze, conclui que:

*O pensamento deleuziano é todo ele uma filosofia do acontecimento, é justamente isso o que faz a coerência desse pensamento (...) Um acontecimento pode ser coletivo ou particular, perceptível ou microscópico, mas é sempre impessoal, assubjetivo.*

Esse enfoque constituiu mais uma etapa do caminho por mim percorrido para reconstrução do meu objeto e exigiu um aprofundamento de alguns conceitos, como política, subjetividade, cultura, poder disciplinar.

---

<sup>2</sup> II Simpósio Internacional de Filosofia: “Nietzsche e Deleuze - Pensamento Nômade”, realizado em Fortaleza-CE, de 22 a 26 de outubro/2000, organizado pelo Laboratório de Estudos e Pesquisas da Subjetividade (LEPS) - Universidade Federal do Ceará.

Ainda iniciante, fui me situando e traçando um quadro de referência, tomando alguns conceitos que considero fundamentais, no pensamento de Guattari, Deleuze e Foucault. Mas sempre com o cuidado de entender que “a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática. Mas local e regional, (...) não totalizadora” (FOUCAULT, 1986, p.71).

Das idéias desses autores emerge um pensamento criador. Eles afirmam um outro tipo de pensamento, em que a produção e a criação assumem papéis fundamentais. Buscam a formação do novo, a emergência, e pegam “as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras” (DELEUZE, 1992, p.109).

Escolhida a direção a tomar, outras questões foram se desenhando. Como pensar a política?

Revisitei Arendt (1991) (1999), tentando fazer conexões com o pensamento de Foucault, Guattari e Deleuze. Estava começando essa experimentação, quando aconteceu um bom encontro, dessa vez com Ortega (2000), que me ajudou a pensar melhor a política em Arendt. Seu livro “Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida, Foucault”, foi importante para persistir na idéia que os jovens podem criar e redefinir múltiplos espaços para ação política.

Quando já enveredava pelos trabalhos de Arendt, pensando a possibilidade de associar política e liberdade, um fato abalou o mundo – 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos: as torres caíram e o mundo parecia extasiado. Fiquei atônita com esse estado das pessoas; afinal o terrorismo, o suplício sempre conviveram com a humanidade, e o século vinte foi marcado por guerras, fome, miséria . Será que as pessoas estavam a olhar em única direção, e somente quando foi atingido seu alvo ocular elas acordaram de um sono sem sonhos? Será que esse momento foi mais real do que outros?

Percebi neste momento como voltou a se tornar mais visível o recurso da violência se instalando no pensar e agir dos Estados; vi também pactos sendo estabelecidos entre países para impor seu poder e controle sobre os demais e chefes de Estado estimulando um desejo de vingança consentido e referendado pela população entorpecida. Diante desse quadro, tentei buscar nessa realidade os fluxos de resistência vindos de todos os lugares contra o intolerável grito de guerra.

Como refletir sobre a política quando se observam atos tão atrozes?

Novamente em março de 2003, outro fato: o Governo dos Estados Unidos desafiando a vontade da maioria das nações, desrespeitando as recomendações da ONU, declaram guerra ao Iraque. No seu papel do absoluto, o Governo dos Estados Unidos produziu uma guerra de extermínio da vida humana, quando tentou aniquilar um povo e sua liberdade política e estatal.

É possível diante desses fatos pensar um recomeço?

Arendt (1991) (1999), refletindo sobre as guerras, percebeu que era possível recomeçar, viu em cada nascimento um começo e a possibilidade de pensar em algo novo. Mobilizada por esse pensamento de Arendt de criar algo novo, que Deleuze, nesse mesmo pensamento afirmativo, chamou de devir revolucionário, e Nietzsche de intempestivo - é que me atrevo a pensar ser ainda possível ver a política como liberdade, como criação e experimento; e o caminho, como diz Deleuze, é preciso acreditar no mundo e se apossar dele.

E como pensar liberdade?

Arendt, mesmo indignada com os fatos e realidade de sua época, ao falar sobre o mundo pós-guerra e os regimes totalitários, acreditava ser possível recuperar o sentido de política como liberdade, pois a liberdade se contrapunha à violência.

Recuperando o sentido da política na Antigüidade, Arendt nos lembra que política e liberdade eram consideradas iguais. Fazer política era poder agir livremente, tendo a possibilidade de criar algo novo, como o próprio espaço para fazer política.

Na Antigüidade ser livre significava, portanto, agir e falar - agir é uma característica humana que possibilita a convivência porque requer a presença do outro, e faz os seres humanos se revelarem - falar livremente era ter o poder de externar opinião, ter o direito de ouvir e ser ouvido (ARENDR, 1999).

O sentido de política relacionado à liberdade dissocia a visão da ação política ligada a partidos e Estado, que através da democracia representativa cria a ilusão de participação. O ideal do Estado democrático, de todos serem iguais perante a lei, e que a lei é igual para todos, dissimula as diferenças e cria a ilusão de uma suposta participação na tomada de decisão.

O Estado, sob a capa de proteção define, modela e limita o agir, provoca adaptação, inércia e obediência. Quem não se submete à ordem dos modelos, transgredindo os limites impostos, se torna um “fora da lei”. Nesse emaranhado, os jovens estão entre aqueles que mais são cobiçados pela rede de produção de subjetividade, e, ao mesmo tempo, os que mais se rebelam contra ela.

Quando observei e acompanhei os jovens nos assentamentos, nos eventos e na direção do MST, os vi tentando experimentos no campo político. Animo-me a dizer que há uma vontade em pensar a política como liberdade, fora dos canais instituídos e, apesar das limitações e da busca de modelos no seu percurso, não posso deixar de acreditar nessa iniciativa de reinventar o político.

Mas qual política? Um novo tipo de política com um novo tipo de representação que poderá ser exercitado no assentamento, nos movimentos juvenis e sociais. Uma micropolítica processual que possa construir modos de subjetividade, que se contraponha à

fábrica de subjetividade do capitalismo. Em oposição à idéia dessa máquina de produção de subjetividade Guattari e Rolnik (1996) expõem a idéia da possibilidade de se desenvolver um modo de subjetivação singular ou um processo de singularização. Mas o que é um processo de singularização?

*(...) uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir modos, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam subjetividade singular (GUATTARI; ROLNIK 1996, p.17).*

É possível criar algo de novo em um espaço considerado lugar do atraso, de arcaísmo, como sempre foi considerado o rural? Como a micropolítica se situa ao nível da produção de subjetividade nos assentamentos? Há possibilidade dos jovens assentados fazerem política como experimentação? O assentamento pode se tornar um ponto de singularização?

Ao iniciar a pesquisa com os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro estava analisando os dados da pesquisa “Juventude, Sociedade e Cultura”<sup>3</sup>, e, naquele momento, foi possível estabelecer conexões entre fazer política de grupos juvenis urbanos e jovens dos assentamentos. Percebi que os jovens do Movimento Hip Hop, sujeitos daquela pesquisa, demonstravam um meio de sonhar coletivamente através da arte.

Desde então, comecei a pensar na importância das expressões artísticas dos jovens, não apenas como forma de comunicação e de lazer, mas como maneira de agir nas atividades políticas. A partir desse momento, muitos questionamentos me vieram acerca do agir político dos jovens assentados. Se a arte é tão importante como forma de expressão para os jovens do mundo urbano, como estaria ela sendo expressa pelos jovens no mundo rural? Estariam eles criando manifestações artísticas também no sentido de fazer política? Como se

---

3 A referida pesquisa foi coordenada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Nobre Damasceno, realizada em 1998-1999, FACED-UFC.

compõe o campo político desses jovens? Que relação se evidencia entre política e suas manifestações artísticas? O que os mobiliza a fazer política?

Com base nessas inquietações, comecei a pensar se haveria uma relação entre fazer política e as expressões culturais, as manifestações artísticas dos jovens assentados. Portanto, comecei a conduzir minha investigação a partir desses dois enfoques - política e cultura - e a questão mobilizadora do meu estudo foi construída através de leituras e da própria pesquisa de campo com os jovens.

O contato eles me fez perceber que o singular no agir político deles não estava na busca da identificação, do homogêneo, mas na diferença e na possibilidade de construção do devir.

### **Um Percurso não Linear**

O encontro com esse pensamento me levou também a um recomeço, a uma experimentação. Iniciei revendo meu papel de pesquisadora e a relação com os pesquisados. Para mim, os pesquisados são agentes, eles falam, agem e lutam, não necessitam do pesquisador para lhes dizer a “verdade”, ou para falar no lugar deles, eles têm um saber e sabem dizê-lo muito bem.

Meu interesse foi, portanto, investigar esse saber, “compreendido como materialidade, como prática, como acontecimento – como peça de um dispositivo político que enquanto dispositivo, se articula com a estrutura econômica” (MACHADO, R., 1986, XXI).

Nessa etapa do trabalho, retomei o meu material empírico, e sob esse novo enfoque procurei recolocar minha questão.

Os assentamentos seriam espaços de resistência onde os jovens rurais reconstróem suas relações e formas de organização nas suas múltiplas dimensões? A prática política dos

jovens rurais possibilita a criação de novas subjetividades e modos de vida? Onde se encontra o movimento criador dessa prática? Nas expressões culturais?

Minha proposta metodológica parte da compreensão de que produzir conhecimento não é descobrir uma verdade que está oculta. “A verdade não está esperando em algum lugar para ser descoberta, ela depende de nosso desejo de inventá-la” (DROIT, 1996, p.65).

Outra preocupação foi entender a relação teoria-prática, levando em consideração que:

*(...) toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicitando suas inter-relações, desenvolvendo implicações – mas que, em seguida, são revistos, reformulados, substituídos a partir de novo material trabalhado* (MACHADO, XI, apud FOUCAULT, 1986).

A partir desse pressuposto utilizei as categorias teóricas, sem a pretensão de minimizar a teoria e, em nenhum momento a minha intenção foi fazer uma adaptação da teoria à prática. Compreendo que a teoria deve funcionar como uma “caixa de ferramentas” da qual vou dispor para utilizá-la no momento certo (DELEUZE; ROLNIK, 1996).

Como diz Deleuze, “nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro, e é preciso a prática para atravessar o muro” (apud FOUCAULT: 1986, p.70).

As categorias teóricas são importantes para entender essa realidade complexa, no sentido de auxiliar a manter uma atitude de permanente questionamento, assim como refletir sobre os dados empíricos e definir novas categorias. Durante a investigação procurei manter uma postura de flexibilidade e reflexão relativamente às minhas hipóteses, formuladas a partir da aproximação com os jovens e do conhecimento acumulado sobre a temática.

Para ter condições de apreender a complexidade da realidade estudada, parti de alguns conceitos fundamentais para este estudo: política, cultura, micropolíticas,

micropoderes, subjetividade e diferença. Para tanto, quatro autores foram fundamentais para alimentar as reflexões realizadas: Deleuze, Guattari, Foucault e Arendt. A contribuição de duas obras de Certeau foi também muito importante para compreender as práticas culturais dos jovens.

Outros autores estiveram presentes durante a pesquisa e na elaboração deste texto. Com todos eles, procurei estabelecer um diálogo, fazendo um exercício de repensar as categorias. Fiz um esforço em superar uma leitura binária (homem-mulher), e desta forma, optei por analisar a atuação dos jovens, sob a óptica da problemática das relações de gênero.

A escolha desta visão não foi casual; é uma opção que mexe com minha forma de pensar e viver. Ela me remete a um pensamento-outro, pensamento do diverso.

Meu percurso metodológico foi o tempo todo afetado pela turbulência dessa aproximação com esse pensamento intempestivo. Ao mesmo tempo, no grupo de pesquisa<sup>4</sup>, de forma inquietante, fui tematizando a juventude, buscando conexões com uma multiplicidade de componentes teóricos e práticos.

A partir dessa compreensão fui mapeando o MST, conhecendo sua estrutura organizacional, oportunidade em que identifiquei as comissões, coordenações e executiva nacional. Depois parti para um mapeamento dos assentamentos trabalhados pelo MST no Ceará. Procurei, ainda, conhecer os grupos formados por jovens nas áreas de assentamento. E, mais precisamente, conhecer o Setor de Formação, pela sua finalidade e programação de estudos, cursos, etc.<sup>5</sup> que repassam os objetivos do Movimento, quais sejam, “lutar pela reforma agrária; por melhores condições de trabalho e pela transformação da sociedade”.

---

4 Refiro-me ao grupo de pesquisa sobre Juventude da FACED-UFC criado e coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Nobre Damasceno, do qual faço parte.

5 O Curso de Formação Básica de Militantes compreende várias instâncias, em nível nacional, regional e estadual, tendo ainda os cursos relâmpagos nos acampamentos, que divulgam e capacitam os novos integrantes do Movimento. Os temas, na sua maioria, são desenvolvidos pelos membros do setor de Formação e uma pequena parcela é monitorada por aliados ao Movimento.

É importante ressaltar que esse estudo não busca afirmar semelhanças, homogeneidade, unificação dos desejos e crenças, ou uma identidade juvenil, mas uma pretensão de apreender as variações, fluxos diferenciais, tanto dos jovens como do Movimento.

No trabalho de campo utilizei vários procedimentos, tais como: observação, entrevistas individuais e grupais, além das oficinas de gênero, onde tive oportunidade de realizar em grupo, discussão temática a partir de situações do cotidiano, dramatização dessas situações, teatro debate.

Iniciei o trabalho de campo com um estudo exploratório de alguns assentamentos e realizei observação direta de jovens nos cursos de formação política, cursos de formação de professores, marchas, acampamentos na cidade e no campo, noites culturais, jornadas socialistas, encontros regionais da juventude, encontro estadual do MST, oficinas de gênero com jovens e mulheres, e reuniões de grupos de jovens nos assentamentos, buscando compreender quais as relações que se estabelecem entre a formação e a vivência política. Nesta etapa, a observação direta e o registro no diário de campo foram técnicas importantes para captar informações acerca das atividades e dos jovens investigados.

Nos eventos e cursos, muitas vezes estive participando não apenas como observadora, mas coordenando oficinas, dando aulas nos cursos, ou ainda organizando e coordenando um curso sobre “Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural”<sup>6</sup> com a participação de 433 jovens, em 2001, na Universidade Federal do Ceará. Orientei também três militantes da direção do MST na elaboração de suas monografias, duas delas sobre a juventude nos assentamentos rurais.

---

<sup>6</sup> O referido Curso partiu de uma reivindicação encaminhada pelo Coordenador da Direção Nacional do MST, João Pedro Stédile, ao Reitor da UFC, Roberto Cláudio Frota Bezerra em uma audiência (28/11/2000), na qual compareceram o Vice-Reitor, o Pró-Reitor de Extensão e um grupo de professores da instituição. O Reitor aceitou realizar o Curso, desde que os professores presentes se comprometessem em organizá-lo. Os professores elaboraram um projeto de extensão e, durante sete meses, prepararam e realizaram o curso.

Essa postura rompe com paradigmas que impõem um distanciamento dos pesquisados, que objetiva os sujeitos, isto é, torna os investigados seus “objetos”. Portanto, se são objetos, não agem, não falam, estão à espera dos pesquisadores, dos intelectuais para falar em nome deles. Mas, como o trabalho científico exige, tive o momento de recolhimento para melhor analisar os dados, assim como, em muitos momentos de coleta, minha participação era estritamente como observadora, pesquisadora.

Sendo uma pesquisa qualitativa, privilegiei as técnicas de observação participante, as falas, os relatos. Fiz leitura de documentos do próprio MST sobre temas de interesse do estudo.

Durante a coleta de dados, realizei entrevistas gravadas com roteiro semi-estruturado; pedi aos jovens que me falassem sobre sua vida no assentamento, como se sentiam antes e depois de assentados, se haviam participado da ocupação, sobre sua experiência no período do acampamento e acerca da sua relação com o MST e outros movimentos sociais. Realizei conversas informais em diversos momentos, com os jovens participantes dos cursos e eventos e com os membros da Direção do Movimento.

Após fazer entrevistas em dois assentamentos e entrevistas em encontros regionais, organizei o material empírico e, com o auxílio do quadro teórico, sistematizei as principais categorias temáticas. Segundo Damasceno (1999, p.30) essa tarefa “consiste em extrair categorias oriundas da vida cotidiana (categorias temáticas) capazes de ligar-se de forma coerente com as categorias de análise derivadas da teoria que embasa a pesquisa”.

Deste modo, as categorias de análise: juventude, política, cultura e subjetividade, foram investigadas a partir do cotidiano do assentamento através das categorias temáticas: significado da juventude, sonhos dos jovens, organização e prática política dos jovens dentro e fora do assentamento, os jovens e as expressões culturais, e lazer e as relações de gênero.

Em uma segunda etapa do trabalho de campo entrevistei militantes da direção nacional e regional acerca das mesmas temáticas. Um dos militantes entrevistado foi Ademar Bogo, membro da direção nacional, um dos pensadores do MST e autor de vários livros, cadernos de formação, textos, artigos, poesias, músicas, documentos sobre cultura, valores, militância, mística, arte e gênero.

Realizei ainda uma entrevista com Ana Cristina, da coordenação do Setor de Formação Nacional, uma das coordenadoras do curso sobre Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural – UNICAMP<sup>7</sup>. Durante este evento, estive por sete dias observando, ouvindo os jovens assentados nos trabalhos em grupo, nas místicas, nos momentos livres, nos momentos de lazer, nos locais de alojamento, nas imensas filas do refeitório, nos horários de refeição. Acompanhei de perto os jovens do Ceará presentes ao curso e entrevistei alguns jovens de outros Estados. Foi um momento muito especial, acompanhar cerca de dois mil jovens oriundos dos 23 Estados trabalhados pelo MST, em um mesmo evento.

Com relação aos cursos de formação, busquei informações sobre a concepção de sua criação e funcionamento, as expectativas durante e após sua realização. Procurei também conhecer as razões que motivaram a inclusão das temáticas gênero e classe, gênero e trabalho, na programação.

Estive sempre atenta aos aspectos que envolvem a permanência desses jovens no Movimento, a inclusão ou não na direção do Movimento, e suas atividades militantes.

Acompanhei os eventos culturais promovidos pelo MST e procurei trabalhar o entendimento que esses jovens têm de cultura, política, juventude, militante e do próprio MST. Para tanto, observei, fotografei, filmei e conversei sobre a mística que apresentam nos encontros, as músicas que cantam, as palavras de ordem, a forma como se vestem nos

---

<sup>7</sup> O Curso se destina à formação de jovens das áreas de assentamento, realizado anualmente, desde 1999. A UNICAMP foi a primeira universidade a manter um convênio com o MST para realização de cursos como este.

diferentes momentos, o tempo livre, os momentos festivos, por entender que estas são também formas e canais de expressão dos jovens do MST.

Para compreender melhor todas esses pontos, além dos eventos, visitei, reuni, entrevistei e convivi com jovens em dois assentamentos acompanhados pelo MST, onde a presença dos jovens nesse meio é marcada por ações coletivas, por entender que, no grupo, eles estabelecem conexões, criam confrontos e acontecimentos.

Procurei estudar os jovens, extraindo dos seus discursos e práticas o que aparentemente estaria oculto na tentativa, como diz Foucault, de rachar as coisas, de rachar as palavras.

O olhar de pesquisadora tratou de perceber as bifurcações, as divergências, os diferentes modos de experimentar, viver, sentir, e inventar a política, através de situações do seu cotidiano.

Para entender a relação dos jovens com a política, procurei identificar como vêm as instituições, o que é importante para eles manter e se existe algo nas instituições que é preciso desfazer, demolir.

Outras fontes complementares foram os documentos, livros, cadernos, revista, jornal do Movimento dos Sem Terra, e estudos que forneceram elementos para o trabalho. Busquei ainda dados estatísticos sobre os jovens das áreas de assentamento do Estado do Ceará.

### **Área Estudada**

Ao final da pesquisa, constatei que o material coletado era muito vasto. Iniciei pesquisando nos assentamentos e me estendi a incontáveis eventos, era como se estivesse querendo captar meu objeto em toda parte. Foi preciso delimitar novamente o meu objeto, a

área de pesquisa. Após as críticas recebidas durante a qualificação do doutorado, foi possível refletir o que minha orientadora já havia dito: eu tinha material para várias teses e era preciso retomar o ponto inicial da pesquisa, em termos de área de estudo. Finalmente consegui reduzir meu trabalho a dois assentamentos, onde meu material era mais vasto e aprofundado. Reli o material coletado e retomei a tese, trabalhando os dois, mas logo me deparei com outro impasse - o meu trabalho não tinha um sentido comparativo. Então como realizar um estudo com dois assentamentos sem estabelecer comparações?

Os estudos e reflexões do material empírico me fizeram entender que a escolha de um assentamento não excluía as conexões com outros jovens de outras áreas. A partir de então, minha investigação foi novamente delimitada, com objeto demarcado, sem pretensão de universalidade. Para refletir sobre essas questões escolhi o Assentamento Antônio Conselheiro e alguns espaços de ação política fora do assentamento, isto porque os jovens estudados fazem sua prática política em um território móvel, os acampamentos, as marchas, os congressos.

Minha opção por um assentamento não me impediu de captar as multiplicidades, tanto dentro do próprio assentamento, como de outros que visitei, convivi e observei durante a pesquisa. Percebi que, mesmo sendo assentamentos coordenados pelo MST e sob a mesma orientação política, o processo de luta não é linear, as estratégias são diferenciadas.

O Assentamento Antônio Conselheiro localiza-se nos Municípios de Ocara e Aracoiaba, separados pelo córrego do Quixinxé, e por essa peculiaridade abrange duas microrregiões geográficas, Chorozinho e Baturité, próximas de Fortaleza, capital do Estado.

O Assentamento é cortado por uma rodovia estadual - CE 122, que se liga à BR - 116, o que facilita sua comunicação com as cidades próximas, em função destas vias de acesso e distância das mesmas. Sua importância dentre outros assentamentos da região é

explicada por sua grande extensão, pela proximidade de uma via de escoamento de produção, pelos recursos hídricos disponíveis e pela densa vegetação arbustiva predominante.

A escolha deste Assentamento para minha pesquisa se justifica por diversos fatores. Em primeiro lugar, por ter muitos jovens presentes nas ações políticas organizadas pelo MST, desde a ocupação; em segundo pela sua importância política, uma vez que ocupa o “lugar central” de outros cinco assentamentos, concentrando assim, encontros, reuniões, cursos e pelo visível investimento do MST, inclusive com a presença de três militantes da direção estadual residindo no Assentamento.

A questão geográfica do Assentamento Antônio Conselheiro é bastante peculiar, pois há uma divisão interna imposta pela rodovia e pelo açude; é como se fora três assentamentos em um. O deslocamento à noite, de uma agrovila<sup>8</sup> para outra, é difícil pelo volume de trânsito, e, em geral, o trajeto interno é feito de bicicleta e motocicleta.

A localização geográfica favorece tanto no sentido de mobilização para ações na cidade, feitas pelo MST, como para saída dos jovens para a capital e para a sede do Município.

Essas características geopolíticas contribuem também para reafirmar as diferenças entre assentamentos, mostrando que não há uma juventude das áreas de assentamento, como não existe uma juventude rural, mas múltiplas juventudes vivendo no meio rural. Foi essa percepção que norteou meu trabalho de campo e, durante as entrevistas e discussão de temas específicos com os jovens, busquei não somente conhecer, mas estive sempre aberta às possibilidades para que pudesse “advir novas visibilidades e dizibilidades” (MANGUEIRA, 2001, p.38).

---

<sup>8</sup> Esta denominação é dada pelo INCRA e pelos próprios assentados, se refere aos aglomerados de casas dispostas em três áreas distintas, dentro do mesmo assentamento.

Ao tecer este texto, fui relendo o material empírico e os autores com os quais busquei dialogar. Foi um grande aprendizado tentar *pensar como arquivo*, e não através das máquinas binárias que tudo opõem, ou que sempre dizem é ou não é.

*Pensar é primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados. É o pensamento como arquivo (DELEUZE, 1992, p.119).*

O trabalho está estruturado em três partes. Na primeira, em dois capítulos, onde abordo o acampamento como pura experimentação. No acampamento se inicia um novo modo de vida, que deixa marcas que nunca se apagam das lembranças. Na segunda parte, analiso o Assentamento como espaço de resistência, onde os jovens têm oportunidade de construir suas vidas. No assentamento os jovens são desafiados a tornar seu cotidiano um processo de constante transformação. Na terceira parte analiso as experimentações dos jovens dentro e fora do assentamento, trazendo as expressões artísticas e culturais, como possibilidade de fazer política.

Na primeira parte, que intitulei de Acampamento, abordei no primeiro capítulo o percurso e a dinâmica da ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé. Analisei sob dois aspectos, primeiro, sob o ponto de vista geográfico, descrevi as condições da fazenda e os aspectos gerais dos municípios nos quais está inserida. Apresentei dados daquele período e dados mais recentes, no sentido de perceber a ocupação como possibilidade de reconstrução da vida. No segundo aspecto, trato da construção da luta, iniciando pela organização do Acampamento. Analisei o papel do MST neste processo e as dificuldades encontradas naquele momento. Entre essas dificuldades destaquei a reação de hostilidade dos antigos moradores da fazenda com os Sem Terra, mostrando assim como o excluído também exclui.

No segundo capítulo reconstruí, através dos relatos, a implantação do acampamento, como o MST local construiu e organizou o acampamento. Demarquei como naquele momento o MST era considerado, pelos estudiosos dos movimentos sociais, como o

grande acontecimento sócio-político no Brasil. Analisei as formas de resistência, as táticas experimentadas na construção da luta. Nessa parte, Certeau (1997) (1999) me fez refletir sobre essa capacidade do homem comum desfazer o jogo do dominante, a lei. Incluí ainda a vida no Acampamento, nos diversos aspectos - trabalho, lazer, educação e organização política.

A segunda parte, que denominei de Assentamento, foi dividida em quatro capítulos. Iniciei procurando entender assentamento como categoria, trazendo o sentido jurídico e político. Em seguida, fui desenhando como havia sido essa passagem do acampamento para assentamento na vida dos jovens, tanto na sua geografia como na sua organização política. Para tanto, analisei o cotidiano do assentamento, suas rupturas, bifurcações, e percebi, nesse cotidiano, práticas diversas.

Ainda nesse capítulo analisei a presença do MST na reorganização da vida dos jovens e suas famílias. Sobre esse tema, refleti sobre algumas críticas feitas ao MST, no final dos anos de 1990, por estudiosos de movimentos sociais no campo.

No segundo capítulo dessa parte, analisei como o MST vê a juventude e sua proposta de acompanhamento dos jovens dos assentamentos. Dentro de um quadro mais geral do mundo rural nordestino analisei a existência de uma juventude diversa e a própria categoria “juventude rural”. No Assentamento Antônio Conselheiro, abordei a maneira como os próprios jovens entendiam a juventude.

Para entender melhor a vida dos jovens no Assentamento, fiz uma viagem pelo cotidiano do Assentamento Antônio Conselheiro, fazendo algumas paradas nas suas atividades e seu tempo livre.

No terceiro capítulo tratei da mobilidade dos jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, trazendo algumas reflexões sobre o que motiva os jovens a migrarem para a

cidade. Seria a aspiração à melhoria de vida? A busca de melhores oportunidades? A cultura da migração? É possível separar essas questões ou elas coexistem?

Outra reflexão presente no texto versa sobre o retorno dos jovens da cidade para o campo, o que Soudière chamou de “espírito da terra”.

No quarto capítulo, apresentei a cartografia política do Assentamento Antônio Conselheiro, trazendo as primeiras experimentações políticas dos jovens; mostrando a desconfiança dos jovens na política, mas, sobretudo a vontade dos jovens em mudar a política. A prática política dos jovens é vivenciada, principalmente no interior do MST, razão porque explicitarei como ocorre a formação política do MST, o que é ser militante do MST, e, para tanto, mostrei tanto o olhar do Movimento quanto o dos jovens assentados. Nesse contexto trouxe a discussão do poder disciplinar dentro do Movimento.

Na terceira e última parte, denominada Microuniversos Culturais e Artísticos, dividida em dois capítulos, discorri sobre as expressões culturais dos jovens do Assentamento Antônio Conselheiro e trouxe, nesse momento, outros jovens de assentamentos e acampamentos de outros municípios e estados, no sentido de fazer uma conexão daquilo que os jovens produzem no seu cotidiano e nos grandes eventos do MST. Nestes capítulos, exploro diversas modalidades de expressões culturais, algumas mais voltadas à reinvenção das tradições e outras ainda em processo de elaboração.

As identificações dos depoimentos dos jovens e militantes foram substituídas por nomes da cultura grega, como forma de preservar os informantes.

## Mapa de Localização de Ocara

**I PARTE**  
**ACAMPAMENTO**

# CAPÍTULO I

## 1 OCUPAÇÃO: ORDEM E DESORDEM

### 1.1 A Experiência de Ocupar a Terra

Ao amanhecer do dia 20 de maio de 1995, após uma noite de muita chuva, a Fazenda Córrego do Quixinxé foi despertada por um acontecimento que a mudaria completamente. Às três horas da manhã, quando o temporal começou a cessar, chegaram os primeiros caminhões e ônibus, superlotados de trabalhadores e trabalhadoras. A movimentação era intensa para desembarcar as mobílias (mesas, tamboretas, fogão), utensílios domésticos, gêneros alimentícios e os animais (cachorros, galinhas, porcos). No local, apenas quatro pessoas de prontidão esperavam por eles - eram dois trabalhadores da área vizinha que conheciam muito bem a fazenda, uma militante e um militante do MST.

As famílias vinham de localidades diversas e o encontro acontecia nas sedes dos municípios, em espaços das paróquias e dos sindicatos, conforme o apoio recebido. Assim foram se formando os grupos; cada um deles fez seu próprio percurso até chegar ao local do Acampamento, e muitos foram os tropeços; a maioria deixou sua moradia durante a noite escura e chuvosa. Pelos caminhos, enfrentaram muita lama e alguns traziam os filhos jovens e crianças. Naquele momento, partiam sem saber o local onde iriam acampar, seguiam rumo a um destino incerto; para muitos, um ato sem volta.

*Trajectoria das Famílias sem Terra em Direção à Fazenda Córrego do Quixixé*

Essa viagem foi precedida por uma decisão, às vezes familiar, outras vezes individual, e também envolveu o contato direto com perigos. Naquela aventura noturna, alguns se depararam com a polícia, mas driblaram-na. Essa noite longa e chuvosa, que parecia não acabar, findou quando chegaram os primeiros raios de sol e mais trabalhadores e trabalhadoras. Era hora de ocupar a terra.

Às cinco horas da manhã do mesmo dia vários carros pararam no local. Desembarcaram crianças, jovens e adultos; já havia, portanto, um número suficiente de pessoas para iniciar coletivamente a ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé.

Ao chegarem, logo empunharam suas foices e seus facões para limpar a área, a mata densa, tocos, espinhos. Em pouco tempo, construíram um espaço livre para montar o acampamento onde, ao seu redor, tudo era mato. O local determinado ficava na área chamada Umari, perto de um açude e da rodovia. Nenhuma dificuldade os impediu de começar a fincar as estacas e sobre elas estender uma enorme lona. Como havia pouco recurso para compra de material, foi decidida a construção de uma única e grande barraca, subdividida apenas internamente para distribuição das famílias, naquele momento, segundo o município de origem.

Ao final do dia, conseguiram terminar a barraca, e imaginavam que teriam um abrigo para passar a primeira noite no acampamento, mas, durante a madrugada um temporal os surpreendeu.

A água adentrou a barraca e o vento arrastou a lona, todo o grupo se movimentava para manter a barraca de pé, mas, quando consertavam um lado, e deixavam sob proteção as crianças e seus parques pertences, o outro lado desabava. Foi uma comoção geral. Na sua fragilidade e insegurança o grupo continuou resistindo, transformando aquele momento em um caos criativo.

Quando o novo dia chegou, a tempestade já havia cessado, e às seis horas o grupo já estava reunido para tomar novas decisões. A assembléia encaminhou algumas tarefas; um dos grupos saiu em busca de doações nos sindicatos, paróquias, defesa civil e no INCRA. Outro grupo coordenou a reconstrução dos barracos quando chegaram as lonas oriundas dos sindicatos e da Igreja Católica, e, através de um trabalho coletivo e ininterrupto, conseguiram armar um maior número de barracos, e, dessa vez, a distribuição das famílias foi por comunidade.

Nos dias seguintes, os acampados foram reorganizando suas vidas; cada família em seu próprio espaço construiu cerca de 280 barracos. Somente os jovens solteiros continuaram a dividir o abrigo - era um barraco para cada grupo de cinco jovens. Foram também construídos um barracão e bancos de madeira, para acomodar os acampados durante a realização das assembléias gerais diárias.

Outra iniciativa foi a construção do barraco da saúde e outro de alimentação, onde guardavam os remédios e mantimentos recebidos das entidades que os apoiavam.

No que se refere à educação, identificaram entre os adultos e jovens, muitos analfabetos, alguns que não sabiam sequer assinar o próprio nome; então resolveram logo na primeira semana, construir uma escola. O local foi o barracão das reuniões, logo equipado para transformá-lo em escola, colocando bancos de pau; conseguiram quadro e giz com os apoiadores, entidades e sindicatos. As aulas eram ministradas em dois turnos, de segunda a sexta-feira por uma professora também acampada e uma militante. Além da função de professora ela fazia parte da coordenação do acampamento.

O passo seguinte foi a ocupação de uma escola municipal desativada.

*Acho que com quinze dias nós ocupamos a escola e pegamos os jovens que sabiam ler para ensinar às crianças. Então, todos os dias de manhã, todos os dias de tarde, as crianças iam para a escola. A partir disso daí a escola do Umari, que é a escola Raimundo Facó, ela era (...) não tinha aula, fomos nós que reativamos. Ela é do município de Aracoíaba, então nós reativamos. Mas teve a maior bronca porque o gerente*

*ali de perto não quis entregar a chave, não queria entregar a chave da cantina porque tinha uns fogões lá. Então, nós começamos a estruturar a escola, então, fomos nós que reabrimos a escola (Nikê, 33 anos, ensino médio, militante da coordenação do MST, uma das lideranças da ocupação e que permanece no Assentamento).*

O grupo mais experiente em ocupação, militantes do MST, propôs, logo no primeiro dia, a divisão em grupos de trabalho, denominado pelo MST de brigadas. Estas foram organizadas da seguinte maneira:

*Então, ali a gente dividia o pessoal, a gente colocava vários tocos: o grupo 1 fica aqui, o grupo 2 fica aqui, e pedia para o povo ir formando as fileiras, quando eles formavam as fileiras a gente pedia para eles escolherem um Coordenador e um Secretário, e dizia: a tarefa do Secretário é essa, a tarefa do Coordenador é essa, aí depois juntava os grupos, e isso era antes da assembléia. Então, a gente juntava os grupos: esse é o grupo 1, esse é o grupo 2, esse é grupo 3, esse é o grupo 4. Na época, eram 12 grupos. Agora, todo mundo vai escolher um nome para o seu grupo, agora que juntou, quem é a coordenação do grupo 1. Então, a gente apresentava a coordenação de cada grupo que seria a coordenação do assentamento. A partir de agora vocês serão os coordenadores do acampamento; vocês que vão sentar, que vão planejar os trabalhos, as tarefas, então dividia todo mundo. Dessa coordenação, quem é que vai ser responsável para coordenar os barracos, quem vai coordenar a segurança?(Nikê, 33 anos, ensino médio).*

A iniciativa seguinte foi formar equipes e comissões para organização do acampamento, com função predeterminada, tendo todas elas representação de dois membros de cada brigada. As dez equipes foram as seguintes: alimentação; segurança e disciplina; barracos; cultura e religião; trabalho; vistoria; pesca; mulheres; jovens e sem-terrinhas; e as comissões de saúde e educação, escolhidas por aptidão e habilidade nos respectivos setores.

*Eram doze grupos de trabalho. Agora tinham equipes, comissões pequenas, (...) A gente tirou essas equipes e depois nós tiramos uma pessoa responsável pela saúde, que só foi uma pessoa, que daí ela ia formar o coletivo dela - comissões, no primeiro dia essas comissões foram tiradas. Uma pessoa coordenava, só que ela ia ter que descobrir ali no meio quem era que tinha finalidades. Elas iam ver por talento quem era que tinha mais esse jeito. Aí tinha a de educação, que entrava também a militância. (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

O trabalho de cada equipe e o número de componentes era diversificado, conforme suas atribuições, que iam surgindo de acordo com as demandas internas. A equipe de segurança, por exemplo, tinha 10 membros fixos e desempenhava somente esta tarefa,

porque, além de controlar a entrada e saída dos visitantes e acampados, trabalhava na disciplina interna, cuidando do cumprimento dos horários e proteção de todos, em regime de revezamento, durante 24 horas.

Algumas atividades desenvolvidas pelas equipes no período do acampamento permaneceram durante o assentamento, enquanto outras se limitaram ao acampamento. A equipe de vistoria com 35 a 40 membros, todos homens, teve um papel determinante nos dois primeiros meses, quando, a pé ou a cavalo, a equipe se distribuía para realizar o reconhecimento de toda a fazenda, e, por conta da constante devastação de árvores, tinham ainda que identificar as áreas objeto de exploração de madeira e coibir a retirada desta por pessoas estranhas ao grupo de moradores e acampados.

As equipes de barracos e de alimentação tiveram funções muito importantes no período inicial, pois, naquele momento, havia construção e reparos permanentes dos barracos, assim como recolhimento, distribuição e armazenamento de alimentos. A equipe de pesca foi logo desativada, por falta de peixe nos açudes.

A equipe de cultura e religião perdurou durante todo o período, porque tinha como função organizar as celebrações, preparar a mística e animar o grupo a aprender a cantar as músicas do MST. A equipe de trabalho era responsável pela programação de atividades ligadas à agricultura e ao cuidado dos animais, e todos os dias durante a assembléia eram listados os trabalhos necessários - reparos das cercas e broca. Essas atividades diárias envolviam homens, mulheres, adultos e jovens, das diversas equipes. As demais equipes – mulheres, jovens e sem-terrinhas trabalhavam as questões específicas dos segmentos e as formas de melhorar as condições do acampamento.

Muitas daquelas famílias, que no acampamento partilhavam atividades e vida em comum, não se conheciam antes do dia da ocupação, pois vinham de municípios diferentes: Quixeramobim, Ibaretama, Boa Viagem, Madalena, Canindé, Itapebussu, Caucaia,

Capistrano, Ocara, Aracoiaba, Itapagé, Umirim, Mombaça (conforme ilustrado no mapa da trajetória das famílias sem terra em direção à Fazenda Córrego do Quixinxé). As famílias tinham experiências de vida diversas e, a partir dessa noite, passaram a dividir os alimentos, o lugar de dormir, medos e ansiedade. A ausência de laços afetivos e de parentesco entre grupos fez surgir entre eles novas modalidades de se agregar, de refazer as relações, de lidar com as diferenças. Os acampados tiveram de reorganizar suas vidas de formas diferentes. Cada dia era uma possibilidade de construir modos de existência.

Os jovens e suas famílias tinham histórias e vínculos diversos em relação à terra, como nos falam esses jovens:

*A gente morava em Ocara, uma área de fazenda, juntamente com aquele todo processo de patrão, de tudo. Minha mãe veio só, meu pai logo no início não aceitava porque era uma coisa muito dispersa e ele achava que isso não teria futuro, mas a gente sabe que com o tempo a formação política começa a se desenvolver e isso também faz com que ele tenha uma concepção diferente. Ele veio depois, depois que a minha mãe tava com oito meses na área ele resolveu a vim (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Nós morava na herança da minha mãe lá, no terreno da minha vó (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Nós morávamos numa casinha pequena, numa área de 6 metros de largura por 30 de fundo, praticamente dava só para fazer a casa (Posêidon, 27 anos, 7ª série, participou da ocupação como jovem sem terra, passou a ser militante após a ocupação, atualmente é da Coordenação Estadual do MST).*

Dentre as famílias que fizeram a ocupação, havia posseiros, agregados, moradores, arrendatários ou meeiros, e, por conta dessa multiplicidade de relações, irei denominá-los genericamente, no período que antecede a ocupação, de trabalhadores rurais.

Segundo depoimentos, muitos dos acampados, principalmente os adultos, tinham vontade de lutar pela terra, mas havia também o medo de romper com situações estabelecidas.

*Com o tempo começou a aparecer algumas pessoas dando as reuniões de base, que é as reuniões do Movimento Sem Terra, aí a mãe foi e se inscreveu, pra gente ter uma listagem completa a gente faz assim, escreve o nome das pessoas pra vim pra área. Depois ela imaginou assim, não eu não vou mais não, vou desistir aí desistiu, aí quando tava próximo de vim ela retornou lá e disse: Não, agora eu vou, eu vou e não vou mais desistir, aí veio e estamos aqui até hoje. (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

A ocupação foi organizada pelo MST e realizada por um grande grupo, bastante diversificado. Havia, segundo informação dos assentados que participaram da ocupação, uma média de 450 famílias de, aproximadamente, 13 municípios.

A forma como o MST organiza uma ocupação depende de múltiplos fatores, entre os quais as diferentes experiências acumuladas dos participantes em associações e grupos. Neste caso, havia entre os homens e as mulheres que fizeram a ocupação pessoas que vinham das CEBs, pastorais, associações de bairros, sindicatos de trabalhadores rurais e havia ainda trabalhadores e trabalhadoras com passagem em ocupação malsucedida e outros sem vivência em organizações.

*Foi umas pessoas do MST, que reuniram a comunidade lá do Capistrano (Município), aí veio dois irmãos de meu pai na frente, aí quando voltou avisou a ele que tinha uma ocupação, aí ele veio. Ele nunca tinha participado. Foi a primeira vez (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Segundo os depoimentos dos jovens e de alguns pais, a iniciativa de participar de uma ocupação parte, na maioria das vezes, do pai, e outras vezes da mãe. Os fatores que impulsionam a decisão apresentam-se diversos, como a falta de terra, a insatisfação com situações de sujeição ao patrão, informação de outras ocupações bem-sucedidas e o incentivo e mobilização do Movimento Sem Terra.

O ato de ocupar não é uma ação espontânea, pois envolve toda uma preparação, “pressupõe todo um trabalho pedagógico de mobilização e organização” (DAMASCENO, 1993, p.63). Começa com as decisões a serem tomadas, principalmente para as famílias que moram e trabalham nas fazendas e que, ao sair, não têm possibilidade de retornar ao mesmo patrão. A escolha muitas vezes estabelece conflitos no interior da família. Em geral, não existe consenso, porquanto a família se divide, havendo perdas, ganhos e riscos para os dois lados, tanto para os membros da família que partem, enfrentando o desconhecido, a incerteza, os riscos da luta e, ainda, tendo que depositar crédito no grupo organizador, como para

aqueles que ficam, para assegurar o mínimo já garantido, que permanecem submetendo-se a modos de existência pré-determinados, com menor possibilidade de reconstruir a vida.

Após essa primeira etapa, vêm outras decisões importantes a tomar. Quais os membros da família que participarão da ocupação? Qual o momento certo de partir para o acampamento?

As dificuldades iniciais advindas do risco de embates armados, a moradia embaixo de lonas, ao que se soma o calendário agrícola que interfere diretamente nas atividades de toda família, são fatores que influem na decisão do membro da família que vem para a ocupação.

Neste caso específico, predominou a participação dos homens adultos, mas registrou-se forte presença de homens jovens, contabilizando-se 52 jovens solteiros e uma média de 10 famílias completas. Assim justifica um pai que participou da comissão de coordenação:

*(...) vieram mais os homens e uma parte dos jovens, né, e no começo pai não vinha, mãe não vinha e mandava sempre um jovem, pra poder sustentar ali o acampamento, enquanto ele, porque tava no período de inverno, era o meio do inverno, né, como diz a turma, era mês de maio e era o meio da colheita pro trato, quem vinha da comunidade era do trato pra colheita, então muitas famílias de Quixeramobim e de outras regiões mandava, né, um jovem pra poder sustentar ali a vaga do pai enquanto ele colhia lá. (...) Veio eu e um filho, no começo, na saída de casa mesmo, no dia 19, veio eu e o meu filho mais velho. A gente veio e chegamos e já foi logo essas duas pessoas no começo. (Dionísio, trabalhador rural, uma das lideranças da ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé).*

Ao chegar no acampamento, os jovens se sentem seduzidos pela vida em comum, pelo perigo, pelo sabor de transgressão que a luta política exige. Ao ocupar a terra desmonta-se o princípio de propriedade, invertem-se as posições, rompem-se valores, quebram-se concepções.

Um aspecto importante é o próprio sentido de ocupar, que tem configurações diferentes, para os jovens, para as mulheres-mãe, para homens adultos e membros mais idosos. A quase totalidade dos adultos, com os quais tive contato, considera importante frisar

que era uma fazenda improdutiva e os moradores que lá viviam tinham como principal atividade a exploração de madeira.

As famílias rurais, quando ocupam a terra buscam moradia e trabalho e, logo após armarem as barracas, uma das principais preocupações é onde plantar, pois a ação política não os impede de cuidar da sobrevivência. Preparar a terra para o plantio é assegurar alimentação, garantir a sobrevivência e ainda minimizar o estigma de ser chamado de “invasor”. Segundo os depoimentos, na segunda semana de acampamento já começaram a plantar feijão.

Uma experiência nova para muitas famílias nesse período foi trabalhar coletivamente, realizar as tarefas da roça em mutirão, inventar dispositivos de como gerir o trabalho e a solidariedade.

*O trabalho coletivo até um ano depois da imissão de posse a gente ainda fazia, até hoje ainda tem, hoje ainda tem trabalho coletivo, é um trabalho mais da infra-estrutura de segurar a questão da seca, a gente ainda tem gado, o gado foi coletivo, tá certo a gente tem gado coletivo, tem trator, a gente tem as máquinas, né, a gente tem dois trator e isso é do coletivo, mas no plantio mesmo da subsistência ou pra produto nós não temos coletivo não (Dionísio, trabalhador rural, uma das lideranças da ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé).*

Outro fator de destaque é a preocupação do MST em assegurar um dos seus principais objetivos nas áreas de ocupação por ele organizada, ou seja, garantir a educação das crianças e jovens e, para tanto, incentiva desde o início a construção de um barraco para transformá-lo em escola. Na Fazenda Córrego do Quixinxé, a iniciativa foi rapidamente viabilizada, pois na ocupação havia duas professoras.

A fazenda ocupada por esse grupo foi estrategicamente escolhida pelo MST, por suas características geográficas, estar a 101 km da Capital do Estado, e em virtude dessa proximidade de Fortaleza, o MST denomina a referida microrregião de Metropolitana<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Sobre a divisão geográfica do Ceará, feita pelo MST, tratarei no item Geografia do Assentamento.

## Mapa de Localização da Fazenda Córrego do Quixinxe

## 1.2 A Fazenda Ocupada

Contam os militantes do MST que a Fazenda Córrego do Quixinxé teve seu período áureo quando pertencia ao proprietário Raimundo Facó, um dos grandes plantadores de mandioca e algodão e um dos maiores produtores de caju da redondeza. Este morava no local, administrava a própria fazenda e mantinha uma relação amigável e de compadrio com seus moradores.

Nessa época, predominava o cultivo e beneficiamento da mandioca, exploração da castanha de caju e criação de gado. Com a morte do proprietário, ocorreram muitas mudanças, pois os herdeiros permaneceram morando na Capital e sua administração foi totalmente entregue aos gerentes. O então proprietário vinha somente à fazenda para receber a renda da terra. Com o passar do tempo, sem haver qualquer investimento, as construções foram se deteriorando, até as cercas eram refeitas todos os anos pelos moradores, sem qualquer ajuda do proprietário.

A infra-estrutura da fazenda, no período anterior à ocupação era a seguinte: 01 açude grande em estado regular de conservação; 10 açudes pequenos, sendo 05 em boas condições e 05 razoáveis; 01 barragem, 01 poço profundo; 08 cisternas com capacidade de 5000 litros; 03 com 10 mil litros; 01 cisterna com 30 mil litros; 02 cacimbões; 01 casa de farinha; cercas de perímetro e cercas internas, 01 centro comunitário; 10 casas de moradia; 01 casa-sede; 02 armazéns pequenos; 02 currais; 02 estábulos; e estrada de penetração. Toda a terra nua e suas benfeitorias foram indenizadas pelo INCRA, em março/1996 (INCRA/SIPRA, Informações do Projeto de Assentamento Córrego do Quixinxé, abr/2000).

Segundo os militantes do MST que participaram da ocupação havia na fazenda 15 moradores fixos, que habitavam em casas de taipa, e cerca de 60 trabalhadores que, apesar de serem também denominados de “moradores”, não residiam na fazenda, mas nos arredores

dela. Estes trabalhavam na fazenda colhendo caju, nos 150 hectares de cajueiros, fazendo também corte e retirada de lenha. A situação destes moradores era diversa, no período da colheita: aqueles que moravam nas redondezas trabalhavam durante o dia e ao anoitecer retornavam às suas casas. Os que moravam mais distantes habitavam casas de taipa na fazenda, que permaneciam vazias durante o resto do ano, enquanto outros montavam um barraco no tempo da colheita do caju.

Os quinze moradores permanentes da fazenda trabalhavam com a colheita do caju, faziam pequenos roçados entre os cajueiros e cuidavam do gado. Na época da ocupação, havia centenas de cabeças de gado.

A relação de trabalho entre os moradores permanentes e o proprietário era feita através da concessão da terra para exploração em troca da metade de sua produção, sendo essa forma de pagamento denominada *renda da terra*. Este tipo de relação, o camponês costuma chamar de “regime de meia”, ou seja, a divisão ao meio de toda produção dos moradores ao fazendeiro.

A área da Fazenda Córrego do Quixinxé, segundo dados do INCRA, era de 5.651,6337 ha, localizada nos Municípios de Aracoiaba e Ocara. Entretanto o projeto de assentamento do INCRA considera Ocara como município de referência, pela proximidade de sua sede.

O Município de Ocara foi criado em 1987<sup>10</sup>, tem uma área de 775,2 km<sup>2</sup>, seis distritos, e com uma população de 21.584 habitantes, sendo 15.212 na zona rural e 6.372 na zona urbana (IBGE, Censo 2000). Antes de sua emancipação, Ocara pertencia ao município

---

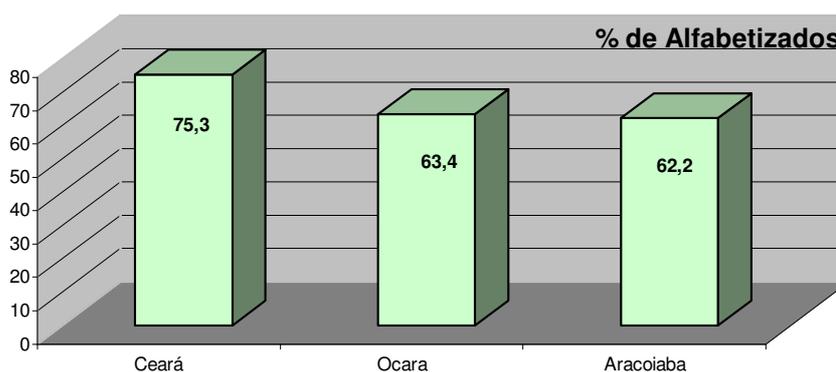
10 O Município de Ocara foi “desmembrado do Município de Aracoiaba pela Lei nº 11.415, de 28.12.1987. Como Distrito, foi criado pelo Dec. Lei nº 448, de 20.12.1938, com o nome de Jurema, alterado para o atual pelo Dec. Lei nº 1.114, de 30.12.1943. Já havia sido Município, criado pela Lei nº 6.832, de 06.12.1963, e extinto pela Lei nº 8.339, de 14.12.1965, antes de ser instalado (FALCÃO, 1993, p. 68)”.

de Aracoiaba<sup>11</sup>. Aracoiaba é mais antigo, herança de uma sesmária, que se transformou em aldeia de lavradores, depois em distrito policial, posteriormente em vila e finalmente, em 1890, em município. Sua área é 628,10 km<sup>2</sup>, com uma população de 24.064 habitantes (IBGE, Censo 2000), distribuída de acordo com a tabela abaixo:

**TABELA 1 - População residente, sexo e situação do domicílio**

Município	População residente, sexo e situação do domicílio				
	Total	Homens	Mulheres	Urbana	Rural
<b>Ceará</b>	<b>7.430.661</b>	<b>3.638.474</b>	<b>3.802.187</b>	<b>5.315.318</b>	<b>2.115.343</b>
Ocara	<b>21.584</b>	11.145	10.439	6.372	15.212
<b>Aracoiaba</b>	<b>24.064</b>	12.245	11.819	12.205	11.859

Fonte: IBGE 2000



A maioria da população de Ocara reside no meio rural, porém, durante a década de 1990 sua população urbana cresceu (ver tabela acima IBGE, Censo 2000). Mesmo com uma taxa de urbanização de 29,31%, as condições básicas de educação e saúde são insatisfatórias, pois tem apenas um hospital, uma escola de nível médio e uma biblioteca. Em todo o Município não existe nenhum cinema, museu, livraria, lojas de discos e cds, videolocadora ou TV a cabo.

11 "Distrito criado pela Lei Provincial nº 1.607, de 21.08.1874, foi desmembrado do Município de Baturité pelo Dec. Lei nº 44, de 16.08.1890, com sede no núcleo Canoa. Foi extinto pelo Dec. nº 193, de 20.12.1931, mas restaurado pelo de nº 1.156, de 04.12.1933, e recebeu os foros de cidade pelo Dec. nº 448, de 20.12.1938 (FALCÃO, 1993, p. 21)".

As três principais atividades econômicas são agricultura, pecuária e comércio. Sua maior área plantada e o maior valor de produção vêm da castanha de caju, em seguida, o milho. Na pecuária se destaca a criação de galináceos, seguida de bovinos (Censo 2000, IBGE).

Essa caracterização de Ocara me leva a refletir sobre a discussão realizada por Veiga (2002) sobre “as cidades imaginárias”, onde ele questiona a lei que decretou toda sede de município como zona urbana<sup>12</sup>. O autor defende que a noção de que

*(...) apenas 57% da população faz parte da rede urbana: 34% em 12 aglomerações metropolitanas, 13% em 37 aglomerações não-metropolitanas, e 10% em 77 centros urbanos que não pertencem a aglomerações. Fora dessa hierarquia de cidades que abrange 455 municípios, há outros 567 (com 13% da população), cujo caráter é suficientemente dúbio para que alguns de seus núcleos ambicionem o status de "cidade". Mas nenhum critério razoável permitiria que algo semelhante ocorresse com as sedes dos demais 4.485 municípios. E é neles que vivem os outros 30% da população brasileira (VEIGA, 2002 p.56).*

Para o autor, muitas sedes de municípios consideradas cidades têm sua economia “essencialmente alicerçada na utilização direta de recursos naturais” (2002, p.56), e, as demais atividades como comércio, serviços e indústrias, têm também uma forte vinculação com “as lides agrícolas, pecuárias, florestais, pesqueiras, minerais, ou de recreações dependentes da natureza” (ibidem.). Além das atividades econômicas, Veiga ressalta a importância de se avaliar os dados demográficos:

*Em 70% dos municípios brasileiros as densidades demográficas são inferiores a 40 hab/km<sup>2</sup>, enquanto o parâmetro da OCDE para que uma localidade seja considerada urbana é de 150 hab/km<sup>2</sup>. Por este critério, apenas 411 dos 5.507 municípios brasileiros existentes em 2000 seriam considerados urbanos (2002, p.65.).*

A análise de Veiga nos faz repensar sobre os dados que caracterizam o Brasil como um país urbano. O Censo 2000 contabilizou 169.544.443 habitantes no Brasil, destes, 31.847.004 vivendo na zona rural e 137.697.439 na zona urbana. Em termos regionais, o

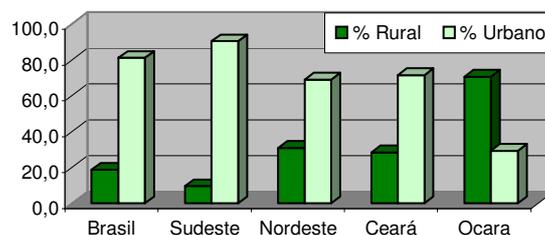
---

12 VEIGA informa que “A vigente definição de "cidade" é obra do Estado Novo. Foi o Decreto-Lei 311, de 1938, que transformou em cidades todas as sedes municipais existentes, independentemente de suas características estruturais e funcionais”(2002, p.63).

Sudeste, região mais industrializada, tem uma concentração urbana intensiva 90,5%, já no Nordeste, a população urbana representa 69%. Esse quadro demonstra que o Brasil iniciou o século XXI com 81,2% de sua população vivendo no mundo urbano. No Ceará o mesmo fenômeno se repete, pois 71,50% de sua população está concentrada na zona urbana, como nos mostra a tabela abaixo:

**TABELA 2 - População Rural e Urbana**

Local	%	
	Rural	Urbano
Brasil	18,8	81,2
Sudeste	9,5	90,5
Nordeste	31,0	69,0
Ceará	28,5	71,5
Ocara	70,7	29,3



Esses números visualizam um Brasil urbano, no entanto, os estudos de Veiga retratam que o país urbanizado, coberto por teias invisíveis de fibras ópticas, cabos, ondas, é também um país agrícola coberto em parte por vegetação. O país agrícola não desapareceu, ele convive com o crescimento desordenado das grandes cidades. O Brasil urbano abriga milhões de desempregados e desalentados sem nenhuma perspectiva. Após tantas mudanças, ainda é possível lembrar que há cerca de 220 anos, o mundo ainda era agrícola, e concentrava 98% da população mundial.

Essas reflexões trazem algumas questões: o Ceará é tão urbano como apontam os dados? A sede de Ocara seria mesmo urbana? Como se caracteriza a zona rural do Ceará, especificamente de Ocara?

No período de realização da ocupação a estrutura fundiária do Estado do Ceará apresentava o maior índice de estabelecimentos rurais na faixa de 0 a 10 hectares, equivalente a 72%, vindo em seguida os imóveis com 10 a 100 hectares, com 22%. Veja a seguir a Tabela do Censo Agropecuário 1995-96 (IBGE, 1998).

TABELA 3

Estabelecimentos por grupo de área total, segundo Mesorregiões, Microrregiões e Municípios – Ceará

Mesorregiões, Microrregiões e Municípios	Estabelecimentos segundo os grupos de área total (ha), em 31.12.1995						
	Menos de 10	10 a menos de 100	100 a menos de 200	200 a menos de 500	500 a menos de 2000	2000 e mais	Sem declaração
<b>Totais</b>	<b>245 312</b>	<b>76 199</b>	<b>9 472</b>	<b>5 711</b>	<b>2 259</b>	<b>264</b>	<b>385</b>
Mesoregião do Norte Cearense	42 271	11 623	1 189	721	326	47	106
Microrregião de Baturité	11 926	2 629	268	133	43	3	7
Município de Aracoiaba	1 799	441	61	41	11	1	5
Microrregião de Chorozinho	2 516	1 174	87	48	32	5	8
Município de Ocara	1 263	692	49	29	20	3	-

Fonte: IBGE, Censo Agropecuário, 1995- 1996, Ceará

Os dados de 2002 confirmam os anteriores, pois a maior concentração de imóveis continua entre 10 e 50 hectares, seguida de áreas com até 10 hectares e, apesar dessas faixas somarem o maior número de imóveis, ocupam apenas 16,51% do total das terras do Estado, enquanto os imóveis que têm mais de 1.000 a 50.000 hectares representam 19,61% dos imóveis rurais do Ceará (INCRA/SIPRA, 2000). Esses dados mostram uma concentração fundiária no Ceará já retratada no Censo Agropecuário 1995-1996.

Em 1995, quando a Fazenda em estudo foi ocupada, a situação no Município de Ocara era semelhante a que se encontrava no fim da década de 1990, pois continuavam predominando em Ocara os imóveis com área de 10 a 50 hectares, vindo em seguida os imóveis com até 5 hectares, conforme tabela 4 a seguir:

TABELA 4

Estabelecimentos segundo classes de área total (ha), em abril/1999 - Ocara

Classe (ha)	Número de Imóveis	Área (ha)
<b>Total</b>	<b>955</b>	<b>44.249,7</b>
até 5	299	779,2
Mais de 5 a 10	151	1138,4
Mais de 10 a 50	355	8652,6
Mais de 50 a 100	81	5859,2
Mais de 100 a 500	55	11127,8
Mais de 500 a 1000	7	5880,9
<b>Mais de 100 a 5000</b>	<b>7</b>	<b>10811,6</b>

Fonte: IPLANCE - Perfil Básico Municipal - Ocara, 1999

### 1.3 A Organização do Acampamento

O acampamento tem sido uma das principais formas de resistência do MST na luta pela terra, como diz Abramoway, R., : “o acampamento é uma forma ativa de espera que dá existência política concreta ao desejo dos trabalhadores de terra” (1985, p.56). O acampamento acontece logo após a ocupação. O ato de ocupar a terra tem sido uma das táticas para implementar um plano alternativo de reforma agrária e, através desta ação, o MST conseguiu multiplicar o número de assentamentos.

Segundo Gomes (2001, p.104), o acampamento “é um momento de criação de novas formas de organização, de intervenção de novas maneiras de lutar, novas maneiras de viver”. Para a autora o acampamento é ainda “um momento de ruptura, em que se criam novos caminhos, novas estratégias. A concretização desses caminhos, não se dá de forma homogênea: o próprio acampamento é um espaço heterogêneo” (ibidem).

O MST, desde a sua criação, tem utilizado o acampamento como uma das principais formas de luta para pressionar o Estado a desapropriar grandes áreas de terra e garantir às famílias sem terra a implantação de projetos de assentamento. Para o Movimento, esse tipo de ação resultou também na conquista de reconhecimento, credibilidade de setores diversos da sociedade, conseguindo inclusive ser ouvido por muitas instituições nacionais, obtendo respeitabilidade internacional e maior visibilidade.

A história de luta do MST, sua construção, foi fruto de todo um processo anterior de encontros e discussões encaminhados pela CPT, embora tenha como marco o Encontro Nacional em Cascavel, no Paraná, em 1984. Não vou me deter na história do Movimento, mesmo porque já existe uma vasta literatura sobre o tema; apenas vou situar o contexto político e teórico de sua gênese.

No início da década de 1980, os movimentos sociais se multiplicaram em todo o País, tornando-se objeto de estudos e reflexões teóricas de um grande número de pesquisadores da América Latina. Esses estudos foram fortemente marcados pela conjuntura política, período de transição pós-ditadura militar e início da abertura política. Todavia, em meados de 1993, este campo temático perdeu relevância, pois muitos dos seus pesquisadores elegeram outros temas de estudo. Entretanto, outros pesquisadores continuam enfocando os movimentos sociais como objeto de investigação, através de uma leitura crítica da produção anterior, buscando compreender o que havia de novo nos movimentos emergentes e nas novas ações participativas dos movimentos tradicionais (Scherer-Warren: 1993).

O MST, desde os anos de 1980 (entre 85 e 89), foi definindo seu processo organizativo, e se destacando pela diferenciação na sua organização e no encaminhamento de suas lutas, repensando e contestando as leis postas pelo Estado. No momento em que outros movimentos sociais, organizações não governamentais, intelectuais e a esquerda discutem sobre a dificuldade de mobilização, a desconstrução de utopias, o autoritarismo interno e a elaboração de propostas do sindicalismo ao projeto neoliberal<sup>13</sup>, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra aparece fortalecido e reafirmando sua importância como uma alternativa a demandas sociais específicas.

No final da década de 1980 e início da década de 1990, o MST foi apontado por muitos estudiosos e estudiosas dos movimentos sociais, entre eles, Martins (1993), Gohn (1997), Scherer-Warren (1993), como um Movimento que inovou no seu agir político, através de sua resistência, expansão, organização e forma de luta coletiva.

A novidade do MST, apontada em diversos trabalhos, foi a sua capacidade de tomar para si formas de luta existentes e recriá-las, como aconteceu com a ocupação, o

---

<sup>13</sup> *Depois de um período que podemos reconhecer como de crescimento e dinamismo, que vai até o final dos anos 80, culminando num entusiasmado engajamento na campanha presidencial de 89, a virada para os anos 90 vai marcar o início de um tempo de dificuldades* (Conclusões do Seminário de Análise da Conjuntura realizado em jul/93 organizados pelo Centro Nordestino de Animação Popular, FASE e Escola de Formação Quilombo dos Palmares).

acampamento e a marcha. Essas características o tornaram também um espaço de experimentação para os jovens do campo. Para Souza L.A. (1993, p.07) os movimentos sociais são “laboratórios de criatividade, nos quais se testam novas alternativas societárias. Não se trata de projetos globais de aplicação discutida, mas de experiências localizadas e concretas, talvez mais eficazes e com potencial efeito multiplicador”<sup>14</sup>.

A política do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, além de ocupar terras improdutivas, tem sido lutar por investimentos para execução de ações tais como aquisição de equipamentos, modernização da produção, montagem de estratégias para melhorar a comercialização através da criação de cooperativas, como forma de viabilizar economicamente os assentamentos.

Segundo Grzybowski (1987: p.22), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, desde seu surgimento, “apresenta maior grau de articulação interna entre os movimentos de luta pela terra e, por isto, revela maior homogeneidade nas formas de luta em seus vários conflitos particulares”.

Outro fator a ressaltar, em referência ao MST, são os pressupostos que sustentam e dão continuidade ao Movimento. Estes pressupostos se definem no plano objetivo pela luta da posse da terra - *organizar os trabalhadores rurais sem terra para a conquista da reforma agrária* (MST: 1993a), e no plano subjetivo pela construção de uma utopia de uma sociedade transformada e o reconhecimento do direito de lutar pelos seus direitos – *lutar por uma sociedade sem explorados e exploradores* (MST: 1993a).

O MST no Ceará, assim como o MST nacional, se organizou a partir de uma composição de forças. Durante um encontro em Quixadá, membros do MST, CPT e de sindicatos de trabalhadores rurais se reuniram para organizar o MST no Ceará, e a primeira

---

14 SOUZA, L. A. Gómez de. Prefácio do livro de SCHERER-WARREN, Ilse. *Redes de Movimentos Sociais*. São Paulo: Loyola, 1993.

iniciativa foi planejar uma grande ocupação de um latifúndio. A Fazenda São Joaquim foi escolhida por ser improdutiva e ter uma extensa área com 22.992,00 hectares.

*A partir de 1989, as lutas deixam de ser isoladas, com a participação de poucas famílias, e passam a ser de massa. Os sem-terra do Sertão Central sentem a necessidade de se organizar e se articular com o MST nacional e sindicatos de trabalhadores rurais. No dia 25 de maio de 1989 400 famílias realizam a ocupação de um latifúndio de propriedade do general Wicar de Paula Pessoa. Ao mesmo tempo, o INCRA é ocupado por cem trabalhadores para apressar a desapropriação da terra. Após três meses, é dada a imissão de posse (CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 1997, p.24).*

A conquista da terra, em um curto espaço de tempo, consolidou a organização do MST no Estado, transformando o dia 25 de maio em um dia de vitória e criação do MST no Ceará. A partir desse marco o MST no Ceará se expandiu, criou forças e continuou realizando ocupações, tendo adquirido um saber na própria prática.

Ao organizar uma ocupação, o MST estuda a área, traça suas táticas de mobilização, reúne pessoas e desenvolve discussões políticas sobre reforma agrária. Foi a partir de sua experiência que o MST-CE iniciou com as famílias a ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé. Os primeiros passos foram a escolha da terra e a identificação das possíveis composições de forças locais e o mapeamento dos municípios, fazendas e bairros a serem mobilizados.

A área de abrangência a ser trabalhada pelos militantes se expande conforme as condições objetivas, como recursos financeiros e humanos, localização da propriedade, nível de produtividade e aspectos conjunturais.

A ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé fez parte de um plano estratégico do MST no Ceará.

*Na época, nós começamos a trabalhar com vinte municípios. Teve municípios que a gente não conseguiu...Eu estava na frente. Como militante, estava eu, J, E, nessa época estava quase toda a direção, T. Isso, porque a nossa idéia era fazer um Canudos, então, toda a militância foi pra base, e no acampamento a gente queria que saísse como tal (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

O passo seguinte foi a busca de recursos para ocupação, como transporte, lona, alimentação. No caso da Fazenda Córrego do Quixinxé, foram usadas táticas diversas para este fim.

O trabalho de preparação para uma ocupação consiste em uma mobilização contínua. Os militantes iniciam visitas às famílias, fazem reuniões de informação e esclarecimentos, organizam o deslocamento e acompanham o grupo até a fazenda, como relata uma das militantes organizadora dessa ocupação.

*O município que eu trabalhei que foi Capistrano, eu saí de Capistrano meia noite e cheguei cinco horas da manhã. Nós viemos no ônibus da Prefeitura. Pensavam que nós íamos para uma mobilização, para uma luta, para um encontro, coisa parecida. Quando chegou lá o motorista tremia de medo que era uma coisa medonha e voltou para trás divulgando: um monte de Sem Terra invadiram as casas. Ele voltou tão nervoso que no outro dia todo mundo já sabia (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Ao longo de suas experiências acumuladas os militantes desenvolvem um certo tipo de astúcia para viabilizar as ocupações. Neste caso, a utilização do ônibus de uma prefeitura e as lonas e os alimentos conseguidos através da Defesa Civil fazem parte de um conjunto de procedimentos adotados pelo MST, que se modificam de acordo com a realidade. Outro fator que se altera em cada situação é a reação dos fazendeiros, dos gerentes, dos moradores ou ainda das autoridades, pois em cada ocupação existem muitas possibilidades, algumas delas inesperadas.

Durante a ocupação, um conflito se instaura e, nesse período, o estabelecimento de algum tipo de negociação depende das forças políticas envolvidas, da conjuntura local e nacional, da reação do fazendeiro, e exige principalmente novas forças, novas composições. A prática da violência, embora sempre esteja presente, se apresenta de forma diversa. São esses múltiplos fatores que impedem práticas homogêneas, a repetição do mesmo, e isso significa que há sempre uma possibilidade de construção de um trabalho não linear, de reorganização, de táticas diferenciadas que rompam situações estabelecidas.

Contudo existem passos, etapas, procedimentos técnicos previamente determinados pelo MST que foram construídos na própria maneira de fazer ocupações, e, embora o Movimento indique aos seus militantes um modo de organizar, isso não implica um modelo, mas uma “arte de combinar” algumas táticas já prescritas, uma determinada linguagem, o uso de símbolos com novas astúcias e/ou o reemprego das velhas táticas.

As experiências de vida dos acampados, as relações estabelecidas entre si, pedem ações localizadas, que vão além da previsibilidade e de passos já pré-determinados. Foi isso que me interessou captar. Ainda que os dirigentes estaduais e regionais busquem exercitar a observância de regras, das formas regulamentares propostas pelo Movimento para conseguir seus objetivos, isso não elimina as diferenças, mesmo porque, dentre os jovens e adultos que ocuparam a fazenda, existem também diferentes motivações, pois ainda que a posse da terra seja o grande mobilizador, outros desejos se manifestam, principalmente entre os jovens.

O depoimento a seguir mostra que o interesse deste jovem, ligado à pastoral, partiu de uma vontade outra.

*Eu conhecia o MST mais por televisão e por um programa de rádio que tinha em Canindé – A voz do trabalhador -, geralmente era feito pelo A e pela D. E eu tinha muita vontade de conhecer como era organizado o MST, só que eu nunca tive oportunidade, então teve ocupações lá em Canindé, só que eu nunca soube de nenhuma, mas sempre tive essa idéia de participar de uma ocupação e poder ser assentado, essa era a idéia. No dia da gente sair para ocupar, dia 19 de maio, foi que eu tive contato direto, relacionado à ocupação, com um militante, e esse militante me fez um convite e como eu já tinha muita vontade de conhecer o Movimento. Então a idéia de eu ir para a ocupação pelo fato de eu não ter feito, participado de nenhuma das reuniões que geralmente a militância faz para levar os trabalhadores para a terra, então a minha idéia era só conhecer o Movimento. No momento, eu não pensei em já ser assentado, isso eu pensava antes, mas como a coisa foi muito rápida, não teve tempo nem de explicar como se dava tudo isso no acampamento, então eu não conhecia e preferi ir conhecer primeiro pra depois pensar se era mesmo aquela área que eu queria ficar assentado ou se ia conhecer melhor o assentamento e depois de conhecer melhor ser assentado dentro da avaliação do MST (Posêidon, 27 anos, 7ª série, da Coordenação Estadual do MST).*

O contato com o MST é algo muito estimulador para os jovens, pois a atitude deles com relação ao Movimento nunca é de imparcialidade, mas de curiosidade, negação, ou

ainda de admiração. Os procedimentos do MST na luta demarcam uma linguagem própria, que aproxima e às vezes assusta os jovens. À medida que os jovens vão conhecendo o MST, a relação vai também se definindo e redefinindo. Durante a pesquisa, encontrei jovens cujo maior sonho era ser um grande militante do MST e dois anos depois já estavam afastados. Outros se desencantam no início, por medo, pelas dificuldades da vida militante, enquanto outros ainda permanecem lutando no Movimento.

O depoimento a seguir mostra o início de uma aproximação entre um jovem e o Movimento, ocorrida durante a ocupação. Depois este rapaz se tornou um militante e durante a pesquisa fazia parte da direção estadual.

*Muita coisa foi estranha pra mim, por exemplo, quando a militância chamou a companheirada para formar as fileiras, que em acampamento sempre se dá o nome de brigadas, e aquilo não foi estranho só pra mim, teve alguns companheiros de Quixeramobim, que eram recentes acampados, que não entenderam o nome de brigada e acabaram entendendo que estavam sendo convidados pra briga, e acabou que 16 companheiros de Quixeramobim foram embora na mesma hora. Bom, mas como eu tinha uma curiosidade muito grande de conhecer o Movimento, então o nome de brigada não me assustou muito, e até porque eu nem ouvi quando chamaram de brigada, vi que todo mundo tinha sido chamado pra fazer as fileiras e depois foi que a F usou o termo brigada, então segui para as fileiras e pra mim foi uma novidade porque até então eu conhecia filas em outro sentido, mas não organizar fileiras, que essas simbolizam brigadas e que essa brigada eram grupos de trabalho que era para funcionar a divisão de trabalho do acampamento, pra isso eu não sabia que existia esse tipo de fileira, mas foi um fato novo pra mim (Posêidon, 27 anos, 7ª série, da Coordenação Estadual do MST).*

No início do acampamento tudo é novidade, e a utilização de toda uma simbologia, uma mística ora os transformando em atores e ora em agentes, mexe com a forma anterior de agir e pensar. O simples fato de aprender uma música sobre a vida e luta no campo pode se transformar em um ato solene de entoar um hino, e essa dinâmica própria do Movimento os jovens vão assimilando no percurso.

Durante o período inicial do acampamento são construídas novas táticas de luta e novas formas de viver o cotidiano e os acontecimentos, há uma dinâmica interna e externa

que os impele a desenvolver ações criativas capazes de antever, sem seguir um modelo com começo e fim.

Quando entrevistei os jovens assentados, os militantes que participaram da ocupação, e as lideranças dos acampados, percebi que as ações experimentadas por eles, que mais lhes ficaram nas memórias, foram as manifestações públicas ocorridas no período do acampamento, como a preparação e a audiência no Fórum e as várias ocupações da rodovia, impedindo a passagem dos transportes, para que o acampamento tivesse visibilidade.

Uma importante ação que demarca a forma de agir do MST é a implantação de uma escola, no momento após a ocupação, conforme abordado anteriormente. Essa experiência vivida na Fazenda Quixinxé é adotada na maioria dos acampamentos. Os próprios militantes realizaram inicialmente um levantamento do número de analfabetos entre os jovens e adultos e em seguida fizeram um trabalho de motivação para trazê-los à escola. No caso dos adultos incentivavam com a argumentação da necessidade de saber assinar o nome para participar dos projetos a fim de obter recursos. Ao mesmo tempo em que trabalhavam a alfabetização, realizavam uma formação política dos alunos e acampados.

O direito à educação é uma dimensão de luta considerada fundamental pelo MST, é fruto de uma preocupação presente desde as primeiras ocupações e está vinculada à luta por terra e trabalho (CALDART, 1997). O Coletivo Nacional do Setor de Educação do MST, em um documento sobre a proposta de educação do Movimento, apresenta sua compreensão sobre educação.

*Em sentido amplo, podemos dizer que a educação é um dos processos de formação da pessoa humana. Processo através do qual as pessoas se inserem numa determinada sociedade, transformando-se e transformando esta sociedade. Por isso ela está sempre ligada com um determinado projeto político e com uma concepção de mundo (MST, 1996, p.5).*

No mesmo documento, o Coletivo discorre sobre dois tipos de princípios que devem dirigir as ações educativas: os “Princípios Filosóficos” que tratam das “concepções

mais gerais em relação à pessoa humana, à sociedade”, e os “Princípios Pedagógicos”, que se referem ao “jeito de fazer e de pensar a educação” (MST, 1996, p.4). Dentro dessa visão, educação, formação política e a criação de um sistema coletivo de trabalho foram definindo o projeto político do Movimento.

A construção de um projeto coletivo, que extrapola a posse da terra, tem possibilitado a expansão do MST e a criação de um espaço político para os acampados e assentados, como aponta Martins (1993:57): “a luta no campo não é, estritamente, luta pela reforma agrária. É a luta por uma porção de mudanças, que envolve, por exemplo, até a revisão da religião e da organização da Igreja, a reconceituação da política”. Nessa proposta mais ampla de luta pela terra, o MST poderá se tornar uma alternativa onde os jovens podem exercitar uma forma de fazer política?

A noção de política neste trabalho comunga com o pensamento de Ortega, que apreende a noção de política como "acontecimento e começo, como interrupção de processos automáticos" (2000, p.22). O autor, ao buscar entender a visão de política, a partir de autores como Arendt, Foucault, Derrida e Deleuze, conclui que existe entre eles algo em comum, que é pensar a política além da política partidária e, dessa forma, para esses autores, diz Ortega (2000, p.23), "a política é compreendida como atividade de criação e de experimentação".

No entanto há uma tendência de se pensar política como substrato da humanidade, quando o autor se reporta à frase de Aristóteles (1987), *o homem é um animal social*. Hobbes contestou, pois sua concepção se baseava no instinto de conservação. Para Hobbes (1988), a vida em sociedade não era uma disposição natural, mas um acordo artificial, e somente a necessidade de preservação da vida levava o homem a estabelecer contratos entre si. Hobbes explica que o instinto de conservação da vida, esse sim, é um estado natural, e, no momento que os homens se sentem ameaçados por outros homens, eles buscam formas de

autopreservação. É então que se insere no estado social. O social requer um contrato, um pacto de convivência em sociedade (HOBBS, 1988).

A crítica de Hobbes (1988) à aparência de naturalidade da política é fundamentada quando este filósofo diz que a vida em comum, a cooperação, não constituem os modos de ser do homem, mas é o egoísmo e o desejo de poder que caracterizam o homem. É a luta pela preservação da própria vida que desencadeia a busca pela paz, um estado constante de alerta para manter sua sobrevivência na selva, onde *o homem é o lobo do homem*. E, mesmo quando o homem mantém contratos de convivência em sociedade, ainda assim, se instaura a lei da *guerra de todos contra todos* (ibidem).

Arendt retoma a concepção de Hobbes, dizendo que a política não é, portanto, natural. Para a autora não se pode pensar

*Como se no homem houvesse algo político que pertencesse à sua essência - conceito que não procede; o homem é a-político. A política surge no entre-os-homens; portanto, totalmente fora dos homens. Por conseguinte, não existe nenhuma substância política original. A política surge no intra-espaço e se estabelece como relação (1999, p.23).*

Partindo dessa premissa, pode-se pensar duas possibilidades. A primeira é que os jovens estão construindo uma forma de fazer política nos acampamentos e assentamentos, quando organizam sua convivência, quando tratam de coisas comuns no seu cotidiano de luta e vão compondo novas paisagens subjetividades. Isso significa dizer que a política é uma experiência vivenciada por determinados grupos.

A segunda possibilidade é que os jovens não estão fazendo política, à medida que são formados dentro de uma proposta estruturada pelo MST, que impede um processo criativo de fazer política e por isso estariam sendo cerceados em sua autonomia. Nesse sentido, seria a formação política do MST tão opressora que não caberia um mínimo grau de liberdade nesse processo?

É inegável que o MST tem desenvolvido ações emancipatórias no meio rural, organizando trabalhadores em grupos e cooperativas, tendo motivado pessoas em seu desejo de mudança e também tentado criar dispositivos que rompam com a ordem dominante. E ainda que se constitua uma máquina de luta, e suas palavras de ordem tenham uma certa cumplicidade com os trabalhadores, o MST corre o risco de funcionar como grupos, organizações tradicionais modelizadoras.

Concordo com Guattari e Rolnik (1996, p.130), quando dizem que “a ação militante também está exposta a riscos de modelização: a ‘alternativa’, por exemplo, pode ser uma modelização igualmente opressora, mas de uma outra forma”.

Esse caráter ambíguo transporta o MST a uma encruzilhada política ou de optar por fazer o jogo dominante, reproduzindo modos de subjetividade dominante, colocando modelos padrões de organização que bloqueiam os processos de singularização. Por exemplo, o MST estaria propondo formas de organização que não tomariam como referência as experiências dos acampados; ou, ao contrário, o MST estaria trabalhando para o funcionamento de pólos de resistência, permitindo que apareçam as potencialidades e articulações com o conjunto das microrrevoluções.

Mesmo que o MST apresente uma certa concepção tradicional de organização, no entanto, ele também tem desempenhado um papel fundamental como portador de novas experimentações e como potencializador de mobilização de pessoas para a luta.

#### **1.4 A Formação Política no Acampamento**

Para o MST a formação política começa logo após a ocupação, quando os militantes cantam e ensinam aos acampados as músicas do MST, gritam palavras de ordem e realizam debates políticos sobre a terra, luta de classes. Quando o acampamento vai se

estruturando, alguns jovens e adultos são convidados a participar dos cursos de formação em outros municípios ou outros estados. Os recém-iniciados começam a participar de reuniões, de acordo com as instâncias determinadas que compõem a hierarquia da organização.

Durante o período do acampamento, os militantes trabalhavam a formação política do grupo, apresentando seus símbolos como a bandeira, o hino e o boné. Todos os dias pela manhã e à tarde cantavam o Hino do Movimento e gritavam palavras de ordem e, ao mesmo tempo, faziam um investimento mais próximo em algumas pessoas, como foi o caso desta professora.

*Ela foi uma pessoa que nos ajudou a fazer um trabalho de base, ela foi uma das pessoas que se destacou nos trabalhos de base. A partir daí ela começou a militar, ela não era militante do MST, foi a partir da ocupação. Na ocupação saiu vários militantes: M, L, S. Então, nenhum desses meninos eram militantes na época (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Essas práticas desenvolvem o processo de organização dos acampados, inicialmente sob a orientação do MST, depois os grupos vão, no cotidiano, construindo sua autonomia.

*Primeiro a gente teve uma tarefa de organizar o acampamento, isso durou uns sete a oito dias, pra poder deixar todo mundo em seu barraco, ou de ramo ou de lona. E também era o período para você aguardar qual ia ser a reação do proprietário, que geralmente ela se dá, quando não se dá nesse período - entre três, quatro, até sete dias, é porque, na realidade, não é porque ele não está interessado, mas é porque ele está se preparando para uma possível negociação (Posêidon, 27 anos, 7ª série, da Coordenação Estadual do MST).*

Uma das táticas do MST é, desde o início, organizar os acampados em grupos, brigadas, dando relevância a critérios como sexo, faixa etária e habilidades pessoais.

*Nós fizemos doze brigadas, dez eram formadas só por homens, a brigada oito era formada só por mulheres, e tinha uma brigada das crianças, que os meninos chamavam de brigada zero, mas no todo entre crianças, mulheres, jovens e adultas foram doze brigadas. (...) Brigada era a mesma coisa que grupo de trabalho. No caso das crianças era diferente, porque era só a maneira de organizar a criança junto com os adultos (Posêidon, 27 anos, 7ª série, da Coordenação Estadual do MST).*

Essa prática política de organizar os grupos por grau de parentesco e proximidade das casas e roças, mas também respeitando as aptidões, é um processo educativo oriundo da própria prática do Movimento que possibilita a reelaboração de um saber.

O papel importante do MST nesse processo é afirmar o saber que os acampados possuem pela acumulação de experiências no seu modo de trabalhar e de se relacionar. Mas esse grupo, como qualquer outro, é heterogêneo e, portanto, seu saber é também diverso, fragmentado.

Após organizar as brigadas, o passo seguinte foi a criação de uma associação, em uma grande assembléia. A institucionalização da associação ocorreu no dia 13 de dezembro de 1995, estratégia utilizada pelo Movimento para dar respaldo legal às ações coletivas.

Depois de instalados e organizados os militantes do MST encaminharam a discussão da escolha do nome do acampamento e futuro assentamento. Os militantes, quando planejaram a ocupação da referida fazenda, tinham a expectativa de transformá-la em uma experiência nova, imaginavam construir um assentamento-modelo para todo o Estado, e, ao mesmo tempo, em outro contexto, reviver Canudos.

*O acampamento de Antônio Conselheiro, ele tem uma história engraçada, justamente por isso que ele recebeu o nome de Antônio Conselheiro, porque quando nós - da direção Estadual - decidimos fazer essa ocupação nós estávamos na idéia de fazer no Ceará um Caldeirão ou um Canudos, uma comunidade parecida com a de Canudos. É tanto que nós pegamos logo no período dos "Cem Anos" de Canudos. A gente teve essa idéia de fazer um Canudos, por isso a gente trabalhou em 19 municípios, 450 famílias completas (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Os militantes levantaram algumas possibilidades de nomes e em cada uma delas descreviam personagens que o Movimento considera referência na luta camponesa. Uma das militantes, hoje assentada, que viveu toda a experiência daquela ocupação e acampamento, me relatou que o sonho de reconstruir Canudos teve início desde a escolha da fazenda.

*Nós colocamos vários nomes. Nós pegamos os nossos lutadores fizemos uma assembléia: hoje, nós vamos discutir o nome de Roseli Nunes, quem foi Roseli Nunes? Passamos toda a história de Roseli Nunes. Quando nós passamos a história de Antônio Conselheiro eles disseram que essa se identificava muito mais conosco. (...) Pela história dele, porque juntou o*

*povo e que foi para lutar pela terra e porque ele pegou vários municípios. Nós somos de vários municípios e viemos pra uma terra diferente que nós nem conhecia, acreditando em um sonho, então Antônio Conselheiro se identifica com nós.*

*Foi lá para uns quinze dias. A gente foi conversando com o pessoal, foi para uns quinze, vinte dias, mais pra frente. Depois gente faz uma assembléia de aprovação e o pessoal ia votando e o mais votado foi Antônio Conselheiro (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Para entender melhor esse ponto de convergência apontado pelos militantes, entre a luta de Canudos e da conquista da Fazenda Córrego do Quixinxé, recorri à literatura sobre Canudos. Segundo Moura (2000) o líder de Canudos, Antônio Conselheiro, após vinte anos de luta e perseguições, decidiu se estabelecer em um território com seus adeptos e, para isso, se instalou em uma fazenda abandonada, de grande extensão, localizada a 270 km da capital da Bahia, uma área típica de sertão.

Muitos integrantes de Canudos eram camponeses pobres, oriundos de vários Estados diferentes, que buscavam melhores perspectivas de vida. Os habitantes de Canudos trabalhavam na agricultura e na pecuária, mas foi a criação de gado que mais se desenvolveu, incentivando inclusive a criação da indústria do couro. A prosperidade da economia do arraial transformou Canudos em um centro comercial (ibidem).

A proposta social e política de Canudos consistia na criação de uma auto-organização que possibilitasse o desenvolvimento de uma comunidade camponesa autônoma, em oposição à estrutura fundiária da época. Para isso, investiram em uma gestão pública dividida, com setores como administração, segurança e religião (ibidem).

Algumas dessas características citadas foram identificadas pelos militantes e acampados na Fazenda Córrego do Quixinxé, uma extensa fazenda, semi-abandonada pelo seu proprietário, com uma já existente criação de gado, região de caatinga, com trabalhadores e trabalhadores mobilizados de vários municípios. Para os militantes, significava indícios de reviver alguns ideais de autonomia econômica e se tornar um pólo de resistência, como no

arraial de Canudos. Abastecidos por vários açudes e cacimbas e próximo a uma rodovia, poderiam até se transformar em um núcleo comercial.

Assim como em Canudos, era necessário que todos os acampados começassem a trabalhar e produzir. O envolvimento dos jovens, principalmente os rapazes, se deu através da integração aos diferentes grupos de trabalho, desenvolvendo diversas tarefas.

### 1.5 O Excluído também Exclui

*Engraçado, no primeiro momento, a reação dos moradores foi uma reação de impacto, os primeiro "inimigos" que nós tivemos foram os moradores. Eles começaram, primeiro, a ter medo da gente; a dizer que a gente veio para tomar as coisas e que iam pegar eles e que iam levar para junto. Então, começou a criar aquele rebuliço. Então, quando a gente passava perto da casa dos moradores eles fechavam, quando a gente passava perto da criança e sorria ele colocava a criança dele para dentro. Eles achavam que a gente era uns vagabundos, eram invasores, eram ladrões, então começaram a ter essa reação (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

A decisão de ocupar exige uma disposição para enfrentar diversos obstáculos, e um deles envolve o confronto direto com outros trabalhadores, os moradores das fazendas. Estes são trabalhadores e trabalhadoras rurais pobres, que vivem subordinados a um fazendeiro, condição semelhante a muitos dos que vêm ocupar a terra. Em geral esses dois grupos na aparência são pares, vivem dificuldades semelhantes, mas nesta situação específica, são opositores.

A relação de conflito estabelecida entre acampados e moradores demonstra que a luta pela terra não é apenas entre ricos e pobres, do Estado contra cidadãos, ou de fazendeiros contra trabalhadores, mas existe uma luta no interior da própria classe trabalhadora, isso porque “os afrontamentos sociais não são mais apenas de ordem econômica. Eles se dão também entre as diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos entendem viver sua existência” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p.45). Para explicar esse processo Guattari diz

que “o que faz a força da subjetividade capitalística é que ela se produz tanto ao nível dos opressores, quanto dos oprimidos” (1996, p.44).

Os moradores da fazenda ocupada também desejavam possuir a terra, mas rejeitavam a forma de luta dos acampados, não aceitavam a ocupação de terras particulares. Mesmo sendo considerada improdutiva, discordavam também da atitude dos acampados quando pegavam o leite das vacas para alimentar suas crianças com fome, ou mesmo quando abateram vacas para alimentar aquelas inúmeras famílias.

Para os moradores a ocupação era uma violência, uma desordem, e isso lhes fazia sentir medo de perder a terra para trabalhar, temor de lidar com o desconhecido, receio de perder a si mesmos. Diferente dos acampados, os moradores não haviam se instrumentalizado para viver as mudanças, principalmente aquelas produzidas por trabalhadores e trabalhadoras sem terra. Para eles qualquer tipo de mudança somente era concebida se viesse atrelada ao poder do Estado, do patrão, porque dessa maneira estaria preservada a ordem.

Os conflitos ocorridos neste acampamento, dessa forma ou de outra, se repetem em muitas ocupações, há uma rejeição mútua; enquanto os moradores consideram os acampados como invasores, fora da lei, os acampados os tratam como traidores e aliados do patrão.

Sobre a atitude dos moradores naquele período relata uma militante:

*Eles vinham e diziam que não queriam, que eles iam lutar pelos direitos deles e era eles que iam vencer, e que queriam a terra, a terra era deles porque eles moravam há mais tempo. Eu dizia: A terra dá para nós todos, a terra dá para assentar tantas famílias, então vocês podem ficar. Eles diziam: Não, mas nós não queremos morar com vocês, vocês são bagunceiros, são invasores, e nós não somos invasores, foram essas reações (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Essa difícil relação, neste acampamento, começou a ser contornada quando os militantes do MST iniciaram um trabalho político com os acampados, que consistia em mostrar a necessidade de aproximação destes com os moradores para fortalecer a luta, e, à

medida que os acampados foram assimilando essa idéia, começaram a estabelecer um convívio com os moradores.

*Tiramos comissão para andar na casa de cada morador, pra conversar com os moradores, dizer que a área ia ser desapropriada, e se eles queriam ter a terra ou se eles queriam sair da terra. Então, nós começamos a melhorar a relação e essa relação melhorou de uma forma que não tinha aquela ligação, alguns vieram visitar o acampamento, traziam alguma alimentação, mas, mesmo assim, ainda hoje tem uns que a gente ainda não consegue se entender, que é o Chico Alegre, o Vicente Moura. Esses caras aí a gente não consegue se encarar, isso, porque foi um dos piores moradores, isso porque eles todos são gerentes, então os gerentes nunca têm aquela consciência do pião (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Observei durante a pesquisa que eu não podia tratar de forma simplificada os moradores e acampados como dois blocos homogêneos, pois havia uma hierarquia no interior de cada um dos grupos, determinada por diferentes fatores. Os moradores permanentes, os temporários e os gerentes mantinham relações diferenciadas com o proprietário, o que implicava formas de trabalho e acesso a terras diversas, e ainda interferia na maneira como estes viam os sem terra e como eram vistos por eles.

*De repente, nós fomos mostrando uma organização diferente ali dentro, porque o período de acampamento é um período muito forte na vida de qualquer pessoa. Então, a gente começou a mostrar que a gente era um povo organizado. Então, vinham uns que eram a favor e outros que eram contra, e começamos também a conscientizar os moradores que nós não queríamos briga com eles nem tão pouco com o patrão deles, o que a gente queria era a terra livre (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Para os moradores que vinham apenas plantar e não moravam de fato na fazenda, foi mais fácil aceitar os acampados; já para os moradores permanentes, a ocupação funcionava como uma forma dos sem terra se apoderarem do seu espaço. Mesmo com a possibilidade de a terra ser dividida entre todos, eles não concordaram em se juntar aos acampados e preferiram ficar isolados, com exceção de cinco famílias.

Os dois principais momentos de maior aguçamento de conflitos entre moradores e acampados foram os primeiros dias após a ocupação da terra e, quando saiu a imissão de posse.

*(...) os moradores não ficaram com a gente, eles rejeitavam nós e nós era uma fera pra eles, né, e aí foi preciso a gente numa discussão mais de 90 dias só em discussão de como fazer, se eles ficavam com nós, se nós ia dar uma área pra eles, aonde ia ser, qual era a determinação que a gente levava pro grupo, né, pra poder os grupos decidir, até que a gente escolheu uma área e fomos pra reunião pra poder, só aí nós perdemos uns 90 dias de discussão até chegar as moradias (Dionísio, trabalhador rural, uma das lideranças da ocupação da Fazenda Córrego do Quixixé).*

Os acampados, após a imissão de posse, passam a ter o domínio da situação, já não eram os fora da lei, mas aqueles que negociavam com o Estado. Os moradores solicitaram 70 cadastros, mas a reivindicação foi preterida pelos acampados, que, ao final de rodadas de negociações, liberam 50 cadastros em uma área de 1500 hectares na agrovila Umari.

Os conflitos entre acampados e moradores significam que não é apenas a posição de classe que determina a ação dos trabalhadores e trabalhadoras, existem outras clivagens que atravessam as classes, como a patronagem, as facções, religião.

Durante a ocupação, os acampados eram considerados estranhos, depois da desapropriação a situação se inverte. Havia na relação entre acampados e moradores exclusão e negação do diverso, enclausuramento na sua própria diferença. Nesse contexto, o excluído em seu papel do outro também exclui (LINS, 1998). Os moradores, ao rejeitarem os acampados, expressaram uma demanda de reconhecimento, o fracasso por não terem acreditado no sucesso da luta; já os acampados, ao cederem os cadastros, continuam negando o outro, ainda que acreditem que estão fazendo justiça ao outro.

Em ambos os casos “a recusa de se misturar ao ‘diferente’, com medo de nele se perder ou se ‘sujar’, vai encontrar no Outro uma possível interação ao Mesmo” (LINS, 1997, p.81).

Assim, como em todo grupo não existe um pensamento único, dentre os moradores, houve uma família que logo no primeiro momento da ocupação se juntou aos acampados e, logo depois, mais quatro famílias se uniram a eles. Outros moradores foram mantendo uma relação amigável por conta das relações entre os filhos. Depois da

desapropriação ocorreram casamentos entre jovens filhos de moradores e os filhos dos acampados, passando esta nova família a morar na área dos acampados.

Embora após a estruturação do Assentamento tenham cessado os confrontos, permaneceu entre eles uma separação, pois alguns moradores chegaram a dizer que admiravam os Sem Terra, mas que não têm coragem de realizar suas ações. Os moradores então têm sua vida independente dos assentados, possuem sua associação, seu espaço geográfico, e não há uma convivência de parceria.

Outros personagens desse conflito foram os gerentes da fazenda, que mesmo sendo trabalhadores, assumiram o papel de patrão, enfrentando os acampados, fazendo proibições e ameaças. Com o passar do tempo, gerentes, moradores e acampados começaram a aprender a coabitar na mesma área, sem que com isso tenham que formar uma comunidade.

*Conviver com as diferenças não é pensar como, mas atrair forças, deixar-se contagiar por uma língua que fala todos os idiomas, encontrar a palavra que dialoga e cria espaço para que a relação entre a palavra e o pensador escape às muletas dualistas, à guerra imaginária ente o “Bem” e “Mal” (LINS, 1998, p.121).*

Pude perceber através das entrevistas e visitas que já não há uma separação entre bons e maus, como no período do acampamento. Existe uma tentativa de aproximação, principalmente, entre os jovens estudantes que dividem a mesma escola e “espaços de lazer”.

Durante o primeiro momento da ocupação outros atores entraram em cena no palco de conflitos. Os donos de madeiras, considerados pelo acampados como seus inimigos, mesmo não estando fisicamente presentes, eram representados pelos “retiradores de madeira” (trabalhadores das redondezas), que entravam em confronto constante com os acampados. A entrada diária de caminhões para retirar madeira, principalmente durante a noite, se transformou em um dos grandes problemas para a equipe de segurança, que, para contê-los, tinha que mobilizar todo o grupo.

Quando todos se recolhiam nos seus barracos para dormir, o acampamento silenciava, apenas os seguranças permaneciam em vigília. Os caminhões aproveitavam a escuridão para tentar entrar na fazenda, mas, a qualquer sinal de barulho de carro, os seguranças bem atentos buscavam confirmar se eram os caminhões e, quando isso acontecia, soltavam fogos de artifício para avisar o grupo. Após ouvir o ruído dos fogos, todos se encaminhavam rapidamente ao local para impedir que os veículos entrassem.

A ação imediata era formar uma barreira humana em frente ao caminhão, fazendo-o parar. Quando isso acontecia, os acampados mandavam o motorista e os “retiradores de madeira” descer toda a carga e lhes diziam que estava proibida a retirada de madeira, que retornassem ao seu patrão e que estariam dispostos a conversar com ele.

Com os retiradores de madeira e os acampados, percebe-se mais uma vez que houve um embate entre trabalhadores.

## CAPÍTULO II

### 2. RESISTÊNCIA: AS TÁTICAS QUE CONFRONTAM PODERES

#### 2.1 Construindo Formas de Resistência

A ocupação foi pacífica, pois não houve qualquer reação afirmativa ou violenta do fazendeiro. Após 15 dias, para chamar atenção das autoridades e do dono da fazenda, os acampados decidiram em assembléia geral ocupar a rodovia, para fazer um ato público.

*(...) parecia que ninguém sabia que nós tava aqui, ninguém se mexia nada, nem polícia nem fazendeiro, tá certo, nem ninguém visitava a gente, sabe uma coisa assim. E nós tomamos uma iniciativa na assembléia, fazer o 1º ato que foi no grito dos excluídos a gente ocupar essa BR, é CE essa daí, e aí naquele dia 5 de junho, foi que nós com 15 dias foi que a gente explodiu (Dionísio, trabalhador rural, uma das lideranças da ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé).*

Quando a ocupação ganhou visibilidade, o fazendeiro entregou a documentação da fazenda ao INCRA, atitude inicial que indicava vontade de ter suas terras desapropriadas. Mas, no decorrer do processo, os acampados e seus aliados foram percebendo que o fazendeiro havia armado um jogo, que o permitia trilhar por todos os lados, embaralhar todos os códigos. Essa posição colocava cada vez mais os moradores contra os acampados. Quando o proprietário se reunia com os acampados e representantes da CPT, dizia que estava disposto a negociar; já com os moradores, ele os reunia, dizendo-lhes que não venderia a terra nem iria deixar nenhum morador desamparado. Essa posição dúbia do proprietário se expressava

também na sua relação com o INCRA e os moradores, pois mesmo já tendo iniciado as negociações com o INCRA, ainda prometia aos moradores não se desfazer da terra.

Quando os acampados e militantes do MST descobriram esse jogo, resolveram defender os moradores, porque entendiam que eles também eram sem terra e produtores de tudo o que haviam encontrado na fazenda. Nesse período os moradores tiveram muita dificuldade em entender que os sem terra queriam que eles lutassem também por um pedaço daquela terra. Para manter um diálogo com os moradores, os acampados e militantes iniciaram um trabalho de visitas de casa em casa, até que os moradores perceberam que não havia mais possibilidade de retroceder o processo iniciado, então reivindicaram uma área, mas separada dos acampados.

A proposta de acordo do fazendeiro para os acampados foi de disponibilizar para desapropriação apenas uma área da fazenda, sob a alegação da fazenda pertencer a cinco proprietários diferentes.

*O imóvel era constituído por uma só área contínua e indivisa, embora em cartório constasse a existência de 5 áreas com transcrição imobiliária pertencentes a 5 proprietários diferentes. No referido imóvel moravam e trabalhavam parentes dos proprietários e outros posseiros que exploravam a terra de forma individual, conservadora e sem a preocupação de intensificar ou modernizar o processo produtivo. Em abril de 1995, trabalhadores rurais com o apoio do MST, ocuparam a área gerando tensão entre estes e os posseiros. Em 10.11.1995, o imóvel foi desapropriado por interesse social (INCRA – SIPRA, Informações do Projeto de Assentamento Córrego do Quixinxé, abr/2000).*

Os acampados não aceitaram a imposição do fazendeiro, pois suspeitaram da veracidade da divisão da terra e reivindicaram a área total da fazenda. Esse ato dos trabalhadores e trabalhadoras nos faz retomar a discussão dos clássicos sobre a resistência e/ou passividade política dos camponeses.

Wolf, um estudioso do assunto, explica que o grau de combatividade dos camponeses se diferencia segundo critérios econômicos. Quando Wolf trata de rebeliões e revoluções camponesas, ele ressalta a dificuldade destes agirem politicamente, principalmente

pela sua exclusão do campo de poder, e chama atenção para as diferenças entre os camponeses ricos, médios e pobres. Mesmo afirmando que os camponeses não podem ser tratados como uma massa indiferenciada, o autor destaca como características comuns as próprias condições de vida, como trabalho solitário, rotina anual das etapas da roça para garantir êxito na próxima safra, os laços de parentesco que auxiliam na ajuda mútua no trabalho e na proteção interna, e o nível econômico do grupo. As lutas camponesas são analisadas por Wolf e outros autores<sup>15</sup>, no sentido de descobrir quais são as condições que podem fazer os camponeses saírem da passividade para se tornarem revolucionários.

Acredito que a questão principal não é se os camponeses ou trabalhadores rurais formam uma classe revolucionária, mesmo porque não se pode tratar de maneira uniforme o que é diverso. No Brasil a multiplicidade se dá em diversos níveis - cultural, climático, econômico, produtivo, educacional, espacial, étnico. No Ceará também se percebem as diferenças que iniciam pela geografia - sertão, serra e litoral. O interessante é perceber a luta no campo como forma de resistência e a produção de subjetividade do grupo.

Na ocupação, os acampados, muitos deles antigos camponeses, não se enquadram mais nesse cenário traçado por Wolf, porquanto a vida no acampamento oferece outra experiência, a rotina é quebrada a todo instante, o trabalho é coletivo, a condição econômica naquele determinado momento é a mesma para todos e os laços de parentesco e co-parentais (relação de compadrio) tornam-se bastante resumidos, porque, ao partirem para ocupar, os grupos de parentescos se dispersam. Em Antônio Conselheiro, dentre as 150 famílias que vivem no Assentamento<sup>16</sup>, existem apenas 03 grupos com relações de parentesco, e um deles veio depois do acampamento.

---

15 Antropólogos como Teodor Shanin, Foster, Chayanov

16 Refiro-me apenas às famílias assentadas que vieram de outras localidades. Não estão contabilizadas as 50 famílias dos antigos moradores da fazenda, porque estes não fazem parte do universo da pesquisa.

Mesmo entre camponeses, essa forma clássica de definir o caráter revolucionário, segundo o estrato social, é passível de questionamentos. Moacir Palmeira (s/d) critica essa categorização, justificando que são as situações a que estão submetidos, e o nível de organização que impulsionam o agir político, e não uma prévia distinção pelo seu grau de pobreza.

Scott (2000) acrescenta que existem diferentes formas de resistência camponesa, entre elas, a “resistência cotidiana”, uma forma anônima e passiva, quase invisível, com uma aparência de conformidade, mas que de fato é uma tática de resistência, resultante de atos individuais de insubordinação que podem se transformar em técnicas próprias de agir contra o Estado, o fazendeiro, o latifundiário. Essas técnicas de resistência em geral não têm uma liderança extragrupo, uma coordenação interna formal e burocrática, uma disciplina; são diferentes de outros estilos de resistência caracterizadas pelo confronto direto e, por isso, são mais visíveis como as revoltas, as rebeliões, como a ocupação de uma fazenda, que desafiam a ordem, e, portanto, são vistas como pressão política.

Na ocupação há um confronto de forças, uma “resistência de confronto aberto”, mas existe também uma “resistência cotidiana”, que surge das necessidades materiais de auto-interesse. Para muitos acampados, especialmente os jovens, o sentido de resistência não está associado a um interesse imediato de transformação do sistema de dominação, mas à subsistência e à própria sobrevivência (SCOTT, 2000). São estas necessidades que podem impulsionar e mobilizar os jovens.

Uma suposta submissão dos jovens, não significa ausência de resistência, eles têm maneiras sutis de agir, que podem construir possibilidades de vida e que fogem à uniformização predeterminada na organização da luta.

A aparente calma do início logo se desfaz quando os trabalhadores e trabalhadoras têm que enfrentar algo que para muitos é estranho, pois o trato da lei, a relação direta com autoridades, as audiências, viagens a Brasília, são ações que os assustam.

Nesta ocupação, como na maioria das outras, foi eleita uma comissão para representar o grupo nas negociações locais e fora do Município. Esta comissão, nos momentos importantes, foi acompanhada por todo o grupo de acampados como um recurso de força e pressão.

Outro ponto importante na resistência dos acampados foi o conjunto de táticas<sup>17</sup> que os militantes do MST trouxeram de outras ocupações. Os acampados, à medida que experimentavam essas táticas, iam transformando-as segundo aquela situação, aquele momento vivido com tanta intensidade, pois, como diz Certeau (1994, p.100), *a tática é a arte do fraco*.

Por outro lado, as instituições estatais também têm suas estratégias<sup>18</sup>, uma das quais é a utilização do recurso da lei. A intimação às lideranças do acampamento para que estes respondessem formalmente pelo grupo foi uma maneira de amedrontar os acampados e as lideranças, uma manobra que evidencia o jogo de forças desiguais - de um lado os detentores da lei e de outro os fora-da-lei. Em Antônio Conselheiro, a intimação veio para três adultos, uma mulher e dois homens que compunham a coordenação do acampamento - pessoas conhecidas nas redondezas, que faziam trabalhos em sindicatos e CEBs.

*(...) quando eles foram chamados nós começamos a discutir com a coordenação como era que a gente fazia, porque nesse dia, nessa última chamada nós sabíamos que ia ser quentura, e se a gente não fizesse alguma*

---

17 Estou utilizando a categoria tática, segundo Certeau. *Chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha* (1994, p.100).

18 Estou utilizando a categoria estratégia, segundo Certeau. *Chamo estratégia o cálculo(ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa, etc)(1994, p.99).*

*coisa nós íamos ser despejados, porque já eram a quinta ordem de despejo que a gente recebia e conseguia negociar. Foi aí que a gente viu que tinha que fazer uma ação (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

A contra-partida dos acampados foi tentar “desfazer o jogo do outro” (...) “nesses estratégias de combatentes existe uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor” (CERTEAU, 1999 p.79). A tática dos acampados foi realizar uma concentração com um grande número de crianças em frente ao fórum de Aracoiaba, durante as quatro horas de audiência.

A ação parte do pensamento de que é preciso descobrir táticas para surpreender o outro, usando todos os tipos de astúcia. Nos conflitos de terra, é usual barrar a polícia e pistoleiros colocando à frente crianças e mulheres, mas neste caso, eles foram além: prepararam toda uma teatralização de suas experiências vividas naquele momento através das crianças, porque entendiam que dessa forma conseguiriam mexer com os sentimentos dos detentores da lei e da justiça.

*Então, reunimos os pais das crianças na assembléia e depois nos reunimos com as crianças e discutimos como era que essas crianças iriam, com as pessoas adultas, é claro. Então, discutimos um monte de coisas, discutimos que as crianças iriam chamar a atenção da justiça para que ela enxergasse uma realidade que a justiça não queria enxergar até aquele momento (Nikê, 33 anos ensino médio).*

Começaram os preparativos, reuniram todas as crianças e explicaram o que aconteceria no local, o que era um fórum, o que representava a juíza, e, por sua vez, as crianças também expuseram suas idéias para compor aquele evento.

*E aí o Marcelo, que hoje é militante do MST, na época era acampado e sem terrinha, ele deu a sugestão de a gente botar lona nos olhos, a gente fica cego. Então, a gente começou a dividir as tarefas, no outro dia arrumamos o carro do seu Antônio Preá, que era um apoio nosso e que tinha um filho acampado, e ele estava sendo apoio até o dia de posse (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

Após a conversa com as crianças, iniciaram os ensaios das músicas e coreografias. No dia da audiência, ao amanhecer, as crianças já estavam despertadas e eufóricas para se arrumar para o evento. Às sete horas chegou um grande caminhão, com capacidade para

aproximadamente sessenta pessoas adultas, contudo, foi possível acomodar mais de cem crianças entre 3 a 12 anos e alguns adultos para acompanhá-las, e assim as crianças partiram por uma estrada de terra. O balanço da carroceria apenas ajudava na animação daquelas vozes em cantoria.

Antes das oito horas as crianças já se encontravam em frente ao Fórum, formando duas grandes fileiras. Inicialmente ficaram de costas, com uma lona preta amarrada nos olhos. Quando a juíza chegou, iniciou a encenação: no final das fileiras apareceu uma família caminhando de pés descalços, pisando a terra, e nesse momento as crianças cantaram o hino do Movimento Sem Terra. Esse momento carregado de emoção envolveu a juíza que chegava, quando ela viu aquela cena, parou para assistir e, ao aproximar-se, as crianças viraram de repente, todas juntas, de frente para ela, tiraram a máscara e gritaram a palavra de ordem: “a justiça precisa enxergar porque nós também temos direito à vida e à terra”.

Dizem os presentes que a juíza entrou chorando no fórum, dizendo que não tinha condições de dar a ordem de despejo. Esta tática de envolvimento das crianças é bastante utilizada em outros movimentos de luta pela terra, e, neste caso, teve resultado afirmativo, uma vez que serviu de pressão e ao mesmo tempo como sensibilização da juíza.

O preparo da concentração parte da experiência e técnica dos militantes do MST, mas no ato de se organizar emerge a inventividade dos acampados, quando recriam sua estética.

Após esse evento a juíza revogou a ordem de despejo, e, a partir de então, foi iniciada a vistoria, terminada em novembro de 1995. O resultado concluiu que a fazenda deveria ser desapropriada por interesse social, foi considerada improdutiva.

A posição da juíza provocou duas reações diversas: do lado dos acampados despertou o sentimento de vitória, porque haviam conseguido seus objetivos, inclusive reconheceram a sensibilidade e a ação da juíza em relação à sua luta, tanto que lhe prestaram

uma homenagem, por esse ato e por outras ordens de despejo não autorizadas. Do lado da instituição jurídica a reação, segundo depoimentos dos militantes, foi transferir a juíza para outra comarca. Suponho que esse ato pode estar associado às forças políticas contrárias, segundo a exigência imposta aos magistrados, ou seja, frieza, imparcialidade e objetividade no trato das leis.

Conversei com alguns jovens que participaram daquela manifestação, quando crianças, e constatei que embora não lembrem dos detalhes, guardam na memória como um dos seus primeiros atos de resistência na luta pela terra.

Os jovens investigados neste estudo, no período que antecede o acampamento, viviam no campo com suas respectivas famílias. Grande parte deles, assim como seus pais, eram cultivadores rurais, porém distintos dos povos primitivos que eram cultivadores migratórios das florestas; e também diferiam dos camponeses tradicionais, que detinham a posse da terra. Estes jovens são filhos de trabalhadores rurais, assalariados rurais ou rururbanos, arrendatários, parceiros, foreiros, moradores, meeiros, agregados, sem terra.

A presença de muitos jovens atuando no acampamento desde a ocupação demarcou o potencial que nele havia de produzir microprocessos revolucionários, e isso despertou o interesse do MST em fazer algo novo naquela luta com a juventude.

*Os jovens eram quem enfrentavam as tarefas. É tanto que o Assentamento Antônio Conselheiro foi o primeiro assentamento em que o jovem teve direito ao cadastro. O INCRA, quando veio fazer o cadastramento das famílias, disse que a juventude não ia se cadastrar a não ser que a gente fosse arrimo de família ou tivesse filho. Resultado, nós fizemos um movimento com os jovens e todos os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro foram cadastrados. Na época, foi cadastrado jovens solteiros, independente dos pais. Os pais também foram cadastrados, então teve 38 jovens cadastrados. Esses jovens tinham acima de 18 anos e queriam ter o seu pedaço de terra (Nikê, 33 anos, ensino médio).*

O cadastramento dos jovens foi mais uma conquista da mobilização coletiva, e também demarcou, logo no início do Assentamento, a ação política dos jovens nesta luta.

Com essa iniciativa os jovens puderam afirmar seu poder de expressão e de representação no grupo, e com isso ganharam credibilidade para produzir os próprios discursos.

## 2.2 Acampamento - O Sentido de Ocupar a Terra

*São as relações econômicas e políticas dos homens que transformam a terra em terra de pasto e plantio; a mata em reserva de índios, drogas do sertão, látex, castanha, lenha, madeira, peles; o rio em reserva de peixes e caminho; a sombra em repouso; os espaços em lugares: sem fim, sertão, floresta, cerrado, seringal, centro, sítio, latifúndio, posse, fazenda, arraial. Assim, há a idade da droga do sertão, do descimento do índio, da borracha, do plantar para comer, do plantar para vender, da grilagem, da luta pela terra, da expansão da agropecuária, da violência do capital. São as relações sociais de produção que conferem à terra as muitas formas sociais que ela ganha (IANNI, 1978).*

A humanidade e a natureza sempre mantiveram uma relação simbiótica, com alternância de poder, ora a natureza impondo condições de vida, ora a humanidade transformando a natureza.

Uma das formas mais antigas desta relação é o cultivo da terra que, associado à domesticação dos animais, remonta à Ásia, por volta de 9000 a.C. Foi através do cultivo que terra fecunda tornou-se também a terra afeiçoada. A terra fecunda, brota, pare, e o alimento semeado desperta afeto, amor, desejo, posse, contemplação e respeito, àqueles que a cultivam. No decorrer da história a humanidade ocupou territórios e os transformou.

Quando os sem terra ocupam uma determinada área, não é qualquer terra que eles querem ocupar, mas aquela que tem o sentido combinado com o trabalho.

*Pra mim era um fato muito novo porque eu nunca tinha ouvido falar em ocupação de terra, a televisão e o rádio sempre falava em invasão, e eu sempre entendia que a terra que não está cumprindo a função social, que não tem alguém cuidando dela, então o ato de ocupar a terra não era invasão, era ocupar uma área que estava desocupada e não estava cumprindo a função social da terra, que é ser cultivada e produzir alimentos para os seres que moram nela (Posêidon, 27 anos, 7ª série, da Coordenação Estadual do MST).*

A chegada desses jovens no acampamento se deu em vários momentos, e, na maioria dos casos, acompanhando sua família, o que não significava necessariamente uma opção voluntária, pois alguns jovens, apesar de discordarem do ato da ocupação ou não se identificarem com o MST, vieram em obediência ao pai ou à mãe, mas, ao chegarem ao acampamento, mesmo no limite do caos, foram eles os que mais rapidamente reconstruíram suas vidas.

A maioria dos jovens pesquisados relatou esse início como algo afirmativo, mas também houve aqueles que demoraram a aceitar a mudança de moradia, de município, de escola, impostas pela sua família.

*Eu vim pra cá depois do meu pai estava aqui, uns dois meses depois, aí a gente veio pra cá, aí quando o pai voltou e queria me levar de volta também eu não queria voltar não, queria ficar aqui, aí o meu pai não, tem que ir mais eu, aí eu não, pai deixa eu ficar aqui, aí só um dia só que eu convenci ele de ficar ali, mas ele deixou uma moça ali que justamente eu voltei mais ela pra lá (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Quem veio primeiro pra cá foi o meu pai e mais os meus três irmãos. Em 1995 eles vieram na frente. Nós morava lá em Capistrano, é uma cidadezinha (Selene, 16 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Depois de uns três meses que meu pai veio pra cá, aí eu resolvi a vim, e voltei lá onde nós cinco moramos só passeio, mas depois que eu vim pra cá foi pra morar. Papai resolveu vir, só que ele não conhecia a luta, né, aí quando ele conheceu. Nós morava em Capistrano (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*A minha família, a minha mãe chegou no Antônio Conselheiro no dia 19 de maio de 1995, e saíram à noite e chegaram na madrugada do dia 20. Eu mesmo não, eu vinha, acompanhava, e foi no momento em que eu comecei a sentir amor, que eu teria que erguer uma maneira de começar uma outra coisa, foi aproximando-se da massa e eu senti que tinha que despertar essa idéia de movimento sem-terra e vim em outubro de 95 (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Os jovens neste acampamento se destacaram tanto pelo número de envolvidos como pela participação efetiva. Alguns deles já não eram apenas substitutos dos pais, guardadores de espaço, eram agentes, com seus discursos e práticas.

Percebi em conversas com esses jovens que a convivência no acampamento foi algo prazeroso, eles interagem e conseguem dinamizar a vida no acampamento, embora tivessem sentimentos de inquietação, insegurança ante o perigo, e muitas tarefas a cumprir. Muitos deles chegavam a partilhar com os adultos as responsabilidades da situação, e, mesmo nesse clima de tensão, eles conseguiam organizar grupos para cantar, tocar.

Os jovens têm boas recordações do período do acampamento, ainda que lembrem dos embates com os moradores e gerentes da fazenda, das dificuldades encontradas para obter provisões e das precárias condições de moradia em que viveram durante um ano. A vida no acampamento passa a ter outro significado, o próprio modo de ocupar o espaço, o tempo é coletivo, há uma experiência muito forte de cooperação, de captar de forma positiva a energia do grupo, transformando aqueles momentos em uma verdadeira sinergia coletiva.

O acampamento enseja aos jovens o encontro, momentos intensos de euforia e medo, de afeto e cooperação, a partir desse encontro emergem novos estilos de vida e de pensar, que possibilitam construir subjetividades, de produzir o novo.

Os primeiros meses no acampamento redefinem posições dentro da família, e, apesar de, aos poucos, cada uma delas demarcar seu espaço, no início a convivência é completamente coletiva, a divisão de tarefas é dos grupos e não dos membros de cada família, até porque alguns membros estão sozinhos. Durante um determinado período a família se desagrega, e o reencontro familiar depende principalmente de questões jurídicas com relação à terra e do envolvimento ou não dos membros que permanecem no lugar de origem.

No período de observação e convivência com os pesquisados percebi a multiplicidade dessa juventude. Quando ocupam a terra, as famílias são oriundas de locais e realidades diferenciadas. A maioria dos jovens vem acompanhando os pais. A situação mais freqüente é virem o pai e os filhos solteiros, mas também acontece de vir toda a família, ou apenas mãe e filhos. Alguns vêm da cidade, outros do próprio campo, podendo estes proceder

de regiões próximas ou distantes. Uma parte dos acampados não se conhece, alguns vêm com grupos de parentes, de vizinhos e de amigos, e, dessa forma, começam a acampar juntos, a dividir as lonas, a comida, os espaços e as lutas.

*Peço a Deus dê para competir, porque eu vim, sempre quando o meu pai ia pra lá nas lutas, pra ir pra Fortaleza nos acampamentos, eu ia no lugar dele, quando ele ia pra lá aí eu ficava, quando era no trabalho coletivo eu ia no lugar dele, sempre eu participei, graças a Deus vai dando pra gente ir levando (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Porque lá foi aonde eu conheci um acampamento, foi onde eu levei chuva debaixo de chuva, só não participei da ocupação porque eu tive medo, aí não deu certo (Pã, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

A experiência do acampamento para alguns jovens, a princípio, tem o sentido de encontro com o desconhecido, o novo, enquanto para outros jovens significa acompanhar a família, mas, à medida que eles despertam para a luta, a sua principal motivação no acampamento passa a ser o desejo de mudança.

### **2.3 A Vida no Acampamento**

Alguns jovens pesquisados chegaram à fazenda ainda crianças, e quando pedi que me falassem sobre a vida no acampamento, percebi que eles recordavam apenas os momentos de alegria por que passaram, a liberdade de que desfrutavam e a experiência de viver algo diferente. Uma das justificativas é porque, naquele período, enquanto os adultos ficavam em vigília, por conta da polícia e da repressão dos fazendeiros, as crianças ocupavam o tempo com brincadeiras. Mesmo para os jovens, a vivência do coletivo é muito forte, e fica guardada na memória de muitos deles.

Quando venceram a primeira etapa da luta, começaram a reorganizar a vida e a retornar a rotina, momento em que cada família em particular, e no grupo, passou a restabelecer as regras, as normas e o emprego do tempo. Mas os jovens queriam reconstruir

suas vidas de formas diferentes daquelas predeterminadas pela família, pelo acampamento e pelo MST.

*No começo aqui eu achava muito bom. Eu acho que era, a gente criança, né, brinca muito* (Selene, 16 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

A maioria das crianças e jovens vive o tempo do acampamento com muita alegria. Mas também houve aqueles que, ao chegarem ao acampamento, rejeitaram a vida empobrecida e a maneira mal acomodada de viver, e vendo esse período como um momento de sacrifício.

*Quando a gente veio pra cá eu chorava pra não vim e hoje eu choro pra não sair. (...) Eu mais gosto aqui é o jeito deles se organizar, a pessoa brigou com um tá brigando com todos* (Pã, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

O cotidiano no acampamento está sempre se recriando, contudo farei um relato de um dia no acampamento, lembrando a classificação das horas, do dia, da semana, feita por Lefebvre (1991, p.61). Tomando emprestadas as categorias de Lefebvre (ibidem), o emprego do tempo no acampamento está então dividido em três: o *tempo obrigatório (o trabalho)* que consiste nas atividades da roça, da horta e dos afazeres domésticos; o *tempo imposto (as exigências diversas fora do trabalho)*, que corresponde às assembléias, as reuniões das brigadas e as demais tarefas políticas, e o *tempo livre (o dos lazeres)* que coincide com os momentos de cantoria, danças e conversas noturnas.

Principalmente os dois primeiros tempos é que definem o cotidiano, como mostrarei a seguir. Seis horas era a hora combinada pelos acampados para o despertar, no entanto, a maioria já se encontrava de pé, por ser um hábito dos camponeses acordar muito cedo. Havia ainda uma atividade extraordinária ao amanhecer, não obrigatória, que incentivava a alfabetização.

*Era engraçado, cinco horas a gente despertava, a gente tinha aula para os companheiros adultos de cinco às seis, seis e meia tinha a assembléia e sete horas eles iam para o trabalho* (Nikê, 33 anos ensino médio).

Antes da assembléia, tomavam café com cuscuz de milho, com sua família ou grupo, e os responsáveis se dirigiam à fila para receber os gêneros alimentícios para a alimentação do dia.

Em seguida se dirigiam para o barracão, para realizar a assembléia geral diária. Quando havia necessidade, realizavam outras assembléias, principalmente nos primeiros dias, sempre ocorrendo uma assembléia no final das tardes. Como a assembléia do início do dia era considerada pelos acampados e militantes a mais importante, vou relatar a sua dinâmica e, didaticamente, a dividirei em três partes: a primeira é o momento de integração e de formação militante, a segunda de informação e de formação política mais ampla, e a terceira voltada para a organização do trabalho.

Todas as assembléias iniciavam solenemente com o canto do Hino Nacional e do hino do MST, depois cantavam, animados, as músicas do Movimento, da Igreja, e concluíam essa primeira parte com uma apresentação da mística.

Depois seguiam com o repasse dos informes sobre a situação interna e externa. Era o momento em que cada brigada fazia o relato das atividades realizadas no dia anterior, trazia suas questões e encaminhamentos. Depois passavam para os informes políticos, seguidos da discussão sobre as táticas a serem encaminhadas para continuar resistindo.

A última parte era o momento de fazer um balanço das atividades realizadas e da demanda para o próximo dia; em seguida a assembléia aprovava as prioridades e distribuía as tarefas por brigadas. Ao terminar a assembléia, cada brigada ia fazer as atividades acordadas na mesma.

O trabalho da roça se concentrava no período da manhã, a não ser que houvesse necessidade de trabalhar o dia todo, mas em geral, na época do acampamento isso não ocorria.

No período do acampamento, foram desenvolvidas várias experiências de roçado coletivo; nos primeiros meses não havia roçado individual, juntos, a maioria dos homens

adultos plantava milho e feijão, enquanto grande parte das mulheres fazia uma horta próxima ao açude.

O trabalho dos jovens era cuidar dos sítios, podando as árvores, limpando. Esses pequenos sítios, já existentes na fazenda, tinham as plantações de manga, cana-de-açúcar, caju e banana. As jovens se ocupavam dos afazeres domésticos, lavando roupa, cuidando das crianças, e algumas delas também trabalhavam na horta com as mães. Além dessas atividades, os jovens fizeram coletivamente roçados de milho, feijão e mandioca, havendo neste trabalho a participação de somente duas mulheres. É importante frisar que o roçado coletivo dos jovens teve maior duração que o roçado coletivo dos adultos.

Ao meio dia todos paravam suas atividades, retornavam ao acampamento para fazer refeição.

O almoço era feito em grupo, mas esses grupos eram bem diversificados. Se um barraco tinha muitas pessoas, ali poderia funcionar um grupo, enquanto outros eram formados por acampados que já se conheciam antes de vir para o acampamento ou que se conheceram porque eram da mesma cidade, do mesmo município, e conseguiram formar um pequeno coletivo. A comida era preparada dentro dos barracos, os gêneros alimentícios vinham apenas para o barraco designado por seu respectivo grupo e uma pessoa era escolhida para cozinhar. O cardápio quase sempre era arroz e feijão.

A parte da tarde era reservada para as atividades políticas. Às catorze horas a coordenação e os militantes do MST se reuniam para discutir assuntos políticos, e às quinze horas cada coordenador se reunia com seu grupo para socializar e debater os temas tratados pela coordenação.

Por volta das dezessete horas, era o horário de tomar banho nos açudes e se arrumar para participar da assembléia e das noites culturais.

Esta assembléia do final da tarde era para passar os informes importantes do dia e reunir todo o grupo para as atividades culturais.

Após o jantar havia os momentos mais alegres, quando aconteciam os encontros espontâneos, as pessoas se juntavam por afinidade, era momento de “botar conversa fora”, isto é, tempo livre para conversar qualquer coisa.

Os primeiros dias tinham essa rotina a ser seguida, mas, a todo momento surgiam fatos, visitas, atividades para desfazer essa seqüência de atos.

As noites eram sempre muito bem-vindas, os jovens principalmente, se reuniam para cantar, tocar e dançar forró.

Nas noites de lua cheia esqueciam até o horário do silêncio, passando das vinte e duas horas, momento habitual de se dirigirem à sua barraca para dormir. Pegavam a viola, a sanfona e um triângulo e ficavam cantando, conversando e admirando a lua.

Havia também as noites culturais incentivadas pelo MST. No dia de São João fizeram uma grande fogueira, improvisaram uma quadrilha, dividiram os casais para formar os pares; eram jovens, adultos, pessoas de mais de sessenta anos. Todos dançaram.

*(...) à noite era animação, violão, sanfona e um forró até umas horas da noite, então foi aí que foi explicado que tínhamos um horário de silêncio, até então horário de silêncio eu sabia que a gente tinha no trabalho, tinha em casa, mas não pensava que houvesse um cumprimento da forma que houve, né. Ou seja, nós tínhamos até dez horas para fazer zoada no acampamento, a partir de dez horas, a própria segurança externa e interna do acampamento passava pedindo aos companheiros, principalmente aqueles que estavam lá no forrozinho da sanfona, para que eles se recolhessem em seus barracos, porque dessa forma ficava melhor da segurança fazer a vigia porque eles não conheciam todo mundo, então qualquer pessoa que fosse pegue fora, pelo fato da segurança não conhecer, poderia ser um desconhecido e mesmo que não fosse iria dar trabalho porque teria que trazer esse companheiro para o barraco, então havendo esse recolhimento às dez horas ficaria mais fácil, a partir das dez horas, os companheiros trabalharem, e que exatamente era o horário que a gente tinha decidido na assembléia (Posêidon, 27 anos, 7ª série, da Coordenação Estadual do MST).*

As regras de convivência estabelecidas no período do acampamento eram bastante rígidas; havia proibições de bebida alcoólica, de entrada de estranhos; existia um ordenamento

no tempo e o controle das atividades. Dessa forma, o acampamento nos primeiros meses, principalmente, se tornou um espaço fechado, havendo por um determinado período um certo confinamento, mas, mesmo assim, ele foi vivido como momento de alegria e esperança.

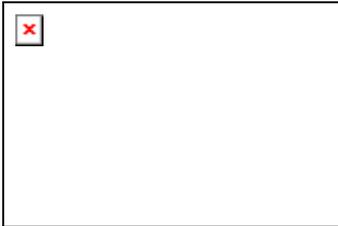
Para os adultos a vida no acampamento significava não ter mais patrão, não pagar a renda da terra e a perspectiva de ter sua própria terra. Para os jovens era sair da rotina, ter uma vida coletivizada e um sentido de mudança e de liberdade. Durante o acampamento, enquanto estavam todos juntos, diminuía o controle da família, os jovens ficavam mais tempo reunidos para conversar e brincar.

**II PARTE**  
**ASSENTAMENTO**

# CAPÍTULO I

## 1 ASSENTAMENTO: LUTA, CONQUISTA E ORGANIZAÇÃO.

### 1.1 O Que São Assentamentos Rurais?



O assentamento, além de ser um espaço físico constituído a partir de um projeto administrativo, é também, e, sobretudo, o resultado de lutas dos trabalhadores pela posse da terra (CARVALHO, 1998). Segundo o autor:

*A expressão assentamento é utilizada para identificar não apenas uma área de terra, no âmbito dos processos de reforma agrária, destinada à produção agropecuária e/ou extrativista, mas também, um agregado heterogêneo de grupos sociais constituídos por famílias de trabalhadores rurais (ibidem, p.7).*

O termo assentamento utilizado no vocabulário sociológico e jurídico surgiu em 1960, na Reforma Agrária da Venezuela (BERGAMASCO, 1996). Para Bergamasco (ibidem.), o assentamento rural se configura como uma política governamental de fixação das famílias no campo, através da criação de unidades de produção agrícola para fins de reforma agrária.

Um projeto de assentamento se concretiza formalmente através do decreto de desapropriação, mas a maioria deles tem toda uma dinâmica que antecede esse ato legal; é um

processo de luta, convivência, sociabilidade, experimentado nas ocupações de terra. Esse processo é vivido e percebido pelos jovens de uma maneira singular.

No Ceará, o mapa dos assentamentos se encontra assim distribuído: os assentamentos federais, de responsabilidade do INCRA, os assentamentos estaduais, de responsabilidade do IDACE e os assentamentos do projeto Banco da Terra. Do total de 556 o MST acompanha 259 assentamentos, conforme dados apresentados na tabela 5.

**TABELA 5- ASSENTAMENTOS NO CEARÁ**

	Assentamentos Federais	Assentamentos Estaduais	Assentamentos Banco da Terra	Total	Assentamentos ligados ao MST
Projeto de Assentamentos	288	38	230	556	259
NºFamílias	16.559	758	3.737	21.054	-
Área (ha)	672.281,46	26.479,87	147.931,14	846.692,46	-

FONTES: INCRA, IDACE, MST, 2002.

O INCRA efetuou 200 cadastros na Fazenda Córrego do Quixinxé. A maioria correspondia às famílias, totalizando 864 pessoas, sendo 401 mulheres e 463 homens. Dentre os cadastrados, 50 faziam parte do grupo de moradores e 150 do grupo dos acampados.

Os cadastrados preenchidos entre os acampados, naquele período, foram distribuídos da seguinte forma: 110 homens adultos com família, 02 mulheres adultas com filhos e sem marido, 38 jovens; destes, 36 homens solteiros e 2 mulheres solteiras.

No momento em que o INCRA foi efetuar o cadastro, para torná-los formalmente assentados, só havia 128 famílias das 280 que fizeram a ocupação. Durante o período de luta, uma parte dos acampados desistiu. Para completar o número de 150 famílias, os acampados buscaram parentes em outras localidades.

Embora todos os membros da família sejam denominados de assentados<sup>19</sup>, juridicamente o assentado é apenas aquele que é cadastrado pelo INCRA, e na quase totalidade são homens adultos, considerados pela Instituição como o chefe da família.

<sup>19</sup> Assentado constitui uma nova categoria social no meio rural, sujeito que obtém a concessão da terra.

Na situação mais recente dos 150 cadastros, continua predominando os homens casados e com filhos, existindo ainda oito jovens homens solteiros, duas mulheres com filhos sem marido e nenhuma jovem solteira (veja tabela 6).

Os jovens solteiros cadastrados no período do acampamento, ao se casarem passam a ser considerados adultos. As normas do assentamento em relação ao cadastro estão direcionadas para incentivar a permanência dos jovens após o casamento. Por exemplo, quando um cadastrado deixa o assentamento, há uma norma para que o cadastro fique para os filhos dos assentados. Outro exemplo foi quando dois jovens solteiros cadastrados que resolveram se casar, e neste caso os assentados decidiram repassar um dos cadastros a outra família, tornando-se a partir de então uma regra.

**TABELA 6 - FAMÍLIAS ASSENTADAS FAZ. CÓRREGO QUIXINXÉ**

Sexo, Geração, Est. Civil, Papel Grupo Familiar.	Cadastros/SITUAÇÃO 1996	Cadastros/SITUAÇÃO 2002
Homem, Adulto, Casado, Pai.	110	140
Homem, Jovem, Solteiro, Filho.	36	8
Mulher, Adulta, Separada, Mãe	2	2
Mulher, Jovem, Solteira, Filha	2	0

Fonte: MST, 2002

Este quadro mostra que, embora as mulheres do campo trabalhem em casa e na roça, sua força de trabalho não é reconhecida no momento do cadastramento. Existe um tratamento diferenciado e discriminatório, tanto entre os trabalhadores e trabalhadoras quanto nas instituições.

A importância do Assentamento Antônio Conselheiro para o MST pode ser identificada por vários aspectos, inclusive por estar entre os 15 maiores assentamentos, com área acima de cinco mil hectares, dentre os aqueles assistidos pelo Movimento.

O projeto de assentamento do Córrego do Quixinxé, assim como muitos outros do Ceará, pode ser considerado por alguns autores como uma política de reforma agrária, mas é,

principalmente, o resultado da luta pela terra, uma vez que o projeto de assentamento somente foi implantado após a ocupação.

Embora não seja meu objetivo fazer uma discussão sobre reforma agrária, é interessante trazer como indicação o debate recente que José de Sousa Martins (2000) levanta sobre o tema.

*A regulamentação da situação fundiária dos posseiros de extensas regiões do país foi e é um legítimo ato de reforma agrária porque impõe limites ao processo expropriatório que daria ao país uma estrutura fundiária muito mais concentrada e latifundista do que a atual (...) assentamento é a forma da redistribuição da terra, que é em que consiste, no essencial, qualquer reforma agrária. Reforma agrária é todo ato tendente a desconcentrar a propriedade da terra quando esta apresenta ou cria um impasse histórico ao desenvolvimento social baseado nos interesses pactados da sociedade (2000, p.101, 102).*

Sobre o mesmo tema, Bernardo Mançano Fernandes discorda de Martins, e defende a idéia de que política de assentamentos e regulamentação fundiária dos posseiros não constituem reforma agrária:

*Para se falar de fato em reforma agrária é preciso que exista – de fato – uma política nesse sentido, um plano com objetivos e metas para a desconcentração fundiária. (...) Se as famílias não ocuparem a terra, não há assentamento. Ao denominar a atual política de assentamentos de reforma agrária, ignora-se a história da luta pela terra e respectivamente os seus protagonistas (2001, p.44).*

Segundo Fernandes, existem ainda dois grandes problemas: o primeiro é a continuidade da expropriação, “ao mesmo tempo em que uma família é assentada, pelo menos duas são expropriadas ou expulsas”; o segundo consiste na “supervalorização das desapropriações, que, muitas vezes, possibilita ao latifundiário adquirir uma área maior do que a que foi transformada em assentamento”. Isso significa que “a implantação dos assentamentos cresce simultaneamente à concentração fundiária” (ibidem.).<sup>20</sup>

Os assentamentos rurais surgiram para responder à pressão das famílias sem terra que, organizadas, lutavam por terra e trabalho e foram se transformando em projetos

---

<sup>20</sup> Acerca dessa discussão sobre Reforma Agrária leia MARTINS, José de Sousa, Reforma Agrária: O impossível diálogo, São Paulo, Edusp, 2000 e FERNANDES, Bernardo Mançano. *Questão Agrária, Pesquisa e MST*, São Paulo, Cortez, 2001.

governamentais. A organização dos sem-terra, na década de 1980, apareceu num momento em que a dinâmica da modernização da agricultura apontava que “a questão agrária no Brasil estaria superada e que a reforma agrária seria uma medida fora do lugar e deslocada do seu tempo histórico” (MEDEIROS; LEITE, 1999, p.8). Contrariando esse diagnóstico, os conflitos de terra e as ocupações se multiplicaram por quase todos os estados brasileiros e os movimentos rurais recolocaram a reforma agrária em pauta.

A resistência dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, nesse momento, parte de uma aglutinação de forças para enfrentar coletivamente o latifúndio e o processo de modernização que, já na década anterior (1970), vinham introduzindo inovações na agricultura brasileira, ocasionando com isso profundas transformações no campo.

A grande mudança no processo agrícola, embora tenha se consolidado nas décadas de 1960 e 1970, foi iniciada desde o final do século XIX, com a formação de estabelecimentos industriais, inaugurando assim, uma fase diferente da economia brasileira (GRAZIANO DA SILVA, 1996). Entretanto, para melhor entender a dinâmica agrícola, é importante compreender a distinção entre a industrialização e a modernização do campo. Segundo Graziano (1996, p.30), a modernização da agricultura:

*Consiste num processo genérico de crescente integração da agricultura no sistema capitalista, especialmente por meios de mudanças tecnológicas e de ruptura das relações de produção arcaicas e do domínio do capital comercial, processo que perpassa várias décadas e se acentua após a década de 1960.*

Enquanto isso, a industrialização do campo, para o autor, representa um momento específico da modernização, a “reunificação agricultura-indústria”. Diz ainda que a industrialização “é o momento da modernização a partir do qual a indústria passa a comandar a direção, as formas e o ritmo de mudança na base técnica agrícola” (1996, p.32).

No período em que se modernizava a agricultura, o Nordeste vivia a consolidação do latifúndio, pois, no início da década de 1970 ele representava 18,5% dos imóveis e

ocupava 66,9% da área apropriada, enquanto o minifúndio representava 77,3% dos imóveis e ocupava 18,8% da área apropriada (ANDRADE, 1998, p.217). Além de manter essa estrutura fundiária, a política estatal de desenvolvimento do Nordeste implantou um modelo econômico que significou a reorganização da estrutura produtiva e das relações de poder no campo.

O Ceará, como todo o Nordeste, passou por esse processo de modernização, mas até a década de 1960, o Ceará ainda era dependente da pecuária extensiva, da agricultura de subsistência e do extrativismo vegetal. Nas décadas seguintes, o Ceará passou por profundas mudanças. Visando ao desenvolvimento regional e à competitividade internacional, o Estado fez grandes investimentos voltados aos grandes grupos econômicos para implantação da agroindústria e de programas de irrigação.

O investimento de capital necessita de espaço e condições favoráveis, por isso a disponibilidade de terra e a mão-de-obra a preços baixos tornam o rural uma área propícia para implantação de indústrias e turismo rural, ressalvadas as limitações relativas aos baixos níveis de educação vigentes no rural. Este último, além de ser uma fonte lucrativa, explora o sentimento ecológico e mostra-se como se fora um fator de desenvolvimento e de revalorização do rural.

Esses fatores intensificaram a diversidade da população do campo, e, se antes eram camponeses isolados, moradores, posseiros, fazendeiros, comerciantes, depois acresceram-se a estes os capitalistas agrários, empresários, funcionários, técnicos, assalariados, trabalhadores sem terra, agregados, assentados. Essa heterogeneidade opera mudanças que refletem diretamente na organização social e política, nas atividades econômicas e no funcionamento do campo. Os movimentos sociais se propagaram, assim também como os grupos religiosos, sindicatos, cooperativas, associações, e grupos informais de esporte, lazer e cultura. Os programas e projetos, tanto estatais como não governamentais, proliferaram no meio rural.

Diante desses fatos, como entender o rural brasileiro? Uma área em crise agrícola, onde as funções produtivas foram abandonadas? Um lugar de miseráveis assistidos? Ou um lugar em vias de expansão?

De fato, não existe única resposta, mas várias possibilidades, mesmo porque o meio rural brasileiro não é homogêneo. A diversidade no campo se caracteriza por fatores variados como clima, solo, relevo, governabilidade, poder local, organização e administração.

Mesmo considerando a heterogeneidade e as mudanças ocorridas, podemos afirmar que o campo continua sendo um território habitado e produtor de alimentos. O campo tem povoados com pequena concentração demográfica, mas também tem localidades mais habitadas, existem áreas onde predominam atividades agrícolas e outras onde as atividades não agrícolas se sobressaem, tais como: artesanato, piscicultura, extrativismo vegetal e mineral.

Apesar do crescimento do trabalho não agrícola no Brasil, acredito que não se pode comparar o Brasil com outras realidades de países desenvolvidos. Graziano da Silva, através de pesquisas, constata o despertar de um “novo rural”. Segundo o autor, essa denominação está caracterizada por um conjunto de atividades que, associadas, ganham importância na economia rural, quais sejam, atividades agropecuárias de subsistência, agroindústria, novas atividades agropecuárias (floricultura, piscicultura, fruticultura, etc.) e atividades não agrícolas (GRAZIANO DA SILVA, 1999).

Para o autor, esse conjunto de atividades e a urbanização do rural, evidenciam o “novo rural”:

*Já não se pode caracterizar o meio rural brasileiro somente como agrário. E mais: o comportamento do emprego rural, principalmente dos movimentos da população residente nas zonas rurais, não pode mais ser explicado apenas a partir do calendário agrícola e da expansão /retração das áreas e/ou produção agropecuárias. O conjunto de atividades não-agrícolas – tais como a prestação de serviços (pessoais, de lazer ou auxiliares das*

*atividades econômicas), o comércio e a indústria – responde cada vez mais pela nova dinâmica populacional do meio rural brasileiro (GRAZIANO DA SILVA, 1999, p.28).*

Considero prudente esclarecer que esse novo rural traçado pelo autor não corresponde ao perfil da maior parte do rural do Nordeste e do Ceará. O crescimento das atividades não agrícolas tem variações de acordo com fatores de influência naturais, como estiagem, enchentes, pragas, ou fatores externos, como a implantação de indústrias, por exemplo. Acredito que no rural nordestino, uma das fontes de sobrevivência mais importante das famílias rurais ainda é a renda agrícola; é evidente que se levando em conta a ausência dos fatores de influência citados.

O novo rural enfatiza o crescimento das atividades não agrícolas, principalmente o turismo rural, mas, apesar de ter conhecimento do investimento realizado neste setor, é preciso fazer ponderações para não incorrer em erros, como estabelecer comparações precipitadas entre países que já dominam este setor e o Brasil. Um exemplo é pensar que o meio rural brasileiro é composto por *part-time farmer*.

*No mundo rural dos países desenvolvidos o novo paradigma “pós-industrial” tem um ator social já consolidado: o part-time farmer que podemos traduzir por agricultor em tempo parcial. A sua característica fundamental é não ser mais somente agricultor ou pecuarista: ele combina atividades agropecuárias com atividades não-agrícolas. (GRAZIANO DA SILVA, 1999, p.5).*

O turismo, assim como a agroindústria, não oferece um número de empregos que possa transformar os trabalhadores rurais em trabalhadores em *part-time*. Uma crítica do Deputado Gerson Teixeira sobre o assunto é muito esclarecedora:

*Diversamente do que ocorre nas áreas rurais dos países desenvolvidos, no caso brasileiro, estamos distantes do estágio part time. Enquanto naqueles países, o agricultor de tempo parcial está diretamente associado, em tese, ao elevado grau de capitalização alcançado pelas formas de agricultura familiar, no caso perpassado pela intensa incorporação do progresso técnico o que gera trabalho excedente para uma mesma, ou elevada escala de produção, no Brasil, preponderantemente, a aplicação desse conceito não passa de grave distorção teórica, para fins de manipulação política.<sup>21</sup>*

---

21 Teixeira, Gerson, *Um Novo Modelo de Desenvolvimento Rural sob a Perspectiva do Governo FHC*, Documento do Núcleo Agrário/Secretaria Agrária Nacional do Partido dos Trabalhadores, Brasília, 08.03.1999.

A realidade rural brasileira continua muito dividida, pois se de um lado há grupos econômicos desenvolvendo uma agroindústria moderna, baseada em *commodities*, e/ou investindo em grandes empreendimentos não agrícolas, por outro, existem famílias trabalhadoras rurais pobres, produzindo sem nenhuma tecnologia, para tentar garantir os mínimos sociais. Portanto existem diversos rurais, diversas realidades, gerados por esse modelo de desenvolvimento adotado pelo governo brasileiro, que enriquece um determinado grupo e empobrece outro.

O agronegócio, modelo de desenvolvimento rural adotado pelo Governo do Estado do Ceará, se baseia no projeto dos agropolos, que objetiva levar ao setor agrícola a mesma política implementada no setor industrial.

Esse projeto de desenvolvimento apóia empresas privadas, através de incentivos fiscais, de terra a preços baixos, assistência técnica e infra-estrutura, a se instalar e investir no Estado, trazendo tecnologia mais avançada e investimento em novas culturas irrigadas, com ênfase na fruticultura<sup>22</sup>.

Enquanto os empresários recebem esses incentivos, os pequenos produtores e trabalhadores locais são excluídos do processo, primeiro porque não podem competir como gestores destes projetos, segundo, não podem ser aproveitados como empregados, porque no campo, falta qualificação da mão-de-obra para tratar com tecnologia avançada, e, além disso, a alta tecnologia utiliza um número reduzido de mão-de-obra.

Entregue à pobreza, o semi-árido está encontrando caminhos fora da esfera do governo, incentivado por ONGs, sindicatos, movimentos sociais e entidades ligadas à Igreja Católica, e têm sido assistidos através de projetos alternativos como cisternas de placas, casas de sementes, produção orgânica, aproveitamento do caju, projeto das cabras e sistema agrofloresta.

---

<sup>22</sup> Dados obtidos na SEAGRI, 2000.

Na segunda metade da década de 1980 houve um crescente aumento de desapropriações e implantação de projetos de assentamentos para agilizar a reforma agrária. A implementação de políticas públicas no espaço rural do Ceará se tornou mais visível através de projetos e investimentos feitos pelos governos estaduais e federais. Pode-se enumerar a partir de 1986 diversos projetos de apoio às famílias trabalhadoras rurais, como o Projeto São Vicente, Projeto Padre Cícero, Plano dos 100 dias, Projeto Áridas, Projeto São José, Programa Cédula da Terra, Programa Banco da Terra, PROCERA, PRONAF.

Embora o Estado do Ceará tenha sido palco de experiências nos projetos de reforma agrária propostas pelo governo federal, o nível de pobreza permanece concentrado no mundo rural. Pesquisas acadêmicas e avaliações realizadas por movimentos sociais e entidades que atuam no campo, analisam que as medidas e o volume de crédito têm sido insuficientes para atender a demanda de famílias sem terra e garantir a sustentabilidade dos assentamentos rurais no Estado.

Os recursos para implantação dos assentamentos, tanto no custeio da produção como na construção de habitação, têm sido insuficiente. Fazendo uma leitura das tabelas 5, 7, 8, e 9, pode-se comparar o número de famílias assentadas e o número de famílias atendidas com algum tipo de crédito recebido.

Um exemplo significativo é o trabalho de Alencar (2002) sobre o Programa Cédula da Terra, no Ceará. Segundo o autor, apesar deste programa ser apresentado como experiência bem sucedida, ocorreram diversos problemas, tais como: “evasão dos mutuários de aproximadamente 40% dos imóveis adquiridos”; “seleção do imóvel para compra”; pagamento da terra”; “assistência técnica, falta de recursos humanos e financeiros na EMATER-CE”; “BUROCRACIA no processo desapropriatório”; “minifundiarização do Programa Cédula da Terra”; “preço da terra”; “falta de vivência em associativismo”.

Assim como no Cédula da Terra, outros programas, planos e projetos têm apontado problemas semelhantes, como falta de estradas para escoar a produção, terra de boa qualidade, assistência técnica continuada e créditos, impedindo, dessa forma, o desenvolvimento dos assentamentos, embora deva-se ressaltar que alguns assentamentos tenham dado respostas afirmativas.

**TABELA 7 - Assentamentos no Ceará**  
**Nº de Projeto Criados/Famílias Assentadas - Período 1981 / 2002**

Período	Nº de Projetos Criados	Nº de Famílias Assentadas	Área (ha)
1981 - 1994	68	5.523	193.828
1995 - 2002	222	11.288	481.751
<b>Total</b>	<b>290</b>	<b>16.811</b>	<b>675.579</b>

Fonte INCRA 2002/2003

**TABELA 8 - Demonstrativo dos Créditos de Produção Liberados aos Assentamento no Ceará**  
**Período 1995 – 2001 (Nº de Famílias)**

Tipo	INCRA	Estado	Total	Valor - R\$ 1,00 #
PRONERA	4.129	204	4.333	28.405.045
PRONAF	3.674	-	3.674	28.325.323
<b>Total</b>	<b>7.803</b>	<b>204</b>	<b>8.007</b>	<b>56.730.368</b>

Fonte INCRA 2002/2003

**TABELA 9**  
**Demonstrativo dos Créditos de Instalação Concedidos**  
**Período: até 31/03/2002**

Tipo de Crédito	Nº de Famílias	Valor R\$ 1,00#
Instalação - Apoio	17.382	24.334.800
Instalação Mat. Construção	14.910	37.275.000
Mat. Construção - CEF	1.808	4.520.000
<b>Total</b>		<b>66.129.800</b>

A pobreza, tão ressaltada na vida rural nordestina, não é uma característica apenas do rural, pois no Brasil e na América Latina a pobreza se estende principalmente nas grandes cidades, onde a força de trabalho dispensada, e aquela que está chegando ao mercado, não conseguem ser absorvidas. Nos primeiros anos do século XXI, pode-se afirmar que a miséria atinge cerca de 4 milhões de famílias nordestinas.

A concentração de renda tem seu ápice na região Nordeste, e isso significa, em dados percentuais, que os rendimentos se dividem na seguinte proporção: 50 % dos mais pobres detêm 15,4% dos rendimentos e 1% dos mais ricos, 16,4% (IPEA, 2001). No caso específico do Ceará 4,1 milhões de habitantes ainda vivem abaixo da linha da pobreza, ou seja, 58% da população de 7,1 milhões de pessoas (IPEA, 2001. Dados 1995-2000). Esse *apartheid* revela uma exclusão social avassaladora.

O Nordeste não foi sempre o berço da pobreza e “atraso”, pois nos séculos XVI e XVII, era reconhecido pelo seu dinamismo econômico; a sua produção açucareira determinou um período áureo. Esse mesmo Nordeste foi posteriormente marcado pelas secas e pela depressão econômica. A tentativa de recuperar sua importância econômica, com a cultura do algodão em efervescência, foi superada pela descoberta do ouro em Minas Gerais. Com a competitividade entre a mineração e o algodão, foi impossível equilibrar a economia do Nordeste, e essa situação se agrava quando a cultura do café se intensificou no Sudeste. (MARANHÃO, 1984).

Desde o século XIX o Nordeste passou a ser uma preocupação, um problema de solução difícil, uma região caracterizada pelo atraso. Diante desse quadro, diversas teorias foram desenvolvidas, diagnósticos pessimistas foram elaborados para justificar a situação econômica da região, destacando-se dentre elas as condições climáticas ambientais e a formação étnica racial (ibidem).

Para desenvolver o Nordeste, os governos criaram órgãos públicos, comissões, bancos, e abriram suas portas para grupos econômicos das regiões Sudeste e Sul, e para os grupos transnacionais.

É nesse Nordeste de seca, de descaso político, que os jovens assentados e suas famílias insistem em permanecer. Ao desejarem permanecer no meio rural, desejam também um rural diferente, onde possam produzir uma nova realidade.

## 1.2 Do Acampamento ao Assentamento

*Há uma grande diferença entre acampamento na forma organizativa e na própria vivência das pessoas com assentamento. Primeiro, porque quando você está acampado você só tem um objetivo a conquistar, a terra, e todo mundo está marchando em cima dele. Então, união, organização, tudo que é preciso para conquistar essa terra, há essas possibilidades. No entanto, quando se torna assentamento aí a coisa complica um pouco mais, porque começa a entrar questões de governo, começa a cada um ir para às suas casas nas vilas, começa os roçados individuais, aí começa a voltar todo o processo (Nikê, 33 anos, ensino médio, da Coordenação Estadual do MST).*

Quando os cadastrados conseguem formalmente a terra, há um sentido muito forte de liberdade. O fato de não ter patrão, não pagar renda, de possuir uma casa de alvenaria, produz uma mudança de vida, mas essas conquistas também lhes impõem desafios. No assentamento um novo cenário é desenhado, o campo de forças e resistências passa a ter um novo funcionamento, monta-se um novo código de convivência.

Ao se estabelecerem como assentadas, as famílias desejam construir sua casa, sua roça individual e construir outra vida. Algumas das famílias tentam retomar a rotina, repetir a vida anterior, mas as condições são outras, e exigem que a vida seja reestruturada.

O acampamento produz condições de uma vida coletiva que parecem fracassar no assentamento, contudo, a organização dos grupos no campo material não significa que estejam em ruptura com as tentativas de singularização desencadeadas no processo de luta pela terra. Acontece é que no assentamento aparecem as diferenças, as divergências de grupos e pessoas.

Embora o assentamento continue a existir como potencialidade de resistência, se tornam mais visíveis atitudes que reproduzem modelos dominantes. Situações que envolvam dominação e controle social existem no cotidiano do assentamento, sendo operadas por líderes, grupos de assentados, militantes do MST, aliados, mesmo porque, tais situações estão na dinâmica dos vínculos sociais. Esses impasses fazem parte do processo de reconstrução da subjetividade, que não é linear, mas bastante diverso.

Ao se instalarem em suas casas, os assentados começam a construir outro modo de vida. Há os que se isolam e resistem submeter-se ao coletivo, à comunidade, o que pode significar que eles estão querendo se determinar, criando condições para sua autonomia. O risco reside naqueles homens e mulheres que se reduzem à vontade insaciável de apenas aumentar seu conforto, consumo e segurança, sem conseguir questionar valores dominantes; e diante da dominação e servidão política e/ou econômica, não agem, apenas reagem.

Os jovens e adultos assentados convivem com esses perigos, mesmo porque, ser assentado ou assentada, não os torna imune ao sistema, e também é muito difícil criar valores a partir de si próprios e escolher novos rumos.

O próprio MST, com seu discurso de transformação social, também reproduz modos de subjetividade ancorados em sistemas padronizados, desenvolve práticas arcaicas, quando poderia criar ações inovadoras. Mas também há momentos em que militantes do MST usam outro tipo de abordagem, desmontam a posição anterior, articulam seus discursos e suas ações, orientando-as no sentido de entrar em uma micropolítica da qual podem emergir processos de singularização.

Após o ato de criação do Assentamento Antônio Conselheiro, o MST permaneceu na área, e sua função nesse momento passou a ter o sentido de afirmar que a luta não chega ao fim com a conquista da terra. Nessa perspectiva, o MST inicia o trabalho de organização do assentamento com o discurso de preservação de interesses comuns, incentivo ao fortalecimento dos grupos de família e de trabalho, promoção de reflexões sobre a importância das práticas coletivas - tanto no que diz respeito à obtenção de recursos como na melhoria de vida no assentamento - e investe também na formação política dos assentados e assentadas, principalmente os jovens, para que estes continuem conectados à luta dos sem terra.

Mesmo assim, quando as famílias assentadas começam a reorganizar suas vidas, algumas delas tendem a abandonar a organização política e trabalhar somente para obter os créditos, e, nesse caso, passam a perceber a presença do MST como interferência e controle.

Outras famílias, ainda que reconheçam a importância da luta e legitimem a presença do MST no assentamento, colocam dificuldades em conciliar trabalho e política. A partir dessa falta de disponibilidade dos adultos e do envolvimento dos jovens nos acontecimentos políticos, a direção do MST resolve investir na formação dos jovens.

*Então, a maioria da luta nossa tem sido com o jovem, porque o seu pai não tem mais tempo de vir para a luta. Diz que tem umas aves, que tem um gado, procuram várias dificuldades (Nikê, 33 anos, ensino médio, da Coordenação Estadual do MST).*

A vida no assentamento vai sendo recriada no cotidiano e as famílias se deparam com novas situações que exigem outras formas de agir e pensar. Como diz Gomes (2001, p.140-141):

*O assentamento significa outro tempo, outro espaço, onde se investe na recriação das condições de vida. Elementos de subjetividade emergidos na construção da luta – a organização, por exemplo – podem ficar em segundo plano, porque produzir para sobrevivência torna-se uma questão de vida ou morte.*

A reflexão de Gomes me faz pensar que a opção pelo trabalho individual e a busca de crédito não significam que a luta não tenha produzido novas subjetividades, mas que o assentamento é um processo em construção, portanto, é diferente do acampamento, quando os acampados viviam uma situação transitória, um período de luta. As condições precárias de sobrevivência são assimiladas pelo grupo como parte de uma etapa a ser superada após a conquista da terra. Já no assentamento, o momento é outro, é tempo de produzir. Nesse sentido, há uma espécie de acordo entre os adultos, ainda que implícito, de que a política deve ser responsabilidade dos jovens.

No período do acampamento, os jovens interiorizaram muito mais aquele estilo de vida, as experimentações, as situações inesperadas, porque eles estavam abertos para

reconstruir seu modo de vida. Constatei isso quando, conversando com eles, afirmaram sua preferência pelo momento em que estiveram acampados.

*Eu achava bom porque a gente se divertia com os amigos, a gente naquelas barracas conversava muito e a gente brincava e era animado mesmo, sabe, e aí veio ano e veio outro ano e a gente foi conquistando a terra e pra mim foi se afastando aquela alegria que a gente tinha quando era nas barracas e aí foram fizeram essas casas, aí hoje a gente vive melhor, né, porque sai de baixo de uma barraca pra vim pra uma casa dessas com certeza melhora, mas aquela alegria mesmo que a gente tinha na época de acampamento não tem mais agora (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*No começo aqui eu achava muito bom. Eu acho que era, a gente criança, né, brinca muito (Selene, 16 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Na estruturação do assentamento, as prioridades dos jovens divergem daquelas dos seus pais, pois, enquanto os primeiros pensam nas novas relações, na organização dos grupos, na vida coletiva, os outros estão preocupados com as dificuldades de trabalhar com autonomia, de como gerir seu trabalho individual, como organizar a produção. Junto aos dois grupos (adultos e os jovens), se encontram os militantes do MST trabalhando aspectos econômicos e políticos do assentamento.

O MST incentiva os assentados a lutar por titulação coletiva e por alternativas de desenvolvimento que priorizem formas cooperativas de trabalho, ao mesmo tempo que oferece cursos de formação política e os estimula a integrar as ações coletivas de luta.

### **1.3 MST e a Organização do Assentamento Antônio Conselheiro**

Os militantes do MST, ao participarem da organização do Assentamento Antônio Conselheiro, traziam inicialmente orientações mais amplas das experiências acumuladas em outros assentamentos, mas, segundo os militantes, também respeitaram as particularidades do grupo e das condições geopolíticas da área. As reflexões que se seguem se referem a uma

experiência localizada, não cabendo generalização aos demais assentamentos constituídos no restante do País.

É importante ressaltar que alguns aspectos gerais das experimentações realizadas pelo MST na organização das famílias sem terra das áreas de assentamentos, serão citados porque considero crucial para o entendimento mais amplo da atuação do MST no Assentamento Antônio Conselheiro. Não me proponho analisar o MST nem seu corpo de dirigentes em sua abrangência nacional. As entrevistas realizadas com os militantes e os documentos analisados foram aparecendo a partir da necessidade do próprio estudo.

O MST tem uma proposta sistematizada para orientar a prática dos militantes na estruturação dos assentamentos, que contém sete ações combinadas, “construídas de maneira coletiva por centenas de companheiros e companheiras, pelos coletivos dos setores” (MST, 2001, p.5). Segundo o Movimento estas ações devem servir de orientação à prática do militante, portanto, merecem ser discutidas com as famílias sem terra desde o período do acampamento (MST, 2001, p.73).

Para efeito de análise, agrupei as sete ações em quatro blocos: terra, moradia, produção e formação política. O primeiro bloco trata de três ações que dizem respeito especificamente a questões legais da apropriação da terra. Iniciam com o monitoramento do projeto de assentamento na sua fase de elaboração e da divisão da área, realizada pelo INCRA; em seguida há a orientação da escolha dos lotes para que as famílias procurem se agrupar por afinidades; depois vem outra ação importante que é desencadear um processo de discussão sobre a titulação e posse da terra.

O segundo bloco de ações diz respeito à moradia e nucleação, e, neste ponto o MST propõe uma discussão do local das casas, alertando sobre o isolamento e a distância entre a casa e a roça, a casa e as fontes de água, a casa e as estradas, sugerindo ainda, que os assentados determinem uma área central para uso social e criem normas internas para criação

de animais. A partir da organização da moradia, o investimento seguinte é a criação dos *núcleos de base*, e estes são “a instância básica para a gestão do assentamento” (MST, 2001, p.84).

Para o MST, os núcleos devem se constituir espaços para discussão de todas as decisões do assentamento a serem votadas em assembléia geral, e o Movimento propõe que cada núcleo deve escolher dois coordenadores, um homem e uma mulher, que devem compor a coordenação do assentamento.

A produção é outra ação de destaque, razão pela qual o MST orienta a elaboração de um *Plano de Produção* para definir estratégias econômicas e formas de cooperação na produção. “Este plano de produção deverá ser objeto de discussão com as famílias como parte integrante da proposta. Ele deverá ser elaborado conjuntamente com os demais aspectos da proposta (organização da moradia, organização dos núcleos de base, formas de cooperação, titulação, etc.)” (MST, 2001, p.86).

A última ação se refere à formação política:

*O sétimo aspecto que deveremos combinar neste processo de organização dos novos assentamentos refere-se à formação, aqui compreendida não apenas como aquela onde as pessoas sentem em bancos numa sala de aula ou barraco de lona e estudam temas diversos. A formação também deverá servir como uma ferramenta de correção dos erros e de superação das contradições que o processo possa trazer. Portanto, ela também deverá ser compreendida como um método de acompanhamento do assentamento, uma formação “em movimento”* (MST, 2001, p. 92).

O texto mostra que estas ações foram elaboradas a partir de experiências recorrentes e, embora seja recomendada como uma orientação a ser seguida pelos militantes, em todos os estados onde o MST atua, traz uma ressalva sobre a diversidade de situações oriundas de fatores diferentes como número de famílias, tamanho da área, região, relação com o INCRA, etc.

No período da organização do Assentamento Antônio Conselheiro, essa proposta ainda não estava elaborada, contudo algumas dessas ações já vinham sendo gestadas durante seu percurso na luta pela terra.

O Assentamento Antônio Conselheiro, no ano de 2002, permaneceu apoiado pelo MST, e as 200 famílias assentadas estavam organizadas em três associações, duas das quais formadas por assentados que participaram da ocupação ou vieram depois a convite de parentes e amigos e, apesar de estarem divididas por município, trabalham conjuntamente. A terceira é formada pelos antigos moradores da fazenda que lá permaneceram, os quais, mesmo sendo assentados, continuam sendo chamados de moradores e mantêm sua vida isolada dos demais assentados.

A mais antiga é a Associação Comunitária dos Assentados e Assentadas do Assentamento Antônio Conselheiro, com 98 cadastrados e 72 sócios, e se localiza na Agrovila Umari, Município de Aracoiaba. A segunda é a Associação Comunitária dos Produtores do Assentamento Antônio Conselheiro, que tem 68 cadastrados e 108 sócios, agregando os assentados da Agrovila Córrego e Agrovila Sede, Município de Ocara. A terceira é a Associação dos Moradores do Assentamento Córrego do Quixinxé, com 50 associados.

Cada Associação tem a seguinte estrutura: um presidente, um vice-presidente, 1º secretário e 2º secretário, 1º tesoureiro e 2º tesoureiro, e um conselho fiscal composto de três conselheiros e seus três suplentes. Cada diretoria tem um mandato de dois anos.

Nas duas associações dos assentados as famílias são subdivididas em grupos de famílias e/ou grupo de trabalho. Além dos grupos de famílias, o Assentamento tem grupo de jovens, grupo de pastoral, grupo dos militantes, sendo os três últimos formados na sua maioria por jovens.

As decisões do Assentamento têm como instância máxima de deliberação a Assembléia Geral, formada por todas as famílias assentadas e cadastradas, e a segunda instância é formada pelos grupos de famílias.

Dezessete jovens de ambos os sexos estão à frente de algumas organizações - pastoral, cursos, campanha de formação de militantes e grupos de trabalhos. No caso específico das associações, o papel dos jovens solteiros se limita ao setor de esporte.

O grupo de família é o núcleo de base, mas aos poucos foi se transformando apenas em um grupo de trabalho, pela preocupação das famílias com a produção. O principal critério para formação dos grupos é a proximidade das casas que, por sua vez, parte de uma decisão anterior, cuja escolha foi definida pelo grau de afinidade.

A inserção dos jovens nos grupos de trabalho somente ocorre quando estes são cadastrados. Os jovens sentem necessidade de projetos de incentivo à sua participação, de forma ativa, no campo econômico no assentamento.

O Assentamento Antônio Conselheiro tem doze grupos de família e trabalho, distribuídos nas três agrovilas. Na Sede há um grupo e no Córrego, três, formando quatro grupos ligados à Associação Comunitária dos Produtores do Assentamento Antônio Conselheiro. Na agrovila Umari, existem oito grupos vinculados à Associação Comunitária dos Assentados e Assentadas do Assentamento Antônio Conselheiro. Cada grupo é composto por dez a quinze famílias.

A distância entre as agrovilas, a jurisdição de dois municípios diferentes e a existência de duas associações, têm ensejado uma relativa autonomia. Por essas razões, nos últimos anos o Assentamento tem tido duas coordenações, uma em Umari e outra no Córrego, esta última abrangendo também a Sede.

Segundo os militantes que moram no Assentamento, não há incentivo das diretorias das Associações à participação das mulheres e dos jovens nas assembleias.

*Às vezes as mulheres quando vão saber de alguma coisa já tem acontecido. Foram algumas pessoas votarem nas eleições que houve, eu, por exemplo, não votei, não estava lá no dia da eleição. As mulheres que vão participar são muito poucas (Nikê, 33 anos, ensino médio, da Coordenação Estadual do MST).*

A coordenação do Assentamento é formada pela direção das associações e os coordenadores de grupo de trabalho, e nesta coordenação existe apenas uma mulher, com a função de secretária. Em cada uma das diretorias das associações, dentre os seis cargos, um é ocupado por uma mulher, exercendo a função também de secretária.

A direção estadual do MST Ceará, ao sonhar reviver Canudos, além de mobilizar os assentados e assentadas a continuar na luta pela terra, propõe ainda a construção de uma comunidade alternativa econômica e politicamente. Esse sonho foi se desfazendo, quando a luta pela sobrevivência se instalou fortemente em cada família, cuja vontade era produzir mais para dar melhores condições de vida aos filhos.

Além da organização política, o MST ressalta sua preocupação com a organização do processo produtivo dos assentamentos, para sua viabilidade econômica. No início da década de 1990, o Movimento priorizou a cooperação como elemento estratégico de mudança, resultando na criação da Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil Ltda – CONCRAB, em 1992.

No caso do Ceará, é importante conhecer como iniciou esse processo. Segundo Damasceno (1993, p.142), antes de criar a cooperativa, o MST desenvolveu um trabalho educativo, na tentativa de superar a visão negativa e a desconfiança que os assentados tinham com relação ao cooperativismo. “Certamente foi com esta preocupação que o MST, contando com o apoio de órgãos como o INCRA e a EMATECE, desenvolveu, nos assentamentos, um Laboratório Organizacional de Terrenos”.

A experiência do Laboratório ensejou críticas entre os assentados, mas serviu para estruturar e implementar as cooperativas. “Para integrar as cooperativas criadas nos

assentamentos, o MST fundou no Ceará, em 1991, a Central de Cooperativa e Reforma Agrária, visando reunir as cooperativas, quer no aspecto da produção, quer quanto à comercialização dos produtos” (ibidem, p.144).

Antes da implantação das cooperativas, o MST-CE planejou uma capacitação dos assentados, mas, mesmo assim, ocorreram conflitos nas experiências iniciais do trabalho cooperativado e alguns desses conflitos permaneceram. Entre as principais dificuldades de manter a cooperativa destacaram-se a desconfiança, resistência ao novo, incompatibilidade com o MST e falta de compreensão da proposta (ibidem). Mas segundo a avaliação da autora, que acompanhou o desenvolvimento dessa iniciativa:

*O cerne da questão reside na visão que o rurícola possui acerca da propriedade da terra. A polêmica maior não se refere ao trabalho coletivo/comunitário e sim ao projeto, longamente acalentado pelo camponês sem terra, de possuir sua terra de trabalho, visto que ele esteve grande parte de sua existência trabalhando em terras de outrem, sempre sonhando em ter seu pedaço de chão (DAMASCENO, 1993, p. 148).*

Os motivos arrolados, que dificultaram a expansão das cooperativas, podem servir como reflexão para pensar o trabalho cooperativado nos assentamentos do Ceará e ajudar a compreender por que os jovens nos acampamentos e assentamentos, diferentemente dos adultos, demonstram interesse por trabalhos coletivos. Será por que o significado da terra e do trabalho é diverso entre jovens e adultos?

A situação da Cooperativa Central das áreas de Reforma Agrária do Ceará (CCA), após doze anos (1991-2003) de implantação, tem a ela filiadas três cooperativas de produção agropecuária e três associações.

Com relação à forma coletiva de trabalho proposta pelo MST, a avaliação de alguns estudiosos dos movimentos rurais diverge tanto nos aspectos econômicos como políticos. Deve-se ressaltar, entretanto, que em sua maioria os estudos são locais e em áreas restritas.

Para Navarro, Moraes e Menezes (1999, p.52), a coletivização dos assentamentos proposta pelo MST, no caso do Rio Grande do Sul, é analisada da seguinte forma:

*Um dos principais motivos de desagregação dos grupos organizados em cooperativas, nos moldes da proposta do MST, tem sido a falta de equivalência entre produtividade e a distribuição dos ganhos, nos grupos coletivos. (...) Também tem pesado na decisão, por parte de muitos assentados, de não se integrar às cooperativas formadas pelo MST, a excessiva hierarquização das atividades, que deixa em segundo plano os cultivos de subsistência familiar e prioriza o trabalho coletivo para o mercado. É interessante notar que um dos fatores que impulsionam o desligamento das famílias das cooperativas é a busca da autonomia considerada perdida na subordinação à divisão do trabalho, aos interesses e às normas impostas pelo grupo coletivo.*

No mesmo texto, os autores criticam as lideranças e destacam as potencialidades dos assentados.

*Mesmo com tal diagnóstico geral, muitas vezes, ocorre que os assentados, quando não constrangidos por imperativos ideológicos de suas lideranças, têm demonstrado criatividade e capacidade empreendedora notáveis (1999, p. 56).*

Dirigentes nacionais e regionais do MST afirmam em entrevistas que o trabalho coletivo faz parte da luta na construção de uma nova sociedade e por isso é a organização das famílias e a formação de militantes apresentam-se importantes. Nos seus documentos, a direção do MST diz que o objetivo de organizar grupos, associações, cooperativas, nos assentamentos tem o sentido de incentivar a permanência na luta após a conquista da terra.

Com relação às cooperativas implantadas pelo MST, Navarro (2002), em estudo mais recente, reafirma as críticas anteriores sobre a imposição deste tipo de trabalho nos assentamentos. Reconhece que, na segunda metade da década de 1990, com o crescimento do número de ocupações, o MST conseguiu garantir terra a um número expressivo de famílias sem terra, tornou-se mais presente na vida política, trouxe o debate da reforma agrária para a sociedade, obtendo com essas ações resultados expressivos que comprovam sua eficácia política e organizativa. Mesmo na economia, o autor destaca a importância do Movimento para o desenvolvimento local e regional.

*São vários os casos, por exemplo, de regiões antes relativamente “adormecidas”, do ponto de vista econômico, mantendo raríssimas atividades produtivas e que se tornaram relativamente dinâmicas, impulsionadas pela presença de assentamentos que foram formados na área e, igualmente com a chegada da organização dos sem-terra e seus líderes (2002, p. 212).*

Navarro, após apontar as experiências bem-sucedidas do MST, levanta uma “série de dificuldades e desencontros gerados pelas formas de ação e opções políticas selecionadas pelo Movimento” (2002, p.215). Suas críticas centram-se no excessivo controle social do MST sobre os assentamentos, tanto com relação a questões políticas como econômicas. O autor afirma que o MST atua como “mediador, sobre a aplicação de fundos públicos dirigidos aos assentamentos” (p.215), e arregimentador de militantes para formar quadros para suas ações públicas (ibidem). Para Navarro, a forma de agir do MST acaba repetindo a hierarquização tão criticada pelo Movimento.

Para o MST, instaurar um sistema de hierarquia, de disciplinarização, tem o sentido de manter a ordem na organização. Percebo que o MST, como todo movimento, vive suas ambigüidades. O discurso do MST é de ruptura com a cultura de dominação e servidão imposta no mundo rural, cujo modelo é “casa grande e senzala”<sup>23</sup>, mas ao mesmo tempo ele copia formas militaristas na sua organização. Entretanto, notadamente quanto à hierarquia e as estratégias, quase toda organização (empresas, associações, instituições, etc.), tem ao longo da história das civilizações utilizado o militarismo como modelo.

O MST, como muitas outras organizações, em alguns momentos orienta suas ações segundo o arcaísmo, mas, ao mesmo tempo, atua com vitalidade criativa. Este duplo registro possibilita o MST ter ações diversificadas, porque ora incentiva a criatividade dos militantes, ora disciplina e controla.

---

<sup>23</sup> Veja obra FREIRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro, Schmidt, 1933.

A direção nacional do MST realizou uma avaliação dos quinze anos de atuação (1984-1999) do Movimento e concluiu que, no seu percurso de luta, conseguiu obter várias conquistas em diversos setores. No campo econômico, conseguiu linha de crédito específico para reforma agrária, com o PROCERA, financiamento para a agroindústria, com o BNDES, implantou cooperativas centrais e locais, atuando em setores de produção, comercialização, serviços e crédito<sup>24</sup>.

Dados recentes demonstram o crescimento desse setor, e o MST conseguiu incentivar a criação e acompanhar cerca de 400 associações de produção, comercialização e serviços, 49 cooperativas de produção agropecuária, 32 cooperativas de prestação de serviços, 2 cooperativas regionais de comercialização e 3 cooperativas de crédito<sup>25</sup>.

No setor de educação, através de lutas localizadas, conseguiu 1.800 escolas públicas de 1ª a 4ª séries nos assentamentos. Desenvolveu um programa de alfabetização de jovens e adultos em parceria com a UNESCO e com 50 universidades, atingindo cerca de 19 mil pessoas. O MST conseguiu ainda fazer uma parceria com o Governo de Cuba e tem 48 militantes cursando Medicina naquele País. Em sete universidades brasileiras conseguiu articular, em regime especial, cursos de Pedagogia e Magistério para militantes e assentados, além dos cursos técnicos em Administração de Assentamentos e Cooperativas, Magistério, Enfermagem e curso médio no setor de comunicação, todos oferecidos pela Escola Técnica Josué de Castro (RS).<sup>26</sup>

As conquistas obtidas pelo MST, através da luta, são reconhecidas por todos os estudiosos dos movimentos sociais, embora apontem para alguns “desencontros” desse caminho de luta.

---

24 Veja Agenda MST, 1999.

25 Dados da Agenda do MST, 2003.

26 (ibidem)

Minhas observações estão localizadas no MST do Ceará, pois, durante a pesquisa, estive muito perto da direção local e percebi que suas ações ainda estão muito voltadas para um pensamento de mudanças macroeconômicas e macropolíticas, embora já desenvolvam ações de nível micro, quando se ocupam com o modo de vida nos assentamentos, quando perseguem o sonho de autonomia. O meu trabalho de campo, que durou mais de dois anos, me fez perceber com clareza que o MST, assim como qualquer movimento de tão grande porte, não tem um pensamento único, e por isso mesmo pode ter, e tem, focos de resistência.

Durante os dezenove anos (1984-2003) de existência do MST, foi possível acompanhar o aparecimento de vários movimentos rurais que se organizaram a partir da dissidência com o MST, e também lideranças nacionais, como José Rainha, que proclamaram ações independentes e contrárias às decisões gerais do Movimento. Pode-se, então, a partir destes exemplos, concluir que o MST não suporta o pensamento diverso?

Observando mais atentamente as ações do MST nos vários Estados, pode-se perceber também que, mesmo no interior do Movimento, eclodem ações políticas autônomas. Acredito que o MST busque uma identidade e uma unidade, mas não percebo que conscientemente possa querer um “telecomando” que controle as ações, o pensamento e os desejos dos homens e mulheres do campo.

Com relação ao MST do Ceará, percebi, durante a pesquisa, que as ações e discursos de militantes estão seguindo em direção a uma imensa vontade de se libertar de um sistema opressivo. Reconheço também que os militantes do Ceará, por fazerem parte de um movimento mais amplo, seguem uma referência, mas acredito que seja possível reorganizar suas vidas de maneira que possam construir um tipo de representação diferente, ou seja, sua própria cartografia.

Considero interessante lembrar que o MST é um movimento rural com raízes fincadas na terra e que nasceu com o apoio da Igreja Católica. Isso significa ter uma herança

de práticas e referências arcaicas e ser portador de crenças e verdades. Organizações com essa origem, em geral, trazem em seu bojo promessas de salvação que podem permear suas palavras de ordem, seus discursos, documentos, etc. Por isso, é possível pensar que, mesmo em suas ações libertadoras, essas organizações podem repetir, sem perceber, concepções conservadoras, reproduzindo assim modos de subjetividade dominante.

O MST atua na produção de subjetividade, mas, como questiona Guattari, quem não trabalha na produção social de subjetividade (movimentos, entidades, profissionais)? Ao mesmo tempo, retomando novamente Guattari e Rolnik (1996, p.34), “não existe uma subjetividade do tipo *recipiente* em que se coloca coisas essencialmente exteriores, as quais seriam *interiorizadas*”. Deste modo os assentados, jovens e adultos, não são receptores passivos de ideologias, eles podem criar dispositivos, podem estar sendo parcialmente vetores de mudança.

Embora o MST possa ser transmissor de uma herança de modelização conservadora, ele pode também atuar como transmissor de sensibilidades e de experimentações construídas na luta, e isso não diminui sua importância, ao contrário, valoriza sua forma de agir.

Uma das ações do MST, reconhecida inclusive pelos seus críticos, foi ter recolocado a problemática da reforma agrária para os trabalhadores e trabalhadoras do campo e para o conjunto da sociedade de uma maneira que mesmo a classe política mais conservadora e os grandes proprietários de terra não puderam escapar. O MST ganhou forças quando conseguiu se tornar articulador das negociações entre governo e sem terras e no seu percurso foi aglutinando movimentos sociais urbanos nos grandes eventos de repercussão nacional.

#### 1.4 Geografia do Assentamento

Uma característica peculiar do Assentamento é se localizar em dois municípios, Ocara e Aracoiaba. A distância do Assentamento Antônio Conselheiro para a sede de Ocara é de 13 km, 47 km para a sede de Aracoiaba, e 101 km para Fortaleza.

A área do Assentamento Antônio Conselheiro, segundo dados do INCRA, é de 5.651,6337 ha, sendo 3.543,0351 no Município de Aracoiaba e 2.108,5986 no Município de Ocara. O clima, como em todo município de Ocara, está caracterizado como semi-árido quente. A vegetação da propriedade é formada por caatinga.

As características do solo, quanto ao potencial agrícola, podem ser distribuídas em três classes: a primeira é composta por terras de grande potencial agrícola, cerca de 1.412,9084 hectares (25% da área); a segunda são terras relativamente boas para os cultivos ocasionais, e nos cultivos contínuos, somente quando a terra é protegida, e essa área equivale a 2.543,2351 hectares (45% da propriedade), enquanto a terceira é composta por terras impróprias para cultivos anuais, mas apropriadas para pastagens, florestas, correspondendo a 1.695,4902 hectares, (30% da propriedade)<sup>27</sup>. Quanto aos recursos hídricos, o imóvel possui o Córrego do Quixinxé, de caráter temporário, que no período da seca é abastecido pelos açudes existentes na propriedade (INCRA-SIPRA, 1995).

---

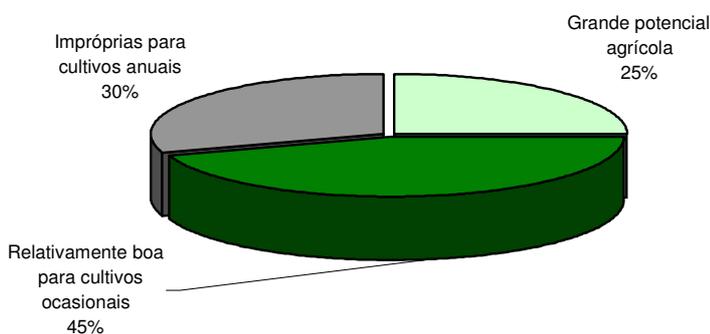
<sup>27</sup> Dados obtidos no documento *Lauda de Vistoria e Avaliação da Fazenda Córrego do Quixinxé*, nov/1995 – INCRA/Superintendência Regional do Ceará.

**MAPA – Localização da fazenda Córrego do Quinxé no Município de Ocara**

**TABELA 10**  
**Potencial Agrícola dos Solos da Fazenda Córrego do Quixinxé**

Potencial p/ Cultivo	Hectares	%
Grande potencial agrícola	1412,9084	25
Relativamente boa para cultivos ocasionais	2543,2351	45
Impróprias para cultivos anuais	1695,4902	30
<b>Total da Área</b>	<b>5651,63</b>	

Fonte: Incra/Sipra - 1995



Sua localização geográfica o torna centro político de outros assentamentos mais próximos. O Assentamento Antônio Conselheiro funciona como sede dessa região, segundo a divisão realizada pelo MST. Além da proximidade da rodovia, o assentamento tem uma casa para realizar as reuniões e cursos regionais. Outro fator que o torna centro político pode ser o significado político da sua ocupação. Tudo isso contribuiu para transformá-lo em um lugar central. Segundo Gillardot (1997, p.13), lugar central é o centro do território, mas não no sentido geométrico.

*Il faut prendre l'expression lieu central au sens de centre névralgique, à partir duquel s'organise le reste du territoire et son réseau de chemins. Tout territoire humanisé est agencé autour d'un lieu central et se trouve sous sa dépendance. Ce lieu central est le pôle de territoire (ibdem)<sup>28</sup>.*

A geografia do MST não segue a divisão oficial, pois tem outra lógica. Segundo os militantes da direção estadual, o Movimento agrupa os assentamentos por proximidade e facilidade de deslocamento.

Segundo Matos e Santos (2003, p.01), na última classificação das microrregiões brasileiras, efetuada pelo IBGE, a definição já não foi pela homogeneidade, mas pela forma de organização do espaço.

*As microrregiões geográficas surgem procurando absorver as transformações que foram se acumulando no espaço urbano e rural do país e, conceitualmente, guardam certa similaridade com outras classificações espaciais que se reportam a relações de dominação e interdependência dentro de espaços estruturados e hierarquizados.*

Quando comecei a pesquisa, as microrregiões onde o MST atuava tinham denominações regionais que seguiam a orientação aproximada das mesorregiões, mas os municípios não coincidiam com o mapa oficial.

Em 2001 o MST definiu renomear as regiões seguindo um indicativo político. Cada regional escolheu um nome que tivesse relação com a terra ou com a história de luta dos trabalhadores sem terra. Os nomes das regiões e seus respectivos significados foram discutidos nos assentamentos e posteriormente em um encontro estadual. A seguir colocarei a divisão política do território de atuação do MST com seus antigos e novos nomes, respectivamente.

---

28 É necessário tomar a expressão lugar central no sentido de centro nevrálgico, a partir do qual se organiza o resto do território e sua rede de caminhos. Todo território humanizado é colocado em torno do lugar central e se encontra sob sua dependência. O lugar central é o pólo do território (GILLARDOT, 1997, p.13).

**DIVISÃO GEOGRÁFICA DO CEARÁ SEGUNDO O MST**

<b>NOME ANTIGO</b>	<b>NOVO NOME</b>
Região Litoral I	Regional Francisco Barros 29
Região Metropolitana	Regional Denir 30
Região Litoral II	Regional Lenin Paz 31
Região Norte	Regional Roseli Nunes 32
Região Crateús	Regional Quilombo dos Palmares 33
Região Centro Sul	Regional Antônio Conselheiro 34
Região Cariri	Regional Caldeirão 35
Região Jaguaribe e Aracati	Regional Zumbi dos Palmares 36
Região Maciço Baturité	Regional Paulo Freire 37
Região Sertão Central	Regional Mandacaru 38

Fonte: Direção Estadual do MST-CE, 2002.

O Assentamento Antônio Conselheiro, segundo a geografia do MST, fica na região denominada Denir, antiga região Metropolitana. Essa região comporta os seguintes municípios: Ocara, Aracoiaba, Chorozinho e Beberibe. Os assentamentos destes municípios onde o MST atua são: Antônio Conselheiro, José Lourenço, Che Guevara, Denir, Vitória e os acampamentos são Antônio Conselheiro II e Umari.

O Assentamento Antônio Conselheiro é dividido em três áreas, distribuídas ao longo da rodovia. A Agrovila do Córrego e a Agrovila da Sede, com um açude entre elas, estão localizadas no Município de Ocara e a cerca de 3km se localiza a Agrovila Umari, pertencente ao Município de Aracoiaba, onde residem também os denominados moradores.

As informações documentais do SIPRA identificam o Assentamento Antônio Conselheiro como parte do projeto de reforma agrária consolidado, obtido através de desapropriação por interesse social em 10/11/1995. É um assentamento federal com o nome

29 Trabalhador rural do Município de Itarema-CE que morreu em um conflito de terra.

30 Trabalhador Sem-Terra que morreu em um acampamento no Município de Ocara -CE

31 Sem -terrinha filho de militantes, que morreu de acidente na rodovia no Assentamento Antônio Conselheiro, em Ocara-CE.

32 Trabalhadora rural que morreu em uma ocupação no Rio Grande do Sul

33 Mãe significativo quilombo do Brasil pela resistência dos escravos, localizado em Alagoas (1602-1694).

34 Líder de Canudos, movimento religioso que aconteceu no Estado da Bahia.

35 Movimento religioso liderado pelo beato José Lourenço, com apoio de pe Cícero, ocorrido no Ceará.

36 Líder do quilombo, liderou a resistência dos Palmares.

37 Educador brasileiro (1921-1997), autor de várias obras e do método revolucionário de alfabetização de adultos.

38 Planta freqüente nas caatingas, símbolo da seca e do Nordeste.

oficial de Córrego do Quixinxé, e, segundo o projeto, sua localização seria o Município de Ocara, na Microrregião de Chorozinho.

Com a imissão de posse, em 24/04/1996, o Assentamento foi estruturado pelos assentados e os grupos de família se reorganizaram. Enquanto não obtiveram recursos para construir as casas de alvenaria, permaneceram nas barracas, onde habitaram mais de um ano.

As novas casas foram construídas de alvenaria, cobertas de telhas, com piso de cimento, alinhadas em ruas, e, apesar de o INCRA fornecer um modelo de casa, os assentados as diversificam, principalmente nas fachadas e acabamentos. A maioria delas tem sete compartimentos, um avarandado na frente da casa, que eles denominam de “área”, uma sala, dois quartos, uma cozinha, um banheiro e uma dispensa. No fundo de cada casa há um quintal cercado com madeira amarrada de arame, onde criam as galinhas soltas e o chiqueiro onde criam os porcos. À frente da casa, há um espaço livre denominado terreiro, que é sempre bem cuidado, varrido todos os dias, alguns ornamentados com plantas de jardim, local onde nos fins da tarde sentam-se para conversar.

As residências possuem energia elétrica, com exceção de sete casas. Muitas delas possuem televisor e em algumas há geladeiras, a maioria das famílias possui fogão à gás, mas o utilizam parcialmente. A maior parte dos alimentos é cozida no fogão a lenha ou em fogareiros com carvão vegetal, e menos da metade possuem filtro. O rádio e a rede são objetos presentes e indispensáveis a todas as casas, e o uso da rede para dormir, além de ser um costume regional, facilita a distribuição das pessoas nos compartimentos da casa durante a noite e desocupa o espaço durante o dia, quando as redes são desarmadas, dobradas e recolhidas.

A sala é o local de receber as visitas, por isso usam uma cortina para tirar a visibilidade dos outros cômodos. É onde colocam na parede os quadros de fotografias de

família, cartazes e calendários do MST, e é também o espaço do televisor e do sofá, quando os possuem.

As roças de feijão e milho estão localizadas desde os arredores das casas até cerca de 6 km destas. Sobre o gado, um assentado explica:

*Como não chegou a infra-estrutura de organizar a parte das mangas menor, ou seja, o investimento ainda não chegou nesses assentamento, nós ainda não separamos, essa manga é pra isso, essa é praquilo, nós não chegamos nesse ponto ainda, mas a tendência é chegando o investimento nós fazer isso, nós temos manga de quase duas mil talhas.(...) A manga<sup>39</sup> é uma separação pra criação. É cercada, essa aí é cercada por fora e as roças é cercada a menor parte, né. (Dionísio, trabalhador rural, uma das lideranças da ocupação da Fazenda Córrego do Quixinxé).*

A comunicação dos moradores com o meio urbano, e que lhes serve de referência, é a sede do Município de Ocara, pela sua proximidade. Apesar da privilegiada localização de Ocara, em termos de acesso, e de ficar a 94 km de distância de Fortaleza, as suas condições socioeconômicas são bastante precárias.

---

<sup>39</sup> Manga no Ceará e na Bahia, quando se refere ao gado, significa “pastagem cercada onde se guarda o gado” (dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira).

## CAPÍTULO II

### 2 SER JOVEM

#### 2.1 O que é Ser Jovem no Mundo Rural



A infância e a juventude tornaram-se campo de estudos científicos no século XVIII (FLITNER, 1968). Diversas disciplinas com diferentes enfoques se ocuparam da infância para entender a origem do ser humano, e alguns desses estudos se estendem à idade juvenil, buscando apreender como nessa “fase” da vida acontecem as transformações do corpo e as mudanças de comportamento psicossocial.

O interesse de conhecer as *idades da vida* é uma preocupação antiga dos estudos científicos. Na Idade Média, as *idades da vida* ocuparam um lugar importante, tanto nos tratados como na construção da identidade civil.

Como diz Ariès:

*A idade do homem era uma categoria científica da mesma ordem que o peso e a velocidade o são para nossos contemporâneos. Pertencia a um sistema de descrição e de explicação física que remontava aos filósofos jônicos do século VI a.C., que fora revivido pelos compiladores medievais nos escritos do Império Bizantino, e que inspirava os primeiros livros impressos de vulgarização científica no século XVI. (1981, p. 34).*

As investigações sobre a juventude foram subseqüentes às da infância, tanto no que se refere aos estudos dos jovens urbanos como dos jovens camponeses.

As tentativas das ciências sociais de definir a juventude partem principalmente de critérios etários, combinados ou não, com critérios socioculturais e econômicos. A Sociologia da juventude tem trabalhado a partir de duas correntes de pensamento - a geracional e a classista. A geracional trata a juventude como conjunto social constituído por indivíduos de uma mesma fase de vida, e esta corrente enfatiza a unidade. A classista entende a juventude como um conjunto social diverso, formado por indivíduos com diferentes posições de classe (PAIS, 1993).

Muitos desses esforços chegam a concepções excessivamente redutivas, uniformizando a juventude como grupo social homogêneo, coeso, tanto no sentido mais amplo do conceito, quanto ao se referir a um determinado grupo com experiências aparentemente comuns, como, por exemplo, os jovens operários, jovens rurais, estudantes.

Esses critérios citados foram questionados por vários estudiosos da juventude, dentre eles Groppo (2000, p.8), que preferiu definir a juventude como categoria social, “criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”.

De fato, não se pode universalizar a juventude, como também é questionável agrupá-la apenas por seu espaço geográfico. Com o avanço da minha pesquisa, pude confirmar que as famílias assentadas não formavam um grupo homogêneo, linear, embora tivessem o mesmo modo de vida, todas trabalhassem na agricultura, morassem em casas semelhantes e partilhassem muitas situações comuns. Da mesma forma, os jovens também experimentavam processos bastante flutuantes.

Juventude Rural ou Juventude Urbana são categorias construídas socialmente. Quando se parte para delimitar o início e término da juventude que vive no mundo rural a

imprecisão é bem maior porque os critérios etários são mais variáveis. O que determina ser jovem no meio rural? Os critérios biológicos? A inserção no mercado de trabalho? A conclusão dos estudos? Existe uma juventude rural?

A idade entendida como uma construção social aparece sempre no contexto das relações sociais, portanto, ao tomar como referência as sociedades rurais, certamente esta noção terá especificidades diferenciadas das sociedades urbanas. Enquanto as urbanas demarcam essa fase de transição através da escolarização, como preparação ao ingresso no mercado de trabalho, no mundo rural a linha divisória que demarca a superação da infância e da juventude para a vida adulta é o casamento e formação da prole.

Para Bourdieu (1983, p.112), as divisões entre as idades são arbitrárias, objeto de manipulação. Diz ainda o autor que a divisão de idade é também uma repartição de poderes entre velhos e jovens. “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe.) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar” (ibidem).

Partindo dessa compreensão, percebi que, para melhor conhecer os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, era necessário investigar como funcionava o recorte de geração neste assentamento. Para tanto, precisei também pesquisar como se operavam no cotidiano as combinações entre idade, gênero, casamento, maternidade-paternidade, trabalho e a relação com a terra.

Em maio de 2003, o número de jovens solteiros com idade entre 14 e 25 anos, residentes no assentamento, era de cerca de cento e vinte jovens, distribuídos nas três agrovilas, e a maioria se concentrava na agrovila Umari.

No Assentamento Antônio Conselheiro, as atividades designadas aos jovens dependem da constituição de cada grupo familiar. Embora as relações de gênero tenham uma influência preponderante na divisão do trabalho, não estão isoladas de outras determinações,

como o número de filhos, a idade destes, o resultado da safra, as condições climáticas, o estado de saúde do pai e da mãe.

Em uma família constituída por moças e rapazes, torna-se aparentemente mais simples a distribuição de tarefas, ficando a casa com as moças e a roça com os rapazes, mas, mesmo nesta situação, cabem diversas variações. Se a família tem somente moças ou somente rapazes, as combinações tornam-se mais complexas. As mudanças de posição ocorrem por fatores diversos. Acredito que alguns desses aspectos podem ajudar a compor o desenho da juventude de outras áreas rurais e assentamentos no Ceará e no Nordeste.

A compreensão das etapas entre a infância e a vida adulta aparece nos diversos estudos como puberdade, adolescência e juventude, principalmente os que se referem às sociedades urbanas. As investigações antropológicas relativas a comunidades primitivas indicam que esta fase da vida, apesar de apresentar caracteres biológicos percebidos na sociedade urbana, não tem a mesma valoração no rural.

O conhecimento de aspectos históricos e a identificação de toda diversidade e classificações das idades da vida são referências importantes para se pensar como a idade foi sendo construída, reelaborada ao longo do tempo. Trazendo essa discussão para o Nordeste, o Ceará rural, os dados de identificação civil são bastante diversos, pois existem variações por sexo, faixa etária e escolaridade. No Ceará encontram-se ainda muitas mulheres adultas que desconhecem a própria idade, tal como acontecia nas sociedades camponesas na Idade Média: “raros são os homens e as mulheres que sabem sua idade exata (o que pode ser verdade também na sociedade aristocrática)” (PASTOUREAU, 1996, p.247).

No final do século XX, houve uma campanha no Brasil intitulada “Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documento”<sup>40</sup>, significando que muitas mulheres ainda não

---

40 Esta campanha foi lançada em todo o Brasil pela Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, em 1997, e no Ceará, em agosto do mesmo ano.

possuíam identificação civil, e para essas mulheres os diferentes períodos da vida podem percorrer outros atalhos. Com os jovens já se percebe uma aproximação maior com as precisões cronológicas, porque estão associadas ao tempo de ir à escola, à idade de votar, à idade do serviço militar, ao tempo de poder possuir um cadastro de terra; todos esses acontecimentos acompanham o desenvolvimento das crianças e jovens que vivem no mundo rural.

Na imagem medieval, “alguns jovens ou grupos de jovens jamais aparecem nela; outros raramente. Entre eles, os jovens do mundo rural, que como a classe camponesa em seu conjunto, figuram entre os grandes excluídos da iconografia medieval” (PASTOUREAU, 1996, p.248).

Os estudos sobre idade da vida no século XVII privilegiavam a fase da juventude, mas pouco se referiam às jovens mulheres e aos jovens rurais, indicando que a imagem do jovem forte e belo é direcionada ao jovem da cidade, burguês e do sexo masculino.

Perrot (1996, p.117) observou ainda as mudanças que ocorreram no século XX, apontando os primeiros indícios de uma mobilização política dos jovens operários, mas questionou a invisibilidade das jovens operárias. “Mas as moças, onde estão? Como a infância, termo neutro, a juventude é pensada no masculino”.

Essa invisibilidade das jovens mulheres, para o que Perrot chama atenção, é um fato desde a pólis grega. Contudo, é importante destacar que existem provas iconográficas sobre a inclusão das jovens na educação especializada. Mesmo não fazendo parte dos jogos do estádio, “elas eram poetisas, músicas, dançarinas e às vezes, até mesmo nadadoras e ginastas (...) para as jovens e as meninas, a dança é uma das chaves do saber viver” (SCHNAPP, 1996, p.52). Enquanto isso, os jovens tinham o domínio da caça, da luta e da corrida, demarcando dessa forma a divisão de papéis na pólis.

Os estudos que realizei sobre idade me situaram diante de um impasse metodológico: teria de pesquisar os jovens sem estabelecer uma faixa de idade? Ao pré-fixar uma idade biológica do que seria jovem no assentamento pesquisado, não estaria aprisionando esses jovens em uma faixa etária determinada de forma arbitrária? Para iniciar a pesquisa, resolvi optar pela divisão do tempo de vida, utilizada no discurso e na prática pelo MST e CONTAG.

Essa escolha não me impediu de olhar a juventude para além de aspectos biológicos, mesmo porque acredito que os parâmetros biológicos, jurídicos, econômicos e sociais, isoladamente, não respondem à diversidade de situações concretas em que vivem os jovens rurais.

Isso me fez refletir sobre o ciclo de vida no meio rural. Quando se deixa de ser criança no meio rural? Quando um jovem se torna adulto? Existe uma diferenciação dessa etapa do ciclo de vida com relação ao sexo biológico?

Para entender o que é ser jovem no Assentamento Antônio Conselheiro, parti da noção dos próprios jovens pesquisados e dos componentes observados durante o trabalho de campo.

Nos depoimentos que se seguem, quatro jovens - duas moças e dois rapazes definem o que é ser jovem.

*Ser jovem pra mim é ter alegria, né, tem muitos jovens que não tem alegria, mas eu me considero um jovem porque eu sou alegre, graças a Deus eu sou um jovem muito alegre (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Eu acredito que ser jovem é ser livre certo, ser livre não pra fazer tudo que vier ao seu pensamento, tudo que tiver a sua frente, não, pra fazer o seguinte, pra fazer coisas que amanhã não venha lhe prejudicar. Ser jovem eu acho que é a coisa mais maravilhosa que possa existir (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Ser jovem é acreditar, ser jovem é lutar, ser jovem é ser feliz, eu acredito que a juventude tem muito a ver com tudo isso, não sei se estou certa (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*É uma coisa que amanhã, depois é que vai levar esse assentamento pra frente, os pais da gente vão se aposentar e os jovens é que vão continuar na luta pelo assentamento. Ser jovem é ser uma pessoa que tem muitas possibilidade de ajudar nas lutas e ser uma pessoa que dá pra contribuir (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*É um processo meio difícil, mas é um processo onde surge muitas dúvida, assim porque você diante de uma sociedade onde existe tanta marginalização e tanto desemprego, você fica: se eu não tenho emprego eu acho que eu vou tentar ganhar a vida com prostituição, que o Brasil tá, cheio de garotas de programa. Mas por outro lado é um momento muito bom na vida da gente, você tem direito de disputar novas oportunidades, o mundo lhe oferece, só basta você querer e saber selecionar algumas delas porque tem uma que podem lhe levar para o caminho do bem e outras pro caminho do mal, Então a juventude pra mim se resume em muitas coisas, pelo menos pra mim, pra quem atua no movimento sem-terra, pra quem tem um sonho de construir uma realidade melhor, é bastante diferente de quem tem uma realidade fora (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

As formulações dos jovens me fizeram perceber que as fronteiras entre eles e outros jovens se diluem. O discurso muitas vezes se descola da vida real, portanto, dizer o que é ser jovem pode significar, para os entrevistados, uma reprodução de um discurso já elaborado, pronto. Deste modo, não é tão simples distinguir o jovem urbano do rural; a relevante influência da *mass-média* no mundo rural tenta universalizar condutas, estilos de vestir e de falar, o gosto musical.

Os meios de comunicação produzem uma forma de pensar e os jovens passam de certa maneira a se sentir parte desse universo proposto, se reconhecendo com um modo de ser jovem que o serializa, o torna “igual”.

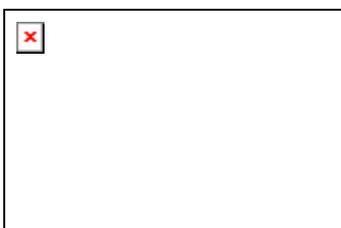
A cultura de massa tenta anular as diferenciações, uniformizando as aspirações, as necessidades e desejos das juventudes, e alguns estudos sobre a vida no mundo rural ocidental constatam que "já não se fala de juventude rural, mas de jovens no meio rural" (KAYSER, 1990).<sup>41</sup>

---

41 Veja o estudo de Kayser, sobre jovem rural na França, citado na bibliografia.

Por outro lado, muitas atitudes e formulações dos jovens assentados mostram como eles também se reconhecem na construção da luta por melhores condições de vida e demonstram preocupação com o desenvolvimento do Assentamento. Esse discurso, de uma certa forma, pode constituir também uma reprodução de um outro discurso – desta vez o MST.

## 2.2 Juventude e MST



Na década de 1990, a participação de jovens nos eventos promovidos pelo MST, nos planos estadual, regional e nacional, teve um crescimento significativo. Também nos setores do Movimento, a maioria era composta por jovens e estes ocupavam a linha de frente. Esses fatos motivaram atividades específicas com a juventude, como, por exemplo, encontros regionais e estaduais, curso prolongado de jovens, intercâmbio com jovens universitários.

Inicialmente, até a segunda metade da década de 1990, as experiências eram localizadas, mas logo os trabalhos com a juventude foram contaminando o conjunto do Movimento, o que significou um novo direcionamento no sentido da organização dos assentados.

O mapeamento de ações locais envolvendo jovens assentados mobilizou o MST a criar um setor específico para a juventude na sua estrutura, inclusive associando-o à idéia de cultura - *Setor de Juventude e Cultura*. Outra iniciativa foi incluir a organização da juventude como mais um desafio ao trabalho organizativo já desenvolvido nos assentamentos - associações, cooperativas, grupos de famílias, ciranda infantil e grupos de mulheres.

Em 1998, foi elaborada uma *Proposta para Organização da Juventude do MST*, e esta ressaltava que, para o Movimento, organizar os jovens significaria um salto qualitativo. O

texto destacava ainda a importância do envolvimento dos jovens para o sucesso de qualquer processo revolucionário (1998a, p.1).

A *Proposta para Organização da Juventude do MST* apresenta a concepção de juventude trabalhada pelo MST, onde foi possível identificar que o Movimento idealiza a juventude rural como vanguarda, portadora de rebeldia, espírito de coragem e luta, sensibilidade frente a injustiça e desejo de liberdade.

“O MST, acredita na garra, na rebeldia, na ousadia e na participação dos jovens, e ousa afirmar que os jovens têm capacidade de mudar e criar o novo” (1998a, p.2).

Essa imagem de juventude como sinônimo de rebeldia perpassa o imaginário coletivo no decorrer da Idade Moderna, pois nesse período, os jovens eram tidos como rebeldes, transgressores, aqueles que faziam desordem na sociedade.

Segundo Pastoureau (1996), os textos sobre juventude, desde a Antiguidade até o Renascimento, apresentam um discurso que se repete, “*em geral, a juventude é mostrada aí como turbulenta, ruidosa. Faz desordens, não respeita nada, transgride a ordem social e a ordem moral. (...) São insolentes e briguentos, crêem saber tudo*” (ibidem, p.259).

Algumas sociedades tratam essa rebeldia como catalisadora de forças no sentido positivo, enquanto outras associam a desordem como um mal a ser contido, cerceado.

Já a imagem de juventude como força é mais nova, pois foi construída nos séculos XIX e XX. A sociedade formou uma imagem dos jovens pautada em papéis que lhes foram atribuídos, nos valores e regras que lhes foram impostos.

Dois exemplos no mundo tornaram visíveis as projeções feitas à juventude - o fascismo italiano e o nazismo alemão. A juventude se tornou símbolo do fascismo, pois os jovens eram vistos como síntese da força, do amor, da beleza e do canto, – “jovem de idade e belo de corpo” (MALVANO, 1996, p.259). A imagem que se cristalizou era do jovem atleta,

enquanto as moças deveriam cultivar uma imagem esportiva e discreta, mostrando-se fortes e belas, sem, contudo abandonar a vocação familiar e doméstica (ibidem, p.271).

No nazismo, a juventude foi plasmada para ser dinâmica e competitiva, disciplinada e organizada. Os rapazes deveriam se dedicar à prática de esportes e ter uma preparação militar para enfrentar o campo de batalha. As moças tinham também a preparação esportiva, mas lhes era exigido um menor grau de desempenho. Outros conhecimentos importantes na formação das moças eram os primeiros socorros, técnicas de salvamento, defesa passiva e, principalmente, o aprendizado da maternidade (MICHAUD, 1996, p.302).

As múltiplas experiências envolvendo a juventude no decorrer da história, mostram as metamorfoses pelas quais passam movimentos e associações juvenis nas diferentes sociedades, o que reafirma a existência de juventudes diversas e mais variadas formas como estas são vistas.

Embora o culto ao corpo, a força e a vitalidade sejam considerados atributos dos jovens, prioritariamente no século XX, segundo Ariés (1981), nos textos da Idade Média, a juventude já aparecia como a idade da “plenitude de forças”.

Para o MST, a idéia de força da juventude das áreas de assentamentos está relacionada ao potencial revolucionário, à capacidade desta juventude de operar rupturas e confrontações. Na já citada “Proposta para Organização da Juventude do MST”, o movimento descreve “como deve ser um jovem do MST”:

*O jovem do MST deve ser a vanguarda frente a toda e qualquer opressão, ser exemplo vivo não perdendo o entusiasmo juvenil, estímulo, garra e coragem de lutar. (...) Expressar sua rebeldia e seu espírito de coragem e luta, com isso um grande senso de dever para com a sociedade que estamos construindo, com nossos semelhantes enquanto seres humanos, com todos homens e mulheres, o nosso compromisso de dever revolucionário (1998a, p.3).*

Dentre as ações que o MST propõe junto aos jovens dos assentamentos, uma é inicialmente realizar um levantamento da realidade dessa juventude, e, “oportunizar aos

jovens espaços para debater suas necessidades, incentivar e apoiar as iniciativas e a organização dos mesmos” (ibidem, p.4).

Nos últimos cinco anos, críticas têm sido feitas sobre o agir político do MST. Algumas o colocam como espaço de arregimentação e controle para os jovens. Mas acredito que, se o Movimento pode capturar miniprocessos de desejos dos jovens e sua liberdade de singularização, pode também estimular o surgimento de microvetores de subjetivação singular.

Portanto, a proposição que o MST tem total controle ideológico e político sobre as atividades dos jovens; não seria aceitar a concepção de que a juventude é manipulável e as organizações juvenis estão sempre à mercê do poder externo dos adultos? Estaria por outro lado negando os estudos que vêem a juventude dotada de capacidade de revolta e vontade de autonomia?

A análise de Groppo (2000, p.117-118) sobre a juventude e o nazismo ajuda a entender a relação dos jovens com organizações políticas, quando o autor destaca um ponto de singularização na juventude alemã através da formação de grupos de oposição ao nazismo, como as gangues juvenis e o movimento Rosa Branca e diz:

*Quando a autonomia da juventude é tornada símbolo e engodo ideológico, a sustentar uma mobilização cada vez mais compulsória para a organização juvenil oficial, ela recria-se e adquire o inesperado sentido de uma delinqüência ou de uma boêmia que brota “instintivamente” do seio da adolescência supostamente moldada pelas escolas e grupos nazistas, e, em plena guerra, a autonomia juvenil adquire o sentido de associação estudantil, secreta e de influência católica, que se rebela contra o incentivo, praticamente coercitivo, à natalidade, realizado pela política social nazista.*

Esse exemplo da juventude alemã mostra que não se pode pensar a juventude de maneira homogênea ou polarizar a “boa” e a “má” juventude, uma vez que a atuação livre e a atuação manipulada fazem parte do processo da luta política.

O paradoxo autonomia e controle tem sido analisado por pesquisadores de movimentos e grupos juvenis, assim como as ações dos jovens no nazismo, fascismo,

revolução cubana, romantismo, jacobinismo, blanquismo, nacionalismo, saint-simonismo, populismo e marxismo têm despertado o interesse de muitos estudiosos. Alguns destes trabalhos<sup>42</sup> mostram que se por um lado movimentos militaristas têm grande adesão dos jovens, por outro, sempre surgem movimentos paralelos se rebelando contra os primeiros.

Mesmo os grupos informais que pretendem ter mais autonomia sempre correm o risco de serem recuperados, mas é importante verificar no decorrer da história que diante da institucionalização há sempre um grito por independência.

Muitos dos jovens que vivem nos assentamentos tiveram oportunidade de experimentar no período do acampamento maneiras de fazer política através da organização, da luta e conquista da terra, e, embora o MST nesse momento tivesse bastante influência, não se pode pensar que as relações construídas e os novos modos de vida sejam um processo linear, preestabelecido pelo MST.

Com certeza, após a estruturação do assentamento, as famílias, embora tenham operado mudanças na forma de agir e pensar, ainda conservam muitos valores enraizados no mundo rural. O próprio MST tem sido criticado por incorporar um sistema de valor conservador, pois, quando diz aos jovens militantes ou aos sem-terrinhas como devem se comportar, ou quando procura dar aos jovens uma idéia muito particular de seu papel como futuros cidadãos, está impondo um modelo.

Essas atitudes fazem parte da dinâmica das lutas, como diz Guattari e Rolnik (1996) as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares. Isso significa que, ao nível molar, o MST tanto pode constituir uma organização com um programa para lutar pela terra e se opor à ordem dominante, como pode criar uma modelização que de certa forma reproduz a hierarquia, o poder dominante, mas, ao mesmo tempo, ao nível molecular, tentar

---

42 Sobre esses temas, leia GROppo (2000), MALVANO (1996), PASSERINI (1996), MICHAUD (1996).

preservar a autonomia. Segundo Guattari e Rolnik (1996, p.129) “Por mais opressivo que seja o campo sempre existe um certo grau de liberdade”.

No Assentamento, ainda é comum, mesmo depois da chegada da televisão, encontrar grupos de jovens reunidos durante a noite no terreiro conversando sobre os mais diversos assuntos. O terreiro é um lugar físico que no cotidiano se torna um espaço de convivibilidade dos amigos e vizinhos. Esses momentos de brincadeira e conversa demonstram que, apesar de os jovens estarem em constante contato com a televisão e os produtos que esta apresenta, eles “expressam particulares modos de ser e de estar jovens” (GROPPO, 2000).

No meu trabalho de campo, pude observar que, apesar de toda a influência da *mass-media* nos assentamentos, ela não conseguiu abolir as experimentações, nem apagar especificidades advindas da própria organização do espaço e da herança cultural de quem vive no mundo rural. É importante destacar que os jovens compartilham dessa herança, sem transformá-la em uma simples repetição do comportamento das gerações mais velhas.

As formas sociais do ambiente rural são amplas, comunitárias, e envolvem toda a família camponesa, tornando as condições de sociabilidade juvenil mais restritas (FLITNER, 1968).

Os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro demonstram em suas falas e ações que eles têm as famílias como referência, dado também comprovado em outras pesquisas<sup>43</sup> sobre juventude. Embora em grande parte das famílias rurais prevaleçam valores conservadores, para os jovens, a família é considerada um espaço de sociabilidade, elo afetivo e núcleo de sobrevivência.

---

43 Esses dados podem ser comprovados em várias pesquisas, inclusive na "Juventude Sociedade e Cultura", realizada por um grupo de pesquisadores e bolsistas da FACED-UFC, coordenada pela Dr<sup>a</sup>. Maria Nobre Damasceno, da qual fui integrante. Referida pesquisa, em sua primeira fase, aplicou 1180 questionários com jovens estudantes e, na segunda, debateu temáticas com três grupos focais na zona urbana e um no meio rural.

Quando falo de famílias rurais, já não estou pensando unicamente em unidade familiar como unidade de produção, como nos ensinou Wolf (1976). A família rural está mudando de perfil, já não é tão extensa, o grupo familiar se nuclearizou, diminuiu o número de filhos, contudo, os agregados e parentes se juntam e se separam conforme a situação das famílias com a terra.

Segundo Flitner (1968, p.58), o jovem do campo, quando deixa de ser criança, almeja passar logo à vida adulta, porque “toda consciência e a reivindicação de independência para organizar a vida, a audição de singularidade e da lei interior da própria psique e, em sentido mais amplo, a aptidão cultural, não lhes são sugeridas pelo ambiente”.

Nas minhas pesquisas empíricas e bibliográficas, percebi que as experiências associativas do campo estão voltadas para as famílias, para os adultos, e principalmente para o pai e provedor da família. Exemplo disso são os sindicatos, associações, grupos de produção. As mulheres adultas se organizavam nos grupos de mães, nas equipes pastorais e/ou em comissões de preparação dos cultos religiosos, estes, muitas vezes dirigidos por homens.

No caso das mulheres, esse quadro começa a mudar na década de 1980, quando as trabalhadoras rurais iniciaram a construir seu próprio espaço político e também integrar as organizações já existentes, tidas como espaço masculino. Já para os jovens, as formas de sociabilidade são mais espontâneas, pois, além da escola, as atividades esportivas e festivas são as maiores expressões de grupamento social juvenil.

No entanto, percebo que nos assentamentos esse isolamento da juventude começa a ter nova configuração, uma vez que os jovens estão nos movimentos mais amplos, porém são reconhecidos como agentes da luta. Nesse sentido, os jovens das áreas de assentamento têm formas diferentes de agir daquelas juventudes rurais que os precederam.

No Assentamento Antônio Conselheiro, a atuação dos jovens solteiros merece destaque. No período em que o INCRA efetuou o cadastramento, o critério adotado pela

Instituição, a princípio, foi assentar os “chefes de família”, ou seja, os homens casados. O movimento dos jovens foi tão intenso que sua reivindicação resultou uma grande conquista. Na época, conseguiram cadastrar 38 jovens solteiros, sendo 36 homens e duas mulheres. Outra conquista configurou-se quando alguns desses jovens conseguiram a terra com apenas 18 anos, independentemente de os pais serem também cadastrados.

Esse fato foi um marco na luta, por ser o primeiro assentamento a cadastrar todos os jovens solteiros envolvidos e com dezoito anos, e ainda por ampliar esse direito a todo o Estado do Ceará, mesmo que depois de algum tempo o INCRA tenha voltado a cadastrar somente com 21 anos.

A presença do MST no Assentamento Antônio Conselheiro contribuiu para esse envolvimento político dos jovens. Mesmo após a conquista da terra, muitos jovens permaneceram no MST, participando ativamente dos acontecimentos políticos internos e dos externos ao Assentamento. A participação em grupos de jovens retoma a questão da idade, quando os próprios jovens se referem ao envolvimento político.

*Quem ia para o grupo de jovens antes de se juntar era a minha irmã. Eu nunca fui (Selene, 16 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*(...) essa nova direção, um jovem, porque o Adair é um jovem, ele tem uns vinte e seis anos, e hoje é presidente de uma das associações, apesar de não se sentir jovem porque já tem filhos, mas ele não se sente jovem mais de jeito nenhum, quando eu chamo ele para ir aos encontros de jovens ele diz: “eu não sou mais jovem!” Tem vinte e seis anos, então tu ainda é jovem. É uma tarefa muito grande pra ele, e ele é um dos mais jovens (Nikê, 33 anos, ensino médio, da Coordenação Estadual do MST).*

Embora a idéia recorrente seja de que, ao constituir família se deixa de ser jovem, aparecem também nas falas dos jovens pensamentos que ampliam esta determinação, dando grande elasticidade a essa faixa etária:

*A juventude eu acho que ela é eterna, se eu tenho 20 anos não quer dizer que só porque eu tenho 20 anos eu sou jovem, eu acredito que a juventude é eterna, ela é eterna pelo seguinte, porque se você tem 50 anos, mas se você tem força de vontade, vibração, você quer viver, então você é eternamente jovem. Você tem um espírito, a carne humana nós sabemos que com o tempo*

*ela vai se desfigurando, vai ficando murchinha, mas se você tem sempre um espírito cheio de energia, você quer sempre viver, eu acho que a juventude é eterna* (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

### **2.3 Vida Cotidiana no Assentamento Antônio Conselheiro**

A situação dos assentamentos é diversa, pois algumas famílias conseguem galgar um nível bem superior ao que tinham anteriormente. Além da terra, a população residente tem adquirido casa, máquinas e créditos. Outras permanecem em condições precárias, principalmente pela dificuldade da água e incentivos de melhoramentos na região.

No Assentamento Antônio Conselheiro, a atividade econômica prioritária, assim como nas demais áreas dos Municípios de Ocara e Aracoiaba, é a agropecuária. As culturas predominantes são milho, feijão, algodão e castanha de caju, e as secundárias são arroz e mandioca. A área destinada à lavoura corresponde a 300 hectares. A pecuária é também uma atividade econômica importante das famílias, haja vista que cerca de 70% delas criam gado, além de ovinos, caprinos e galinhas.

O Assentamento se desenvolveu em termos econômicos, possuindo uma infraestrutura que favorece o crescimento econômico de todo o grupo, tanto pelo que lhe foi repassado da fazenda como pelas conquistas de créditos. Os bens coletivos adquiridos foram: 3 casas grandes, 2 tratores, 2 máquinas debulhadoras de milho, 2 máquinas debulhadoras de feijão, 1 máquina piladeira de arroz, 2 casas de farinha, pulverizadores, carroças, animais de trabalho (cavalos, jumentos), pipa, roçadeiras (ferramentas para usar na roça), tambores para armazenar os grãos, cultivadores (arado), apriscos (currais para as ovelhas), mais de 10 silos para armazenar forragem (comida de gado).

Para facilitar o deslocamento, as famílias foram adquirindo seu próprio meio de transporte, e, no Assentamento, existem, aproximadamente, 22 motos, 7 carros, e a quase totalidade das famílias tem uma bicicleta.

O trabalho coletivo no Assentamento é quase inexistente, cada grupo familiar possui sua roça de feijão e milho, a quase totalidade cria ovelha e bode, além de gado bovino. Apesar do crescimento econômico e da proximidade da rodovia, continuam comercializando seus produtos por meio de atravessadores. As compras para casa e para membros da família são feitas na sede de Ocara.

A dificuldade de desenvolver um trabalho coletivo, como propõe o MST, esbarra no isolamento histórico ao dos seus antecedentes. “As suas condições individuais e familiares de trabalho, isoladas, produzem também uma consciência, uma visão de mundo, que reflete, que expressa esse isolamento” (MARTINS, 1980, p.15).

Os jovens de ambos os sexos do Assentamento Antônio Conselheiro trabalham desenvolvendo atividades relacionadas à roça, ao cuidado com os animais e a casa, e suas tarefas são subordinadas às decisões do pai ou da mãe.

*(...) sou agricultor, eu trabalho junto com o meu pai, nós planta junto, colhe junto. Eu trabalho até meio dia e de meio (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Já trabalhei na roça, depois que eu fiz uma operação eu não fui mais trabalhar na roça não. (Selene, 16 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Trabalho só na questão doméstica, eu ajudo a minha mãe, uma menina que mora com a gente a desenvolver, eu não sei porquê mais eu não tenho muito dom pro roçado, eu posso observar, vê assim alguma coisa, mas eu não tenho muito dom, não. (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*De manhãzinha quando a mãe não tá em casa eu faço o almoço. Quando ela tá eu me levanto arrumo meu quarto e sento ali pela área, vou ler algum livro do MST, ou daqui do colégio mesmo quando eu tô estudando que tem que ler, mais não sendo, eu pego os livros, revistas do Movimento e me sento ali e vou ler, vou discutir alguma coisa. Eu já tô pegando peso, não tô podendo pegar peso, o pai não deixa, meu pai nunca deixou, às vezes assim que eu acho bom botar água, se num açude longe que vai três quatro pessoa*

*é que eu acho bom porque a gente vai brincando, cantando, mas o pai não deixa* (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*De manhãzinha cedo vou pro colégio, começo a trabalhar de 7 às 11 horas, quando chego em casa ajudo a minha mãe nas tarefas de casa, que eu acho que é o dever de todas, né, e agora eu tô de férias e no dia a dia...À tarde quando eu não tô de férias eu programo a aula do dia seguinte, à noite eu vou assistir uma televisão, oito, oito e pouco, vou pro meu quarto, leio alguma coisa e acabo dormindo.* (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

As atividades desenvolvidas pelos jovens são predeterminadas, segundo sexo e idade, mas existem variações com relação a cada família e seus membros. Embora possa se dizer que as atividades da casa sejam específicas das mulheres e a roça dos homens, existem fatores que alteram essa regra, como, por exemplo, impedimentos de saúde, assim como tarefas que são atividades que podem ser realizadas pelos rapazes e moças, como colocar água, plantar e colher, conforme a composição familiar. Há ainda atividades específicas como, por exemplo, a de professora.

Um dia de atividade cotidiana dos jovens, de segunda a sexta-feira, pode se diferenciar, conforme sexo, família, calendário agrícola, período escolar, dentre outros.

O dia começa às 5 horas da manhã, para aqueles que estão ligados ao trabalho agrícola, em geral os rapazes. Eles acompanham o pai, e, quando os roçados são distantes da moradia, costumam levar a “merenda” para fazer seu desjejum na própria roça. Para os que fazem a refeição matinal em casa, a primeira refeição é feita e servida pela mãe, por volta das seis, sete horas. Após o café com pão de milho (cuscuz), os membros da família que se encontram em casa saem para roça ou permanecem para cumprir suas tarefas.

Embora haja uma divisão sexual e geracional do trabalho, as atividades se diferenciam também pelo número de pessoas em casa, se a família tem somente filhos homens ou só mulheres. O abastecimento da água, por exemplo, é feito pelas jovens mulheres, mas dependendo da distância entre casa e açude, ou poço, ou cacimba, pode ser realizado por rapazes.

*Meu trabalho é quando tá faltando água botar água pra casa, vou pra roça mais o pai (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Sobre a divisão sexual do trabalho, outro jovem relata como na sua família as atividades são bem distribuídas:

*Aqui tem os trabalho dividido, porque as menina tem umas que vão botar água, lavar as vasilha, varrer a casa, bater roupa, e os homens é o trabalho deles são o trabalho mais pesado (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Quando perguntei o que era o trabalho pesado, ele respondeu:

*Mais pesado é um trabalho na roça, né, o trabalho delas é um pouco mais maneiro. É um trabalho que é mais adequado pra homem, né, as mulheres vão pra roça, mais sempre é mais maneiro os trabalho dela, elas plantam, colhe feijão. Sempre elas contribui também. Meu trabalho é brocar, arrancar toco, juntar mato, fazer cerca, cuidar de gado, de porco (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Então perguntei se “botar água” era trabalho leve ou pesado ele explica que:

*Mesmo que não seja um trabalho assim um pouco leve, mas a pessoa que vai pra roça tem que sair cedo e as pessoa que fica em casa divide as tarefa, uma vai bater roupa, outra vai lavar as vazia, barrer a casa e as outra vão pra água (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

A forma de pensar desse e de outros jovens assentados parte da experiência da vida cotidiana, das atividades que desenvolvem, do lugar que os diferentes membros de suas famílias ocupam no grupo doméstico. É a partir desses fatos que esse jovem justifica a separação casa e roça, como unidade de consumo e unidade de produção, respectivamente.

*Os trabalho dentro de casa é sempre com as menina. Porque trabalho assim de casa é sempre com as mulher, né, já vem desde o início do mundo, que sempre ficou as mulheres pra cuidar de casa, né, quando o homem chegar da roça ter o almoço dele pronto, mesmo que não teja botado, mas enquanto ele for preciso tomar um banho teje pronto (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

As relações de gênero no meio rural devem ser tratadas de forma singular, uma vez que as especificidades do trabalho da roça adquirem uma teia de significados. A roça fornece os produtos alimentícios necessários às condições de sobrevivência da família e o pai

é seu principal responsável, por isso mesmo, ele se torna também o provedor da família. Como analisa Heredia (1979, p.79), “as tarefas desenvolvidas no roçado são consideradas como portadoras de um caráter determinado e único: é o trabalho ligado à terra”. As múltiplas tarefas realizadas em casa estão sempre relacionadas à roça, mas tais tarefas são consideradas “não-trabalho” em determinadas áreas rurais (ibidem).

Relativamente à divisão de trabalho por geração, é importante ressaltar que, embora os rapazes desenvolvam na roça tarefas semelhantes às do pai, estas são consideradas apenas como ajuda. Já a participação das moças na roça está muito mais concentrada em duas fases, no plantio e na colheita, razão pela qual a maioria delas e de suas famílias nem sequer inclui essas atividades como parte do trabalho familiar.

Outro fato que merece destaque, quando procuro perceber a diferença, é que essa rigidez da oposição casa-roça também revela traços de singularidade.

*Agora o homem que entende mais um pouco, no dia que chegar mais cedo da roça ou um dia que ele não for, ele ajuda as mulher fazer, que diminui mais a tarefa pra mulher, que tem muito homem que espera só pela mulher, mas o mesmo direito que a mulher tem o homem também tem, né (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Acho as divisão de tarefa, quando eu me juntar, comprar uma casa ou me casar, a gente vamo controlar as tarefa, quando eu for pra roça eu explico a ela bem direitinho, quando chegar não ter erro, né, tá tudo certo (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Embora a maioria dos jovens trabalhe na roça, muitos deles desejam ter um trabalho rentável e mais “leve”. Nesse sentido, os grupos de jovens têm alguns planos e projetos para os jovens permanecerem no Assentamento, mas melhorando suas condições de vida.

*A gente planejou e tá planejando a gente fazer um projeto que veio um orçamento aqui pra gente de uma padaria, esse é o maior projeto, a gente recebeu essa proposta e a gente tava querendo, tá se planejando, mas o número de jovens é muito pouco e eu não tava querendo fazer um projeto desse com pouca gente, a responsabilidade fica mais pra cima de um e outro não, tava querendo fazer pelo menos com 35 a 40 jovens que queira mesmo*

*o nosso planejamento certo mesmo, a gente tava querendo essa padaria* (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

O trabalho integra a vida dos jovens rurais desde a infância. Segundo pesquisa nacional por amostra de domicílio (IBGE, 2000), o trabalho infantil não remunerado no Brasil representa 48,6% e, deste percentual, prevalece nas áreas rurais, com 83,5%. Dentre as crianças e jovens que trabalham no setor agrícola, a maioria é do sexo masculino e eles estão inseridos, ou na agricultura familiar ou estão sendo explorados juntamente com sua família por agroindústrias (PNAD 2001 IBGE).

No mundo rural dos assentamentos, as crianças e os jovens trabalham para contribuir com a economia familiar, mas é também um período da vida em que estes se tornam aprendizes e adquirem um saber prático dos pais. No caso da roça, os rapazes participam de todas as etapas, enquanto as moças estão mais envolvidas no período da colheita.

*A prática produtiva pressupõe a existência de uma aprendizagem envolvendo o processo de trabalho bem como as relações sociais de produção que geram um tipo de “saber social”. Gesta-se aqui um saber prático oriundo do processo de trabalho, decorrente da forma como o camponês realiza sua atividade agropastoril, das ferramentas que ele utiliza na sua labuta cotidiana para produzir os alimentos ou construir os meios necessários que asseguram o êxito dessa atividade* (DAMASCENO, 1993, p.57).

Os jovens no cotidiano vão aprendendo a desenvolver as atividades produtivas e, à medida que também vão experimentando a prática política, começam a desvelar questões referentes tanto à sujeição no trabalho como na vida social.

### Calendário Agrícola - Milho e Feijão

Atividade	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Broca		█	█	█									
Cercar as roças				█									
Recesso - arar a terra - plantar					█	█	█						
Plantar							█	█	█	█			
Capinar							█	█	█	█	█	█	█
Colheita Milho									█	█			
Feijão													█

Dados obtidos com jovens trabalhadores do Assent. Antônio Conseheiro

- █ Roça tradicional - todas as etapas manuais
- █ Roça preparar área chamada campo - é mais rápida, usam tratores (não queimadas)  
- Em janeiro, fevereiro e março, plantar as 2 roças

O trabalho inicial é a *broca*, realizada em geral no período entre a segunda quinzena de julho até os primeiros dias de outubro. Essa etapa compreende a *derrubada das árvores*, o *rebaixamento dos galhos*, isto é, o corte dos galhos em pequenos pedaços, que são aproveitados como lenha, tanto para venda como para o consumo. Em seguida há o *corte do caule* para transformá-lo em estacas, usualmente utilizadas nas cercas, e depois é feito o *aceiro*, ou seja, a limpeza em volta da broca, retirando a madeira para que o fogo não passe para a mata. A broca termina quando *ateiam fogo* e, se o vento não estiver bom, ainda resta *juntar os galhos* que sobraram.

A etapa seguinte é *cercar as roças*, quando necessário, o que é feito em outubro. Depois vem a fase de recesso, até a chegada das chuvas, início de janeiro. Nesse espaço de tempo, novembro e dezembro, não param de trabalhar, iniciam a preparação de outra área que eles chamam de campo, onde a preparação da terra é mais rápida, a área é *arada por trator*; depois os trabalhadores vão *destocar*, atividade que consiste em arrancar manualmente os tocos que restaram sem a utilização da queima.

Em janeiro, fevereiro e março é o período de *plantar*, mas isso depende da chuva. Logo depois de plantar, uns 20 dias depois, começam a *capinar* e somente terminam quando está próximo da *colheita*. O milho requer menos capinagem do que o feijão.

Se conseguirem plantar em janeiro, o feijão é colhido em março, e tem mais de uma colheita; já o milho, plantado na mesma época, só é colhido em julho.

No dia de sábado, as tarefas da roça somente são realizadas no período da manhã. À tarde as moças arrumam suas roupas e os rapazes têm o tempo livre.

Aos domingos alguns jovens ocupam o tempo inventando diversas formas de lazer outros permanecem em casa diante do televisor.

*(...) aos sábados e domingos eu passo o dia em casa, como eu já falei as atividades de casa tá sempre colocando as coisas em ordem, porque a semana mesmo nunca dá pra gente colocar, né. Aqui não tem assim com que a juventude se ocupe assim um final de semana, uma reunião, é isso que a gente sempre cobra, não tem uma reunião, tipo assim uma gincana, eu acho, eu acredito que a quantidade de jovens que tem aqui como a senhora viu ontem naquela reunião, não tem nem 20% da juventude daqui que vem (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

As opções de lazer para muitas moças se restringem à televisão, ou conversar com as amigas. Para os rapazes, o jogo de futebol é a principal opção. Para ocupar o tempo livre, os jovens inventam atividades coletivas.

*Passo o Sábado e Domingo dentro de casa e vou ali na bodega só pra ver os galo de briga, (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Ter um espaço de lazer, uma diversão, é, para os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, uma forma de quebrar a rotina de trabalho, de sair da monotonia e ocupar o tempo ocioso nos fins de semana quando não vão à escola, nem à roça.

*(...) quando a gente chega da roça de tarde tem um rachinha ali que a gente vai se divertir jogar uma bola. Não é todo dia não, é duas vez por semana e três com o domingo (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*(...) essa quadra aí das comemorações de ano do assentamento, aí os jovens brincam também, jogam também. Tem sempre os jovens que se organizam e*

*faz festa (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*A gente vai pros jogos como eu disse, né, a gente as veis vai um açude tomar banho, quando quer vai pescar, caça qualquer tipo de divertimento, faz um torneio joga bola, bota um peba no torneio, bota uma bola, qualquer coisa (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Embora o futebol seja considerado pela maioria dos jovens como um tipo de lazer dos rapazes, algumas jovens começam a participar desse esporte. O açude é um espaço recriado por eles como local de brincadeiras e banho nos fins de semana. Segundo os jovens, a escola também proporciona algumas formas de lazer.

*Hoje é um dos dias que eu não vou, mas dia de domingo sempre os jovens vão prum banho no açude no Batente, fora do assentamento. Aqui dentro tem mais festa assim de comemoração de aniversário do assentamento. Ali na Ocara tem muitas diversões que vai muitos jovens. Quando a gente quer ir assim uma diversão, um passeio, que sempre no meio do ano nas escola tem sempre um passeio, aí a gente vai (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*(...) o que a juventude mais desenvolve é a questão do esporte, às vezes sai pra alguma festa, a gente também trabalha a festa do assentamento que a gente comemora todos os anos, mesmo sendo em áreas pequenas geograficamente, a gente vê que a juventude também dos assentamentos já estão começando a se envolver com o alcoolismo e isso não é o nosso objetivo, então a gente tá tentando nessa questão de resgatar a juventude juntamente com a cultura (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Elas também praticam o vôlei tanto na escola como aqui, mas elas também tem algumas que tem aquele ideal pelo esporte, na questão de jogar futebol (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O forró, tanto como dança quanto como música, tem uma influência muito forte no grupo. Para a maioria dos jovens, a festa é a melhor diversão, apesar de lembrarem que ela acontece apenas uma vez por ano, na data do aniversário do assentamento. Às outras festas, eles se referem como *festinhas, forrozinhos*; estas são dançantes e improvisadas pelos jovens.

*A gente faz uma brincadeira, o que a gente vamos fazer? Vamos fazer um bingo, a gente compra uma galinha e faz um bingo, assim depois do bingo a gente faz um forrozinho, a nossa animação (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Toda vez que a gente faz um bingo a gente faz um forrozinho daqueles que a gente fez naquele dia que você veio, uma coisa assim, mas não que a gente beba, mas só pra brincar (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Apesar de muitos jovens passarem parte de seu tempo livre em frente da televisão, eles não a colocaram como uma diversão. Mesmo não sendo reconhecida como alternativa de entretenimento, a televisão cria necessidades de lazer, e, através dela, os jovens têm acesso a informações sobre opções de divertimento da cidade. Por exemplo, conhecer, passear e consumir em um *shopping center* é um sonho de vários jovens pesquisados.

A falta de opções de lazer não é prerrogativa dos jovens assentados ou dos jovens do Ceará, pois, no Nordeste, 95% dos municípios não têm nenhum cinema, 89,7% não possuem nenhum museu e 86,6% nenhum teatro. Privados do contato com a arte, os jovens têm que inventar sua própria arte.

Os momentos de lazer são considerados pelos jovens como aquele tempo de não-trabalho, utilizado para realizar atividades como reuniões, festas, jogos, passeios, brincadeiras, conversas grupais, banhos coletivos, dança. O trabalho de campo me fez concluir que a referência de lazer para os rapazes e moças do Assentamento Antônio Conselheiro é ser um momento coletivo, preferencialmente entre jovens, e que lhes proporcione prazer.

Os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, assim como muitos jovens assentados do Ceará, sofrem muitas restrições com relação à educação, trabalho, saúde, cultura e lazer. O Assentamento não consegue oferecer opções para que os jovens consigam melhorar a qualidade de vida no campo.

No Assentamento Antônio Conselheiro há apenas uma escola de ensino fundamental. A ausência de recursos e falta de acesso à informação e tecnologia torna os jovens quase imobilizados ante a velocidade do seu tempo. Pelbart (2002, p.253) comentando sobre novas modalidades de exclusão diz que há no mundo da telemática, de um lado “os

excluídos da rede, da mobilidade, da navegabilidade e das oportunidades que ela oferece” e do outro lado, os conectados com toda a capacidade de mobilidade que lhes permite trafegar por diversos campos, de onde conseguem captar informações produtivas. Por sua vez, os desconectados tornam-se “prisioneiros de si mesmos e afundados no charco da sobrevivência cotidiana”.

No Assentamento Antônio Conselheiro não há computador, havendo apenas um telefone público na agrovila Umari e um telefone celular particular na agrovila Sede, que funciona precariamente. Embora a escolaridade dos jovens já tenha ultrapassado a de seus pais, ainda permanece uma baixa escolaridade. No Assentamento Antônio Conselheiro há 40 jovens entre 14 e 21 anos que estão fora da escola, na faixa de 15 a 21 anos.

Mesmo tendo ainda jovens fora da escola, todos sabem assinar o nome. A grande maioria dos jovens do Assentamento é alfabetizada, e, após o início do programa de “Alfabetização de Jovens e Adultos”, há uma projeção de acabar com o analfabetismo no Assentamento.

No Município de Ocara, o índice de analfabetismo é de 36,44%. A situação no Estado do Ceará também é grave, com 19,6% de analfabetos, representando o terceiro pior estado do País, em relação ao índice de analfabetismo. No Brasil, apesar desse índice ter diminuído, ainda permanece elevado, pois, entre pessoas que têm mais de 15 anos, a média nacional representa 13,3%, sendo na zona urbana 10% e na rural 30,2% (IBGE, 1999).

TABELA 11  
Pessoas de 5 anos ou mais de idade, não alfabetizadas, por grupo de idade, segundo os municípios - Ceará - 2000

MUNICÍPIOS	NÃO ALFABETIZADAS										
	Total Ceará	Grupos de Idade									
		5 a 6 anos	7 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos e mais
TOTAL	1.943.747	290.505	219.191	123.273	78.237	100.367	106.235	236.314	217.150	214.522	357.953
Aracoiaba	9.033	1.020	930	654	409	461	540	1.165	979	978	1.897
Ocara	7.866	957	786	516	259	351	440	1.021	971	947	1.618

Percentual de pessoas não alfabetizadas na população do município de Ocara: = 36,44%.

TABELA 12  
Pessoas de 5 anos ou mais de idade, alfabetizadas, por grupo de idade, segundo os municípios - Ceará - 2000

MUNICÍPIOS	ALFABETIZADAS										
	Total	Grupos de Idade									
		5 a 6 anos	7 a 9 anos	10 a 14 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 59 anos	60 anos e mais
Total Ceará	4.683.706	48.976	263.833	743.283	743.131	582.372	458.521	775.972	481.365	285.217	301.036
Aracoiaba	12.376	100	639	2.298	2.342	1.573	1.079	1.811	1.106	660	768
Ocara	11.375	98	689	2.353	2.306	1.404	1.004	1.576	861	518	566

Apesar dessa realidade, nas áreas de assentamentos rurais, os jovens, principalmente aqueles que têm menos de 20 anos, estão despertando para a importância da permanência na escola. Muitos sonham em ter acesso à universidade, formar-se em Direito, Agronomia, Medicina, ou ter um curso técnico profissionalizante, ou ainda, ser professor para melhorar sua condição de vida e do Assentamento. No Assentamento há cinco jovens cursando o nível superior de ensino.

As dificuldades para um jovem permanecer na escola são muitas, principalmente para os rapazes, que vão todos os dias para o roçado. Quando estão no ensino fundamental, a proximidade da escola facilita o acesso e os horários. Como comenta esse jovem:

*Eu trabalho até meio-dia e de mei-dia pra tarde vou pra escola. Tem muitos tempo que tá meio apertado, né, na colheita sempre a gente falta aula. O feijão a pessoa tem que colher rápido senão perde, sempre tem um dia ou dois na semana que aperta aí quando melhora a gente vai pra escola, mas os professor daqui sempre contribui também (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Quando os jovens se encaminham para o ensino médio, os obstáculos aumentam, principalmente porque passam a depender do setor público para seu deslocamento até a escola, como fala essa jovem:

*A gente passa por dificuldades como qualquer outro aluno, a questão do transporte, a gente utiliza transporte municipal, às vezes o transporte tem problemas e a gente precisa pagar passagem pra chegar até lá, então assim é uma questão difícil, mas a gente tenta levar na medida do possível. A gente estuda numa escola de fora a gente enfrenta muitos problemas (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

## CAPÍTULO III

### 3 MIGRAÇÃO

Dizer que os jovens querem permanecer no campo soa como poesia, ficção, utopia. Dados estatísticos, estudos de caso, têm validado ou negado essa afirmação. Na minha pesquisa, não tomei os números como comprovação científica, procurei, antes, qualificar o discurso dos jovens pesquisados sobre sua vontade de permanecer ou sair do campo. Desse modo, posso afirmar que no Assentamento Antônio Conselheiro e em outros assentamentos rurais do Ceará existem muitos jovens que sonham com a cidade, que querem sair do campo, mas também há jovens que desejam ficar, e ainda os que aqueles que querem permanecer, mas se sentem empurrados a migrar pelas suas condições de vida e os que ficam porque não tiveram ainda oportunidade de sair.

São situações diversas que não podem ser analisadas somente pela *cultura de migração*, ou em função dos atrativos da cidade ou ainda pelo retorno ao *espírito da terra*, porque têm múltiplos determinantes e, necessariamente, um não exclui o outro.

O mundo rural dos jovens assentados é construído na sua relação com a terra, porquanto desde a infância são iniciados nas atividades agrícolas e domésticas. Os meninos acompanham os pais na roça desde os 8 e 9 anos, e as meninas, desde os 7 anos, vão assumindo algumas tarefas domésticas. Percebe-se que a divisão sexual do trabalho se inicia

na infância. As meninas, no cotidiano, assumem precocemente obrigações familiares oriundas de uma herança familiar (SALES, 1995).

O trabalho agropecuário e doméstico realizado pelas crianças do meio rural do Ceará é analisado por Damasceno (1993), como momento de treinamento, de aprendizado, e também como fruto das necessidades econômicas das famílias.

Quando jovens, principalmente os homens, já estão preparados para assumir as responsabilidades do trabalho da roça. As mulheres, também iniciadas no trabalho agrícola, assumem o trabalho da roça concomitante com o trabalho doméstico, porém não detêm o controle da atividade.

No mundo do trabalho, os jovens rurais têm uma participação efetiva, se ocupam predominantemente da agropecuária, havendo uma predominância masculina na agricultura. Essa mão-de-obra é absorvida principalmente dentro da própria família, o que significa trabalho sem carteira assinada e não remunerado. Além de não terem um salário, os jovens trabalham sob condições adversas, uma vez que falta terra, semente e assistência técnica.

A permanência ou não no campo é uma discussão presente para os jovens rurais, assim como faz parte de um debate entre estudiosos sobre juventudes rurais. Para alguns autores, a mobilidade é um fator importante para que os jovens façam sua escolha entre morar no campo ou na cidade, pois, somente experimentando, eles podem descobrir novos caminhos.

Kayser (1990), ao analisar um crescente aumento do número de jovens que retornavam às suas aldeias na França, visita vários estudos, entre eles o de Soudière. Segundo Kayser, Soudière observou que havia três causas principais: a precariedade de emprego na cidade, o melhoramento das condições de vida no campo e uma ligação sentimental à terra natal. Ele denominou *espírito da terra* a escolha dos jovens em permanecer no campo, o que

para ele significa uma afeição obstinada, talvez até inconsciente e irracional, à paisagem familiar.

Diz Kayser (1990) que, para Soudière, os jovens rurais franceses estariam, desta forma, inventando modos de vida e reinterpretando lugares, quando, após o seu retorno, mesclavam estilos de vida, atividades e diversidades da cultura urbana com a cultura campesina. Kayser ressalva que é necessário entender a mobilidade dos jovens também como uma forma de liberdade, pois, ao ir para a cidade, os jovens podem fazer uma escolha entre campo e cidade.

Embora eu não tenha dados para afirmar ou negar que os jovens rurais do Ceará cultivem esse *espírito da terra*, contudo existe um movimento de retorno ao campo, ainda que em pequenas proporções. E, em muitos casos, a saída dos jovens do campo para a cidade, antes de ser uma opção individual, é estratégia e necessidade de sobrevivência. A falta de terra e de trabalho impele os jovens a migrar para os grandes centros urbanos em busca de melhoria de vida.

Sob um olhar sócio-histórico, Cavalcante (1997,p.109) se refere aos deslocamentos espaciais campo-cidade no Ceará como uma *cultura de migração* que:

*Cristalizou-se ao longo do século XX e teve como marco histórico a grande seca de 1877, quando autoridades governamentais locais forçaram os embarques de retirantes, o que inaugurou sucessivas ondas emigratórias de cearenses para outras regiões do país, que com o tempo passaram a ser feitas “espontaneamente”, em articulação com uma rede de parentes e amigos, que efetiva, hoje, projetos migratórios de indivíduos e famílias rurais, especialmente de jovens, em busca de concretizar anseios de trabalho e de consumo e entrar em sintonia com a “modernidade” brasileira.*

Diz a autora que o movimento migratório no Ceará se tornou “uma prática institucionalizada, ou seja, orientada por certos valores, expectativas e modelos socialmente previsíveis”. Por isso, a autora chama a atenção sobre a necessidade de a análise sociológica sobre migração individual ou coletiva não se restringir a “abordagens estritamente

econômicas, para que a sua dimensão mais subjetiva ganhe corpo e autonomia” (ibidem, p.115).

Concordo com Cavalcante na idéia de que a mobilidade da população cearense está associada à história das grandes secas do Ceará. Da mesma forma, “a história das secas pode ser confundida com o processo de ocupação do Nordeste; elas antecedem a colonização, foram anteriores à chegada dos europeus” (ANDRADE, 1999, p.29).

As políticas de emergências implementadas nos períodos das secas tiveram atuação direta no deslocamento da população, ou para contê-lo ou para incentivá-lo. Nos dois casos, a ação do Estado interferiu no processo de mobilidade. Segundo Sampaio (2003, p.42), durante a seca de 1932, o Estado “impõe ações emergenciais de forma concentrada para garantir que a mão de obra permaneça nos municípios. Essa medida “garantiu” uma concentração populacional em seis áreas do Estado”.

A fome e insalubridade, frutos da seca, fizeram proliferar epidemias e muitas mortes nas áreas denominadas frentes de serviço, cujo objetivo era se tornar frentes de emergência para manter as famílias no campo, porém se transformaram em “campos de concentração” de retirantes da seca. É importante destacar que mais de 50% da mortalidade nesses campos foi de adolescentes e crianças (SAMPAIO, 2003, p.43).

Na década de 1940 a iniciativa do Estado foi transportar os famintos do Nordeste para outra região, solução que poderia atender ao mesmo tempo dois objetivos, primeiro combater a fome que se alastrava como epidemia; e, ao mesmo tempo, cumprir um acordo internacional. Esta ação estatal:

*(...) estabeleceu que a população nordestina deveria ser deslocada para região Norte, o que “garantiu” uma mobilidade oficializada. São soldados da borracha que vão ser levados para espaços mais pobres que o próprio Nordeste, em cumprimento ao objetivo geopolítico de ocupar os espaços fronteiriços, e outro de garantir a produção da borracha durante a Segunda Guerra Mundial (ibidem).*

As secas periódicas, desde a colonização, forçavam as famílias à migração e mesmo antes de 1500 sabe-se que o deslocamento dos índios entre o litoral e o interior dependia das chuvas, e também, da safra do caju (ANDRADE, 1998).

Contudo, a realidade de miséria no Nordeste tem uma história, resulta de uma disputa de poder, de um jogo de mercado. A seca não responde a todas as mazelas, pois todo território habitado é um espaço produzido pelos homens e pelas mulheres.

*O espaço nordestino foi produzido em quatro séculos e meio de colonização, em função do atendimento da demanda de produtos alimentícios e de matérias-primas do mercado externo. Posteriormente, o crescimento de outras regiões do Brasil transformou o Nordeste em fornecedor de produtos primários e de mão-de-obra a essas regiões (MARANHÃO, 1984, p.43-44).*

Acredito que a seca é apenas um dos fatores da migração, e, que em alguns períodos, ela foi determinante na mobilidade da população nordestina. Mas no período recente, fim do século XX e início do XXI, a migração da juventude para grandes cidades tem um conjunto de explicações indissociáveis. As condições climáticas, a pobreza, a falta de oportunidades no campo, o desejo de maior autonomia, mais liberdade para os hábitos de consumo, o mercado de trabalho mais atrativo pelas opções e a ilusão de ter um trabalho mais “leve”, juntando a isso, as transformações advindas da modernização do meio rural e a própria situação crítica do campo, estimulam a dispersão. Já não são famílias nômades, em busca de terras férteis ou da cidade grande, hoje são famílias dispersas, jovens desgarrados que migram sozinhos para sobreviver.

Os jovens, principalmente mulheres, continuam saindo do campo em busca de oportunidades de trabalho e melhoria de vida. É importante ressaltar que, há algumas décadas, eram principalmente os homens jovens que migravam. Já os dados da década de 1990 mostram uma inversão, pois hoje são as jovens mulheres que mais saem para a cidade. Um indício, é de que a população rural do Ceará de 15 a 24 anos tem maior incidência de homens,

provavelmente motivada também pela migração mais acentuada das mulheres para as áreas urbanas.

Os dados estatísticos da pesquisa UNESCO 2000, sobre famílias assentadas, comprovam a predominância de homens entre os membros dos domicílios nos assentamentos do Ceará, onde 45,5% são mulheres e 54,5% homens <sup>44</sup>. Esse fenômeno se repete em outros estados brasileiros. Mesmo assim, nas nossas investigações, percebemos que, no caso das áreas de assentamentos, ainda existe o controle dos pais sobre a permanência das jovens no espaço privado; a migração das filhas para a cidade não é bem aceita pelos pais.

Um fato importante que percebi através de dados de outras pesquisas e também da minha própria observação é o retorno dessas jovens ao campo, pois a exclusão da cidade tem empurrado algumas delas a voltar às suas famílias, muitas vezes grávidas ou já com um filho para sustentar. Mesmo sob a tutela dos pais, são obrigadas a assumir responsabilidades e obrigações familiares.

Aquelas jovens que não saíram e permaneceram junto dos pais, não têm uma vida muito diferente, haja vista que é um quadro comum ver meninas ainda muito pequenas carregando e cuidando dos irmãos mais novos, e, em pouco tempo, trocam os cuidados dos irmãos com o dos próprios filhos. O casamento e a gravidez precoce fazem parte da história de vida das jovens do campo (SALES, 1995).

O fluxo cidade-campo tem várias explicações, uma das quais é o crescimento do desemprego na cidade que impele os indivíduos a retornarem ao rural. Outra explicação é a busca de melhor qualidade de vida, em áreas periurbanas ou rurais com acesso fácil à cidade.

Um dado importante a pensar é que, no campo, há um processo de urbanização em pauta e, mesmo sem grandes oportunidades e incentivos no meio rural, o movimento

---

<sup>44</sup> Dados da pesquisa sobre relações de gênero nos assentamentos rurais, realizado nos Estados: Bahia, Ceará, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, UNESCO - Brasil, 2000.

migratório campo-cidade, nessa última década, foi o mais lento. Vale ressaltar que existe também o movimento contrário, ou seja, uma migração da cidade para o campo. Esse fluxo migratório vem reafirmar que não se pode mais pensar rural e urbano como opostos, mas como *continuum*<sup>45</sup>. Utilizamos *continuum*, no sentido de tratar rural e urbano como espaços de integração e trocas, ressaltando que não há de fato uma delimitação exata do que é urbano e rural, mas cada um deles afeta e é afetado pelo outro, em diferentes níveis, através de atividades e características de cada grupo e sua respectiva localidade.

A construção de estradas, o melhoramento dos transportes e a ampliação dos meios de comunicação ocasionaram a diminuição das distâncias físicas, espaciais e de estilo de vida entre campo e cidade. Ainda que permaneça uma hierarquia entre as diversas localidades, há uma imbricação entre os territórios que ultrapassa a dicotomia rural-urbano.

No campo, principalmente, a hierarquia se determina pela proximidade com o lugar central, onde acontecem a comercialização e/ou os acontecimentos sociais e festivos.

Apesar das condições de deslocamento terem se tornado mais favoráveis, para quem vive e trabalha no campo, e já não se perceber um movimento em massa do rural em direção às cidades, não se pode dizer que o êxodo rural está chegando ao fim.

Na tabela a seguir, fiz um exercício para pensar a mobilização dos jovens do Município de Ocara. Inicialmente, tomei os dados da população residente do ano 1996, quando se consolidou o Assentamento Antônio Conselheiro. Em seguida, fiz um recorte por sexo e idade (10 a 29 anos).

Depois, com os dados do ano 2000, período em que desenvolvia a pesquisa, novamente fiz o recorte por sexo e idade (15 a 34 anos).

---

45 Ao analisar as relações entre rural e urbano, Bernard Kayser versa (1990, p.14) disse que o crescimento das cidades e a urbanização do campo estabeleceram um novo sistema de relações entre rural e urbano. Isso fez diminuir a oposição e dependência espacial. Kayser se refere a esse sistema como *continuum*, que compreende vários níveis de atividades econômicas e sociais, sendo que algumas delas podem ser predominantemente mais no rural e menos no urbano ou vice-.

Nesse intervalo de quatro anos (1996 a 2000), comparei o número de jovens residentes, fazendo as seguintes projeções: em 1996 havia entre 10 e 14 anos 2.867 pessoas, considerando que nessa faixa a mortalidade é mínima, em 2000 deveria ter esse número na faixa de 15 a 19 anos. No entanto, constatei uma diminuição de 302 pessoas nessa faixa. Quando observei por sexo, a diferença se acentuou entre as mulheres, 208 contra 94 homens.

Prosseguindo o exercício na faixa seguinte 20 a 24 anos, a diferença cresceu mais ainda - 435 pessoas, e novamente a diferença foi maior entre as mulheres - 252 contra 183 homens. Na faixa de 25 a 29 anos, continuou a diferença, porém ocorreram dois dados interessantes: primeiro decresceu o número de pessoas (240); segundo, o resultado se inverteu com relação ao sexo, os homens passaram a ser a maioria - 154 e mulheres 86.

Na última faixa, 30 a 34 anos, a situação se modificou, houve uma inversão; o número de pessoas nessa faixa ao invés de diminuir, como nas outras, passou a ter um pequeno crescimento - 47 pessoas, e da mesma forma cresceu o número de mulheres, mas diminuiu o número de homens.

As conclusões desse exercício é que entre 15 e 29 anos há maior mobilidade dos jovens. Na primeira faixa, 15 a 24 anos, o fluxo é bem maior entre as mulheres e, na segunda, 25 a 29 anos, são os homens que mais se deslocam. Essas projeções ajudam a confirmar que a mobilidade dos jovens persiste, mas, ao mesmo tempo nos faz pensar sobre a diversidade de fatores que podem influenciar a migração campo-cidade, campo-campo, cidade-cidade e campo-cidade.

TABELA 13 - MIGRAÇÃO

População residente, por grupo de idade e sexo, segundo os municípios – Ceará 1996												
município	POPULAÇÃO RESIDENTE											
	10 a 14 anos			15 a 19 anos			20 a 24 anos			25 a 29 anos		
Ocara	total	homens	mulheres	total	homens	Mulheres	total	homens	mulheres	total	homens	Mulheres
	2.867	1.466	1.401	2.190	1.138	1.052	1.684	886	798	1.321	696	625

IPLANCE – Anuário Estatístico do Ceará – 1998/1999

População residente, por grupo de idade e sexo, segundo os municípios – Ceará 2000												
município	POPULAÇÃO RESIDENTE											
	15 a 19 anos			20 a 24 anos			25 a 29 anos			30 a 34 anos		
Ocara	total	homens	mulheres	total	homens	Mulheres	total	homens	mulheres	total	homens	mulheres
	2.565	1.372	1.193	1.755	955	800	1.444	732	712	1.368	687	681

IPLANCE – Anuário Estatístico do Ceará – 2001

Fluxo Migratório da População residente, por grupo de idade e sexo, Município Ocara-CE 2000												
município	POPULAÇÃO RESIDENTE											
	15 a 19 anos			20 a 24 anos			25 a 29 anos			30 a 34 anos		
Ocara	total	homens	mulheres	total	homens	Mulheres	total	homens	mulheres	total	homens	mulheres
	-302	-94	-208	-435	-183	-252	-240	-154	-86	47	-9	56

Os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, assim como muitos outros, migram para a cidade. Geralmente saem sozinhos para casa de um parente e, chegando à cidade, eles se deparam com um mercado de trabalho desestruturado, com oferta de emprego reduzida, inclusive para mão-de-obra especializada. Sem perspectivas, sem trabalho, sem qualificação, a maioria desses jovens sente-se desalentada.

Sem trabalho e sem nada conseguir na cidade, e ainda, quando não encontram apoio da rede de parentela e compadrio, muitos deles se vêem obrigados a voltar para o campo. Esse retorno tem se constituído uma experimentação negativa para os jovens e, ao mesmo tempo, tem servido de estímulo aos que pretendem permanecer no campo.

No Assentamento Antônio Conselheiro, o deslocamento dos jovens é temporário; a proximidade de uma rodovia e a distância da Capital facilitam o acesso. Depois de plantar, sempre há jovens que se deslocam para Fortaleza em busca de emprego, ou de alguma atividade rentável. No período da colheita, principalmente os rapazes, quando não conseguem um trabalho fixo, retornam à família e à roça.

Há também jovens que migram para capitais do Sudeste do País, alguns dos quais retornam ao Assentamento. No início de 2003, por exemplo, cinco jovens voltaram de São Paulo, após três anos naquela cidade.

Algumas pesquisas<sup>46</sup> no mundo rural brasileiro mostram que está havendo, em algumas regiões brasileiras, desertificação e masculinização do campo por falta de condições de trabalho, além da divisão de tarefas no interior da família, onde a atividade das mulheres na agricultura ainda aparece como complementar. Sem trabalho, o número de jovens mulheres que deixa o campo é superior ao número de homens. É importante destacar que, em alguns casos, os estudos mostram que a saída dos jovens do sexo masculino não é uma escolha voluntária, pois existe vontade de permanecer e dar continuidade a atividades agrícolas.

*O êxodo rural nas regiões de predomínio da agricultura familiar atinge hoje as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Ao envelhecimento acopla-se, mais recentemente, um severo processo de masculinização da juventude, as moças deixam o campo antes e numa proporção muito maior que os rapazes. Este “viés de gênero” no êxodo rural não parece estar ligado a oportunidades particularmente favoráveis no mercado de trabalho urbano, mas à precariedade das perspectivas assim como ao papel subalterno que continuam a ter as moças no interior das famílias de agricultores (ABRAMOVAY, R., 1998, p.15/16).*

A pesquisa de Abramovay se refere a um município de Santa Catarina, mas essa realidade de desertificação e masculinização pode ser encontrada no semi-árido cearense. Do mesmo modo, pode-se encontrar no Ceará outra situação inversa, como por exemplo, no Assentamento Santana, no município de Monsenhor Tabosa. Ali, em sua maioria, os jovens que migram são rapazes e muitos deles retornam após três ou quatro anos, enquanto as moças têm permanecido no Assentamento. Esse quadro mostra a diversidade de situações com relação à mobilidade dos jovens rurais, tanto no sentido cidade-campo, como no sentido campo-cidade.

---

46 Pesquisas de Ricardo Abramovay sobre Agricultura Familiar; pesquisa de Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua sobre relações de gênero nos assentamentos rurais nos Estados: BA, MT, PR, RS, SP e CE.

O desemprego nos centros urbanos é mais freqüente entre jovens de 15 a 19 anos, do sexo feminino e de famílias de mais baixa renda e escolaridade. Em contrapartida, o setor agrícola é apontado como o primeiro na faixa etária de 15-19 anos, ressaltando que a quase totalidade dos jovens que se ocupam com agricultura é do sexo masculino. Em segundo lugar, vem o setor de serviços, onde a maioria é do sexo feminino (IPEA, 2000).

Houve no campo um crescimento no número de pessoas ocupadas no ramo agrícola, subindo 6,3% de 1998 para 1999. Contudo, o aumento de 1 milhão de pessoas em atividade agrícola não significa trabalho remunerado ou com carteira assinada, pois predomina o trabalho não remunerado, com 41,2%, vindo em seguida os trabalhadores na produção para próprio consumo, 22,1%, e 13,6% por conta própria (IPEA, 1999).

Em conversas informais com jovens de alguns assentamentos rurais do Ceará, pude perceber que estes, após terem vivido a experiência de morar na cidade, conseguem fazer comparações que colocam dúvidas sobre o que seria melhor para a juventude.

Para os jovens assentados o campo é o lugar onde estão enraizadas as suas relações afetivas, lugar onde encontram a proteção da família, a companhia dos amigos, onde tem mais tranquilidade, mais segurança e menos violência. Eles pensam ainda que no campo há mais facilidade de possuir uma casa. Contudo, falta escola, universidade, emprego, e apesar de ter sempre trabalho, não é rentável e eles despendem muito esforço físico.

A cidade é vista como lugar das oportunidades, pelo maior número de ofertas de emprego, de escolas, de lazer e mais acesso a bens e serviços, embora reconheçam que existe muita concorrência e exija mais capacitação para obter o que a cidade pode oferecer.

Quais seriam então as opções para os jovens que vivem no campo? Ir para a cidade grande? Permanecer no campo e optar por integrar um movimento de luta pela terra, tendo com isso de enfrentar os embates e as condições adversas nos acampamentos e assentamentos? Ou disputar as concorridas e restritas vagas em atividades não agrícolas? Ou

ainda, viver como seus pais trabalhando na agricultura sob o jugo de um fazendeiro? Quais os seus sonhos e expectativas?

Durante a pesquisa, além das entrevistas individuais, tive momentos de conversas em grupo, ocasião em que utilizei dinâmicas para criar um ambiente de descontração e facilitar a coleta de informações.

Em uma reunião com um grupo de treze jovens da Agrovila do Córrego, os convidei a fazer uma viagem sobre um tapete voador e pedi que dissessem onde gostariam de ir, o que ou quem levariam junto com eles. Pedi ainda que descessem no local escolhido e relatassem para o grupo o que estariam vendo e fazendo. Finalmente pedi que falassem dos sonhos que gostariam de realizar.

Os jovens que compareceram à reunião tinham entre 14 e 22 anos, com escolaridade entre a terceira série do ensino fundamental e o ensino médio concluído. A maioria dos jovens disse que gostaria de levar nessa viagem namorada(o); outros falaram em levar a família e, por fim, um jovem disse que levaria comida e outra jovem um relógio.

Os locais citados onde gostariam de ir foi o *Shopping Iguatemi* em Fortaleza, o Circo de Beto Carrero, em Santa Catarina, o Rio de Janeiro, São Paulo, Amazonas, Bahia, uma ilha deserta e a casa do namorado em outro município do Ceará. Vou citar a seguir alguns depoimentos dessa viagem virtual:

*Cheguei no Iguatemi, estou com minha namorada passeando, mas não posso comprar nada porque é tudo muito caro* (Ares, 17 anos, 8ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*Estou no Circo Beto Carrero não entrei porque é muito caro* (Morpheu, 4ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*Estou com minha irmã pequena na Bahia é uma cidade grande, bonita, vejo muitas baianas na rua* (Atena, 14 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*Vim com toda minha família para São Paulo, vejo muita gente na rua, roupas para vender, são muito caras* (Hebe, 14 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*Estou no Amazonas com minha namorada e meu cachorro passeando, vendo a paisagem e a beleza dessa terra* (Aristeu, 21 anos, 1º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*Eu vou levando uma galinha assada, vou para casa do meu namorado em Quixadá, vamos tomar banho de açude* (Tétis, 18 anos, ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

No cotidiano, esses jovens vivem essa mescla de dois mundos. O real, que consiste no trabalho da roça, nas idas e vindas aos açudes para apanhar água, nas viagens diárias a pé ou em caquéticos transportes para chegar até suas escolas precárias e, à noite, outro mundo se coloca a sua frente quando sentam no sofá de sua sala, e um mundo colorido recheado de novelas mostrando sua moda, estilo, linguagem, música, seus carros, apartamentos, seu padrão de beleza. E, dessa forma, tudo isso mexe com as necessidades dos jovens e as modificam, criando novos valores.

Pode-se perceber uma mistura entre os laços da sua cultura de origem com uma cultura urbana. Em alguns momentos, os jovens assentados se assemelham aos da cidade, mas, ao mesmo tempo, aparecem diferenças ligadas aos laços da sua cultura de origem.

Com relação aos sonhos, cinco jovens apontaram o desejo de terminar os estudos. Outros sonhos que se repetiram por quatro vezes foram: tornarem-se bons alunos, melhorar as condições de vida do Assentamento e ter assegurados os direitos (moradia, trabalho e

educação). Três jovens disseram que gostariam de ser militantes do MST, outros dois falaram sobre a organização dos jovens do assentamento e dois sobre o sonho de ter um emprego.

Nas conversas individuais ou em grupo, pude observar que, para estes jovens, terminar os estudos significa melhorar as condições de vida, ascender socialmente, ter uma profissão diferente de agricultor(a) ou doméstica. Muitos deles falam em sair para se formar em Medicina, Agronomia, Engenharia, e retornar para ajudar o Assentamento. Para estes jovens, concluir os estudos significa deixar o trabalho da roça.

Em outro encontro realizado com os doze jovens entre 15 e 20 anos da Agrovila Umari, repeti a mesma dinâmica.

Os lugares sobre os quais eles falaram que gostariam de conhecer foram: Cuba, ilha deserta, praia distante, outro país, Amazonas, Pantanal, Bahia, Quixadá, Colômbia, e, com exceção de um, que levaria um companheiro do MST, os outros levariam um membro da família.

Nesse grupo, o sonho mais freqüente foi ser feliz, vindo em seguida ser advogado, ocupar todas as terras do País, ser médica, ser famoso e construir o socialismo no Brasil.

Observa-se que existe entre esses jovens a vontade de sair do rural para conhecer outros lugares, de passear, de consumir, um desejo de inserção no mundo urbano, de ter acesso aos bens de consumo. O sonho de melhorar de vida está associado à conclusão dos estudos, ter um curso superior, e nas suas falas isso não significaria permanecer na cidade, muitos até reforçam a intenção de voltar ao Assentamento, mas nunca retornar ao trabalho “pesado” da roça.

Em um outro momento, durante um Encontro de Jovens da Região Metropolitana, realizado no Assentamento Antônio Conselheiro e organizado pelo MST, tive oportunidade de aplicar uma dinâmica de trabalho de grupo. Os jovens presentes tinham entre 15 e 22 anos, vinham de quatro assentamentos distintos e estavam assim distribuídos: nove do

Assentamento José Lourenço, seis do Assentamento Che Guevara, treze do Assentamento Denir e dezoito do Assentamento Antônio Conselheiro, mais três jovens da direção estadual e regional do MST, totalizando quarenta e nove jovens, sendo vinte e oito mulheres e vinte e um homens.

Como já havia observado, nos diversos encontros, que os jovens estão sempre repetindo palavras de ordem do Movimento, pedi que os jovens assentados, sem incluir os jovens da direção, fizessem cinco grupos e cada um criasse uma palavra de ordem sobre a situação atual de vida dos jovens nos assentamentos. O resultado foi o seguinte:

Grupo 1. Lutar, vencer, unindo forças com o MST.

Grupo 2. Denir um grande lutador, junto com a juventude seremos vencedor.

Grupo 3. Chê, Denir, Antônio Conselheiro, na luta por justiça nós somos companheiros.

Grupo 4. Lutar, vencer, nós somos a juventude do MST.

Grupo 5. Juventude no presente por um futuro diferente.

No segundo momento, pedi que o mesmo grupo pensasse em um reencontro cinco anos depois e perguntei como pensavam que poderiam estar vivendo. Em seguida, pedi que construíssem uma outra palavra de ordem.

Grupo 1. *Jovem socialista busca saída para vida.*

Grupo 2. *Casados unidos jamais seremos vencidos.*

Grupo 3. *Chê, Denir, Antônio Conselheiro, na luta por justiça nós somos companheiros.*

Grupo 4. *Lutar, se formar casar e ser feliz.*

Grupo 5. *Pátria livre, venceremos.*

Sobre o resultado da dinâmica, observei que apenas o grupo 3 repetiu a palavra de ordem nos dois momentos, mas foi possível perceber também a dificuldade que todos os

outros grupos tiveram em elaborar uma palavra de ordem sua. Verifica-se que a repetição universaliza, deixando sob as sombras o que é singular. As tentativas de formulação ficaram apenas na troca de algumas palavras.

Observei que, quando os jovens trataram do presente, o que foi ressaltado por quatro grupos foi a luta; já quando se referiram ao futuro, o mote foi vencer.

Quando os mesmos 46 jovens discutiram em grupo sobre as suas expectativas de futuro o debate se fixou em dois eixos - a permanência ou não no assentamento e sobre casamento e filhos. Um terceiro ponto contemplado por uma parcela dos jovens foi sobre se continuariam na luta e no MST.

Os resultados foram os seguintes: trinta jovens disseram querer permanecer no Assentamento e na luta, contra dezesseis que desejaram sair do assentamento. Dentre os que pretendem sair, doze querem concluir os estudos, sendo que nove destes almejam retornar depois de formados. Um jovem expressou a vontade de sair em busca de aventuras e os outros três não expuseram o motivo. Relativamente à constituição de família, trinta e quatro jovens manifestaram o desejo de casar e ter filhos. Sobre o MST, doze jovens disseram que querem continuar no Movimento, dois jovens pretendem sair e os outros não se manifestaram sobre o tema. Apenas dois falaram em emprego.

Observa-se que, mesmo a maioria desejando permanecer no Assentamento e na luta, não significa que pretendam continuar com atividades agrícolas. Entre as famílias rurais é comum qualificar o trabalho da roça como um trabalho pesado e pouco rentável. Para alguns jovens, a emigração funciona como uma fase de aprendizagem que lhes pode possibilitar condições de retorno ao Assentamento. Algumas pesquisas realizadas em assentamentos no Sul e Sudeste têm demonstrado que o retorno somente acontece quando não surgem outras opções.

As expectativas de muitos jovens dos assentamentos rurais passam por uma experimentação de sentimentos opostos. Desejam permanecer no mundo rural, dando continuidade às atividades do pai, da mãe, desde que as condições do campo melhorem, e, ao mesmo tempo, buscam uma vida diferente dos pais - ter sucesso, estudar, ser mais livre, viver melhor. Esse dilema é gerado pela perpetuação da pobreza, falta de trabalho, educação, saúde no campo.

Uma questão crucial para eles é a oferta de trabalho no rural. Sem trabalho, dizem que seria quase impossível se tornar independentes, ter autonomia. No Assentamento Antônio Conselheiro, alguns jovens e adultos, homens ou mulheres, são obrigados a buscar trabalho fora do assentamento para suprir as necessidades básicas. No período da colheita da castanha, após concluírem a sua própria colheita, saem para trabalhar em comunidades vizinhas em troca de uma diária de R\$ 7,00 reais.

Esse quadro mostra um rural sem muitas perspectivas para os jovens. Eles explicitam que, para permanecer no mundo rural, os jovens precisam criar algo novo nos assentamentos, no que se refere às relações de trabalho, educação, lazer e vida política. Essa produção do novo deve ser uma revolução cotidiana, tomando como ponto de partida o pensamento que o cotidiano "se inventa com mil maneiras de caça não autorizadas" (CERTEAU, 1999).

Os jovens oscilam entre o projeto individual de melhorar de vida e o compromisso familiar, com MST e Assentamento.

Esse quadro tem levado muitos jovens rurais e urbanos a buscar alternativas diversas, como, por exemplo, o mercado informal, prostituição, drogas, banditismo.

Embora a quase a totalidade dos rapazes no Assentamento Antônio Conselheiro trabalhe na roça com o pai, seus sonhos vão além; os que querem permanecer no assentamento desejam ter outra atividade principal.

*Aqui é muito bom, mais é bom que tivesse uma coisa que desse renda pros jovens, mesmo que fosse pequena, mas colocasse a maioria dos jovens, por que quem é cadastrado, já tem mais ou menos assim, o seu trabalho certo. Os jovens tem que ajudar os pais, mas se tivesse assim, uma fabricazinha ou uma indústria de doce, de costureira, uma coisa que funcionasse, né, seria mais fácil, porque os jovens tinha renda e dava renda para o assentamento (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Como esse jovem, muitos outros alimentam o sonho de conseguir nos assentamentos melhores condições de vida e acreditam que, através da educação e organização podem reorganizar suas vidas de outro modo, inclusive conquistar a autonomia.

Mesmo tendo conquistado a terra, não é fácil permanecer no campo. Outras pesquisas em assentamentos rurais concluem que o tamanho da área de cultivo das famílias não comporta todos os filhos, sendo inevitável que alguns filhos partam para a cidade ou procurem outro assentamento (ABRAMOVAY, M.; RUA, 2000).

A garantia de um espaço de trabalho, após a conquista da terra, é uma situação transitória, pois ela só se sustenta enquanto os filhos são jovens, solteiros e trabalham junto aos pais na roça, mas, quando esses jovens constituem novas famílias, a terra se torna insuficiente para abrigá-los.

Dados semelhantes obtive no assentamento estudado. A fala de um trabalhador assentado, entrevistado, é esclarecedora. Ele traz como preocupação sua e do Assentamento a situação do futuro dos filhos:

*A última determinação do assentamento na associação comunitária dos produtores que é a parte de cá, foi que eles tenham o mesmo direito do pai, ou seja, na hora em que ele for casar ele vai ter a separação de um lote, né, o mesmo que esse aqui, pra fazer a casa do filho, só que a terra pra trabalhar é a mesma terra que o pai tem direito, o direito não pode ser, porque a terra é limitada, pra o grande fazendeiro ele pode possuir, sei lá, milhões de hectares, mas pro assentado ele só tem direito a 30, mesmo ele tendo 10, 15 filhos. Porque a terra não dá pra mais do que isso não chega mais de que 27 hectares de terra pra cada um, se for dividir um pedaço pra cada um. Até agora não chegou a esse ponto de dividir, terra que nem essa tem terra boa e terra ruim, se dividir alguém vai pegar um canto que não vai nem sobreviver, é a coisa que eu tenho vivência é isso (Dionísio, trabalhador rural, uma das lideranças da ocupação da Fazenda Córrego do Quinxé).*

Observei que, mesmo sendo consideradas assentadas, as famílias permanecem com questões importantes com relação à terra. Em geral, somente são cadastrados os adultos, homens casados.

Embora alguns jovens solteiros permaneçam no Assentamento, morando com os pais, não significa uma aceitação pacífica ao projeto familiar (BOURDIEU, 1997), na medida em que o projeto dos jovens é estudar, trabalhar, ter autonomia e, alguns, continuar lutando pela terra.

*Pra falar a verdade eu acredito que eu tô aqui de teimosa, mas eu acho que como a minha família diz: (G) você tá lá porque você gosta, você tá lá com seus pais, mas eu acho que o seu futuro não tá no assentamento, o seu futuro tá aqui com a gente trabalhando, fazendo novos cursos, procurando um vestibular que você passe pra você fazer uma faculdade, eu quero muito fazer uma faculdade, agora não porque, eu sei que as condições financeiras hoje eu sei que não dá, o que tá me preocupando muito não é eu passar no vestibular, mas sim segurar a faculdade com as condições financeiras que não são boas, eu acho que a faculdade pra mim é fundamental e eu pretendo fazer ela um dia (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Os pais experimentam sentimentos opostos, em relação aos filhos, desejam que os filhos sejam trabalhadores(as), honestos(as), dedicados às famílias, que façam como eles, lutem pelos direitos, e sejam ao mesmo tempo, diferente deles, tenham sucesso, estudem, sejam mais livres, vivam melhor. A família, segundo Bourdieu (1997, p.13), *impõe muito freqüentemente injunções contraditórias, seja em si mesmas, seja em relação às condições oferecidas para sua realização.*

Esse dilema gerado pelas injunções familiares pode refletir nos jovens que partem para a cidade em busca de trabalho, como também nos que permanecem com a família nas áreas de assentamento.

Os jovens que pretendem construir família no local poderiam, com essa atitude, estar demonstrando fidelidade à causa do pai, da mãe e do Movimento dos Sem Terra, identificando-se com a posição dos pais, ou ainda, tal atitude poderia ser compreendida, na

visão de Bourdieu, como uma forma de neutralizar as diferentes posições que os separam, ou até mesmo a impossibilidade de identificação entre eles ou elas.

O projeto de modernização do campo não tem investido em políticas públicas que possam incentivar a permanência dos jovens no mundo rural. As propostas de implantação de uma reforma agrária de mercado, o Banco da Terra e a idealização do novo mundo rural, impõem um modelo agrícola, industrial e tecnológico que exclui a agricultura familiar.

Ao analisar atentamente o mundo rural brasileiro, observa-se, de um lado, um maior investimento de grupos econômicos em agropecuária e/ou agroindústria moderna, e investimentos em atividades não-agrícolas voltadas principalmente à indústria, prestação de serviços e lazer. Por outro lado, tem-se famílias trabalhadoras rurais sofrendo pela exploração de mão-de-obra, e principalmente uma população mais empobrecida, sem sequer garantir os mínimos sociais. Essa situação retrata um modelo de desenvolvimento direcionado pelo processo de globalização da economia, adotado pelo Governo brasileiro nas últimas décadas.

Penso que a recriação do rural, no caso brasileiro, pode surgir dos assentamentos, desde que existam políticas públicas para revitalizar a agricultura familiar e outras iniciativas que possam incrementar o desenvolvimento local. O fato de muitos assentamentos terem se originado de uma luta dá às famílias um sentido de ruptura com as formas de sujeição a que viviam submetidas há várias gerações e, ao mesmo tempo, experimentam uma relativa autonomia.

Para os jovens, os assentamentos podem vir a ser uma opção de permanência e revitalização do mundo rural. Ficar no campo pode parecer uma atitude de passividade ou conformismo, mas pode também ser uma forma incessante de luta, ou seja, lutar cotidianamente para ter condições de sobreviver na terra conquistada.

## CAPÍTULO IV

### 4 CARTOGRAFIA POLÍTICA

#### 4.1 Terreno da Micropolítica

Somos sempre tentados a captar o visível e aparente, deixando escapar os mais variados processos que possam nos levar a pensar, sentir e conhecer o imperceptível movimento que não para de recriar. Se me tivesse deixado impulsionar por um olhar apressado poderia dizer que os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro vivem de forma passiva o seu cotidiano. Mas, ao me aproximar mais dos jovens, ficando atenta a tudo o que se passava com eles, essa idéia se desfez. Descobri que esses jovens são vetores importantes na dinâmica do Assentamento.

Quando afirmo que os jovens do Assentamento Antônio Conselheiro estão fazendo política, não vou me ater à participação dos jovens no processo eleitoral, pois o meu entendimento de política difere da visão usual de política como ciência, teoria ou ação do Estado. Como mencionei na primeira parte deste trabalho, a política vai muito além da democracia representativa e da política partidária, ela é experimentação. Nesta perspectiva, diz Ortega:

*(...) a tendência a rejeitar sistematicamente qualquer tentativa de pensar o político que discorde da forma tradicional representa, no fundo, uma recusa de qualquer modelo, imagem ou metáfora, que escape das preestabelecidas*

*e impostas por uma tradição política obsoleta. Toda vontade de romper e de inaugurar produz medo, medo diante do aberto e inesperado, do acontecimento, das histórias cujo desenlace não conhecemos e que se caracterizam pela sua imprevisibilidade, de tudo o que sacuda nossa rotina de pensar, de sentir, de amar e de imaginar (ORTEGA, 2000, p. 37).*

Posta essa questão, vou percorrer alguns dos caminhos trilhados pelos jovens, buscando conhecer suas ações e experimentações no campo da política.

No Assentamento Antônio Conselheiro, são sempre os jovens que desenvolvem as atividades coletivas. Mais da metade deles participa de alguma forma de organização política, social, desportiva, comunitária, educacional e religiosa e estão presentes em todos os eventos organizados pelo MST.

Embora a participação social dos jovens se dê através da adesão a uma determinada proposta e tenha o controle dos pais, do MST e da Associação, eles conseguem reelaborar, transformar suas atividades em momentos de prazer. O tempo coletivo é utilizado na realização de desejos e busca de interesses.

Quando observei o agir e pensar dos jovens, concluí que a política é construída no processo de luta. Por isso está sempre se reelaborando, é sempre da ordem do coletivo, diz respeito a diversas formas (canto, dança, teatralização, fala, discurso) e a diversos espaços (rua, praça, acampamento, movimento, fórum, curso, encontro, *show*, programa de rádio, festa, teatro).

A política dentro do Assentamento *trata da convivência entre diferentes* (ARENDDT, 1999, p.21). Esse traço da política regula o convívio humano sem, contudo, dissolver a diversidade. Os jovens que participam das organizações locais demonstram preocupação com seu futuro e com o futuro do Assentamento.

*Eu quero organizar porque quando os nossos pais não puderem mais, nós é que vamos assumir esse cargo de assentado nos assentamentos. O que eu mais gosto aqui é o jeito deles se organizar, a pessoa brigou com um tá brigando com todos (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O investimento dos próprios jovens assentados tem sido mobilizar outros jovens para criar grupos de jovens nas três agrovilas e realizar ações conjuntas.

*No momento nós estamos começando a formar os grupos, ontem a gente formou o grupo lá da outra agrovila, (...) Aqui, é muito grande, agente tá dividindo o grupo em três, um lá em cima, naquela outra agrovila, a agrovila do Córrego, e agora falta formar a daqui.*(Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*Agora mesmo o que eu tô tentando mesmo é trabalhar com a juventude, agora tem mais uma pessoa que vai trabalhar os jovens comigo, que é a I, e é uma coisa, não é um trabalho suficiente assim. Mais uma coisa, como eu já dou trabalho aos outros eu quero que os outros me dê trabalho, eu sei que eu tenho conhecido vários grupos de jovens de fora, vários jovens de fora, sei que eu tô gostando* (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

No grupo, os jovens buscam estabelecer redes de relacionamento, troca de experiência com jovens de outros assentamentos. Os grupos de jovens se reúnem para fazer estudos políticos e religiosos, para promover festas, torneios, mas tem também o sentido de encontro de amigos. Após ocuparem a terra, os laços de amizade foram se construindo, principalmente no período do acampamento, quando a vida cotidiana era necessariamente compartilhada. A maioria dos jovens diz sentir falta daqueles momentos coletivos do acampamento. É como se refere esse jovem comparando a organização do acampamento com a do Assentamento:

*Não sei, eu acho que o pessoal agora está muito mais mal organizado do que antes, eu acho que é isso, com certeza* (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

No Assentamento, os jovens estão mais dispersos, já não se podendo dizer que a maioria dos jovens tenha uma atuação conjunta e continuada, mesmo porque há uma divisão por agrovila, os interesses individuais são diversos e a participação nos eventos difere conforme a situação. Portanto, se torna difícil precisar o número de jovens que estão organizados, mesmo porque existem múltiplas maneiras de participar e de se organizar. E, com essas flutuações, embora possam em alguns momentos se transformar em um “pequeno” percentual, esse número tem um significado.

O importante é que os jovens não excluem a sociabilidade, ao contrário, sua forma de representar a si mesmo, de imaginar mecanismos sociais mais simples de organização, de associação, de convivência grupal, pode ser uma maneira de inventar ou de construir novas singularidades.

Themudo (2000, p. 166), referindo-se a dados estatísticos em estudos sociológicos, comenta que são as pequenas flutuações que podem apontar “o surgimento de uma série, de um novo fluxo, de uma nova intensidade, de uma nova prática desejante, uma nova percepção”.

Mesmo não se colocando como os principais interlocutores da política, os jovens percebem a sua importância em um futuro próximo na direção política e econômica do Assentamento:

*Trabalho assim organizar, né, porquê a gente tem ir tem que organizar, porquê nós somos o futuro deste assentamento, nossos pais estão ficando velhos (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Outro ponto interessante para pensar sobre a diversidade de participação dos jovens no Assentamento é saber como aceitam ou negam algumas formas de organização constituídas. Entrevistando uma militante da direção regional que mora no Assentamento, perguntei como via a participação dos jovens na política do Assentamento. Ela respondeu:

*Os jovens vêm a toda mobilização porque eles têm esse objetivo de vir. Mas quando a gente fala com a família e pede pra eles virem também para a assembléia, eles não vão. Pra eles é um saco medonho vir para uma reunião à noite e vão só para uma assembléia para aprovar alguma coisa, sem eles terem participado dos grupos<sup>47</sup> (Nikê, 33 anos, ensino médio, da Coordenação Estadual do MST).*

O depoimento seguinte é de um jovem que participa ativamente da organização de grupos e eventos do assentamento:

*Eu cheguei no dia 17 de setembro de 98. As pessoas que eu conhecia aqui era a G, depois comecei a conhecer outras pessoas por aqui, eu só queria*

---

47 Os grupos aos quais ela se refere, são os grupos de família e/ou trabalho do Assentamento, que se reúnem antes das assembleias para levar propostas à Assembleia Geral da Associação dos Assentados.

*brincar, o meu negócio era brincadeira, Quando eu cheguei aqui eu não queria conversa, não sabia nem o que era assembleia, quando falava em assembleia eu corria quase uma légua, eu tinha nojo de assembleia, e hoje eu ando duas légua de pé se for preciso, porque eu acho bonita a organização, mas aqui pouco tem (...)* (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

Percebo que não há uniformidade no agir e pensar dos jovens em termos de participação coletiva, nem uma submissão cega às leis e normas internas da comunidade, da família e do MST. Embora a maioria obedeça a uma hierarquia, isso não anula a individualidade dos jovens.

A política no Assentamento diz respeito também à representação, como fala este outro jovem:

*A política dentro do assentamento mesmo, né, é uma política muito importante porque quando é pra ser um presidente, um tesoureiro, vai muitos candidatos aí a gente escolhe as pessoas que tem capacidade de ajudar* (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

Para esse jovem, a escolha da representação nas associações deve partir de critérios previamente acordados entre os assentados. Tais critérios são transpostos para os políticos de uma forma geral.

*O critério da pessoa é a pessoa não se envolver com bebida, tem pessoas que tem o estudo mais pouco e tem a pessoa que tem responsabilidade e o estudo mais elevado, e a pessoa que tem capacidade de se comprometer com uma coisa e assumir* (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

Os jovens nos grupos buscam experimentações, criar algo, por isso, negam propostas políticas, comportamentos políticos que ferem seus sonhos. A crítica dos jovens tem como foco central os políticos, o que, para a maioria deles, se confunde com a própria política.

## 4.2 Sobre a Desconfiança na Política

*Ao nível de município eu acho que as pessoas tem muito aquela questão: ah! não existe mais político bom não, eu acho que hoje em dia política eu concordo em algumas partes sabe, eu acho que não existe político santo, acho que bom existe, existe pessoas que querem trabalhar, mas infelizmente essas pessoas não tem vez, porque muitas vezes quem quer trabalhar é quem conhece nossa realidade e quem conhece nossa realidade muitas vezes são as pessoas de classe baixa e aí muitas vezes hoje em dia a política é dinheiro se tem dinheiro tu compra, até nos assentamentos infelizmente ainda há isso, o político consegue comprar o teu voto por uma dentadura, muitas vezes é doente da vista aí vem um político bonzinho dá um exame de vista pra ti, dá um óculos pra você, nem que não seja o certo mais conseguiu o óculos ele já comprou, infelizmente nos nossos assentamentos e até nos assentamentos mais organizados a gente vê isso, tá faltando até as direções dos assentamentos verem essa questão (Eros, 18 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Che Guevara – Município de Ocara - CE).*

Arendt (1999, p.38) problematizou a questão da desconfiança e preconceito com a política, e, retomando Platão, a autora questionou se *o sentido da política é a liberdade*.

A desconfiança na política é antiga. Platão professou seu desagrado e descrédito na política. No transcorrer dos séculos cresceu a desconfiança na política. Os preconceitos com a "coisa política" se multiplicaram.

Assim como na Antigüidade, a desconfiança na política permanece em nossos dias, principalmente quando a visão sobre política se restringe à política partidária e/ou políticos. Pesquisas realizadas no Ceará com jovens rurais e urbanos, e em algumas capitais brasileiras, comprovaram a falta de credibilidade nas instituições. Os dados evidenciam que os jovens desvalorizam os sistemas de representação, os parlamentares e os partidos políticos, e o maior índice de desconfiança foi debitado aos partidos políticos.

Outros trabalhos sobre a falta de participação ou desinteresse dos jovens pela política formal são análises de resultados de estudos, como, por exemplo, MUXEL (1994) e GALLAND (1991) na França, ESPINOZA (1998) no Chile, e outros realizados sobre a juventude brasileira como a Pesquisa Folha de São Paulo (1999), agência de publicidade McCann Erikson (1991), Mische (1997) e Fundação Perseu Abramo (1999).

No meio rural percebo, através de observações, entrevistas e conversas informais, que os jovens também demonstram insatisfação com a política partidária e com os políticos, pois a política partidária continua sob o poder dos "coronéis". Portanto, as eleições tornam-se negócios e a relação entre os políticos e eleitores se limita à compra e venda de convicções políticas e do voto, e este se transforma em uma mercadoria barata.

Mesmo não estando totalmente descrentes na representação política, os jovens ressaltavam nas entrevistas e conversas a desconfiança que as pessoas do seu município têm dos políticos. Eles levantavam pontos relevantes para entender esse desalento, por exemplo, a relação e preferência dos políticos com um determinado segmento social, os compromissos propostos em campanhas e não realizados, o poder do capital nas decisões eleitorais e a ética na política. É importante enfatizar como a visão de política está associada à pessoa do político e como, a partir de uma visão moral, eles estabelecem uma comparação entre o "bom" e o "mau" político.

*É muito importante os jovens saber escolher as pessoas que tem possibilidade de ajudar os assentamentos, escolher o lado melhor. O lado melhor é os prefeito que apoiou a gente desde o início que estamos aqui. É com esses que a gente deve ajudar porque foi quem ajudou, né (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Outro aspecto que percebi nas falas dos jovens foi uma visão muito particular acerca dos políticos. Quando um determinado político local realiza atos de cumprimento das leis, que favoreçam o Assentamento em um determinado momento da luta, como evitar grandes violências, ou fazer valer um direito básico, logo aparece como um “bom político”, um aliado, independente de partido, de ideologia”.

Essa forma de pensar retrata o nível de injustiça, desigualdade, a que são submetidos. Outro fator importante é a opção pelo candidato, que é bastante restrita e manipulada, recaindo sempre no “menos pior”. A ação político-partidária quanto mais se

distancia dos grandes centros urbanos mais aniquila a política, cerceando o agir e o pensar livremente.

A preocupação dos jovens com a conduta dos políticos não é nova, ela já fazia parte do pensamento grego na Antigüidade. Foucault (1985, p.95) nos lembra que “um dos temas mais constantes do pensamento político grego era o de que uma cidade só poderia ser feliz e bem governada com a condição de seus chefes serem virtuosos...”. Esse requisito da virtude era baseado no entendimento que “na difícil arte de governar, no meio de tantas ciladas, o governante terá que se guiar por sua razão pessoal: é sabendo se conduzir bem que ele saberá conduzir, como convém, aos outros”.

Os jovens assentados têm hoje essa desconfiança na política, dão pouco crédito aos partidos políticos e não separam a política dos políticos. Em pesquisa com jovens urbanos, constatei situações parecidas.

Pode-se inferir que, para esses jovens investigados, a política formal se apresenta como uma teia que envolve, aprisiona, corrompe. Por isso desenvolvem um preconceito contra a política, mesmo porque o discurso político, aceito como tal, é o discurso dos adultos homens, cidadãos. Assim como na pólis, o privilégio de fazer política era de poucos.

Como Galland (França) e Espinoza (Chile), compartilho a idéia de que a rejeição à política ou a políticos não é bem interpretada, quando considerada como ação despolitizada ou passividade apenas e, principalmente, quando também se observa uma crescente participação dos jovens em organizações sociais. Há nesse agrupar-se um desejo de cuidar de si e do outro. O sentido do cuidado aparece, como diz Foucault (1997), no sentido de despertar para a vida, de se preparar para a vida.

Nas eleições (out/2002) para deputados estaduais e federais, senadores, governadores e presidente da República do Brasil, um acontecimento que mobilizou um grande número de jovens dos assentamentos rurais foi a perspectiva de eleger um presidente

da República operário, nordestino e de origem muito pobre. Esse fato incentivou os militantes do MST a mobilizar os jovens assentados a fazerem campanha, a se sentirem representados.

Durante um encontro de jovens das áreas de assentamentos rurais do Ceará, ocorrido no período entre o primeiro e o segundo turno, quando as chances eram bastante favoráveis à vitória do Candidato operário, observei uma euforia contagiante desses jovens. Nesse encontro, com seiscentos jovens oriundos de assentamentos de todas as microrregiões do Ceará, percebi que se desencadeavam mecanismos no campo da subjetividade coletiva. Havia uma animação, uma onda, um novo tipo de sensibilidade que parecia despertar, no campo do desejo, o renascimento de um processo de mudança capaz de rever o quadro político.

Observa-se que os jovens que estão nos movimentos culturais, sociais e políticos, têm uma relação com a política diferenciada de outros jovens, pois estes cultivam algo além da desconfiança na política. Eles não se conformam apenas em criticar os políticos ou a política, mas demonstram uma vontade de experimentar, de imaginar, de sonhar um espaço outro para fazer política, uma política fora do Estado, dos partidos e das instituições burocráticas.

Damasceno (1990, p.182), pesquisando comunidades rurais (CEBS) no Ceará, me faz refletir que “é importante compreendermos que o fato do camponês desmascarar o caráter artificial e dominador da atividade política, não nos deve levar a concluir, apressadamente, que a política lhe é indiferente ou que sua atitude é de desinteresse pela política”.

Na sua análise a autora reflete que o aparente desinteresse poderia ser substituído por falta de participação, e justifica dizendo que a ausência dos trabalhadores e trabalhadoras não é resultado de sua vontade e decisão, mas da sua exclusão do processo eleitoral, uma vez que, na nossa sociedade, apenas uma minoria detém o controle e manipula todas as etapas

deste processo. Dessa forma, podemos concluir que não são apenas os jovens que estão à margem da política partidária, mas toda a família trabalhadora rural.

É esse novo sentido de pensar e de fazer política, utilizando outros dispositivos, operando com outras máquinas, que pretendo estudar. Uma das possibilidades poderia ser a arte. E então me pergunto: até que ponto as manifestações artísticas, culturais, dos jovens assentados podem ser referências para uma prática política? Existe uma aliança criativa, produtiva, inventiva entre política e expressões culturais? Ações de solidariedade e sociabilidade são formas de fazer política?

Sob esta perspectiva, pretendo compreender como os jovens do MST estão construindo formas de expressão política e cultural, que possam representá-los como sujeitos produtores de cultura e de ações políticas. E se é possível produzir ações que coincidam com seus sonhos, utopias, com o desejo de construir outra percepção de mundo, outros sistemas de valores e condições concretas que evidenciem mudanças reais na sociedade.

Alguns estudos começam a analisar que não se trata de apatia, passividade política, mas da descoberta de outros canais de participação política que estão sendo criados, ou reinventados pelos jovens.

Diante desse quadro, como responder ou fazer de novo a indagação elaborada por Arendt? É possível relacionar política e liberdade? Nesse sentido, outras questões antecedem: qual a noção de política? Qual o sentido de liberdade?

### **4.3 Juventude e a Vontade de Mudar a Política**

*Outrora na minha juventude experimentei o que tantos jovens experimentaram. Tinha o projeto de, no dia em que pudesse dispor de mim próprio, imediatamente intervir na política (PLATÃO, 1987).*

A citação de Platão vem mostrar quão antigo é o sonho de muitos jovens em intervir, mudar a sociedade. Mas essa ação política vem sendo delineada na história por diferentes meios e formas.

Segundo Groppo (2000, p.80), no decorrer da história, a juventude vai se destacando através de sua participação política.

*A partir da Revolução Francesa, a imagem e a ação efetiva da juventude começaram a ajudar a escrever a história das revoluções burguesas, nacionalistas e, posteriormente, proletárias.*

Desde o século XVIII, os jovens aparecem na cena política, mas nos séculos seguintes é que uma onda revolucionária toma conta das associações juvenis, principalmente na França, Alemanha e Rússia. É importante ressaltar que os jovens envolvidos eram, na sua maioria, ligados a associações estudantis, e os movimentos que mais atraíam esses jovens estudantes eram os nacionalistas, revolucionários e conspiratórios (ibidem).

No Brasil, a pesquisa de Sousa (1999, p.32) sobre a militância política dos jovens revela que a presença da juventude brasileira na política foi percebida desde o período Imperial:

*A política foi um meio pelo qual a juventude se expressou, e sua intervenção é notória no plano ideológico e nos movimentos revolucionários brasileiros anteriores à independência, inspirada nas idéias de Voltaire, Rousseau, Montesquieu, trazidas da Europa pelos filhos da aristocracia.*

Estudos sobre a juventude no Brasil marcam a presença dos jovens na política desde o fim do século XIX.

No século XX, foi a partir dos anos de 1950 que a participação dos jovens se torna mais visível, mas foi a década de 1960, reconhecidamente, o momento de maior dinamização dos movimentos juvenis (SOUSA, 1999).

Pode-se dizer que o final da década de 1960 foi o palco sobre o qual a juventude realizou ações políticas e culturais inovadoras; foi um período marcado por questionamentos e

revisão de valores, críticas à sociedade de consumo, aos modos de vida e ao sistema econômico, e proposições de projetos alternativos de vida.

“Os jovens ditos transgressores e rebeldes dos anos de 1950 deram lugar aos idealistas, revolucionários, dos anos de 1960 e 1970” (SALES b, 2001, p.62). Essa imagem de uma juventude portadora de sonhos e transformações vai sendo diluída no tempo. Nos anos de 1980 e 1990, os jovens passam a serem interpretados pela dispersão, apatia e desmobilização. Mesmo considerando algumas mudanças no final dos anos de 1990, os estudos continuam analisando os jovens como ausentes da vida política. Para Sales (2001 b, p.62).

*Apesar de considerar que a crise de representação política e ética nos últimos anos, a perda de credibilidade nos políticos e nas instituições, e a falta de perspectivas de futuro, afastam os jovens, não posso deixar de perceber a emergência de novas formas de ação política, outros recursos e meios de atividades que são frutos do exercício de sua criatividade.*

Uma jovem assentada fala dessa sua vontade de transformar, destacando como fator importante a coragem. Esse atributo também era considerado relevante na forma de fazer política na *pólis*. Afirma a jovem:

*Meu sonho é um dia conseguir transformar essa sociedade tão injusta, tão cheia de desigualdade social, então nós temos um papel muito difícil nas nossas mãos, mas eu tenho certeza que confiante na coragem, confiante na capacidade que cada um de nós temos, eu acho que um dia nós conseguiremos vencer. (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Quando os jovens expõem esse desejo de fazer política, de falar, externar opinião, de ter o direito de ouvir e ser ouvido, as instituições, muitas vezes interditam seus discursos. Impedimentos, como a faixa etária, se agregam com a classe, a etnia a tendência partidária, e, pode-se acrescentar ainda, a questão de gênero.

*A desqualificação do discurso dos jovens leva a sociedade a tratá-los como indivíduos que não podem falar por si. Dessa maneira, a mídia, a religião e diversos campos de conhecimento, disputam a hegemonia de uma discursividade sobre a juventude. Quando lhes é dada a palavra, é apenas simbolicamente, uma vez que a fala é controlada, selecionada, para conter o perigo que dela pode advir (SALES, 2001 a, p.27).*

No mundo rural, a participação dos jovens na política não tem a marca da associação estudantil, como dos jovens urbanos, mas tem como referência as experiências ligadas à luta pela terra. Para os jovens das áreas de assentamento, o espaço de formação política vai sendo construído desde o momento da ocupação. Como diz Damasceno (1993, p.64), “o processo de ocupação se constitui numa escola política”.

Essa prática educativa e política produz um saber, trata-se “essencialmente de um saber social que nasce na luta” (ibidem). Mas esse saber é duplamente negado pelo saber dominante; primeiro, porque é um saber construído no rural, portanto é fruto de uma prática; segundo, por ser um saber dos jovens, não merece ser considerado, pois os jovens não são agentes pensantes e, portanto não são capazes de elaborar um discurso político.

Foucault (1998) ensina que, em nossa sociedade, o sistema de exclusão do discurso se apresenta através de três procedimentos: a interdição, a rejeição e a separação ou oposição do verdadeiro e falso. Esse sistema que seleciona, classifica, organiza, censura o discurso, torna-se mais rígido quando se trata dos campos da política e sexualidade.

A interdição e rejeição do discurso na política são expressões de poder; entretanto "o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar" (FOUCAULT, 1998, p.100).

O discurso dos jovens também pode ser visto de outra forma, como criador de acontecimentos, e pode ser compreendido como formas inovadoras de pensar e fazer política, à medida que ele se opõe à representação política, à organização da estrutura fundiária, e quando participa de microprocessos revolucionários.

O MST tem conseguido captar esse desejo dos jovens em produzir realidades novas, e, desse modo, estimula a potência de agir destes jovens; e aquilo que poderia parecer obrigação passa a ser uma motivação para permanecer na luta política. A partir dessa visão, Bogo (1999, p.152) acentua:

*Vemos com muito orgulho, nos encontros estaduais e nacionais, idosos usarem a palavra para colocarem suas preocupações e, ao mesmo tempo, crianças e adolescentes também terem a mesma oportunidade de falar, de ser ouvidos e aplaudidos, pois se sentem em condições de dizer o que pensam.*

A valorização do discurso dos jovens na fala e nos escritos do Movimento consegue animar os jovens a participar, estimula a desenvolver suas potencialidades, a participar de atividades políticas, como confirma um jovem assentado.

*Os jovens têm feito muita coisa, assim nos acampamentos em Fortaleza, nas marchas vai muito jovens (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

A política dentro do MST pode ser para os jovens um campo de experimentação, sociabilidade, convívio entre diferentes, encontro, novidade, o inesperado, o imprevisível. Fazer política para os jovens dentro do MST é também correr o risco de abandonar o “lugar seguro” pelo desconhecido, o que representa uma opção geradora, ao mesmo tempo, de medo e fascínio.

Pode-se dizer que, apesar de o MST haver se tornado para os jovens um espaço onde podem fazer política, ele também é um espaço que limita e disciplina. O agir político do MST pode ser pensado como um “lugar onde se unem a persistência da tradição e a fragilidade do novo” (Ortega, 2000, p.35). Mesmo fazendo essas considerações é importante sublinhar que o MST, por ser um movimento que reúne um grande contingente de jovens em todos os seus setores, desenvolve ações políticas que se caracterizam pela inovação, criatividade, ousadia e ausência de limites.

#### 4.4 Pertença ao MST - novos sentidos

No mundo rural dos assentamentos, as formas de agrupamentos juvenis têm duas principais influências: o MST e a Pastoral da Juventude. A participação dos jovens no cenário político, através do MST, é para a maioria deles um espaço de sociabilidade, necessário para viver seus processos e sua própria situação.

O fato de pertencer ao MST, além de gerar expectativa de conseguir um pedaço de terra, oferece a possibilidade de mobilidade, uma vez que o Movimento oferece cursos, participação em ocupações, marchas, encontros. Tudo isso ocorre fora do Assentamento, e isso tem um sentido de conquista de uma relativa autonomia.

Pertencer a um grupo ou a um movimento pode ser percebido pelos jovens como uma oportunidade de viver uma experiência nova, mas pode funcionar também como uma atividade que pretende ser provisória, temporária.

Quais as opções do jovem do mundo rural? Ir para a cidade e ter um subemprego? Ficar no campo submetido às precárias condições de trabalho, sem perspectivas de mudança? Participar do MST?

Dessa forma, instaura-se um verdadeiro dilema para os jovens do meio rural. Se, por um lado, o MST durante sua existência no País, na luta pelo direito à terra, ganhou credibilidade de setores diversos da sociedade, conseguiu ser ouvido por muitas instituições e obteve respeitabilidade internacional, por outro lado, tem sido alvo da difamação na imprensa brasileira, como também tem sofrido repressão e violência oriundas das autoridades, além da discriminação que as famílias sem terra sofrem dos próprios vizinhos dos assentamentos.

Ao fazer opção pelo MST, os jovens vislumbram as perspectivas e conquistas do Movimento, como aquisição de equipamentos, modernização da produção, montagem de estratégias para melhorar a comercialização, as formas de trabalho coletivo demonstradas

através de alternativas produtivas, como, por exemplo, as cooperativas, que tem possibilitado, em nível econômico e social, melhoria da qualidade de vida.

No campo político, os jovens admiram o destaque que o Movimento ganha através do embate ideológico, com o alcance de seu projeto social e político e com a visibilidade da organização, através de suas marchas e do número de áreas ocupadas e desapropriadas. Esta prática política do Movimento contribuiu para aumentar a sua credibilidade e, conseqüentemente, a importância política entre os trabalhadores rurais.

Mesmo com toda a projeção do MST, é importante destacar que, ser sem terra para os jovens que assumem a militância se entregando inteiramente ao Movimento, é inteiramente diferente dos que militam nos assentamentos, porque os primeiros vivem o dia entre seus pares, mas os outros jovens freqüentam outros espaços, como as escolas, e, por isso, estão muito mais expostos às críticas, inclusive de outros jovens de localidades vizinhas.

Para os jovens, pertencer ao MST deve ser uma escolha pessoal, pois o engajamento político tem múltiplos desdobramentos, significa muito mais do que a possibilidade de adquirir terra e trabalho, é principalmente a construção de uma subjetividade, quando perseguem um sonho coletivo de transformação da sociedade.

O agir político dos jovens do Assentamento Antônio Conselheiro tem se dado principalmente no interior do MST. Na entrevista com um dos pensadores do MST, dirigente nacional, que vem trabalhando prioritariamente no setor de cultura e juventude, perguntei como era fazer política no MST, e o que é ser militante para o Movimento. Ele respondeu:

*É um modelo de construção de movimento que esgotou, em que você tem militantes qualificados e você tem uma massa apática ou uma massa que aguarda pra ser convocada. Funcionou em determinado período porque havia, eu acho, uma possibilidade de crescimento. Hoje nós temos uma visão diferente em que você precisa diminuir a delegação de poderes pra poder ampliar a democracia interna. Então, na luta política vai ser assim também. ...Então, a estrutura orgânica ela tem que ser diferente e a base precisa constituir as discussões para que as instâncias possam discutir sobre o que de fato significam os problemas da base. E a base precisa refletir quais são os problemas políticos que as instâncias estão encontrando. Então ao mesmo tempo em que o dirigente representa a base,*

*a base representa o dirigente, na medida em que ela constrói a organização a partir do processo concreto (BOGO, 2001, entrevista concedida à pesquisadora).*

No primeiro momento, Bogo critica o antigo modelo utilizado pelo Movimento, ou seja, uma democracia representativa que suprimia a interação dos militantes e a base, e traz ainda a questão da concentração de poder, o agir político como privilégio de poucos, e as alternativas que começam a ser desenhadas. Ele continua:

*Então, nós não podemos reproduzir, eu acho, aquilo que é na democracia burguesa em que você delega poder para um deputado, pra um senador, não vão resolver, seus problemas em quatro anos. E não tem nada a ver, você não sabe o que ele está fazendo, ele não sabe o que você está pensando, e vai diminuindo justamente esse fator em que você possivelmente poderia contribuir; então o jovem de hoje, ele vai ter uma tarefa maior, que é participar do núcleo de família e ser uma liderança de base, primeiro lá mesmo onde ele mora, então não precisa ir um dirigente pra lá pra fazer discussão e encaminhar determinado problema.(BOGO, 2001, idem).*

A política no MST é situada por Bogo como algo a ser inventado, construído, e, em diferentes espaços, não necessariamente no espaço público, mas no grupo de famílias, no assentamento. É a política além do partido, do Estado, é a possibilidade de criar um espaço de liberdade, sem reproduzir, mas criar algo novo.

Nessa mesma linha de pensamento, um dos fundadores do MST, Stédile, ao se referir às terminologias dadas às ações coletivas do Movimento, passa a idéia que o Movimento está sempre se reconstruindo, produzindo o novo e se desatrelando das formas de ser das instituições. Para Stedile e Fernandes (1999, p.94):

*(...) o pessoal está acostumado a formalizar tudo. Nós, não. Acho que é em decorrência disso que os anarquistas gostam da gente. Se não der certo, a gente desmancha e faz outro. Não tem esse compromisso burocrático.*

A ousadia de não aceitar, não se submeter às determinações fixadas, às práticas do poder constituídas na sociedade, obriga o Movimento a pensar, e, dessa forma, ele cria possibilidades de ultrapassar o que está preestabelecido, moldado para investir no domínio de si, na sua autonomia para poder explorar todo o seu potencial.

Agindo dessa forma, será possível, no interior do Movimento, reconhecer as diferenças e não homogeneizar os homens, as mulheres, jovens, adultos, crianças, idosos, mas abrir-se mais à multiplicidade? Essa é uma questão importante, porque a multiplicidade envolve uma desconstrução da noção de identidade. No caso do Movimento as semelhanças são incorporadas, quando se identificam como ser Sem Terra, ser trabalhador(a) rural. Sem negar isso, é preciso estar atenta para o fato de que as diferenças também se revelam; em modo ou grau de intensidade diversos, elas são produzidas pelos acontecimentos e pela forma como os indivíduos são afetados. Sobre a questão da semelhança, Fuganti (1990, p.71) reflete com maior profundidade quando alerta sobre as limitações que a identidade pode causar ao pensamento e ação.

*(...) a semelhança, a identidade, a equivalência e a troca são invenções e não dados naturais da alma, são artifícios que uma máquina política produziu para constituir os extratos próprios ao bom funcionamento de suas relações internas. São mecanismos de regulação e de codificação das relações entre os homens, os quais determinam os modos de agir e pensar.*

Para o MST, o grande desafio é não utilizar as semelhanças para impor uma maneira única de ser, de agir, de pensar, de falar, porque senão estaria apenas reproduzindo às avessas a modelização da máquina capitalística. É preciso, portanto, reconhecer que as próprias características espaciais, geográficas, regionais, proporcionam múltiplas maneiras de ser sem terra, e, sem considerar essas condições, é difícil respeitar as diferenças.

Quando pesquisei os jovens rurais de assentamentos apoiados pelo MST, não os vi apenas pelas suas semelhanças, mas principalmente pelas suas singularidades. Considero que esses jovens rurais afetam e são afetados pelo MST de formas diferenciadas, mesmo porque a realidade rural não é uniforme, ela também é diversa e não está pronta, pois é uma produção. Ao lutar pela terra, ao fazer política no assentamento, no MST, eles estão vivenciando experiências, preparando-se para fortalecer suas potências, ultrapassar seus limites.

O pensamento de Arendt (1999, p.21) ajuda a entender essa dinâmica, quando a autora afirma que *a política baseia-se na pluralidade dos homens*. Ela explica que a pluralidade humana se reafirma em cada nascimento, por ser um acontecimento, um novo começo. Isso permite que a humanidade consiga criar um espaço onde pode agir politicamente.

Nesse sentido, tentei perceber a juventude como múltipla, e, mesmo considerando sua diversidade, após pesquisar os jovens rurais e realizar leituras e interpretações de outros pesquisadores de juventude, percebi que a visão dos jovens sobre política é bem mais ampla do que a política partidária. Mesmo que eles critiquem a forma tradicional de fazer política, alguns jovens acreditam que podem inventar um espaço de representação individual e grupal, e, também elaborar uma crítica ao sistema em sua dimensão da produção de subjetividade (GUATTARI; RONIK, 1996). Dessa forma, outras expressões de sociabilidade e de política vão se constituindo em espaços de atuação, criando assim, outros vínculos com a sociedade.

Os jovens que participam de movimentos políticos, culturais e até alguns religiosos, acreditam que "suas práticas têm um significado político, transformador, que é construído coletivamente. É um processo de singularização que está sendo gestado no grupo" (SALES, 2001 a, p.37).

#### **4.5 Formação Política no MST**

O número de militantes jovens tem crescido no MST, principalmente porque o Movimento tem conseguido canalizar talentos e desejos individuais, e despertado interesse de participação na luta pela Reforma Agrária. Os jovens começam a contribuir com o Movimento a partir daquilo que eles mais gostam e sabem fazer melhor; em seguida,

concomitantemente, vão tendo formação teórica e exercitando, na prática, múltiplas atividades no campo político.

O processo de iniciação é diverso, embora sempre aconteça após um convite de um militante mais antigo para participar de um encontro, reunião ou evento.

*Eu comecei assim, quem me deu a maior força foi a D, ela é uma dirigente regional, tu conhece, né, e juntamente com a F eu comecei logo a ter muito entrosamento com a F, então a F começou: olha eu acho que você tem muito talento pra isso, eu acho que você pode desenvolver alguma tarefa, eu acho que você é uma menina que tem capacidade, aí eu falei você acha, ela disse eu acho. Fui convidada pra participar do encontro da confraternização da regional, eu fui logo no início, eu fiquei assim muito dispersa, porque eu me sentia muito dispersa assim na questão, porque tinha muita gente que tinha conhecimento e eu sei lá, será que eu posso fazer isso, a F você vai conseguir, participei um ano da coordenação regional, foi nisso que eu fui pegando conhecimento (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Os militantes, desde o acampamento, vão identificando aquelas pessoas que têm mais envolvimento na luta ou mais facilidade em proferir discursos, ou ainda, aquelas mais ligadas à arte.

A formação política dada aos jovens pelo MST vai estimulando os jovens a se exercitarem coletivamente, orientando-os a investir e aprimorar suas potencialidades. Por exemplo, existem no Movimento muitos jovens tocando instrumentos, principalmente o violão; há jovens cantores, compositores, oradores e, mais recentemente, alguns jovens estão fazendo curso de teatro.

A formação dos militantes acontece durante cursos, encontros, congressos, acampamentos, marchas, e pode ser ministrada no próprio assentamento, em outro município, na Capital, em outro Estado. Dentre os cursos mais estruturados para os iniciantes estão o “Curso Prolongado” e o “Curso de Formação Básica de Militantes”, tendo ainda os cursos-relâmpagos nos acampamentos, que divulgam e capacitam os novos integrantes do Movimento.

Os cursos de formação básica de militantes estão organizados nos planos nacional, regional e estadual. Os temas trabalhados, na sua maioria, são desenvolvidos pelos membros do Setor de Formação, e uma pequena parcela é monitorada por aliados ao Movimento. Em geral, a idade mínima dos participantes é em torno de 14 ou 15 anos. Os jovens que freqüentam a Escola de Formação do Movimento dos Sem Terra são oriundos de famílias assentadas. A duração do curso é de trinta dias e este acontece em assentamentos ou localidades que tenham uma estrutura mínima para abrigar os participantes.

Segundo o MST, o objetivo fundamental dos cursos é capacitar, organizar e formar militantes a partir de um amplo projeto de educação que extrapola os ensinamentos da escola. Através dessa formação, os participantes têm acesso a conhecimentos sobre a realidade e sobre o Movimento (1996).

Desta forma, posso afirmar que há uma interseção dos os setores de formação e educação. Os princípios da educação no MST se estendem à formação política, principalmente no que diz respeito a “educação para transformação social, a educação com/para valores humanistas e socialistas e a educação como processo permanente de formação/transformação humana” (MST: 1996, p.10).

O conteúdo dos cursos segue um roteiro determinado, de áreas consideradas indispensáveis na formação de militantes, e compreende: História da Sociedade Humana, História do MST, Luta pela Terra, Cooperação Agrícola, Organicidade, Disciplina, Educação, Formação, e Temas Complementares, dentre os quais se inclui Gênero e Valores Culturais. A maioria dos jovens entrevistados já participou de algum tipo de formação.

*Já participei de cursos, em 98, que sempre tem, passa assim uma semana, fazendo o estudo ali pra quem quiser contribuir pra luta do MST. Sempre quando tem eu participo. Já fui em marchas, sou do Grupo de Jovens (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Eu já participei muito do MST, mas hoje não participo mais, eu já viajei, já trabalhei quase dois anos com o MST, um trabalho assim espontâneo, porque nós sabemos que com o MST a gente tem que ser espontâneo, já*

*viajei até pra Brasília, pra um congresso. Um congresso, encontro, já fui pra mobilização, paralisação, eu gosto de participar* (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

*Fiz escola de formação, já fiz vários cursos, fiz teoria e prática de Ademar Bogo, fiz teoria da organização com Leonardo Boff. Eu fiz um curso no assentamento Santa Bárbara e o outro eu fiz aqui, e tem os encontros do Movimento Sem-Terra que eu participo* (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

Segundo o MST, os cursos de formação para militantes “devem cumprir a função de ajudar os militantes a interpretarem os objetivos do MST”; diz ainda que “é importante que se organize palestras com pessoas que possuem pontos de vista diferentes dos nossos para provocar debates (MST, 1998 c, p.13).

O Curso Prolongado faz parte do Setor de Formação. É um curso regional, destinado aos jovens assentados de 14 a 30 anos, com escolaridade diversa, desde o ensino médio até os analfabetos. Diferentemente da Escola Estadual, que tem um público mais orgânico, o Curso Prolongado é mais básico, voltado para os principiantes.

A duração é de três meses e o local deve ser um assentamento com características apropriadas para o desenvolvimento do curso, ou seja, um assentamento antigo, que tenha associação e/ou cooperativa, e uma infra-estrutura que comporte sala de aula para formação política e áreas disponíveis para os trabalhos prático e produtivo. Em alguns estados, já existem centros de formação construídos para esse fim.

A dinâmica do curso compreende estudos, aulas teóricas, trabalho prático, lazer, oficina de criatividade e oficina profissionalizante. No período do curso, deve ser oferecido o supletivo do ensino fundamental e alfabetização. Ao final, todos os participantes devem ter aprendido a ler e a escrever. O público-alvo, segundo Ana Cristina, dirigente nacional do Setor de Formação, deve ser:

*Jovem que tá no assentamento, do Movimento, talvez por não tá se inserindo, não conhece o corpo do Movimento, talvez por não conhecer não tá inserido, ele fica um pouco sem norte, o pai é militante, o pai é dirigente, então fica sem norte, fica aquela coisa de... talvez vontade de não estar mais lá.*

Os objetivos do Curso Prolongado, segundo a mesma dirigente, são os seguintes:

*Então, esse curso o objetivo é resgatar esse jovem, que tá desacreditado, que não quer ir mais para roça, porque tem a televisão em casa, que tá dizendo que a cidade é boa, um monte de coisa que a mídia coloca de alienação. Então essa juventude acaba ficando lá sem fazer nada e não contribui com o andamento, do crescimento do assentamento. O objetivo é a formação política, é dar estímulo pro jovem perceber a realidade que ele vive, perceber o assentamento, perceber a conquista que foi pro pai dele aquele assentamento, que ele possa contribuir a partir dali (ibidem).*

Na avaliação da dirigente, o resultado do Curso Prolongado tem sido animador, principalmente porque no processo ela tem observado mudanças no que se refere a auto-estima desses jovens. Outro fator por ela destacado foi a equidade nas relações entre jovens tão diversos.

Para o MST, “os cursos, principalmente os prolongados, devem contribuir para que os militantes desenvolvam esta habilidade de pensar e agir consecutivamente, retornando para avaliar e buscar novos elementos para aperfeiçoar a prática social” (MST, 1998 c, p. 11).

Além dos cursos, o MST programou uma formação mais ampla para todo o Assentamento, que funciona da seguinte maneira:

*(...) nós temos um trabalho com cem famílias, cada militante tem que acompanhar cem famílias, as minhas cem famílias são no assentamento Che, na Serragem e no Vitória, aqui próximo. Então a gente desenvolve todo esse trabalho, nós somos um grupo de duas pessoas pra acompanhar, porque as áreas são bastante grandes, por exemplo, a área do Antônio Conselheiro (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O Movimento realiza a formação dentro e fora do assentamento. O trabalho interno é feito com os jovens que não podem sair por motivos escolares ou proibição dos pais, e o trabalho externo com aqueles que são liberados pelos pais e pelo assentamento, pois para os jovens saírem é necessário que o assentamento assegure seu sustento.

Os iniciantes vão se tornando militantes e passam a contribuir no próprio assentamento, trabalhando junto aos grupos de jovens, orientando os estudos de textos e livros

sobre a realidade rural, sobre a vida e luta de líderes revolucionários e camponeses, e sobre o MST. Como explica uma iniciante:

*A gente tem trabalhado vários cursos, é tanto que esse ano a gente tá tentando investir na questão do artesanato com a juventude, na questão de resgatar a cultura que está perdida aí, a questão do Luís Gonzaga, então essa é a nossa idéia aí pra esse ano de 2001 que chega, nós já trabalhamos vários encontros com esse tema e esse ano nós temos o propósito de fazer isso, de trabalhar com a juventude na questão da cultura resgatando Luís Gonzaga e vários lutadores que foram aí e está esquecido porque a realidade brasileira que está se implantando novas bandas e deixando de fora um patrimônio histórico que a gente tem (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O trabalho militante dentro do assentamento é realizado por um militante mais antigo e um iniciante; o material trabalhado por militantes parte de uma orientação nacional e, embora este material problematize situações de opressão no campo e instigue uma ruptura com a ordem estabelecida, ele também burocratiza a formação política dos jovens.

*( ) aqui é enorme como dá pra você observar, então não tem condições de uma só pessoa acompanhar, então são duas pessoas pra acompanhar uma mesma área, então eles acompanham e depois a gente se reúne e planeja todo o acompanhamento, a gente trabalha texto, trabalha formação política, é tanto que nós tamos trabalhando no momento o tema do congresso nacional é: Movimento Sem Terra, reforma agrária por um Brasil sem latifúndio, então nós tamos trabalhando baseado neste livro e a gente tá encerrando ele agora em março, então nós levamos pra reunião da coordenação estadual e lá nós vamos pegar novos materiais pra trabalhar de novo com as famílias (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Este tipo de orientação limita a criatividade e captura miniprocessos de desejos dos militantes. Neste sentido, há nessa formação o risco de impedir que se desencadeiem processos micropolíticos e entrem em um sistema de recuperação. Mas, por ser um processo, o trabalho dos militantes pode também criar dispositivos para recolocar a problemática dos estudos, pode ainda propor táticas de construção da luta e das atividades locais. Como dizem Guatarri e Rolnik, “por mais opressivo que seja o campo de trabalho, nele sempre existe um grau de liberdade, ainda que ínfimo” (1996, p. 129).

As atividades que os jovens assentados realizam fora do seu assentamento, a maioria das vezes são temporárias.

*Eu saía por um tempo, passava uma semana e depois retornava, nas férias eu saio às vezes pra desenvolver algum trabalho, alguma outra coisa, só que no período letivo eu fico só aqui (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Os grandes movimentos desenvolvidos em outros municípios ou em outros estados animam os jovens pela mobilidade e pelas relações que estabelecem, além de se sentirem livres do olhar familiar. Embora passem por muitas dificuldades nas marchas e acampamentos na cidade, eles sempre desejam retornar.

*No dia do trabalhador ano passado a gente saiu daqui até um certo meio de carro e de lá a gente foi caminhando até Chorozinho, eu não sei se eu posso falar se foi ou não uma marcha. (...) Participei de uma mobilização na BR 116, e uma última que teve em Fortaleza, passei uma noite e no outro dia estava com dores que eu não me dava com a comida (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Participei de vários encontro assim, encontro de outros assentamento que já tem experiência no negócio de horta, reuni as pessoas que queriam ir, aí a gente ia conhecendo (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

A participação dos jovens em eventos políticos não implica necessariamente um compromisso, uma adesão ao Movimento ou à luta. No entanto, aqueles jovens contatados que vivenciaram atividades coletivas promovidas pelo MST ressaltaram como uma experiência positiva, destacando, principalmente, a organização do Movimento e os sentimentos de convivência e de solidariedade. Mesmo aqueles jovens que não têm uma militância linear, interiorizaram a luta como uma necessidade para obter terra e moradia.

#### **4.6 Militância Política**

*O termo "militante" é muito envenenado. Ele recobre um capital extraordinário de devoção, de coragem, de envolvimento, por parte das pessoas, mas, ao mesmo tempo, ele evoca significados como "militar", "arregimentação", que são marcados por conotações negativas, chatas, mortíferas para economia do desejo (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.174).*

Guattari e Rolnik fazem uma crítica ao termo militante, contudo, me faz pensar a partir de sua dupla face, de suas dimensões antagônicas. Sem me limitar aos riscos que o

termo militante apresenta, procurei encontrar os dispositivos que podem ser instaurados para produzir condições de vida coletiva e recusa à subjetivação capitalista. Acerca do termo militante, me interessa conhecer qual o seu significado para os jovens rurais de áreas de assentamentos coordenados ou apoiados pelo MST. Seria um sonho? Uma forma de fazer política? Ou uma forma de vida?

No decorrer da pesquisa, obtive uma variedade de respostas sobre ser militante, e observei que, em diferentes momentos e espaços, as respostas são bastante diversas. Durante momentos de cursos de formação política do MST, quando, através das dinâmicas de grupo, perguntei sobre seus sonhos, alguns jovens escreveram<sup>48</sup> assim:

*Eu sonho ser muito feliz e ser uma grande militante, já que me deram a oportunidade (uma jovem assentada).*

*O meu maior sonho é que eu possa alcançar meus objetivos na luta pelo MST, é ser uma grande militante (uma jovem assentada).*

*Meu sonho é continuar no MST. É ser uma revolucionária. Não é só um sonho, mas sim um objetivo de vida. (uma jovem assentada).*

*Eu tenho muitos sonhos a realizar, um deles é ser um grande revolucionário do MST (um jovem assentado).*

*Eu quero ser um militante e trabalhar pelas famílias pobres que não tem terra para trabalhar (um jovem assentado).*

*Meu sonho é me formar num militante do MST (um jovem assentado).*

Estes jovens expressam a vontade de se formar, não apenas em um militante qualquer, mas em um “grande militante”, o que significa tornar-se um revolucionário, trabalhar pelo coletivo, sendo também uma forma de alcançar seus objetivos, e, como frisa uma jovem, é “um objetivo de vida”.

Outros jovens destacaram a conquista da terra e da liberdade, a participação dos jovens na luta, na mudança do País, na conquista de uma vida melhor do que a dos seus pais.

---

48 Estas respostas eu obtive em um Curso de Formação na região, e a identificação foi feita apenas por sexo porque coloquei nos papéis um símbolo de identificação, entretanto, não pedi que colocassem o nome para que se sentissem mais livres para responder.

Ressaltaram ainda o orgulho de ser Sem Terra em qualquer espaço, e que pertencer ao MST é se preparar para enfrentar os riscos do imprevisível, sem se intimidar.

Outra jovem ressaltou que é dentro do mundo, se misturando com ele, que pode operar mudanças, e que se sente construtora, tanto do MST, como de uma nova sociedade.

Durante o Curso de Formação, observei que, nas falas dos jovens, estavam muito presentes questões como o enfrentamento das classes, a união, organização da luta e o sonho de transformação. Nesse sentido, eles colocaram a grande importância da juventude e o sentimento de serem produtores dessas mudanças. É como se através do MST eles se sentissem empoderados.

É importante ressaltar que esses sonhos foram colocados durante um curso de formação de militantes, momento em que estão motivados a aplicar os conhecimentos obtidos. De fato, o retorno ao Assentamento é que vai determinar a permanência ou não na luta pela terra e no MST.

As concepções que se seguem, sobre ser militante, foram coletadas nos assentamentos, quando os jovens vivem suas rotinas diárias, diferentes das anteriores, que foram coletadas em um clima caloroso de um Curso de Formação.

*Ser militante do Movimento Sem Terra é um dia conseguir transformar essa sociedade tão injusta, tão cheia de desigualdade social. Então nós temos um papel muito difícil nas nossas mãos, mas eu tenho certeza que, confiante na coragem, confiante na capacidade que cada um de nós temos, eu acho que um dia nós conseguiremos vencer (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Assim como esta jovem existe um determinado grupo de jovens que considera ser militante aquele que operacionaliza a proposição do Movimento, que também é sua, e para isso acredita ser possível realizar o que para a maioria dos indivíduos é considerado improvável.

Outra opinião, trazida como essencial para militância, é o conhecimento do próprio Movimento.

*Tenho vontade de ser militante mais eu acho isso, que pra uma pessoa ser militante eu acho que tem que ter um saber, um saber bom, né, que nem o Posêidon. E aí, eu acho que pra ser militante não tem que ter só leitura, como educação, eu não tô me chamando, que eu sou um mal educado, mas só que a gente tem que estudar o que é ser um militante, pra poder partir pra ser um militante (Hermes, 5ª série do ensino médio, 15 anos, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

*Eu ainda não me acho um militante, ainda sinto que eu preciso trabalhar no Movimento, me engajar. Mas é meu sonho ser militante, porque eu acho assim uma coisa envolvida, se eu chego conversando com outros no encontro regional (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Alguns jovens demonstram ter admiração pela militância, mas, ao mesmo tempo, têm receio por aquilo que podem abdicar. Por exemplo, a casa, família, são algumas das maiores perdas do militante e, em segundo lugar, de acordo com os entrevistados, seria abandonar a escola antes de concluir o ensino médio. A maioria dos jovens se sente estimulada a estudar, sendo essa motivação também resultado de um trabalho sistemático do Movimento.

Outros jovens situam a necessidade de ter mais formação escolar, tanto pela questão pessoal como pela necessidade de se tornarem militantes mais preparados.

Para muitos jovens, uma questão relevante que os impede de tornar-se militantes é a dificuldade financeira, que começa com a liberação pelo assentamento ao qual pertencem. Muitos jovens, embora desejem ser militante, não o fazem porque os assentados não podem assumir os custos e as famílias não têm condições de sustentar filhos militantes sem a ajuda do assentamento.

A opinião a seguir diverge das anteriores. Este jovem ressalta que ser militante não significa necessariamente deixar casa, família, escola, trabalho, mas ela pode ser exercitada também dentro do próprio assentamento.

*O que eu me acho ser um militante é contribuir dentro do assentamento, uma pessoa que não conhece pede a informação, eu explico. Tem muita gente que se acha ser militante é só se formar aqui, ser militante e sair pra fora, mas não é, é contribuir nas lutas dentro do assentamento. Se quando tem assim uma ocupação, pede ajuda aos assentamentos aí a gente tem que*

*contribuir* (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

Sobre as diferentes atuações do militante, perguntei a opinião de um dos dirigentes nacionais e pensadores do MST, Ademar Bogo.

*Esgotamos esse modelo que tem poucos militantes que circulam e tem muita gente que fica na base sem participar, sem compreender o que está acontecendo, por isso que esses jovens vão estudar, porque o modelo de militante que eles têm na cabeça é esse que viaja. Então, ele terá que entender que ele vai militar uma hora por dia, enquanto o outro vai militar o dia todo, porque existem tarefas em que alguém precisa circular, não vamos dizer que tenha que circular eternamente, mas por um certo período você tem que resolver questões de negociações com o governo, enfim, mas existem atividades de base que precisam ser discutidas diariamente. Então, eu vou ser um militante de base, porque eu estou integrado a uma discussão concreta pra resolver problemas concretos (...) eu sempre falo pra os meninos, se vocês ficam só plantando árvores dentro do acampamento, você é um militante do MST porque você está implantando algo que está na linha política do Movimento. (BOGO, entrevista concedida à pesquisadora 2001).*

Segundo Bogo, as várias formas de ser militante, constituem uma nova forma de pensar do MST, pois possibilitam conciliar estudo e militância; existe inclusive uma tentativa do Movimento de liberar, durante três meses por ano, seus militantes para fazer cursos universitários prolongados. Partindo dessa concepção, Bogo expõe o que de fato é ser militante.

*Então, militante é aquele que implementa a linha, implementa a decisão. Então, não importa se não sai pra capital, se ele não viaja pra Brasília, mas se ele está ali atuando pra implementar algo que é decidido coletivamente, ele é um militante que tá dando exemplo, tá incluindo, tá organizando dentro do assentamento (BOGO, 2001, idem).*

O ser militante, para os jovens assentados, tem múltiplos significados. Muitos deles participam de marchas, cursos, encontros, mas não se sentem militantes. Para muitos jovens, ser militante faz parte de um projeto futuro. Essa nova concepção que está sendo construída pelo MST ainda não foi incorporada pelos assentados. A visão dominante permanece a do militante que se entrega completamente à luta. Esse estilo de militante é visto como líder, lutador, mas também como alguém que não cuida de si mesmo, vive para os outros, e essa idéia às vezes assusta e diverge dos sonhos pessoais dos jovens.

O que importa dentre as diversas formas como a militância é exercida é se ela é uma ação que cria possibilidades para se tornar uma “máquina de guerra” que possa arrastar os indivíduos para experimentar novas situações e lutas, sem repetir velhos sistemas, sem reproduzir modelos tradicionais, hierárquicos, ou ainda, que tenha apenas a falsa aparência de uma ação libertadora.

Segundo dirigentes do MST, a luta pela terra tem sido um aprendizado e, através da luta, eles têm possibilidade de reconstruir outra cultura política, na qual a relação de dominação entre instâncias hierárquicas vai dando lugar a uma articulação entre parceiros. Mesmo concordando com a idéia de que o Movimento tenha avançado na discussão das relações de poder, deve-se lembrar que, em qualquer organização, quando seus militantes implementam as linhas, as decisões coletivas, põem em cheque a autonomia, ainda que seja em nome da democracia. E, como dizem Guattari e Rolnik (1996, p.134):

*A democracia talvez se expresse ao nível das grandes organizações políticas e sociais; mas ela só se consolida, só ganha consistência, se existir no nível da subjetividade dos indivíduos e dos grupos, e todos esses níveis moleculares, novas atitudes, novas sensibilidades, novas praxes, que impeçam a volta de velhas estruturas.*

Nessa perspectiva, um dos dirigentes nacionais do MST se posiciona acerca da democracia interna da organização, estabelecendo uma comparação entre a estrutura de uma cooperativa e a do Movimento. Afirma Bogo:

*Quanto mais poder você delega, menos democracia tem numa organização. Por que? Porque você entrega a outro o poder de decidir sobre determinadas questões que você nunca discutiu. Então você cria uma cooperativa, mas você não participa ativamente dela, (...) Então você delega a diretoria da cooperativa, o poder de fazer a cooperativa, enquanto você é um sócio que está se afastando, ou a estrutura se afasta de você porque você não tem, ou não se criou, canais de participação suficientes, que você possa de fato crescer junto com essa estrutura (BOGO, 2001, idem).*

O dirigente aponta a questão de delegar poder a outrem, como uma atitude a ser revisada no Movimento, sugerindo uma forma de democracia, no contexto da qual todos possam tomar a palavra. Essa forma de pensar, ainda que não esteja contemplada na prática

cotidiana, pode ser, como nos dizem Guattari e Rolnik, uma nova sensibilidade que interrompa o prosseguimento de uma velha estrutura, tanto no que diz respeito à organização em si, à estrutura hierárquica do assentamento, quanto na relação entre jovens e adultos, homens e mulheres; essa é uma democracia necessária, que precisa ser inventada.

*A questão, portanto, não é se devemos ou não nos organizar, e sim se estamos ou não reproduzindo os modos de subjetividade dominante, e isso em qualquer uma de nossas ações cotidianas, inclusive de militância nas organizações. E nesses termos que se coloca a "função de autonomia" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.176).*

Ao iniciar a pesquisa, pensei que fazer política no MST era, para os jovens, uma forma de adesão à ordem. E questionava se esses jovens não sentiam medo de arregimentação, de restrição de sua liberdade, mas, durante a investigação, fui percebendo que há disponibilidade dos jovens em se envolver em ações coletivas, onde se esboça uma concepção política na maneira de agir.

A presença do jovem na militância do MST me levou a fazer várias reflexões sobre a prática política de pertença ao MST. Seria essa prática uma forma de uniformização ou existem microdiferenças nas diversas ações empreendidas por eles? A inserção no MST poderia garantir a inclusão dos jovens no grupo, processo tão importante a essa fase da vida e, ao mesmo tempo, também seria uma forma de transgressão à ordem? Estariam construindo um modo de pensar a partir de uma nova ética política?

Ao fazer parte de um grupo, os jovens procuram reconhecimento, estabelecem comunicação através das redes, selam compromissos, experimentam expressões públicas políticas ou culturais. É também uma estimulação tomar posições e desenvolver atividades conjuntas (MISCHE, 1997).

No Assentamento Antônio Conselheiro existem diferentes tipos de militantes: aqueles que participam apenas de atividades locais, os que participam de alguns eventos fora do Assentamento e Município, e aqueles militantes em tempo integral.

*Nós temos aqui vários militantes, à medida que eles participam de encontros, cursos, eles preferem atuar fora do assentamento porque não encontram espaço dentro do seu próprio assentamento. Então, eu tenho dois cunhados meus, o Iv e o Ir, que quando eles estão lá eles vão para uma assembléia. O Iv briga no grupo de família que ele faz parte e que é o meu núcleo. Eu também, quando estou lá, vou para a reunião do meu núcleo, mesmo eles olhando com os olhares assim, não dando muito espaço pra gente (Nikê, 33 anos, ensino médio, da Coordenação Estadual do MST).*

O fato de fazer a militância fora do Assentamento tem proporcionado aos jovens o reconhecimento do seu trabalho, além do capital político<sup>49</sup> que eles vão adquirindo no percurso.

A militância no MST trouxe para muitos desses jovens caminhanças vidas nômades, que carregam consigo as incertezas de um lugar seguro e as certezas dos sonhos de mudança. Nos seus deslocamentos, estão sempre se deparando com o imprevisível, mas isso não lhes têm imobilizado, ao contrário, os perigos, o desconhecido, é que os atraem, que os enchem de potência, que despertam desejos de inventar a realidade.

Acompanhando de perto alguns militantes e dirigentes do MST - CE, percebi que esses jovens conseguiram substituir o medo pela coragem e capacidade de sonhar sempre. A militância tem lhes possibilitado um constante processo de educação, de reelaboração de conceitos, de valores e estilo de vida, e, nessa construção, desconstrução e reconstrução de si mesmos, vão preparando seus corpos e seus espíritos para se expor aos riscos, às incertezas, à insegurança e falta de proteção. Coletivamente, eles vêm formando uma força que lhes têm dado capacidade para enfrentar o desconhecido, as dificuldades, os embates.

Embora tenha constatado que a falta de terra, trabalho e lazer, possa impulsionar os jovens à luta política, não se pode atribuir apenas esse olhar, pois há, sobretudo, o desejo de autonomia, liberdade, que oferecem estímulos ao engajamento no Movimento, como, por exemplo, serem mais livres para se deslocar e fugir do controle familiar. Outros fatores

---

49 Veja BOURDIEU, Pierre, O Poder Simbólico, citado na bibliografia.

podem ser considerados, como a aquisição de informações e poder tratar com interlocutores que ocupam lugar na hierarquia superior do Estado, do Município e de instituições públicas.

Ser militante para alguns jovens significa alguns ganhos que somente são obtidos na vivência coletiva, no aprendizado conjunto.

*Eu ganhei, não na área financeira, mas na área do ser humano, aprendi muito a ser solidário porque pessoas se solidarizaram comigo e aí hoje eu aprendi a ser solidário, a compartilhar, então eu acho que eu ganhei muito nessa questão. (Eros, 18 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Che Guevara, Ocara-CE).*

Durante a pesquisa, observei jovens, que já estiveram na direção estadual, deixarem a vida de militante, jovens que após um ano de militância apaixonada saíram do Movimento, mas também acompanhei jovens que conheci no curso de formação básica e hoje ocupam cargos na direção estadual. Essa dinâmica mostra como o Movimento não é uma espécie de máquina unificadora, impermeável aos conflitos e dissidências.

Acredito que no interior do Movimento podem coexistir militantes repetidores de um programa, de uma cartilha, e militantes que conseguem trabalhar em um novo tipo de lógica, uma nova espécie de sensibilidade. São essas flutuações que renovam e fazem a direção do Movimento pensar e repensar suas posições.

Quando o MST funciona a partir de uma hierarquia, iniciando desde a relação entre a massa e os militantes, depois entre os militantes da base e a direção estadual e finalmente esta com os seus níveis mais altos, quando trabalha somente delegando tarefas, isso restringe iniciativas, gera controle e impede a autonomia.

Dessa forma, ainda que o MST produza modos de subjetividade dentro de uma lógica habitual, conservadora, ele não representa para os jovens militantes uma camisa de força ou uma predestinação a ser seguida cegamente.

Sobre a atuação dos militantes, Stédile, da Direção nacional diz:

*Na aplicação do programa e das linhas políticas, o que se espera – e se estimula – é que haja criatividade e descentralização. Queremos que todo*

*mundo faça ocupação de massas, mas não precisa ser tudo igual, na mesma época, ao mesmo tempo* (STEDILE; FERNANDES, 1999, p. 90).

Guattari e Rolnik (1996), tratando da micropolítica, chamam atenção para coexistência de dois diferentes níveis, *molares e moleculares*<sup>50</sup>, nas lutas sociais. Isso significa dizer que o molar e molecular não se opõem, eles se cruzam. O plano molar diz respeito ao plano das representações e o plano molecular à função de autonomia, ao devir.

Tomando emprestadas as categorias de Guattari, observa-se que o MST pode, no plano molar, ter uma política de conjunto, um programa de luta pela reforma agrária, utilizar a imagem de líderes como modelos e, ao mesmo tempo, no plano molecular, se expressar num nível micropolítico desencadeando processos de singularização, e preservar sua “função de autonomia”.

*A função de autonomia não é a de um simples grau de tolerância para adoçar o centralismo com uma pitada de autonomia. A função de autonomia é aquela que permitirá captar todos os impulsos de desejo, todas as inteligências, não para fazê-las convergir num mesmo ponto central arborescente, mas para dispô-las num imenso rizoma, que atravessará todas as problemáticas sociais, tanto a nível local, regional, quanto a nível nacional e internacional* (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 177).

Minhas observações e contatos com os dirigentes do MST - Ceará me levaram a concluir que a militância para eles é uma vida de muitas paixões e riscos e, mesmo estando atrelados a um poder disciplinar, eles têm sonhos de viver a liberdade. Para esses jovens, fazer política implica ter liberdade e, para isso, são necessárias algumas condições, como se afastar da família, do lugar onde as condições de vida já estavam garantidas. Esse pensamento coincide com o pensamento dos antigos citado por Arendt, “essa concepção, de que só pode ser livre quem está disposto a arriscar sua vida, nunca mais desapareceu de todo de nossa consciência; o mesmo vale para a ligação entre a coisa política e perigo e risco (ARENDR, 1999, p.53)”.

---

<sup>50</sup> *A ordem molar corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência. A ordem molecular, ao contrário, é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades.* (GUATTARI; ROLNIKI, 1996, p.321).

Esses militantes estão sempre se deslocando de um lugar para outro e, mesmo quando estão parados em um determinado local, eles não param de fazer viagens, porque as viagens nômades são feitas no tempo e não no espaço. A dedicação ao Movimento desperta o amor pelas aventuras e a força para enfrentar as dificuldades. Por isso, acredito que eles vivem com intensidade todos os seus momentos e diante de tantos atropelos, ainda são capazes de sorrir para a vida.

Nos últimos anos, o MST tem incluído na formação dos seus militantes a discussão sobre equidade de gênero, destacando-a como uma questão prioritária para o Movimento. Criou inclusive um setor específico para trabalhar gênero nos assentamentos e acampamentos.

Como as relações de gênero se expressam no modo de agir e pensar dos jovens militantes? Como os militantes estão incorporando e/ou recusando os modelos de gênero socialmente aprovados? Será que estão se permitindo criar outras formas de relações e novos modos de subjetividade que os singularizem?

Estudos e discussões sobre as relações de gênero têm ocorrido em diversos espaços e momentos no interior do MST. Nos cursos de formação, é uma temática sempre presente. Isto demonstra uma preocupação das lideranças do Movimento em diminuir as desigualdades nas relações internas (homens e mulheres) da organização política e mesmo nas relações interpessoais do Movimento. Embora a ênfase dos estudos de gênero esteja prioritariamente nos setores de educação e formação, o debate se expande no setor produção, e setor comunicação.

Dentre os dois grandes objetivos do MST, com relação a gênero, há, principalmente em um deles, uma ênfase às questões das mulheres, ainda que em outro essa visão seja ampliada. É objetivo do MST “elevar o nível de participação das mulheres na luta

pela terra, pela reforma agrária e na construção de uma nova sociedade; construir novos valores no cotidiano (família, militância, direções)”.

O discurso do MST sobre uma nova sociedade, nos últimos anos, vem incluindo o discurso da construção de um novo homem e de uma nova mulher, havendo um empenho da organização para que se operem mudanças nas relações de gênero.

Um fato concreto de efetivação desse debate foi a aprovação pela Direção nacional, em janeiro de 1999, das linhas políticas sobre classe e gênero, onde são priorizadas a participação e organização das mulheres na produção e na política.

As linhas políticas sobre classe e gênero, elaboradas pelo MST, tomam como princípios básicos a vinculação de gênero a questões de discriminação das mulheres e a inter-relação da transformação da sociedade com as transformações das relações entre mulheres e homens. A partir desses princípios, o MST direciona como prioridade a participação das mulheres em dois setores estratégicos: produção e campo político. No setor de produção, as mulheres são incentivadas a se envolver no processo de aquisição da terra, nos projetos de custeio e investimento da terra, no planejamento, administração e execução da produção. Relativamente à participação das mulheres no campo político, existe um estímulo crescente para sua inserção nos espaços de formação política, como nas ocupações de terra, nos núcleos de base, comunidade, cooperativa, partidos.

A concretização desse desejo de inclusão poderá ser efetivada com a meta de criação de coletivos de gênero em todos os níveis de organização (base, nos planos estadual, regional e nacional), indicada como objetivo.

Outro setor contemplado nas linhas políticas é a família, pois a direção do Movimento compreende que a família é *locus* de produção de desigualdades de gênero. Enfatiza ainda que a educação das crianças é de responsabilidade dos pais, da comunidade e das lideranças. Os princípios discorrem também sobre o sentido ético revolucionário, sobre a

importância de desenvolver valores de solidariedade, igualdade, fraternidade e ressalta a viabilidade do poder coletivo. No sentido de trabalhar as diferenças e desigualdades de gênero, as linhas políticas resgatam a importância de trabalhar a não-violência contra as mulheres, através de campanhas.

Ao pensar na formação dos jovens militantes do MST, muitas questões se apresentam. Se o ponto de partida for o currículo, ou então as ações coletivas, ou ainda os documentos elaborados pelo MST, pode-se constatar que há um investimento na formação política dos jovens, direcionada para uma política questionadora, crítica e revolucionária. Os estudos desenvolvidos sobre o MST demonstram como esta organização política está em constante movimento e como capta a ebulição da sociedade.

As questões de gênero e ecológica são seus novos alvos de atuação. É inegável reconhecer a participação da juventude e o crescimento do número de mulheres na direção do Movimento.

As linhas políticas de gênero e classe constituem um salto concreto desse investimento e a operacionalização dessas linhas na formação está prevista através do sistema de cotas, da garantia do debate sobre gênero em toda atividade de formação e da recomendação de formar coletivos de gênero em todos os níveis organizativos (base, estadual, regional, nacional). A direção do MST propõe que nesse processo seja garantida a participação de 50% de mulheres nos cursos de formação e na coordenação dos coletivos de base.

É importante ressaltar, no âmbito nacional, os cargos de direção que as mulheres, a maioria jovens, estão ocupando no MST. Dos 23 estados onde existe a organização, 09 mulheres estão nas coordenações dos estados, inclusive o Ceará, onde, em 13 anos de existência, esse cargo sempre esteve com as mulheres. Outro dado é que a direção estadual do Ceará conta com 11 mulheres; apenas uma tem mais de 30 anos, sete têm entre 20 e 24 anos.

Entre elas uma é separada, 4 solteiras com um filho e 6 solteiras sem filhos. Os homens que fazem parte da direção estadual são 09, a maioria tem menos de 30 anos, 03 são casados e têm filhos e 06 são solteiros sem filhos<sup>51</sup>.

Como os dados demonstram, as pessoas que assumem a direção são jovens, a maioria solteira, em virtude da dificuldade em conciliar política e família, principalmente porque, nesse nível de militância política, como na pólis grega, elas têm que estar abertas à aventura para serem livres. Mas o agir pode ser experimentado de várias formas, e o acampamento é uma delas, e tem seus desdobramentos.

Uma das questões importantes, com a qual a militância se tem confrontado é como conciliar a vida amorosa e a vida política. Grande parte da Direção estadual abdicou da família, da casa, mas não significa uma renúncia às relações de prazer. Um grande desafio para os militantes tem sido a ruptura com instituições enraizadas na cultura camponesa. No relato a seguir, a militante conseguiu conciliar casamento, filhos, casa e militância.

*Conheci ele (marido) na ocupação e ele não era militante, ele veio para ficar no lugar do pai dele, ele havia adoecido, era o seu J., então ele disse que ia enviar uns filhos dele e os filhos dele iria ocupar o lugar dele, e de repente o filho dele era A., demos umas paqueradas por muito tempo, demorou para ele me conquistar, levou uns seis meses. Eu coloquei pra ele a minha vida, porque eu já era militante de carreira: a minha vida é essa, se você quer ter uma mulher para viver em casa não tem, é tanto que hoje ele não reclama, acho que é até por medo, porque ele topava assim. Quando nós começamos a namorar nós passamos três meses fora, no primeiro dia que a gente namorou no outro dia eu viajei para a Santa Catarina e passei três meses. E a partir daí nós fomos criando um relacionamento e estamos juntos há sete anos. Mas, ele já militou bastante, já foi militante vinte e quatro horas. Depois, pela própria condição do movimento dos Sem Terra, nós sentamos e dissemos: um milita e o outro toma conta da família. Como eu tinha mais jeito para militar e ele tinha mais jeito para o roçado, então ele disse: “a partir de agora tu vai tocar à luta e eu vou trabalhar na terra para poder dar sustento aos nossos filhos e organizar a nossa vida se não nós vamos morrer de fome. Na verdade, se tem mulher e criança no Movimento dos Sem Terra, pra quem conhece o Movimento, nosso trabalho é mais voluntário, mais de amor, então não dá para militar o marido e a mulher, porque senão nós passa fome e não sustenta os filhos. Ele fica mais na terra, mais trabalho interno, participa de várias lutas, vai em algumas que ele acha que tem condições, tarefa muito forte a dele, que é ser coordenador geral do assentamento, muitos jovens para tantas idéias e tem*

---

51 Dados colhidos com os militantes da Direção estadual do MST-CE em 2002.

*muchos lá que não ajudam* (Nikê, 33 anos, ensino médio, da Coordenação Estadual do MST).

Além de questões concretas como a sobrevivência, as militantes e os militantes ainda estão aprendendo a conviver com a autonomia que as mulheres conquistaram. Em alguns momentos, no campo político principalmente, as militantes fazem um discurso competente emancipador, mas em outros momentos, no campo do desejo, repetem a linguagem de suas mães, a linguagem de um outro tempo.

Para os militantes, é também difícil conviver com essa situação, pois eles admiram e respeitam a atuação política das mulheres militantes, mas condenam as ações que escapam ao antigo sistema, como, por exemplo, abandonar o marido, engravidar fora do casamento. Nesse sentido, há um controle moral entre os militantes, tanto dos homens sobre as mulheres como de umas mulheres sobre outras.

Essas novas relações entre homens e mulheres que os militantes estão tentando construir, em determinados momentos negam *a intensidade das mudanças que o corpo está vivendo* (ROLNIK, 1998, p.71). Para os militantes, é difícil a convivência entre o corpo do prazer e o corpo político, como diz Lins: “o discurso do poder – político, econômico, religioso ou militante – integra a semântica do homem ablativo, não sexuado, um ser do qual se esqueceu o sexo” (ibidem, p.117).

Os jovens militantes investem no desejo de lutar pela terra, por justiça, mas também querem expressar seu desejo de amar. O MST nos últimos anos tem incluído a discussão de gênero como parte do processo revolucionário. Para o Movimento, a revolução seria também subverter a ordem das coisas inscrita nos corpos biológicos.

As diversas ações coletivas do MST no sentido de romper com o sistema de gênero conservador, de ampliar limites, de questionar as sociedades de controle, os saberes constituídos, inventando novos espaços-tempo, não impedem que as relações de gênero, tanto

entre jovens como adultos, sejam capturadas por modelos tradicionais de divisão de papéis sexuais.

Repensar a questão de gênero no MST é acreditar na potência de transformação e invenção de formas de sociabilidade no grupo, na família, na escola, na vizinhança, na vida amorosa e profissional. Creio que os jovens militantes do MST, mesmo com todas as dificuldades, querem superar os padrões de desejo anterior e experimentar novas situações, produzir subjetividades, mas, para isso, é preciso que deixem expressar a nova realidade, que admitam as mudanças e deixem eclodir o humano que tem neles e possam conviver com as diferenças.

#### **4.7 Poder Disciplinar**

Ser militante do MST é também estar sob um panóptico, é seguir as regras, as orientações da direção nacional. A rigidez das normas no Movimento está presente em todos os setores, todos os eventos, na forma de vestir, no comportamento dentro e fora do assentamento e na forma de punir quem se opõe ao estabelecido.

Foucault fez um minucioso detalhamento da arquitetura do Panóptico de Bentham, para falar da sociedade disciplinar, e como esta estrutura física destinada inicialmente aos prisioneiros vai se ampliando para a sociedade.

*O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural (...) na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado (...). O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente (FOUCAULT, 1991, p.177).*

A descrição do Panóptico dá uma idéia da vigilância permanente dos presos e como essa máquina de vigilância se tornou “um laboratório de poder”, servindo também de

mecanismo para garantir a ordem. Ele funcionou primeiro com presos e depois seu princípio foi sendo transposto a outras instituições fechadas, como escolas, hospital psiquiátrico e oficinas. Essa forma de encarceramento separava o mal, o anormal e o colocava sob um olhar vigilante.

*O movimento que vai de um projeto ao outro, de um esquema da disciplina de exceção ao de uma vigilância generalizada, repousa sobre uma transformação histórica: a extensão progressiva dos dispositivos de disciplina ao longo dos séculos XVII e XVIII, sua multiplicação através de todo o corpo social, a formação do que se poderia chamar grosso modo a sociedade disciplinar (FOUCAULT, 1991 p.184).*

Como um quebra-cabeça difícil de compor, tentei compreender o conceito de disciplina a partir dos estudos de Foucault e, ao mesmo tempo, procurei entender como o MST, através de seus documentos, dirigentes, militantes e iniciantes, pensava e praticava a disciplina.

A discussão de Foucault sobre disciplina, em *Vigiar e Punir* destaca o tratamento dispensado ao corpo na época clássica e como o corpo passou a ser visto como alvo de poder. Para o autor, é nesse período que o corpo recebeu maior atenção, o que transparece nas descrições feitas sobre sua explicação, funcionamento, utilização e submissão, e é também o momento em que apareceu a noção de “homem máquina”. Descartes (1987), no *Tratado do Homem*, expõe que o homem é uma máquina complexa que pode ser explicada. Outros filósofos e médicos continuaram a escrever sobre esse assunto.

O corpo, tratado como máquina, pode ser modelado, treinado, adestrado. Para Foucault (1991, p.126), “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo; eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder”. O treinamento do corpo tem como exemplo os soldados, que, segundo Foucault, a partir da segunda metade do século XVIII, foram moldados como uma máquina,

como um corpo manipulável que pode ter seus hábitos, postura e comportamento transformados.

A disciplina tratada como dominação difere de tantas outras formas disciplinares já empregadas, anteriormente a esse período.

*O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente* (FOUCAULT, 1991, p.127).

A docilidade expressa na obediência domina o corpo para ser treinado, de forma que toda sua potencialidade seja explorada e, dessa maneira, o exemplo do soldado torna muito claro como este foi treinado para se desprender da própria vida, com armas ou não, aprendendo uma lição que lhes foi ensinada, para agir sem pensar “e viver sem razão”.

*A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo... (ibidem.).*

A visão de Foucault sobre disciplina foi apresentada sob nova formulação, ou seja, a disciplina entendida como instrumento de poder, como poder disciplinar. Para Foucault, o poder não é necessariamente aquilo que censura, proíbe, aprisiona, mas algo que pode ser positivo, produtor de saber. “De modo geral, eu diria que o interdito, a recusa, a proibição, longe de serem as formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas ou extremas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas (FOUCAULT, 1986, p.236)”.

Essa idéia inovadora ajuda a tentar explorar o poder disciplinar; a disciplina além da imposição de limites, da punição, ou apenas “como algo que apenas diz não”. Roberto Machado, na introdução de *Microfísica do Poder*, comenta as obras de Foucault dizendo que “a disciplina implica um registro contínuo de conhecimento. Ao mesmo tempo que exerce um poder, produz um saber”. Ele continua fazendo a seguinte questão: “O olhar que observa para

controlar não é o mesmo que extrai, anota e transfere as informações para os pontos mais altos da hierarquia de poder?” (1986 p. XVIII).

Que saber é esse, produzido pelo poder disciplinar? O poder, enquanto prática social, produz procedimentos, táticas e atitudes, e essa produção não se constituiria instrumentos reais de formação e de saber?

Para entender questões como essas, pensei “captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais” (FOUCAULT, 1986, p. 182); mesmo porque o poder, por ser uma relação e não uma coisa, pode ser exercido de múltiplas formas.

Ao incorporar o pensamento de Foucault sobre a positividade da disciplina, considerei importante ressaltar que estive alerta às palavras de Roberto Machado, quando diz que as afirmações de Foucault sobre o poder disciplinar não podem ser aplicadas indistintamente, porque elas partem de pesquisas com objetos delimitados. Minha postura teórica recupera o enfoque foucaultiano sem, contudo, operar uma aplicação mecânica, e minha análise resulta também de uma investigação com objeto demarcado, particularizado, com recorte temporal - final do século XX e início do século XXI.

O MST, como toda organização, tem suas normas e hierarquia, funciona distribuindo tarefas a cada militante, transmitindo estudos e instrumentos de luta. Toda a preparação do militante segue uma disciplina. A maioria das críticas ao MST tem sido feita com relação à disciplina severa tanto nos momentos de aprendizagem como na execução das tarefas, pois, para os críticos, isso acaba por desembocar em uma manipulação e controle, restando aos militantes pouca autonomia.

Meu estudo sobre a disciplina dentro do MST me leva a questionar: como um movimento que estimula a criatividade, a ousadia no seu projeto de educação-formação, mantém fortemente a disciplina, a vigilância no seu cotidiano?

O MST critica o Estado, a mídia, e outras instituições que tentam repassar valores que tornem os jovens dependentes, submissos, e se contrapõe à rede de produção de subjetividade que modeliza os jovens, instigando-os a produzir coisas novas, propondo uma prática educacional diferenciada da tradicional. Contudo, inclui na sua orientação e formação a disciplina como fator essencial à sua organização.

O MST diz preparar os jovens para enfrentar as adversidades com ousadia, superando os limites e medos impostos pela sociedade, mas, ao mesmo tempo, o Movimento também utiliza mecanismos de controle, de poder, e impõe suas normas ou é cúmplice das regras sociais.

Dessa forma, a disciplina no MST faz parte de uma dinâmica contraditória. Se, por um lado, os jovens são chamados a desenvolver, inventar formas criativas de conviver, por outro, têm uma disciplina interna muito forte no que diz respeito à convivência com o outro.

Sobre a disciplina, um dirigente nacional comenta:

*Então uma das características que nós temos forte é a disciplina, o MST se caracteriza por ter seus militantes disciplinados, bem vestidos, decentemente vestidos, né, porquê? Porque é justamente por isso. Nós vivemos numa sociedade que tem normas de funcionamento, então, nem tudo que você imagina que precisa ser destruído, você vai destruir de imediato e também não adianta ficar inventando normas que criem um certo preconceito na sociedade, então você tem que ser decente com a consciência social das pessoas, tem que ser conflitiva, tem que ser questionadora, mas tem que ser também respeitador do nível da consciência social pra se integrar com a sociedade, pra conviver com a sociedade (BOGO, Entrevista concedida a pesquisadora em 2001).*

Pode-se observar nessa fala uma aceitação às normas. Nesse momento, é como se a ousadia tão propalada por ele se desfizesse, embora ele coloque, logo em seguida, uma possibilidade de destruição das normas, *a posteriori*. Em outros momentos, em outras falas e escritos de Bogo, percebi um discurso inteiramente contra a aceitação de normas prescritas como verdades absolutas. Mesmo justificando a permanência de determinadas normas como

uma forma de respeito ao outro e convivência social, essa aceitação vai de encontro à marca do Movimento, que tem sido de forjar fatos, acontecimentos, para conquistar direitos.

Entendi que essa postura de Bogo e/ou do MST mostra o quanto é difícil romper com regras e modelos tradicionais de conviviabilidade, mesmo porque, indivíduos e grupos podem em determinados momentos, em diferentes campos, ter ações revolucionárias e em outros reencarnar modelos dominantes, e, como dizem Guattari e Rolnik (1996), é difícil romper com as redes de manipulação e telecomando que robotizam os grupos e organizações, que impõem valores massificadores, assim como é também difícil manter uma luta incessante e contínua de resistência.

Essa é uma encruzilhada em que se encontram os indivíduos, os grupos, os movimentos que buscam construir os próprios processos de singularização. É importante perceber que uma possibilidade não exclui necessariamente a outra. Os indivíduos, os grupos, podem, ora produzir valores, ora ter seus miniprocessos de desejo capturados pelas máquinas de produção capitalista (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Mesmo vivendo experiências diversas, o MST na sua trajetória produz, experimenta ações que podem caracterizá-lo como grupo sujeito. “O grupo sujeito tem por vocação gerir, na medida do possível, sua relação com as determinações externas e com sua própria lei interna” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.319). Nesse sentido Rolnik e Guattari, falando sobre os novos movimentos sociais, destacam o papel importante dos movimentos no processo de resistência contra a serialização da subjetividade e, ao mesmo tempo, a tentativa de produzir modos de subjetividades originais, singulares (ibidem).

Dessa forma o MST, com sua rígida disciplina e controle, não estaria serializando subjetividades, impedindo a produção de processos de singularização?

Analisando os discursos e ações dos militantes, pode-se perceber que, se por um lado o MST enfrenta o Estado, por outro lado ele tem dificuldades de enfrentar a

subjetividade fabricada no registro social (ibidem). Essa subjetividade se emaranha com as próprias raízes camponesas, pois uma preocupação do Movimento é preservar a cultura camponesa, uma cultura tradicional, conservadora. Parece-me que nesse ponto se instaura um conflito: como equalizar a preservação do velho e a criação do novo?

Outra preocupação do Movimento é recuperar a autoestima dos assentados, e um dos pontos abordados para isso é a estética. Afirma Bogo:

*Nós orientamos que os estudantes quando entrem na sala de aula tem que estar de calçados fechados, tem que tá de camisa com manga, não pode tá de camisa regata ou, enfim, que o jovem precisa discernir a diferença do espaço, agora ele tá na praia, agora ele tá na sala de aula, daqui a pouco ele vai pra igreja, e essas normas não fomos nós quem instituímos, é a sociedade que institui. Eu não posso correr o risco de ver a organização criticada pela sociedade porque eu tenho militantes que se dão ao direito de que já desenvolveram mais a consciência do que o nível médio da sociedade, se comportarem de modo diferente pra fazer com que isso gere críticas à organização. Então, isso é disciplina. (...) O cuidado com o corpo, o cuidado com a saúde, hoje à tarde nós discutíamos o cuidado com os dentes. Mas as pessoas não dão importância para os dentes, mas é uma das partes do corpo que são mais visíveis. Toda hora um militante precisa falar, precisa sorrir e quem não tem os dentes perde a auto-estima, então, ir ao dentista é uma questão de disciplina pra que ele resgate a sua auto-estima. Então, essas coisas: estudar é..., participar, nos horários, ser eficiente, tudo isso vai dando uma outra performance para a juventude que é diferente dos militantes de outras organizações (Entrevista concedida a pesquisadora em 2001).*

A questão estética aparece em dois níveis - a imagem dos indivíduos e a do Movimento. Os hábitos, a conduta higiênica, aparecem como importante para compor um visual do trabalhador ou trabalhadora limpo(a) e bem vestido(a). Essa preocupação com a estética funciona como uma ação reativa ao estigma de mal vestido, sujo, desinformado, isolado, analfabeto, atribuído a todos os membros da família rural. O MST quer quebrar com preconceitos e destruir essa imagem desqualificada, folclórica, essa nomeação pejorativa do matuto, criando outra imagem para os trabalhadores(as) rurais.

O perigo dessa nova imagem é copiar o estilo do outro, é assimilar a cultura midiática, cristalizando a submissão e a estética dominante. Esse tipo de transformação é uma postura em si excludente porque fala contra a diferença, contra o modo de não ser, que é o ser

camponês, trabalhador rural. Ao mesmo tempo, é interessante que os assentados inventem dispositivos de autovalorização, que se contraponham à linguagem estigmatizante que descreve o homem do campo como estranho, exótico, o diferente.

É preciso, portanto “tratar a Diferença como Diverso”, e isso não significa o culto à diferença, ou de reduzi-la à idéia de destino, mas de compreendê-la como alteridade que pode possibilitar múltiplas experiências e trocas (LINS, 1997).

Quando o MST exige um determinado estilo de indumentária e comportamento como uma questão disciplinar, para evitar críticas ao Movimento, não deixa espaço para conviver com as diferenças. Como todo grupamento, o MST tem a disciplina como organização, e, embora enfatize que suas regras sejam discutidas por seus militantes, é uma orientação a ser seguida, logo, é um exercício de poder que submete o desejo e o pensamento à vontade de um pequeno grupo ou mesmo de uma maioria. Lembra Bogo:

*Então, há rigidez e há reflexão também sobre isso, não é uma coisa imposta que você tem que fazer isso porque tem que fazer isso, você tem que discutir porque tem que fazer isso, e chegar à conclusão que você deve fazer isso porque é uma orientação política que constrói o ser humano de forma diferente. Nós somos assim (idem).*

Será que nesta reflexão sobre a orientação política há lugar para discordância? Ao dizer aos seus militantes a maneira de pensar, de ver, sentir, vestir e agir como os jovens podem afirmar um modo próprio de agir e pensar?

*Conviver com as diferenças não é pensar como, mas atrair forças, deixar-se contagiar por uma língua que fala todos os idiomas, encontrar a palavra que dialoga e cria espaço para que a relação entre a palavra e o pensador escape às muletas dualistas, à guerra imaginária entre o “Bem e o Mal” (LINS, 1998, p. 121).*

A disciplina impõe uma ordem, haja vista que muitos dos seus membros interiorizam a disciplina, outros contestam, discordam do Movimento. Essa tarefa de organizar o múltiplo não é fácil. Então, pergunto, é possível manter a disciplina sem limitar as potências individuais?

Dois depoimentos de jovens assentados retratam o dilema do Movimento no que tange à disciplina. O primeiro afirma:

*(...) uma questão que se usa muito dentro do Movimento Sem Terra é a questão da disciplina, então sei me disciplinar, outra questão muito importante tu se auto avaliar, tu recebe uma crítica ao invés de se rebelar tu faz é calar-se e se auto avaliar, auto criticar, então tudo isso são avanços (Eros, 18 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Che Guevara, Ocara-CE).*

A disciplina pode ser vista pelos jovens de forma positiva, mas pode ser também entendida como um limite, que eles tentarão transpor. Alguns jovens, ao participarem de mobilizações e eventos, seguem uma ordem, que não é de forma alguma a ordem da sociedade de controle, mas uma outra ordem, a do Movimento, e, apesar dos jovens compreenderem que estão sob a constante vigilância da máquina do Estado, e, portanto devem manter-se alerta aos embates, eles irrompem a disciplina interna, demonstrando como esses jovens estão abertos a toda multiplicidade do mundo e têm sede de aventuras, de romper limites fixados. Alguns jovens agem assim, no sentido de ter voz, de propor algo diferente, outros por quererem ser mais livres, mais felizes, e há também casos de insurreição, de saída do Movimento.

No caso da jovem do depoimento a seguir, a saída do Movimento foi, segundo ela própria, por excesso de rigidez com relação a seu estilo de vestir-se.

*Eu não sei, como eu sou muito espontânea, gosto muito de brincar, gosto de estar sempre sorrindo, então eu acredito que a entidade ela tava sempre ali... Então eu fiquei assim, quer saber de uma coisa eu não vou mais, eu gosto de fazer amizades, gosto de conversar, gosto de vestir minhas roupinhas, então eu tava sempre sendo chamada atenção... a última vez que me chamaram atenção, foi num congresso em Brasília à noite, na noite cultural eu coloquei uma calça comprida, a calça ficou abaixo do umbigo e a blusa um pouco mais em cima, então eu fiquei um pouco sentida porque eu tinha certeza que ali não era motivo pra ter sido chamada atenção, o pessoal da coordenação da disciplina, eu tava disciplinada, foi a minha última viagem com o MST, (...) mas foi isso aí que me fez distanciar, certo porque eu não tava desvalorizando, eu não tava desrespeitando a entidade pra de repente o pessoal da disciplina me chamar e reclamar..., mas eu admiro, eu admiro demais o MST, admiro as pessoas que estão sempre dentro na luta, trabalhando pra um mundo melhor, pra aquelas pessoas que não tem onde morar, não tem terra pra trabalhar, eu admiro demais, mas eu acredito que eles são assim um pouco... (comigo foram, não sei se com todo*

*mundo) rígido* (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

Ainda que a intenção do Movimento possa ter o sentido de canalizar forças, potência dos seus membros, para criar táticas de como enfrentar os perigos que a luta pela terra envolve, é preciso que o Movimento procure afirmar as diferenças, sob pena de funcionar com o mesmo mecanismo da máquina capitalista, essa máquina mortífera que quer se apossar do corpo e do pensamento dos jovens, seu principal alvo.

Os jovens vivem sob um olhar panóptico. O Estado, a Escola, a Igreja, a Família, o próprio MST, estão sempre de prontidão para controlar comportamentos ditos “desviantes”, para impor regras de conduta. Essa vigilância múltipla aprisiona, controla as atividades e distribui os jovens nos diversos espaços. “De uma maneira global, pode-se dizer que as disciplinas são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas” (FOUCAULT, 1991, p. 191). Contudo, não se pode pensar que aos jovens resta apenas a inércia, o conformismo de viver um possível estruturado; é preciso acreditar nos seus desejos e sonhos de mudanças, de insurreição.

*Eu acredito na possibilidade de não voltar ao MST, porque o amanhã não nos pertence, então eu sei o hoje, o hoje eu sei, mas o amanhã eu não sei. Eu me senti um pouco não sei, a P. ela me disse assim, Pandora quando eu comecei também era assim, mas hoje eu me visto da forma que eu gosto, então não foi por causa de uma coisa dessas que o pessoal da disciplina me derrubou assim não, então eu permaneço hoje firme e forte, a gente vê que ela é uma pessoa que tem fibra, eu não, sou uma pessoa muito frágil, acho que com uma palavra eu me magôo, e eu sou muito fácil de ser magoada, sou uma pessoa melhor do mundo pra se lutar, mas pra me magoar é assim abrir o olho e fechar* (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).

Será que a prática militante do MST é somente obediência e uniformização? Será que não existem espaços para inventar novas táticas que possam alterar o funcionamento da ordem? Não estariam os jovens conseguindo reempregar as normas recebidas através das suas ações cotidianas?

Certeau, dialogando com os textos de Foucault, traz a seguinte reflexão que ajuda a pensar sobre as possíveis táticas dos “fracos”.

*Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede da “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se confortam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que “maneiras de fazer” formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política (1999, p. 41).*

Como Certeau, acredito “firmemente na liberdade gazeteira das práticas”, por isso mesmo acredito que no interior do MST, principalmente os jovens são capazes de criar procedimentos que escapem à disciplina.

Penso que no caso das famílias que saíram de uma situação de exploração e submissão nas fazendas e se integraram à luta pela terra e ao MST para ocupar, podem estar criando uma linha de fuga, se desterritorializando e, dessa forma, criando também possibilidades de vida que até então não ousavam.

**III PARTE**  
**EXPRESSÕES CULTURAIS DOS JOVENS ASSENTADOS**

# CAPÍTULO I

## 1 OS MICROUNIVERSOS CULTURAIS E ARTÍSTICOS DOS JOVENS RURAIS

### 1.1 Sobre o Conceito de Cultura



Esta parte do trabalho partiu de um prazeroso exercício de tentar compreender as expressões culturais dos jovens rurais, como formas singulares de fazer política. Em alguns momentos, agi como se fora um exercício matemático! Tinha um enunciado para aplicar fórmulas com intuito de resolver problemas, mas em seguida fui percebendo que o visual, o aplicável, o evidente, fugia à minha perspectiva de estudo. Com um olhar mais investigativo, comecei a perceber que precisava apreender as singularidades a partir das variações das práticas discursivas e corporais desses jovens, presentes tanto no cotidiano como nos eventos político-culturais.

Essa postura me fez pensar em analisar não apenas as manifestações culturais programadas, mas, principalmente, aquelas que escapam às programações definidas; momentos em que os jovens têm mais autonomia para criar e recriar mais livremente maneiras alegres de viver.

Inicialmente tentei estudar as expressões culturais sob o olhar da teoria da cultura política, mas logo vi que essa teoria me levaria a um amplo debate sobre a visão filosófica liberal e comunitarista. Como não era meu interesse estabelecer comparações entre a cultura de um grupo ou de uma sociedade a um modelo ideal, desejável, ou enfatizar uma “descrição e análise dos valores que orientam a ação e a formação das preferências de certo grupo” (RENNÓ JÚNIOR, 2000, p. 231), resolvi tomar outra direção.

A presença massiva de jovens nos encontros, marchas, cursos organizados pelo MST me fez decidir por delinear meus passos a partir do próprio agir dos jovens.

Ao me referir às expressões culturais, estou fazendo alusão à produção de discursos, acontecimentos, movimentos, gestos e agrupamentos sociais. Como diz Certeau (1995, p.247): “sejam quais forem suas modalidades, a expressão cultural é, antes de mais nada, uma atividade” .

Nessa perspectiva, de entender as expressões culturais “centradas nas práticas, nas relações humanas e nas transformações das estruturas da vida social”, Certeau chama atenção para três pontos que ele considera notáveis: primeiro “fazer algo com uma coisa”, segundo “fazer algo com alguém” e terceiro “mudar a realidade cotidiana e modificar o estilo de vida” (ibidem).

A partir dessa reflexão, penso que no cotidiano dos assentamentos, quando os jovens estão em agrupamentos sociais, em movimentos, eles estão produzindo expressões culturais. As múltiplas atividades cotidianas entre familiares, vizinhos e amigos, realizadas na roça, na quadra, na bodega, na escola, em casa, e no açude, constituem campos de criação.

Durante os eventos, e mesmo nos próprios acampamentos e assentamentos, percebi que os jovens eram “criadores culturais”, à medida que conseguiam manter uma relativa independência para produzir expressões próprias, e assim, formar em diferentes espaços seus “microuniversos culturais e artísticos”.

As práticas destes jovens me fizeram confirmar a visão de Certeau (1999, p.63), quando diz que “o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento”.

Percorrendo esse enfoque e observando as diversidades das formas de expressões culturais dos jovens rurais, me perguntei se os jovens estariam sendo narradores; e quais seriam os dispositivos com os quais eles operam para conseguir uma relativa autonomia e não serem absorvidos pela cultura dominante.

Geertz (1989, p.14), nos seus estudos sobre cultura, cita várias definições apresentadas por Kluckhohn, como, por exemplo: um “legado social que o indivíduo adquire do seu grupo”; como “um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes”; um “comportamento aprendido”; e como “um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento”. Nessa perspectiva, alguns pesquisadores concebem a sociedade dividida entre os cultos e os não cultos, enquanto outros estão atrás de um tesouro perdido - a “cultura popular”, que estaria com os indivíduos ingênuos e iletrados. Minha pesquisa se distancia dessas abordagens.

Considero a cultura um campo indefinido, cheio de armadilhas, que merece sérias reflexões. Sobre isso, Guattari e Rolnik me ajudaram a pensar algumas questões fundamentais. A afirmação deles - “o conceito de cultura é profundamente reacionário” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.15), a princípio me desestabilizou, e me fez perguntar: o que eles queriam dizer com isso?

Guattari e Rolnik discorrem sobre os vários sentidos de cultura, e enunciam como o mais antigo deles o de “cultivar o espírito”. Para os autores, no decorrer da história surgiram três sentidos, que se integraram nas sociedades atuais, funcionando os três ao mesmo tempo. O primeiro é designado por ele de “cultura-valor”, porque nomeia e estabelece valor para indicar cultos e não cultos, e mesmo entre os cultos, diferencia os diferentes níveis culturais.

O segundo é “cultura-alma coletiva”, nesse caso, todos teriam cultura, e é equivalente a civilização, pois atribui a cada povo, a cada etnia, uma cultura. O terceiro sentido, é “cultura-mercadoria”, sinônimo de “cultura-massa”, isto é, a cultura se transforma em bens, em uma mercadoria em circulação no mercado (1996, p.19).

Para Guattari e Rolnik, nas sociedades capitalistas os três sentidos se complementam e se ocupam da sujeição subjetiva, melhor dizendo, a cultura produz uma subjetividade coletiva, social, que codifica, padroniza as atividades, produzindo indivíduos normatizados, submissos.

Ao considerar o conceito de cultura uma cilada, Guattari e Rolnik propõem como alternativa a essa máquina de produção de subjetividade, desenvolver “processos de singularização”. Mas o que é processo de singularização?

*É uma maneira de recusar esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam subjetividade singular (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.17).*

Com efeito, a cultura aprisiona, poda a criatividade, à medida que estabelece parâmetro para tudo. Sob essa óptica, também recusei esse conceito, mas tomado de outra forma, pode abrir possibilidades. Essa minha compreensão se afina com a concepção de Certeau. Para o autor, a cultura move-se, em pelo menos duas formas, dois lados, o da permanência e o da invenção. De maneira poética, Certeau apresenta seu pensamento, quando diz:

*A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas - mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na; aparecimentos e criações que delineiam a chance de um outro dia (1995, p.239).*

Mesmo reconhecendo as limitações do espaço rural e o controle exercido pela família, pelo assentamento e pelas organizações políticas e religiosas, acredito que os jovens são capazes de transformar cada dia em uma nova invenção. Afinal, o cotidiano não é só

rotina e monotonia, onde nada de novo se passa, “a vida cotidiana é também o espaço do ingovernável – donde pode surgir o imprevisível, o aleatório, o imprevisto” (PAIS, 2003, p.82).

## 1.2 Como o MST vê a Cultura



As lutas, mobilizações, marchas, acampamentos, congressos, encontros e cursos promovidos pelo MST sempre tiveram a participação de jovens. Isso pode ser constatado nas fotos e memória dos militantes, mas, somente nos anos de 1997 e 1998, o Movimento se dá conta de que seus quadros são formados principalmente por jovens. A partir de então, investe mais especificamente na sua formação.

A animação dos jovens nos cursos de formação, nos encontros, a criatividade para inventar momentos de prazer e alegria nos momentos tão sérios de luta e sofrimento, associados ao projeto de educação voltado para a realidade, desencadearam um processo de discussão sobre cultura, valores, arte, gênero e juventude dentro do MST.

A percepção sobre o potencial político, artístico, dos jovens foi observada e trabalhada pelo MST. Uma das preocupações do Movimento foi entender qual o significado de cultura. Para tanto desenvolveu debates, leituras, criou um grupo para sistematizar as discussões. Sua elaboração coletiva enuncia o seguinte pensamento:

*Em geral, temos uma falsa idéia ao identificarmos a questão da cultura apenas como atividades culturais de nossa sociedade relacionadas com nossa tradição musical, do teatro e da pintura. Na verdade, a questão da cultura é muito mais abrangente, está relacionada a todas nossas atividades do cotidiano; é enfim nossos hábitos, nossos costumes, nossas tradições, nossas inovações. Está relacionada com toda nossa vida (Coletivo Nacional do Setor de Cultura, 2000).*

É importante ressaltar, nessa forma de pensar cultura, como há uma inquietação no sentido de não tomar a música, a poesia como esferas autônomas e separadas da vida cotidiana. Outro ponto interessante é a maneira como o Movimento concebe cultura, pois ele incorpora a preservação de costumes, as tradições, e, ao mesmo tempo, a inovação.

Bogo (2000, p. 9) escreve sobre cultura, retomando um dos sentidos de cultura da Antiguidade romana, o de “cultivo da terra”. Partindo do cultivo, ele vai criando associações: cultivo, terra, trabalho, produção da existência, criatividade e emoção. “A cultura para nós significa tudo que criamos, fazemos e sentimos ao produzir nossa existência”. Nesse sentido, a cultura está representada em todas as experiências vividas.

*(...) tudo o que fazemos nos assentamentos ou acampamentos são expressões culturais da vida dos trabalhadores sem terra e se conformam na consciência social dos mesmos trabalhadores. Assim a educação, a religião, o trabalho, a mecanização, a preservação da natureza, a agrovila, a agroindústria, a beleza nos assentamentos, as músicas, a mística, enfim tudo o que existe ou acontece no assentamento é a cultura dos trabalhadores sem terra que se transforma em consciência social, na medida em que as pessoas passam a repetir estas “criações” de forma consciente e se preocupam em desenvolver estes aspectos para aperfeiçoar a vida social (Documento do MST, 1998b).*

Partindo desse amplo entendimento de cultura, o Movimento começa a investir em expressões culturais no sentido de repensar valores e manter uma estreita relação entre cultura e política.

Um fato concreto foi o “I Festival Nacional de Músicas da Reforma Agrária”, com a inscrição de 208 músicas, sendo 36 selecionadas, 12 de artistas militantes e 24 de artistas populares.

Na visão da direção do MST "O Festival reflete a proposta dos trabalhadores rurais de construir um país onde a cultura do seu povo seja respeitada e valorizada" (Jornal do MST, N° 186).

Iniciativas como essas me fazem lembrar Certeau, quando narra as práticas comuns do cotidiano, dizendo que elas são capazes de abrir caminhos, delimitar um campo

através de lutas e experiências particulares. Elas podem estimular uma nova dimensão às associações políticas, criando um novo repertório político que possa criar mais opções para os jovens militantes.

O MST é também um espaço para os jovens desenvolverem sua arte, como fala esta jovem de um assentamento do Mato Grosso do Sul:

*O Movimento Sem Terra dá a oportunidade dos jovens mostrar os talentos, por isso que existe os cantores do Movimento, existe os poetas do Movimento, tudo isso dá a oportunidade pros jovens crescerem no talento, mostrar o talento (Artemis, jovem de Mato Grosso do Sul, 19 anos, técnica agrícola).*

O MST tem investido também nas iniciativas existentes nos assentamentos, tanto na promoção de eventos culturais, como na formação cultural. Nos encontros, cursos, organizados pelo MST, há sempre momentos para cantar, dançar. Nos momentos da discussão de temas, o Movimento incentiva a apresentação de discussões através de recursos que envolvam outros elementos além da fala, como a utilização de cartazes, teatro, poesia e música.

Em alguns estados das regiões Sul e Sudeste, o MST já possui projetos em andamento para trabalhar as expressões artísticas dos jovens, uma das quais foi citada por este jovem de São Paulo:

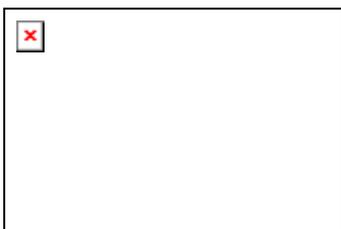
*E o próprio MST, ele tem um setor de cultura, ele tenta investir nisso daí. Tem um grupo de reisado lá. O que precisa de material, por exemplo, de equipamentos, transporte ele tenta ajudar pra disseminar essa cultura na região nossa ali. Nesses últimos dois anos a gente percebeu que dentro do assentamento, na região dos doze assentamentos, tem crescido muito a questão da música, a questão da poesia, porque o MST, ele tem um projeto lá onde eu moro que se chama projeto Guri, não sei se a senhora já ouviu falar. Esse projeto é um projeto do MST, financiado também pelas prefeituras, que tem aulas de música, aula de dança, aulas de capoeira, isso daí também é uma forma de cultura que a gente tá... e como esses daí tem se formado vários violeiros e...(Hefaístos, 23 anos, jovem de São Paulo, formado em filosofia).*

Nos assentamentos e acampamentos, o MST estimula os jovens, crianças e adultos a publicamente revelarem seus dotes artísticos, seu saber acumulado. No Ceará, o

MST, nos encontros, ensina aos jovens músicas de Luís Gonzaga como uma forma de valorizar a tradição.

Nos encontros, o MST sempre promove a noite socialista, que consiste em uma volta ao passado para retomar heróis, fatos históricos. Nesse momento, introduzem músicas regionais desvalorizadas pela máquina capitalista. Há também as noites culturais, nas quais os jovens tem oportunidade de fazer apresentações artísticas usando toda sua criatividade e, ao final, sempre há o momento de brincadeiras e dança.

### 1.3 As Manifestações Culturais Coletivas dos Jovens Assentados



As expressões culturais coletivas dos jovens assentados podem ser percebidas em diversos espaços, como a escola, a igreja, os eventos dentro e fora do assentamento e na vida cotidiana, quando, de múltiplas maneiras, utilizam os diversos espaços como lugar de experimento e criação. Desta forma, sinto necessidade de desenhar um mapa dessas expressões culturais, saindo do Assentamento Antônio Conselheiro e atravessando as paisagens por onde se move esse universo pulsional.

A Igreja Católica tem incentivado os jovens dos assentamentos a participar de dramatizações, a cantar as músicas religiosas nas celebrações da liturgia. As escolas nas datas comemorativas estimulam os jovens a apresentar números de poesia, música, danças nas suas festas. O MST tem contribuído, programando concursos de poesia, de música, de criação de símbolos através de desenhos e pinturas nos assentamentos e eventos.

Em relação ao teatro, em 2000 o MST estabeleceu uma parceria com Augusto Boal<sup>52</sup>, dando assim, a possibilidade aos militantes de participarem de oficinas do “Teatro do

---

<sup>52</sup> Ator, criador do Teatro do Oprimido.

Oprimido”<sup>53</sup>. Essa experimentação denominada “Teatro do Oprimido” é um teatro político que utiliza um conjunto de técnicas de interpretação pró-cidadania. Ele foi criado em 1971 em São Paulo, como alternativa à censura do regime militar. No “Teatro do Oprimido”, os atores interagem com a platéia, a proposta é levar uma peça inacabada ao público e, fazer com que a platéia conceba o seu teatro<sup>54</sup>.

A experiência do MST começou com dois ou três jovens por estado. A primeira etapa foi um mês, e as seguintes de dez dias. O compromisso dos participantes era de se tornarem multiplicadores. Portanto, ao final das oficinas, cada militante teve a tarefa de organizar grupos nos assentamentos para repassar o conteúdo e a prática do Teatro do Oprimido, através de oficinas.

As manifestações culturais dos jovens assentados, como música, poesia, teatro, presentes nos eventos políticos e nos momentos de lazer, são formas de produzir cultura. Essas manifestações podem se tornar ações transformadoras e também táticas para enfrentar e inventar a realidade. Nesse sentido, as manifestações culturais conferem aos jovens possibilidades de pensarem a vida como “vontade de potência no sentido de auto-superação: tendência de subir, vitória sobre si mesma, domínio de si mesma, esforço sempre por mais potência” (MACHADO, R., 1997, p.101).

As expressões artísticas são um enunciado que, através da música, da dança, do teatro, que pode transformar a forma de pensar o mundo e produzir um pensamento emancipado, capaz de remeter a uma vida onírica. A música é pedagógica, é um aprendizado, ela desperta uma vontade criadora, incita a negação ou afirmação de valores capitalistas e

---

53 O “Teatro do Oprimido” surgiu da experiência de Augusto Boal e mais seis atores, e desde 1971 o método foi se expandindo, tanto geograficamente como nas áreas de atuação. A experiência chegou a 50 países e se desdobrou em teatro-jornal (colagem de reportagens), teatro-invisível (enquetes em locais públicos sem o público saber que é encenação), teatro imagem (uso somente da linguagem corporal), teatro-fórum (a platéia altera a cena) e teatro arco-íris do desejo (técnicas psicoterapêuticas) Jornal Folha de São Paulo, Caderno Ilustrado, 10/03/2001.

54 Esses dados foram obtidos em conversa com os militantes que participaram das oficinas e através de uma entrevista de Boal ao Jornal Folha de São Paulo, Caderno Ilustrado, 10/03/2001.

pode propiciar a invenção de valores, tornando-se, por isso, uma vontade afirmativa de potência.

As expressões artísticas significam também um ato de ousadia, uma microrrevolução, quando os jovens conseguem ler sua realidade e recriá-la através de uma arte experimental, que se organiza sob bases diferentes daquelas existentes no seu cotidiano. Nesse momento, pode-se pensar que, ao produzir uma música, uma poesia, uma pintura, um desenho seu “criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível” (DELEUZE, 1992, p.167).

## **Cursos**

Em um primeiro olhar sobre os eventos do MST, percebe-se apenas um acontecimento político, mas persistindo a observação, múltiplas significações se configuram, sem que uma anule a outra. Considera-se que essa pluralidade tem como evidência a presença dos jovens e o investimento do MST em criar um espaço-tempo onde cada um sinta, experimente e produza um sentimento de pertença ao Movimento.

Os cursos de formação destinados a formar militantes se transformam em alguns momentos em um local da paquera e de fazer amigos. Todo encontro de jovens tem a “caixa dos bilhetes” - os jovens enviam mensagens a outros jovens, utilizando pseudônimo e, antes de começar as atividades, alguém lê em voz e entrega ao destinatário. É um momento prazeroso de sorrisos, quando todos querem adivinhar o remetente das declarações amorosas. Para muitos jovens, ir para um curso fora do Assentamento significa sair da rotina, conhecer novos lugares e pessoas, aprender coisas novas e também cantar, conversar e se divertir.

Durante o “III Curso sobre Realidade Brasileira para Jovens Rurais<sup>55</sup>”, realizado em Campinas-SP, estive uma semana observando, assistindo às aula-palestras; acompanhei os trabalhos de grupo, os “momentos livres”, como o horário do almoço e as noites após o encerramento das programações. Visitei os alojamentos, estive com eles nas filas do almoço e no refeitório. Havia cerca de 1.500 jovens de todo o Brasil, entre eles oito eram do Ceará, todos reunidos em um ginásio de esportes da UNICAMP.

Nas entrevistas com jovens de vários estados, percebi a diversidade dos jovens rurais que participam dos eventos programados pelo MST. Observei neste encontro que, nas poucas horas livres, quando dançavam e cantavam, havia músicas e ritmos diversos. E nessa ocasião, alguns tentavam aprender outras formas de dançar, outros ficavam parados, demonstrando assim suas preferências, mas também o respeito às diferenças regionais, e não percebi rejeição ou desvalorização aos ritmos de outras regiões.

Nas noites culturais, cada grupo ou brigada tinha sua performance, seu jeito de ser, de atuar. O palco é um lugar desejado. Os corpos fazem movimentos para expressar sonhos, realidade, arte, magia, mística. Esse momento é produção, é lazer, é formação, é conhecer o outro, é mostrar-se para o outro, é um encontro.

Nos cursos, encontros e até mesmo nos assentamentos, os jovens têm possibilidades de perceber as diferenças regionais. Como me falou um jovem assentado da região do Pontal de Paranapanema - São Paulo:

*Na nossa região é uma diversidade cultural muito grande, por exemplo: meu vizinho é gaúcho, outro é pernambucano e o outro é baiano, e como tem bastante baiano tem muita roda de capoeira, tem também a quadrilha de quem deve ser nordestino. Tem um grupo de reisado lá (Hefaiostos, 23 anos, jovem de São Paulo, formado em filosofia).*

Quando os jovens rurais assentados ou acampados de vários estados, regiões, estão reunidos, torna-se mais visível a diversidade. Existem diferenças no sotaque, no modo

---

55 O “III Curso sobre Realidade Brasileira para Jovens Rurais” foi uma parceria entre MST e a UNICAMP realizado em fevereiro de 2001.

de vestir, no gosto musical, no nível de instrução, naquilo que produzem, nas condições econômicas, no nível de organização, na infra-estrutura dos seus assentamentos. A aparência física também mostra a diversidade, observa-se negros, pardos, brancos.

Uma forma que o MST tem encontrado para estimular os jovens a viver suas multiplicidades são os eventos artísticos, culturais e políticos, pois eles constituem um espaço de formação e sociabilidade. São acontecimentos, na medida em que são bons encontros, que produzem alegria, liberam risos, paixões, exercitam corpo e pensamento, captando outras referências teóricas e práticas, podendo canalizar desejos e ações afirmativas.

Outros dois grandes cursos, que tive oportunidade de acompanhar, aconteceram em Fortaleza-CE<sup>56</sup>, com jovens oriundos de diversos municípios e assentamentos do Ceará e Rio Grande do Norte, que tinham grau de escolaridade diversa e nível de participação também bastante heterogênea.

O “I Curso sobre Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural”, realizado em 2001 no restaurante universitário do Campus do Pici da UFC, teve a duração de dez dias e dele participaram 433 jovens. A programação seguiu a mesma metodologia e tema trabalhados no curso da UNICAMP, ou seja, aulas pela manhã e à tarde, e à noite havia as programações culturais. As aulas foram ministradas por onze professores universitários e por três militantes do MST, dois deles da Direção nacional.

O comportamento dos jovens no *campus* surpreendeu funcionários e professores, pois diferentemente dos encontros de estudantes universitários, os jovens assentados cuidavam do local, e, de forma exemplar, participavam de toda a programação. O MST, nos encontros regionais, onde foram escolhidos os jovens que iriam participar do curso, já alertava

---

<sup>56</sup> O “I Curso sobre Realidade Brasileira para Jovens do Meio Rural” teve uma coordenação colegiada de professores da UFC e militantes do MST-CE; ocorreu no período de 23 de julho a 02 de agosto de 2001.

os jovens sobre o fato de serem observados pela Universidade e lembrava que a disciplina era indispensável para continuidade da parceria entre MST e Universidade.

Aos poucos fui percebendo que, mesmo estando presentes a todas as aulas, os jovens utilizavam procedimentos astuciosos para escapar à rígida disciplina da programação. Quando estavam cansados ou desinteressados, conversavam, iam ao banheiro, ao bebedouro, escreviam bilhetes a outros jovens e no intervalo retardavam o retorno.

Os jovens não se conformam com a disciplina; eles aprendem a jogar com os mecanismos da própria disciplina. Os rapazes, por exemplo, organizaram times de futebol e realizaram um torneio que aconteceu durante o curso sem interferir na programação, pois essa atividade acontecia entre 5 e 6 horas da manhã.

Outro exemplo ocorreu com a programação das noites culturais. Durante a apresentação de grupos artísticos, se percebia receptividade quando os jovens interagiam com o grupo, mas quando isso não acontecia, eles se levantavam e alguns deles comentavam nos corredores que preferiam forró àquelas “músicas de velho” e sempre conseguiam um tempo para dançar forró.

Ao final do curso, os militante-dirigentes surgem com uma inesperada proposta de fazer uma marcha do *campus* até uma praça no centro da Cidade. No primeiro momento, fiquei surpresa com a aceitação imediata porque, depois de tantos dias mal acomodados, os jovens permaneciam dispostos a caminhar pelas ruas de Fortaleza. Nesse momento entra em jogo o incentivo do Movimento à participação política, à vontade de se apropriar da Cidade, de transgredir a ordem espacial e, certamente, de sair do isolamento do *campus* para ver coisas e pessoas, e mostrar-se.

O “II Curso de Formação sobre Realidade Brasileira para Jovens do MST<sup>57</sup>” ocorreu em 2002, teve 532 participantes, ocorreu no mesmo local, com a programação similar ao anterior. Este seguiu a mesma dinâmica do primeiro encontro e também os jovens utilizaram dispositivos semelhantes para driblar o indesejável.

Um fato que considero importante destacar, no encontro de 2002, foi o agir dos jovens durante a visita ao “Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura”, uma das programações culturais do curso. Ao descerem dos ônibus, os jovens perceberam que estavam diante da praia; alguns deles nunca tinham visto o mar, e, escapando ao olhar panóptico dos professores e militantes que os acompanhavam, um grupo de jovens optou pelo prazer do banho de mar e somente foram descobertos no momento da saída, quando os professores faziam o controle dos presentes e alguns jovens retornavam molhados. Esses modos de proceder são detalhes que revelam como os jovens têm suas táticas para reagir à disciplina.

Ainda sobre esse fato, foi interessante conhecer a avaliação feita pelos professores e militantes-dirigentes do MST, coordenadores do curso. Enquanto os professores se colocavam atônitos ante tamanha insubordinação, os militantes ressaltaram que os jovens deviam ter se seduzido pelo mar, e que talvez fosse interessante incluir um passeio a uma praia no próximo curso.

Essa postura mostra como os militantes da Direção estadual do MST do Ceará conseguiram captar os elementos que motivaram os jovens à situação de “indisciplina”, recolocaram a problemática sem reagir com uma atitude normalizadora, ao contrário, levantaram possibilidades e aspirações emancipatórias.

---

57 O “II Curso de Formação sobre a Realidade Brasileira para Jovens do MST” ocorreu no período de 08a18 de outubro de 2002

Os cursos e encontros são oportunidades que os jovens das áreas de assentamento têm de estabelecerem redes de relações. Nos eventos, emergem singularidades que podem construir processos, maneiras de perceber o mundo, o outro, recusando o estilo de vida imposto a eles e aos seus pais, interiorizando valores independentes dos registros ditados pelos meios de comunicação, pelo consumo. Recusam, e ao mesmo tempo estabelecem, outra forma de apropriação da cultura, do lazer, da arte.

Nos encontros de jovens, eventos culturais, cursos de formação, manifestações políticas e nas práticas cotidianas, existem outros registros, outras mobilidades táticas que possibilitam recriar formas de comunicação, produzir sonhos e inventar a própria realidade.

As manifestações artísticas, culturais dos jovens assentados nos eventos têm essa singularidade, é como se cada jovem repetisse as palavras de Fuganti (1990, p.69): “eu não sou eu, sou nós, sou uma natureza múltipla, sou uma pluralidade de forças, uma composição de afetos diversos que tecem o corpo”.

Há o sentido de grupo muito presente entre os jovens, pois suas práticas coletivas nos eventos são “arte de fazer” cultura como potência, como ação que transforma e como mecanismos de resistência. Mas nem sempre os jovens são reconhecidos por suas ações criativas, principalmente porque são vistos como problema de hoje e esperança do amanhã.

É comum ouvir-se a frase “o jovem é a esperança do futuro”. Isso diz respeito, a uma atitude passiva, de não agir, no sentido de tolher o presente, e esperar que lhe tracem um futuro brilhante. Se o jovem toma uma atitude fora do modelo traçado para ele, subvertendo as normas familiares, escolares, rompendo limites impostos, deve ser disciplinado, impondo-lhe medo, incerteza.

As diversas instituições “educam” os jovens com coações, prêmios, castigos; inventam dispositivos os mais sofisticados, para produzir corpos dóceis e disciplinados. Quem não se enquadra às regras, às normas, é um fora-da-lei, um criminoso, invasor, marginal, que põe em risco o futuro.

## Música



A música no meio rural tem um papel fundamental. Nos momentos de encontros, ela é utilizada em diferentes momentos e finalidades, principalmente por mulheres idosas, adultas e jovens. No campo, as pessoas cantam quando estão juntas, seja para animar os encontros, alegrar e divertir os participantes, denunciar, protestar e chamar atenção de sua realidade, como também, para expressar devoção, fervor religioso-contemplativo.

Durante os encontros, os jovens reinventam, usam sua imaginação. Para ilustrar isso, pode-se tomar o exemplo particular de quatro jovens, todas com catorze anos de idade, em um encontro regional de jovens realizado no Assentamento Antônio Conselheiro, quando estas jovens adaptaram uma outra letra à música dos jovens cantores “Sandy e Júnior”, retratando a luta e morte de um trabalhador rural<sup>58</sup> que foi liderança do seu assentamento. Nesse momento, essas jovens fizeram uma bricolagem com a cultura dominante.

Esse fato pode refletir como os jovens assentados não estão assim tão isolados, eles mantêm uma relação com o mundo exterior ao assentamento e sofrem influência dos meios de comunicação, principalmente a televisão e o rádio, portanto absorvem imagens, sons, palavras que modelizam suas subjetividades. Mesmo entendendo que a subjetividade

---

58 O trabalhador rural ao qual a música faz referência se chamava Denir, líder de um acampamento, assassinado durante a luta pela terra; após sua morte, houve a desapropriação da área, e em sua homenagem o assentamento recebeu seu nome.

seja essencialmente social, ela é vivida pelos indivíduos particulares (GUATTARI; ROLNIK, 1996). No caso das jovens citadas, elas utilizaram uma determinada música, que é um produto extremamente comercial, reelaboraram criando uma letra que reflete a realidade do campo.

Nessa perspectiva, é interessante tomar esse exemplo citado para pensar sobre o processo de construção da subjetividade desses jovens. Para tanto as reflexões de Guattari e Rolnik ajudam a entender as ações dos jovens fora da lógica dual, da lei binária, da máquina binária.

*O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.33).*

Partindo dessas raízes culturais camponesas, o Movimento utiliza música e letra para politizar, transmitir mensagens, despertar sonhos e utopias; as músicas nos encontros têm o encantamento de concentrar e referendar a luta, como o hino de combate e alerta, e em outros momentos, é pura alegria, prazer, mexendo com todo o corpo, formando antigas e novas coreografias.

Através da música, os jovens falam sobre o que se passa no seu assentamento, no seu país, contam a história da luta, seus dilemas, suas denúncias, suas críticas à sociedade desigual e suas esperanças de mudança.

O gosto pela música e pela dança é uma marca da juventude das áreas de assentamentos rurais do Ceará. A dança da quadrilha, no Assentamento Palmares, no Município de Crateús, tem uma certa originalidade quando os jovens resolveram inovar, acrescentando coreografias e dando-lhe inclusive um nome: “sonho de liberdade”.

No início da quadrilha, sob o ritmo das músicas juninas, os jovens formam a sigla MST. O jovem que comanda a dança, denominado gritador da quadrilha, dá a cadência dos

passos aos jovens dispostos em pares. Um dos jovens organizadores descreve suas invenções na quadrilha:

*Em grande roda, o gritador diz: vivenciando o ontem. Sai um par para fora da roda. O gritador diz: vivenciando a realidade, nessa hora, entra um homem com arma, roupa de polícia apontando a arma e todo mundo cai no chão. O gritador: perspectiva do amanhã: uma mulher entra com a bandeira do MST, quando ela passa mostrando a bandeira, as pessoas vão se agachando. Gritador: tive um sonho. Todos os homens se levantam e gritam: de que? Com o braço esquerdo levantado. As mulheres pulam gritando: liberdade! (Hélio, 22 anos, ensino médio, jovem do Assentamento Palmares, Município de Crateús - CE).*

As criações dos jovens estão ao nível molar, da representação; eles precisam ter uma referência, mas o problema é não permanecer como um único modo de referência. Para Guattari e Rolnik (1996, p. 321), a ordem molar corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência. A ordem molecular, ao contrário, é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, das intensidades.

Quando os jovens retomam heróis e as tradições, não significa que desses experimentos não possam se constituir um campo onde surge a criação. É preciso, portanto, que os jovens trabalhem a cultura por aquilo que ela possa inventar.

*A gente tá tentando investir na questão do artesanato com a juventude, na questão de resgatar a cultura que está perdida aí, a questão do Luís Gonzaga, então essa é a nossa idéia aí pra esse ano que chega, nós já trabalhamos vários encontros com esse tema e esse ano nós temos o propósito de fazer isso, de trabalhar com a juventude na questão da cultura resgatando Luís Gonzaga e vários lutadores que foram esquecido, porque na realidade brasileira está se implantando novas bandas e deixando de fora um patrimônio histórico que a gente tem.(Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O Movimento estimula a valorização de cantores populares e de heróis camponeses, para que sirvam como exemplo para imitação. Esse momento de imitação é importante, mas deve ser seguido por um outro plano, que é o momento em que os jovens possam produzir condições para uma revolução molecular, um momento de criação, que envolva todos os níveis, tanto da vida coletiva como da vida pessoal (campo material e campo subjetivo).

É interessante perceber que, enquanto o MST incentiva à escuta de Luiz Gonzaga, as rádios os entopem de produtos enlatados. A reação de muitos jovens é se agarrar aos heróis, às referências, e produzir uma cultura como potência, como mecanismo de resistência da afirmação do outro.

Outras manifestações também são presentes nos encontros, como a dança, a poesia, a pintura, o desenho e o teatro.

Assim como a música, a dramatização tem uma influência marcante nos encontros. Com seus corpos, os jovens e/ou militantes expõem textos escritos para serem lidos e interpretados; é um texto que tenta fugir ao controle, às normas da vida cultural instituída.

Os temas trabalhados pelos jovens nas dramatizações são diversos, e os mais usados são os ligados à luta pela terra, à cidadania, às relações de gênero, aos valores, à cultura, à violência da polícia e dos fazendeiros. São expressões dos desejos, como diz Lins (1999, p.227) “o homem é um ser de desejo. Potência de negação e transformação de sonho e ação, é por meio do desejo que ele pode abrir-se à dimensão do possível e do imaginário, traçando linhas de fuga na plenitude do real e nelas introduzindo a ausência”.

Quando os personagens entram em cena, o ato evolui e as palavras, às vezes, se tornam desnecessárias; é como se essa força dramática tivesse o poder de se transformar em música, sinfonia de múltiplas realidades. O movimento do corpo, a expressão facial, nesse caso, “comparada com a música, toda comunicação por palavras é vergonhosa; as palavras diluem e brutalizam; as palavras despersonalizam; as palavras tornam o incomum comum” (NIETZSCHE in MACHADO, R., 1997).

Ao realizar as dramatizações, estão fazendo suas experimentações, porque estas são utilizadas para representar o mundo através de atos. Durante a apresentação, os personagens apresentam o lado tenebroso da vida, o sofrimento dos heróis, mas também exibem a capacidade de produzir alegria, solidariedade.



A dança do forró é, para os jovens assentados, a melhor forma de lazer. Nos encontros, à noite, há sempre um momento para dançar. Todos se arrumam como se fossem para uma festa; é o momento de muita alegria. Quando começa a tocar a música de forró, logo se percebe o movimento dos corpos-dançarinos, expressando uma linguagem, uma estética.

Além da música, da dança e da dramatização, presentes nos encontros de jovens, é interessante destacar a mística, considerada fundamental em todas as reuniões, cursos, encontros, festas organizados pelo MST. É também considerada pelo Movimento, como parte da formação militante.

A mística foi incorporada pelo MST, misturando o sentido cristão ao político e, para um dos pensadores do MST, “a mística está ligada à natureza da organização e de seus valores” (BOGO, 1998a, p.17). Qualquer evento do MST inicia com a mística, e para os militantes é o grande momento de reflexão, quando sonhos e realidade se apresentam das formas mais diversas: celebrações, cânticos, danças, dramatizações e gestos rituais.

Segundo Leonardo Boff (1998, p.24), a mística “não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação”. Ele analisa que a mística além do sentido religioso teria os sentidos antropológico-existencial, cristão e sócio-político. E, em relação à militância, diz Leonardo Boff que “não há militância sem paixão e mística, pouco importa a natureza da causa, seja religiosa, humanista ou política” (ibidem, p.38)<sup>59</sup>.

Durante a mística, o corpo fala. Todos os sentidos se voltam para pensar um tema. Encenam-se a realidade e suas contradições. Os sonhos são expostos. Nesse momento, é possível viver, ao mesmo tempo, a indignação contra a injustiça e sonhar coletivamente com a justiça. A mística apresenta a estética da dor, da exclusão, e, ao mesmo tempo, uma estética

---

59 Este texto foi publicado originalmente na revista Cadernos Fé e Política, 9 –mar/1993.

da resistência. Por um instante podem ter o poder de tomar a história nas mãos, ser vitoriosos e projetar o futuro que pode ser presente.

A mística vista como energia pode atravessar os corpos e as mentes, e revelar através dos seus personagens um mistério a ser desvendado. Essa linguagem místico-artística tem uma força de fazer falar através de gestos visíveis e sensíveis.

Para Bogo (1998b, p.18), “a militância precisa de uma têmpera, que consolida seu caráter, compromisso, com os ideais de uma nova sociedade. E a mística tem esse papel”.

Para muitos jovens dirigentes do MST, como esta jovem que trabalhou e viveu um período no Assentamento Antônio Conselheiro, as músicas do Movimento Ihe tocam profundamente, elas foram importantes tanto para Ihe fazer pensar sobre a luta pela terra, como para estimular sua entrada no MST. Quanto à mística, representa uma forma que ela e outros militantes encontraram para se reabastecer e continuar resistindo.

*(...) muitas músicas do Movimento ajudou-nos a refletir, aprendemos mesmo com a questão da mística e cultivamos no grupo de jovens, pois eu lembro que nos primeiros encontros que participamos no Movimento, eles fizeram isso, a mística, cantavam as músicas que muito nos tocavam, (...) a mística é muito aquela coisa do mistério de querer diferenciar, de ter sua transformação, vivenciamento, de se indignar perante essas injustiças e querer transformar, e no momento que fomos participando do Movimento, fomos dando conta que era preciso construir essa sociedade diferente, construir valores, e que existia uma sociedade injusta e que a gente não estava escondida dela, por mais que você estivesse num assentamento, nossos pais tivessem onde trabalhar, mais existia muita gente que não tinha onde trabalhar e que havia muita gente que dava sua vida para construir um pedaço de chão, pois aquilo que nós tínhamos conquistado muitos ainda não tinham, e começamos a refletir essa questão e isso nos tocava, isso é que era o vivenciar da mística, esse novo, esse diferente que queremos construir é que é tão difícil, mas ao mesmo tempo é também preciso (Perséfone, 20 anos, ensino médio, jovem da Direção Regional Ceará).*

A mística tem uma certa magia, pois ela se afasta, e ao mesmo tempo, se aproxima do real. Na mística, um universo de imagens e símbolos se apresenta, formando um campo verbal e um campo gestual que exprime uma maneira de comunicação entre os Sem Terra.

Segundo uma militante da Bahia<sup>60</sup>, entrevistada no Curso de Jovens realizado na UNICAMP, a maneira de fazer a mística não se ensina, se aprende, sentindo e experimentando.

*Olha a mística, eu acho que a gente não aprende, eu acho que você é mística de natureza. Eu acho que a mística ela tá dentro de você (Afrodite, 19 anos, jovem da Bahia, 1º ano, ensino médio).*

A mesma jovem explica o que é a mística para ela:

*Mística é mistério, então acho que quando você quer passar assim alegria, energia, principalmente energia positiva para as pessoas, você tá passando a mística pra elas. Mística é tudo. Quando você almoça com seu filho é uma mística, quando você acorda e dá um beijo no seu filho é mística, um bom dia pra as pessoas é mística, tudo é mística, você é mística (Afrodite, 19 anos, jovem da Bahia, 1º ano, ensino médio).*

Quando perguntei a essa jovem como se faz para organizar e apresentar a mística, ela respondeu:

*É simples, eu acho que realmente tem pessoas com aptidões pra formular mística e tem pessoas com aptidões pra apresentar mística, é um pouco complexo. É mais ou menos assim, eu vou apresentar uma mística sobre o Zumbi dos Palmares, eu vou ter que, por exemplo, eu já tenho um tema Zumbi dos Palmares, eu vou ter que saber da vida de Zumbi dos Palmares, o que aconteceu, quando foi que ele morreu, saber sobre Dandara que foi a mulher dele e saber como eles viviam, a libertação dos escravos. Eu vou buscar a história inteira sobre tópicos. Depois a gente vai trabalhar, a gente vê se trabalha com gestos, só com o corpo, expressão corporal que toca muito mais as pessoas, mais do que falar. Então é isso a mística (Afrodite, 19 anos, jovem da Bahia, 1º ano, ensino médio).*

Percebi, conversando com jovens de assentamentos de vários estados, que, embora a mística carregue um sentido religioso e ideológico muito forte, muitas vezes ela pode ser utilizada como uma forma de criar seu próprio espaço. Os jovens vão se aprimorando na forma de planejar e apresentar a mística e, nesse aprendizado, vão ampliando sua finalidade. Em algumas apresentações, observei que a mística era muito diversa; embora o MST tenha construído uma maneira de pensar e utilizar a mística, os jovens recebem um

---

60 A escolha desta jovem decorreu da apresentação de uma mística sobre a história da sociedade brasileira, quando ela era uma das personagens principais. Chamou-me atenção aquele grupo da Bahia, pela expressão artística dele. A performance dos jovens no palco era impressionante; alguns tinham seus corpos cobertos de barro, outros com roupas recicladas, os utensílios que simbolicamente usavam nas mãos, a música, os ruídos feitos pelos jovens representando os índios, os negros escravos e os brancos colonos.

quadro de referência e o transformam em uma manifestação artística, mas esse processo não é somente criação, ele também recria ambigüidades, por exemplo, em alguns grupos se percebe uma poética, em outros é pura imitação.

O próprio MST, ao incorporar a mística, não a reempregou tal como a recebeu da religião, mas modificou o seu uso. Certeau, ao analisar a arte brasileira dos mais pobres, observou que:

*Os crentes rurais desfazem assim a fatalidade da ordem estabelecida. E o fazem utilizando um quadro de referência que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários)...e marcam esse reemprego por “super-ações”. Um uso popular da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência (1999, p. 78).*

## 1.4 Experimentações Minoritárias

### 1.4.1 A Marcha



Quando o MST ocupa o espaço público das cidades, praças, instituições e ruas, cria a princípio um impacto para quem os vê avançar, um grande número de pessoas caminhando com determinação, erguendo, movendo suas bandeiras vermelhas, machados e foices. Os gritos de ordem dos caminhantes revelam enunciados que os cidadãos não querem ouvir, e, ao mesmo tempo, são fileiras organizadas, cantando e falando sobre terra, trabalho e justiça. A ordem militarista visível nas marchas, formadas por duas grandes fileiras, é uma outra ordem, porque na lógica de quem os vê chegar ou passar, é a própria desordem.

A marcha vai fazendo uma série de percursos e com seus passos cadenciados, os caminhantes vão desenhando um mapa. Esse mapa retrata os limites, os atalhos e relevos da luta.

Essa experiência tece uma paisagem móvel, uma exposição de cores, ritmos, com suas boinas, bonés, camisas vermelhas, cantos. No percurso, os caminhantes também cansam e desanimam, mas logo chegam a uma parada estratégica e retomam o entusiasmo; encontram outros jovens, param, fazem ato público e se revelam.

A marcha é um ato político, cultural, estético, histórico, um modo de organização que pode ser analisado retomando Deleuze e Parnet, quando estes, lembrando as grandes marchas ou caminhadas no decorrer da história da humanidade, dizem que:

*(...) a organização militar é uma organização de fuga, até mesmo a que Moisés dá a seu povo, não apenas porque ela consiste em fugir de alguma coisa, sequer em fazer o inimigo fugir, mas porque ela traça, em toda parte por onde passa, uma linha de fuga<sup>61</sup> ou de desterritorialização que se confunde com sua própria política e sua própria estratégia (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 164).*

A noção de desterritorialização é um movimento em que “os territórios originais” se desfazem ininterruptamente” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.323). Nesse sentido, o território é

*Sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1996, 323).*

Ao planejar uma marcha, é traçado um percurso, são revistos os perigos que podem ocorrer, as precauções que devem tomar, e, sobretudo, aquilo que desejam transpor. Mas os militantes não conseguem prever as incertezas do que podem descobrir nessa viagem, os fluxos que se desencadeiam nesse processo. Desse modo, a marcha é também uma conquista do desconhecido, é inventar uma linha de fuga, é tornar-se um caminhante sem território, é desterritorializar-se.

---

61 Para Deleuze e Parnet, os indivíduos e grupos são feitos de pelo menos três espécies de linhas; uma linha dura ou linha sedentária, que funciona a partir da dualidade jovem-velho, riqueza-pobreza, homem-mulher, público-privado, que implicam dispositivos de poder e fixam códigos. A linha flexível ou migrante onde se passam os devires, esta não se inscreve na dicotomia ou oposição dos segmentos, mas respeita os fluxos, os movimentos que surgem. A terceira é a linha de fuga ou nômade, abstrata, não previsível, linha de ruptura e movimento de desterritorialização (p. 146-159).

Quando estão marchando, os jovens e adultos redescobrem e se reapropriam dos espaços, das arquiteturas por onde passam. Mesmo que a cidade os assuste pela sua velocidade, seu superpovoamento, sua lógica urbanística, há uma certa interação do corpo com espaço. “O caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial” (CERTEAU, 1999, p.178).

O depoimento a seguir é de um jovem que entrou no MST a partir de uma marcha.

*Foi em 1998, me convidaram pra uma marcha, uma marcha do Movimento que iria iniciar no Quixeramobim e então eu, imediatamente, eu aceitei até por não conhecer e tinha uma certa curiosidade, então eu aceitei aí fui pra essa marcha e iniciamos assim o meu primeiro trabalho no Movimento foi essa marcha e aí eu comecei a trabalhar na marcha no Quixeramobim, passamos em várias cidades (Eros, 18 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Che Guevara, Ocara - CE).*

A marcha pode ser uma forma de iniciação no Movimento, podendo também despertar interesse, curiosidade, por proporcionar possibilidades de aventura, de mobilidade, e ainda, uma demonstração de força, quando por um certo momento os caminhantes ocupam a rua, a cidade, mudam a ordem do trânsito, transgridem normas e regras, e, ao mesmo tempo constroem uma estética.

A marcha nunca é um evento isolado, pois tem várias motivações, como, por exemplo, as datas importantes e finais de eventos. Durante a caminhada ou no seu término, ela funciona também como momento de formação, como nos fala um jovem do Ceará que participava de um curso de formação e seguiu para uma marcha.

*Nós fomos pra marcha em Brasília e pra chegada da marcha, que tem uns companheiros marchando de outros lugares até Brasília, e assim nós pegamos e fizemos três dias de curso, aproveitamos a marcha e paramos em Brasília e fizemos três dias de curso (...) a marcha tinha mil e poucas pessoas e então a gente aproveitou que tinha muita gente reunida pra fazer uma mobilização em frente ao Banco Central e aproveitamos pra pegar mais três dias de estudo e trazer umas tarefas porque pra sair do estado pra ir a Brasília e vir com as mão abanando nós vimos que não seria bom, nós aproveitamos e fomos e nós voltamos tanto com a vitória que garantimos milhares de pessoas em frente ao Banco Central que eu não sei em quanto tava, dava mais de 10 mil, aproveitamos e passamos três dias reunidos e viemos com as bolsas cheias tanto de roupa quanto de conhecimentos que muitas vezes, muitos estudos que nós tivemos não conhecíamos, a questão da*

*realidade no Brasil, da dívida externa* (Eros, 18 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Che Guevara, Ocara - CE).

Para o MST, o objetivo da marcha é “dialogar com a sociedade e fazer frente à ofensiva de FHC”<sup>62</sup> (STEDILE; FERNANDES, 1999, p.151). Segundo os dirigentes do Movimento, a idéia da marcha se reporta ao sentido das antigas caminhadas, “a exemplo da caminhada de Moisés, Ghandi, Mao Tsé-Tung” (ibidem). Nesse sentido, a marcha é reelaborada como uma nova tática de fazer política, quando traz à cidade fatos que os meios de comunicação pouco divulgam.

*(...) as grandes aventuras geográficas da história são linhas de fuga, ou seja, longas caminhadas, a pé, a cavalo, ou de barco: a dos hebreus no deserto, (...) é sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência. Fugir, mas fugindo, procurar uma arma* (DELEUZE; PARNET, 1998, p.158).

#### 1.4.2 Acampamento como Prática Política – Acontecimento



Os acampamentos<sup>63</sup> são aqui abordados como acontecimentos que exercitam a ocupação de um espaço outro, podendo canalizar desejos de produzir uma inversão de valores.

Acampar significa experimentar momentos em que o agir político tem um sentido de liberdade, pressuposto necessário ao convívio das diferenças e pluralidades.

Pretende-se, a partir desse entendimento, analisar as práticas políticas dos jovens rurais (mulheres e homens) vividas nos acampamentos dos Sem Terra, quando eles se instalam por um certo tempo nos espaços públicos urbanos.

62 FHC são as iniciais do ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso (1995-1998) reeleito para o pleito 1999-2002.

63 Nesta parte do trabalho, o termo acampamento se refere aos acampamentos na cidade, quando os sem terra ocupam praças, canteiros, órgãos públicos, diferente do acampamento no rural que acontece após a ocupação de terra.

O acampamento é uma forma de luta que estimula a produção de singularidades, tornando-se um espaço que dá condições aos jovens e adultos, homens e mulheres, de viverem suas multiplicidades e seus processos. São eventos educativos e políticos, pois constituem um espaço de formação e sociabilidade. Dessa forma, o pensamento de Guattari e Rolnik sobre movimentos políticos reflete muito bem esse momento do acampar. Dizem os autores, “a partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles”. (GUATTARI ; ROLNIK, 1996, p.46).

Quando realizado fora do campo, pode ser considerado “acampamento provisório”, cujo objetivo é chamar atenção das autoridades e da sociedade, estudar e decidir os encaminhamentos e apresentar reivindicações. Após atingida a finalidade que o moveu, ele se dissolve” (MORISSAWA, 2001, p.200).

Os acampamentos na cidade são montados em avenidas, nos canteiros entre as pistas, ou mesmo em uma das pistas; na rua são erguidas estacas de madeira com aproximadamente um metro e meio de altura. Sobre elas é estendida uma lona preta, formando uma espécie de barracos seqüenciais; à sua volta carros velozes indo e vindo. Debaixo dos provisórios barracos, crianças, jovens e adultos armam suas redes. É preciso se curvar para andar e conter as crianças nesse espaço. Vivenciar a experiência de um acampamento é também criar uma forma de habitar.

Dependendo do local escolhido, às vezes é possível montar uma cozinha. Quando é inviável, a comida é feita em uma localidade próxima, geralmente em casas religiosas e Igrejas. Nos horários de refeição, chegam enormes panelões com arroz, feijão, farofa e carne. Forma-se uma grande fila onde as pessoas são servidas. É um ritmo completamente novo. O calor é um parceiro constante e, se chove, a água adentra todos os lados. Os acampados

sofrem ainda pressão e vigilância constante da polícia. Passam dias para tentar negociar com as autoridades e somente depois desse momento voltam para casa.

A higiene pessoal é um grande problema, os banheiros são improvisados e em condições precárias. Duas fossas são improvisadas no canteiro e, cercadas por estacas e lona, formam um banheiro masculino e outro feminino. O uso é sempre coletivo. Os banhos, em geral, são feitos em banheiros cedidos pelos órgãos estatais ocupados.

Por todos esses detalhes, o funcionamento de um acampamento exige um planejamento prévio, e para isso, são criadas equipes de trabalho. Quando perguntei aos militantes quais as atividades/tarefas necessárias para um acampamento na cidade funcionar, eles e elas responderam que são necessários uma boa coordenação, infra-estrutura e planejamento, organização interna por grupos, e o povo articulado com objetivo. Quando indaguei sobre a organização, responderam que são formadas as seguintes equipes de trabalho: coordenação geral, formada por um representante de cada equipe; infraestrutura que se responsabiliza pelos barracos, banheiros e gêneros alimentícios; a cozinha, que prepara a alimentação; limpeza; música e animação; saúde; formação; segurança; disciplina; relações públicas (articulação com imprensa, entidades e sociedade); negociação; ciranda.

Um dos acampamentos que acompanhei foi o “Acampamento 8 de março”. No ano de 2000, o MST decidiu realizar um acampamento nas capitais dos estados onde atua e no final um ato político no Dia Internacional da Mulher, em ação conjunta com os demais movimentos do campo e da cidade.

A proposta do Movimento em todo Brasil foi marcar o dia 8 de março com uma amostra da luta e força das mulheres rurais e suas reivindicações, e foi planejado como meta trazer o maior número de mulheres dos assentamentos e acampamentos, inclusive aquelas mulheres que nunca haviam participado de eventos fora do seu município.

Em todo o Brasil, participaram cerca de 24 mil mulheres rurais com o lema "Mulheres Trabalhadoras Rurais Construindo um Novo Brasil". Fizeram protestos, acampando em praças, avenidas, universidades, creches, parques, ginásios, estádios. Uma comissão de negociação foi a Brasília levando reivindicações gerais e específicas.

No Estado do Ceará, o acampamento teve a participação de homens e mulheres. Havia aproximadamente 300 trabalhadoras(es). O Movimento organizou o acampamento em um canteiro de uma avenida, em frente ao INCRA, com duração de dois dias. Em geral, os acampamentos não têm um prazo predeterminado para terminar, depende das negociações.

Como outros Acampamentos, este proporcionou ações políticas múltiplas. A perspectiva, em parte realizada, é que viessem mulheres que nunca haviam participado de eventos fora do seu assentamento, que as mulheres estivessem à frente dos acampamentos, das negociações, e os homens assumissem a ciranda infantil.

Os dois dias foram preenchidos com momentos de estudos sobre a realidade brasileira e a situação das mulheres; houve também momentos de animação com músicas e místicas. O acampamento culminou com uma marcha até a Praça do Ferreira no centro da cidade de Fortaleza, onde ocorreu um ato público em conjunto com movimentos de mulheres rurais e urbanas.

No acampamento do Ceará ocorreu um fato que escapou ao planejamento nacional; a previsão de organizar um acampamento de mulheres foi alterada na prática, pois havia um número significativo de homens. Esse dado me fez questionar se os homens estariam representando as mulheres no acampamento. O MST criou possibilidades à participação das mulheres, quando concentrou em dois dias o período do acampamento e organizou um espaço para os filhos? O que impediu as mulheres de participar, principalmente as jovens? Quais as dificuldades encontradas pelas mulheres? Seria impedimento dos pais e

maridos sob a justificativa de cuidado e zelo, ou as mulheres não se sentiram preparadas para assumir tal atividade?

Essas questões me fizeram pensar nas reflexões de Bourdieu sobre o campo político, como este campo é perpassado pelas desigualdades de gênero e, como a competência aparece como divisor dos tecnicamente competentes e dos que se representam por porta-vozes. As mulheres estão sempre incluídas entre os que precisam ser representados, portanto, as diferenças entre mulheres e homens têm historicamente servido como justificativa para afirmar a falta de competência política das mulheres (BOURDIEU, 1989).

Essa forma de pensar tem relação com uma concepção introjetada culturalmente do que é ser homem e ser mulher. As atribuições de cada gênero se diferenciam nas mais diversas formas de sociabilidade. Neste sentido, o gênero é construído simbolicamente, tem uma configuração histórica, mas tem uma dimensão universal, faz parte da história humana (MACHADO, L., 1992, p.32).

É interessante ressaltar que o MST tem criado espaços para discussão sobre as desigualdades de gênero e as relações de poder entre masculino e feminino, tanto no interior do Movimento como nos assentamentos e acampamentos. Apesar da inclusão desse tema para estudo e discussão, na prática, existem muitas dificuldades em modificar as relações de dominação, mesmo entre militantes.

Estudos sobre as relações de gênero estão presentes na maioria dos cursos e foram integrados em alguns materiais didáticos do Movimento, inclusive foi produzida uma cartilha sobre a temática. Isto demonstra uma preocupação das lideranças do Movimento em diminuir as desigualdades nas relações internas (homens e mulheres) da organização política, e mesmo nas relações interpessoais do Movimento.

A ênfase na condução dos trabalhos sobre gênero tem sido a de valorizar as mulheres, dando crédito à sua participação, tanto no plano externo como interno ao MST.

Durante o momento dos acampamentos na cidade, ocupando a rua, os órgãos públicos, as mulheres rurais têm sido animadas a falar, agir, negociar no espaço público.

Percebi que, entre as militantes-dirigentes, há uma vontade de criar possibilidades delas e das outras mulheres se afirmarem como portadoras de um saber-poder no campo da política, que lhes proporcione também ações políticas múltiplas.

Uma das plataformas de luta das mulheres junto aos órgãos públicos tem sido incluir a mulher como a titular no cadastro das terras, uma vez que estas são sempre registradas no nome dos maridos, pais, irmãos. Ao nível das organizações, a luta é conquistar posições e condições de igualdade com os homens.

Após a luta pela terra, nos acampamentos, as mulheres experimentam novas táticas para enfrentar e inventar seu cotidiano. As mulheres passam a ter acesso às diversas comissões de trabalho, mas às vezes precisam driblar regras do jogo do poder masculino. Mesmo quando as mulheres estão à frente do Movimento, nem sempre significa mudança ou redefinição dos papéis masculinos e femininos.

As dificuldades das mulheres em participar do campo político se apresentam das mais diversas formas, muitas vezes camufladas como cuidado e zelo. As mulheres, tanto jovens como adultas, quando se inserem no campo político, não têm sua participação aceita de forma pacífica pelas famílias ou pela vizinhança e comunidade. As justificativas para tal negação são dadas em função, ora do mito da fragilidade e virtude, ora do mito da sedução e pecado.

A inclusão das mulheres no Movimento é ainda uma luta em construção, e isso transparece na diferenciação da participação de mulheres em cargos de direção do Movimento ou nos cursos de formação. O papel das mulheres no Movimento tem sido tema de interesse, principalmente das mulheres que conseguiram assumir lugar de liderança.

No movimento de luta pela terra, as mulheres e os homens têm papéis determinados. As táticas utilizadas na luta são diferentes de acordo com o sexo, e nas ocupações, ou em qualquer situação de perigo, são sempre os homens que assumem o papel de espreitador, aguardando ocultos os oponentes, enquanto as mulheres ficam à espera da polícia e dos pistoleiros, evitando assim o confronto direto. Contudo, vale ressaltar que não há nos conflitos uma uniformidade absoluta com relação ao desempenho de papéis masculinos e femininos (SALES, 1995).

Mesmo diante de todas as dificuldades, o MST tem criado possibilidades de participação das mulheres. Tem, inclusive, atentado para estas questões quando, de forma intencional, inclui em suas programações discussões sobre relações de gênero.

Dentro do MST, durante as reuniões, e/ou cursos, existe uma rede de solidariedade entre as mulheres que se transformou em um projeto, denominado pelo Movimento de Ciranda Infantil. Este projeto possibilita as mulheres-mãe trazerem seus filhos e, ao mesmo tempo, participarem das reuniões. O Ciranda Infantil tem uma função educativa, e, ao mesmo tempo, desobriga as meninas de 8, 9 anos dos trabalhos no interior do grupo familiar, na ausência da mãe.

Na medida em que projetos de formação política envolvem a discussão de gênero, as mulheres do MST vêm levantando questões importantes na sua militância e discutindo o papel das mães e filhas no interior da família. Se as meninas permanecerem reproduzindo o papel da mãe, terão as mesmas dificuldades que suas mães tiveram no aprendizado do jogo político no seu percurso na esfera pública.

A inclusão do estudo das relações de gênero como linha política me mobilizou a, após o Acampamento 8 de Março, conversar com militantes (homens e mulheres) da Direção estadual sobre a importância das mulheres em um acampamento.

Destaquei algumas respostas para pensar como a Direção estadual compreende a participação das mulheres. A seguir as respostas dos homens:

*"A participação de todos é importante, desde as crianças, jovens, mulheres, homens, idosos".*

*"Não tem sentido um acampamento sem as mulheres, na maioria das vezes elas evitam violência da polícia. Elas estão conquistando seus direitos, seu espaço na luta".*

*"É uma necessidade, pois a luta não é só de homem".*

*"São ousadas, em muitos casos encorajam os homens, e mais do que qualquer coisa, engrossam as fileiras da luta, mostrando que são gente e humanas".*

Essas opiniões ressaltam a participação das mulheres, destacam a questão dos direitos, mas ressaltam também o papel da mulher como tática para proteção à violência policial.

No caso das militantes mulheres, elas refletem que:

*"A luta sem a mulher vai pela metade".*

*"Sua participação é fundamental, a participação do homem sem a mulher não tem graça".*

*"A participação das mulheres traz o sentido de coerência por parte do MST, sobretudo porque quando se tem como bandeira, além da reforma agrária, a igualdade de direitos e a justiça social, há que se incluir verdadeiramente todas as pessoas em todas as instâncias e momentos de luta".*

As jovens militantes já começaram a elaborar que não é possível pensar justiça e direitos sem pensar em equidade de gênero. Portanto, exercitar seu agir é pensar em uma autonomia, e, no caso das mulheres acampadas, é assumir os diversos espaços, inclusive o de negociar com autoridades, instituições; é falar em público, argumentar. Por isso, perguntei a militantes-homens o que é necessário para entrar em uma equipe de negociação.

*"Conhecer a realidade, entender o processo, segurar discussão na mesa, compreender as razões da luta e o momento conjuntural".*

*"Firmeza política, não pode falhar ou perder na luta".*

*"Há momentos que tem de ser mais duro outros maleável, por dentro da pauta".*

As militantes responderam assim:

*"Ser assentado ou acampado e ter compromisso com trabalhadores".*

*"Articular bem as idéias e o jogo político".*

*"Merecer confiança de todos, entender a conjuntura e ter um bom jogo de cintura".*

Como dizem os militantes e as militantes, é preciso entrar no jogo, e jogar é tratar com o imprevisível, o novo, o desconhecido. Não tem um modelo pronto para estabelecer uma negociação, é preciso saber tratar com o inesperado, é desenvolver um pensar intempestivo, que dê vazão à criatividade, espontaneidade.

O livre agir das mulheres passa pelo pensar e agir livremente, e essa liberdade é uma conquista das mulheres, construída de forma não linear. Nesse sentido, pensar o agir político das mulheres é pensar a política como liberdade, quando as mulheres podem agir e falar livremente. Mas, assim como o ser livre na pólis significava arriscar, hoje também, quando as mulheres lutam para ser livres, elas também estão arriscando e por isso é preciso ter coragem para agir com liberdade.

A participação das mulheres no movimento de luta pela terra impõe esses riscos. Sair de casa, do assentamento, do campo, para ocupar o espaço público, a rua, é, antes de tudo, um ato de coragem.

Quando questionei os militantes sobre a divisão de tarefas no acampamento, tanto os homens como as mulheres foram quase unânimes em negar qualquer distinção na divisão de tarefas. Justificaram que "as tarefas dos homens são as mesmas da mulher, tarefas iguais, capacidades iguais, porém existe preferência, afinidades pelas características da pessoa" (militante-homem). Para confirmar as ditas afinidades e características, um outro militante acrescentou em sua resposta: "as tarefas são juntas, mas tem tarefa que é específica, como a Ciranda" (militante-homem).

A Ciranda é uma atividade de recreação realizada com todas as crianças presentes nos acampamentos e encontros. Para deixar as mulheres-mãe mais livres para exercer sua militância, esse trabalho é desenvolvido por militantes do Setor de Educação, geralmente, composto por mulheres jovens. A presença de rapazes é uma inovação na Ciranda do Ceará, diz uma militante em tom de vitória.

O fato de as mulheres trazerem os filhos para a luta é uma tática importante para o livre agir das mulheres, porque facilita a sua saída do espaço doméstico e, mesmo com as crianças, elas têm momentos livres para a prática política, e, por outro lado, essas mulheres ocupam o espaço público trazendo consigo o espaço privado.

A Ciranda, como um recurso encontrado pelo MST para as mulheres participarem politicamente, é um dos primeiros passos para inserção das mulheres, e também inicia os meninos e as meninas nesse convívio coletivo.

Será que para fazer política tem-se que concordar com os gregos, pois, na Grécia, um dos fatores essenciais era a desobrigação da casa, da família? Dessa forma, não seria também uma afirmação da política como exclusividade dos homens?

Mesmo contendo contradições, o acampamento é um exercício de liberdade, é uma ação política que distingue tanto os homens como as mulheres uns dos outros, mostrando assim suas singularidades, suas diferenças. Segundo Arendt, a política trata da convivência entre diferentes (1999, p.21).

Esse é um traço marcante da política, pois se estabelece para regular o convívio humano, sem, contudo, dissolver a diversidade. Reconhecer a diferença é perceber o diverso.

Como diz Lins:

*Diverso, espaço de identificação multipolarizada, abre as portas da percepção e festeja o encontro com o outro, num fluxo e refluxo de criatividade e de espanto, em que aquele que fala poderá se encontrar na resposta do outro. O outro do desejo, o outro como exclamação ou campo poético (1997, p.93).*

Essa pluralidade é percebida no MST e, no próprio acampamento, a unidade de objetivos não desfaz as diferenças. O lugar das mulheres no acampamento é diverso e, no caso do MST-CE, é muito visível a pluralidade, pois há mulheres militantes na direção, mas também, nos assentamentos coordenados pelo MST-CE, mulheres confinadas, excluídas da participação política, principalmente quando a ação política é fora do assentamento.

Nas marchas, nos acampamentos, nos cursos de formação, as mulheres são a minoria; as casadas, por acúmulo de tarefas com a casa e os filhos, pelo trabalho na roça, ou pela timidez de exercitar o agir e falar em público ou ainda, pelo impedimento dos maridos por duvidar da fidelidade das mulheres fora do lar. No caso das solteiras, há proibição dos pais, que alegam perigo (leia-se perda de virgindade, gravidez), outras vezes utilizam a perda de aulas como motivo principal (o número de estudantes é maior entre as mulheres).

Para muitas mulheres, o acampamento funciona como uma forma de experimentar uma realidade nova. A invenção desse cotidiano nos dias de acampamento faz com que seus atos simples, como desenvolver tarefas semelhantes às de sua casa (limpeza, saúde), tome outra dimensão, porque, no acampamento, esse fazer é um agir pensando. O duo pensar e agir faz com que elas comecem a produzir seus processos e, dessa forma, muitas mulheres, a partir do acampamento, passam a se envolver na luta, algumas se entregam plenamente, com intensidade, contagiando outras mulheres, afetando e sendo afetadas. Depois de experimentar um acampamento, as mulheres não são as mesmas, já não se sentem tão prisioneiras, estão mais abertas às multiplicidades do mundo, sonham em inventar o mundo.

Para ser livre, é preciso destruir valores estabelecidos, para então descobrir a potência interna que leva à conquista de uma dimensão autônoma. Contudo, há nos assentamentos mulheres que permanecem adormecidas, esperando que alguém lhes diga no que deve crer, pensar e fazer.

Assim como este acampamento, outros acampamentos passam por processos semelhantes, o local, as tarefas, a estrutura. Mas é importante destacar a presença dos jovens nos acampamentos; mesmo em período de aula, muitos jovens participam. A novidade dos últimos acampamentos tem sido ocupar o tempo livre com trabalhos artesanais. Era uma preocupação do MST nos acampamentos de períodos mais longos como ocupar o tempo.

Um dia em um acampamento é muito diverso, mesmo assim, vou relatar uma experiência observada. Pela manhã, logo cedo, tem o café da manhã, depois cantam o Hino Nacional em seguida o do MST, fazem uma animação com outras músicas, dão avisos. Depois voltam para debaixo da lona e só saem para receber as visitas, quando todos são chamados por megafone. Pela manhã, as equipes se reúnem e distribuem as tarefas; depois de realizar alguma atividade ficam livres até o almoço. Durante o almoço, forma-se uma grande fila para a distribuição das refeições.

À tarde, o período é ainda mais quente e mais longo até chegar o momento da assembléia, momento mais importante do dia, que inicia com a mística e os cantos, vindo em seguida os informes e uma explanação sobre as negociações e discussão sobre as decisões. Logo após a assembléia, é servido o jantar. À noite tem um período para brincadeiras e uma determinada hora para todos se recolherem, por questão de segurança.

O tempo livre dos jovens é ocupado com conversas ou deitados em suas redes; às vezes jogam bola ou fazem alguma outra brincadeira. Nos últimos acampamentos, algumas freiras têm desenvolvido o ensino de trabalhos manuais e tem sido bastante aceito por jovens e adultos. Foi interessante observar no acampamento como os códigos se embaralham, os homens jovens ou adultos, sem qualquer restrição, participam das oficinas de bordado, pintura em tecido, confecção de colares e trabalhos com papel marchê.

Os acampamentos na cidade são montados em lugares públicos, na rua, e, mesmo assim, os homens desenvolvem atividades artesanais publicamente, o que com certeza não

fariam no seu lugar de origem; é como se os valores impostos de acordo com o gênero por um instante desaparecessem. Nos últimos acampamentos, tem havido uma pequena feira de artesanato para exposição e venda dos produtos.

No acampamento, a luta é recheada de situações ambíguas, se estão desacomodados, adoecem, sofrem repressão, por outro lado cantam, dramatizam a vida, estabelecem novas relações, conhecem parlamentares, professores, outros movimentos.

## CAPÍTULO II

### 2 INVENÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO NA VIDA COTIDIANA

#### 2.1 As Expressões Culturais dos Jovens no Cotidiano do Assentamento



*O cotidiano está semeado de maravilhas, espuma tão fascinante, nos ritmos prolongados da língua e da história, quanto a dos escritores e artistas. Sem nome próprio, todas as espécies de linguagens dão origem a essas festas efêmeras que surgem, desaparecem e retornam (CERTEAU, 1995, p. 245).*

O cotidiano com sua pluralidade de espaços e diferentes modos de vida tem sido estudado por diversas correntes sociológicas, por isso mesmo não possui um sistema conceitual único. Contudo, pode-se dizer que o cotidiano “é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que o atravessam” (PAIS, 2003, p. 72). As principais correntes teóricas que têm influenciado e contribuído com o estudo do cotidiano são o formismo, o interacionismo simbólico, o marxismo e a fenomenologia.

Nos seus estudos sobre a vida cotidiana, Pais apresenta um panorama crítico das principais correntes teóricas. Acredito ser necessário, em linhas gerais, retomar a caracterização feita pelo autor para situar essas correntes.

Segundo Pais, o formismo reduz o cotidiano ao simbólico. Para os formistas, “a existência cotidiana é em grande parte composta de teatralidade e superficialidade, o seu estudo passa pela observação do jogo das formas sociais que lhe estão associadas” (ibidem, p. 89).

O interacionismo, diz Pais, desvaloriza dimensões macro como a história e as classes sociais e privilegia a subjetividade dos atores. Segundo esta corrente, “a realidade a analisar parece, por conseguinte, configurada como uma gestão de sentimentos ou sensações, de relações e negociações pessoais. Diz ainda o autor que no interacionismo “o tema da mudança social desaparece a favor do tema da mudança de caráter, deixadas em qualquer caso intactas as estruturas de dominação” (ibidem, p.93).

O estudo da vida cotidiana, para o marxismo, está centrado no indivíduo e na rotina, embora reafirme o cotidiano como “um terreno de luta de classes”. Para esta corrente, “a estrutura política de uma sociedade e a sua eficácia sócio-institucional avaliar-se-iam de acordo com a capacidade de estruturação da vida cotidiana” (ibidem, p.96).

Segundo Pais, para a fenomenologia, “os fenômenos sociais objetivos devem ser vistos à luz da subjetividade dos atores sociais: quer no que se refere às atitudes, aos desejos, ou às definições de situação” (ibidem, p. 98).

Esta rápida parada em cada uma das principais correntes sociológicas tem o sentido de reafirmar que a vida cotidiana tem múltiplas maneiras de ser compreendida e que são os percursos e os encontros teóricos e práticos que podem possibilitar a visibilidade do banal, do repetitivo, do inesperado, do diverso.

A vida no acampamento foi para os jovens uma experiência singular, permeada por começos. Dessa forma, a rotina era desfeita a cada dia e o cotidiano se tornou um desafio à criatividade dos jovens. Quando o acampamento se transforma em assentamento, começam

a redefinir os modos de vida; a tendência das famílias foi tentar retornar à vida cotidiana anterior. Mas se torna quase estranha essa volta ao mesmo, até porque esse mesmo já é outro.

Os jovens recusam a rotina, a repetição, e querem transformar o cotidiano. Esse tipo de reação não significa que os jovens desejem eliminar as referências anteriores ao acampamento, até porque é necessário que algumas coisas permaneçam, mas o que eles desejam é que surja algo novo. O que seria esse novo? Uma recomposição do espaço para desenvolver práticas singulares? Uma reintrodução de antigas práticas com novas maneiras de fazer?

O novo diz respeito à criação, às composições de idéias, aos encontros que potencializam a produção desse novo. Neste trabalho, o termo criação está relacionado com tudo aquilo que os jovens conseguem produzir, criar nos eventos, no cotidiano do assentamento. São procedimentos microbianos, quase imperceptíveis, maneiras de subverter a ordem, de metamorfosear as práticas ou representações que lhes são impostas para fazê-las funcionar em outro registro.

Quando me refiro à idéia de inventabilidade dos jovens, no que se refere às expressões culturais, é no sentido que Mangueira escreve:

*O termo criação, é importante dizer, não remete à oposição originalidade-banalidade. Uma criação particular não significa uma originalidade sem precedentes. Ela pode ser uma banalidade. Mas o importante é que essa banalidade adquiriu uma intensidade própria a um mundo (2001, p. 222).*

É importante enfatizar ainda, como lembra o autor, que “toda criação é sempre parcial” e circunstancial, ela não surge do vazio (ibidem).

Após experimentar a vida no acampamento, os jovens tornam-se mais motivados a desenvolver práticas coletivas, mas preferem agrupamentos diferentes do sindicato, da associação, do grupo de produção, porque, para eles, estas organizações os vêem como “meio” estudante, “meio” trabalhador e “quase” adulto. Por conseguinte, os jovens elegem a Igreja e o MST, como espaços onde acreditam que sejam defendidos seus próprios interesses.

Outros ainda buscam os grupos informais, porque crêem que as outras formas de agrupamentos criam e recusam condições de participação.

Nos diversos agrupamentos, os jovens organizam um conjunto de possibilidades que lhes proporcione prosseguir algumas atividades coletivas experimentadas no acampamento. Em outros momentos, suas práticas funcionam no sentido de romper com a rotina do assentamento, de alterar as regras e, embora sejam práticas fragmentárias, isoladas, isso não desqualifica seu potencial de criatividade.

Nas práticas familiares do cotidiano, os jovens estão sempre presentes e, mesmo obedecendo a determinadas normas, eles não deixam de inventar maneiras de funcionamento que, relativas à ocasião, são indicadores de vontade de mudança.

Nesse contexto, os jovens estariam fazendo rupturas momentâneas com o cotidiano para produzir algo novo? O que estariam produzindo? É possível criar expressões culturais próprias no Assentamento?

Os jovens conseguem, nos assentamentos, realizar diversas combinações nos diferentes meios que compõem o cotidiano: econômico, cultural, político, educacional, familiar e sexual, etc. Dependendo do momento e das forças que entram em jogo, eles criam uma dinâmica própria que faz emergir expressões culturais no interior desse microuniverso. Por exemplo, um encontro de jovens pode ser um espaço<sup>64</sup> de fazer política, mas ao mesmo tempo, pode se tornar também um espaço para diversão e formação. Espaço é aqui entendido como “um lugar praticado” (CERTEAU, 1999, p.202).

As expressões culturais dos jovens assentados, no cotidiano, são atividades que conseguem interligar práticas políticas com lazer, cultura e até com o trabalho agrícola, porque para esses jovens, os campos se misturam de tal forma que se tornam indissociáveis.

---

64 Certeau faz a distinção entre lugar e espaço. Lugar é “uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (1999, p.201), enquanto espaço é “um certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram (...) o espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada (ibidem p.202)”.

Os jovens, quando tentam criar expressões culturais, estão fazendo um exercício de captar elementos da sua realidade e construir uma percepção da sua situação. Com isso, eles têm a possibilidade de produzir processos de reapropriação da subjetividade, e, “para que esses processos se efetivem, eles devem criar seus próprios modos de referência, suas próprias cartografias, devem inventar sua práxis de modo a fazer brechas no sistema de subjetividade dominante“ (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.49/50).

As entrevistas, as observações e, principalmente, os contatos com jovens, me permitiram perceber o quanto é importante para os jovens ter momentos de lazer. Para estes jovens, lazer significa uma atividade livre, uma recompensa do trabalho rotineiro e também uma festa. A ausência de espaços para diversão, a labuta desde muito cedo na casa e/ou na roça e a disciplina familiar, se por um lado lhes nega oportunidades de lazer, por outro estimula a emergência de criação de alternativas de divertimentos, recreação e o desejo de liberdade do cotidiano.

A construção de uma quadra no início do assentamento foi um fato que os jovens recordaram com prazer. A decisão de fazer uma quadra surgiu no dia em que receberam a imissão de posse (24 de abril de 1996) e resolveram fazer uma grande festa, mas, dessa vez, “não queriam mais dançar levantando poeira”, lembra uma assentada. Outra decisão coletiva foi escolherem o dia da ocupação (20 de maio de 1995) como a data de comemoração da conquista da terra.

Os jovens lembram que no período de construção da quadra todas as pessoas se envolveram - jovens, adultos, homens e mulheres - e, em três dias, um mutirão se formou, limpou a área, cimentou, cercou e concluiu a quadra. Inaugurada com uma grande festa a quadra, após sete anos, continua sendo o principal local de lazer do Assentamento. É lá que ocorrem festas, jogos e outros eventos políticos e religiosos.

*(...) quando interou um ano de assentado aqui foi feito uma festa, aí todos os anos tem as festas, que nem as festa de aniversário (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O dia do aniversário do Assentamento é um acontecimento, é um marco anual na vida dos jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, é a síntese de variados campos (política, lazer, cultura). A festa é um momento de ruptura com o cotidiano (LEFEBVRE, 1991).

Segundo Fabre, desde o Antigo Regime e no século XIX, a festa é o reino temporário dos jovens, é um momento em que a juventude se reúne.

*Em que ocasião vem para frente da cena e é intimada a exhibir, nos limites permitidos, toda a gama de suas maneiras de ser? Que acontecimento reiterado e comum pode oferecer-nos o melhor posto de observação dessa idade social, tal como as sociedades modernas e contemporâneas a delineiam nas aldeias, ainda amplamente dominantes, mas também na maior parte dos bairros da cidade? Sem nenhuma dúvida, “a festa”, a majure, a principal (1996, p. 49).*

Nos momentos festivos do Assentamento os jovens são os que mais se envolvem, alguns cumprindo tarefas e outros pensando as programações.

Os ritos preparatórios da festa do assentamento se iniciam com uma assembléia para escolha de uma comissão organizadora, formada por pessoas da Direção do assentamento, militantes do MST assentados ou residentes no local, e os jovens.

Após a assembléia, os membros da comissão, cerca de doze pessoas, se reúnem para fazer a programação do evento, a lista de convidados e a distribuição de tarefas. Posteriormente, os membros da comissão formam as suas equipes de trabalho: segurança, comunicação, lazer, negociação, celebração e ato público. A equipe de segurança atua no dia da festa, mantendo a ordem no local; a equipe de comunicação se encarrega de divulgar o evento na rádio e fazer os convites, a de lazer contata times de assentamentos e comunidades vizinhas e organiza o torneio de futebol; a de negociação se dirige à prefeitura e instituições para angariar recursos; a equipe de celebração, juntamente com o padre, prepara a missa e faz

a lista dos batizados, e a equipe do ato público organiza a abertura, a mística, as falas que ocorrerão no ato.

Os convidados são os sindicatos, CPT, lideranças de outros assentamentos vizinhos, parlamentares e os amigos e as entidades que os apoiaram na luta pela terra.

Nos dias que antecedem a festa, começa a limpeza da quadra e de seus arredores, a montagem de barracas para vender bebida, caldo e guloseimas. A quadra é ornamentada com faixas de boas vindas aos convidados, bandeiras do Brasil e do MST. Neste período, há uma mobilização de todo o Assentamento e, à noite e no fim de semana que antecede a festa, as conversas giram em torno dos preparativos da festa.

Nessa festa, em alguns aspectos, parece haver uma restituição da festa camponesa. Há uma mistura de quermesse, festejo de santo e ato político. Com a chegada dos convidados, pessoas de outros assentamentos, dirigentes do MST, representantes de outros movimentos e entidades, se forma uma multidão móvel e alegre.

A programação inicia pela manhã com a missa e batizados realizados na quadra; em seguida, começa o torneio esportivo, que é feito em um campo de futebol, e o time vencedor recebe uma taça, havendo também um almoço para os jogadores.

As famílias assentadas também trazem seus próprios convidados e ficam responsáveis pelas refeições. Quando o gado era coletivo, o assentamento doava a alimentação para todos os convidados.

A noite é o momento mais esperado; todos os assentados, assentadas e os visitantes estão na quadra. Começa o ato público com a formação da mesa por apoiadores da luta; em seguida, todos de pé, cantam o Hino Nacional, depois há uma mística de abertura, seguindo-se os discursos, lembrando a história da luta, e, durante todo o evento, há animação com músicas do MST, com palavras de ordem. Finalmente, é encerrado o ato público com o Hino do MST.

Depois desse ato político, começa a festa dançante, animada por uma banda. As pessoas vindas de outras localidades têm de pagar para entrar na festa e, dizem os jovens assentados que essa festa se propagou na região, se tornando uma tradição na redondeza.

A festa de aniversário do Assentamento tem uma importância política e cultural muito forte na história de luta do Assentamento. E como diz Certeau:

*Há, tanto em uma festa quanto em uma criação artística, algo que não é um meio, mas que basta a si próprio: a descoberta de possibilidades, a invenção de achados, a experiência de outros “pontos de partida”, à falta dos quais o ar se torna irrespirável e a seriedade nada é além de tédio em uma sociedade (1995, p.214).*

Pode se dizer que, no Assentamento Antônio Conselheiro, a festa é a do aniversário do Assentamento. Embora existam outras modalidades de festas, nenhuma delas tem o mesmo sentido para as pessoas que lá residem e trabalham. A festa junina, por exemplo, é um período de muita animação no Assentamento, quando adultos, jovens e crianças revivem as tradições. A escola organiza a quadrilha, o Assentamento promove a festa dançante e as famílias em particular fazem suas fogueiras.

Os jovens, em todos os seus campos de atuação, buscam descobrir maneiras de viver o cotidiano, por isso, suas ações têm sempre uma dupla ou tripla finalidade. O trabalho pastoral, por exemplo, significa muito mais do que uma atividade religiosa, pois é um momento de encontro semanal, oportunidade de reunir, de programar celebrações, de cantar, de conversar sobre assuntos locais. Somente na agrovila Umari existem doze pessoas responsáveis pelas pastorais. A maioria é jovem.

*Nós também somos formados por pastoral, então é o seguinte, a gente divide, assim como no Movimento Sem Terra, a pastoral no assentamento também tem os setores, então é dividido por setores, tem uma pessoa que é responsável pelo setor do batismo, outra pelo setor do matrimônio, outra pela primeira eucaristia, outro pra crisma, outro pra família, dízimo, então cada pessoa é responsável por um setor, nós temos um grupo de doze pessoas. Então a gente trabalha esses setores e todos os meses a gente tem uma missa, então o padre vem e a gente todos os meses também vai pra lá se reunir com ele, passar o planejamento porque todos os meses o setor sempre planeja (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O grupo de jovens, embora seja um espaço próprio dos jovens, no Assentamento Antônio Conselheiro tem uma mobilidade muito freqüente. Quando o Assentamento começou a se estruturar, um grupo se organizou, mas, depois de um período de muita animação, ele entrou em um processo de desativação. Em 2001, alguns jovens resolveram reativar a idéia de formar grupo de jovens e, dessa vez, por questão de distância, organizaram dois grupos no Assentamento, mas no início de 2003 entraram em crise novamente.

A finalidade desses grupos tem sido principalmente a busca de opções de lazer, pois são eles que organizam os torneios, festas e encontros de jovens para discutir temas de interesse coletivo. Talvez no grupo de jovens haja uma mobilidade de interesses tão plural que não consiga propiciar prazeres a todos os jovens que o compõem e, dessa forma, não é capaz de mantê-los juntos por muito tempo, ou talvez esse tipo de grupo tenha mesmo que renascer sempre com novos integrantes e novos desejos, ou ainda, os jovens estão por descobrir formas de agrupamento diferente de tudo o que já foi pensado para eles e por eles.

É interessante como as atividades rotineiras, como buscar água, ou a caminhada para a escola, conseguem ser transformadas em espaços prazerosos de conversas, brincadeiras, de estar junto com outros jovens. Apesar dos limites de suas condições materiais, os jovens estão reinventando formas de lazer e de cultura, e, com isso, quebram a dureza e a rotina do trabalho no campo.

As reuniões, as oficinas, são encontros políticos e afetivos. São momentos em que os jovens podem dar uma direção segundo seus próprios interesses, e, quando conseguem fazer isso, os jovens estão demonstrando sua vontade de autonomia.

É no cotidiano que jovens recriam seus códigos, sua linguagem da roça, seus utensílios, sua forma de vestir, de se comunicar e de se divertir, mas isso, de forma alguma, significa uma reprodução folclorista do campo, trata-se de uma prática construída a partir de

seus deslocamentos e da mistura que fazem dos mundos rural e urbano. Essas experiências podem refluir a criatividade, mas podem também constituir um campo de invenção.

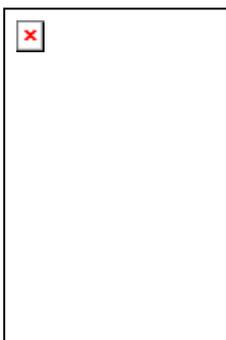
Como diz uma jovem de uma área de assentamento do Mato Grosso do Sul, os jovens precisam de um espaço para desenvolver seu talento artístico:

*Tem muito jovem que tem um talento, mas só que ele não tem a oportunidade de expor esse trabalho, ele fica uma coisa só pra ele (Artemis, jovem de Mato Grosso do Sul, 19 anos, técnica agrícola).*

É interessante como os jovens de estados diferentes ressaltam esse gosto pela música e poesia. A exposição dessas expressões artísticas começa no acampamento, depois no assentamento e, finalmente, nos eventos políticos-culturais do MST. Em cada um desses lugares, os próprios jovens reconhecem os seus artistas. A mesma jovem relata a experiência do seu acampamento:

*Meu acampamento é um acampamento pequeno, tem 60 famílias, só que ele é assim, tem o acampamento 17 de abril que é perto, no mesmo município, ele, por exemplo, é o corpo. O nosso acampamento é o braço, é só um, como se diz o outro é uma raiz desse acampamento, que é maior, que é o 17 de Abril. Então nesse acampamento 17 de Abril, lá tem poeta, lá tem cantor, lá tem gente que dança capoeira, e todas essas coisas. É resgatando a cultura dos antepassados, isso lá no acampamento, leva muito em consideração voltar as origens, a voltar a pegar aquelas culturas que foram com o tempo se esquecendo, esquecidas lá pra trás. No meu acampamento, lá no Chico Mendes também tem. Mas lá a gente tá começando a fazer um trabalho, agora que começou (Artemis, jovem de Mato Grosso do Sul, 19 anos, técnica agrícola).*

Algumas manifestações culturais fazem parte da tradição, da história do grupo familiar, como cordel, repentes, danças, utilização de instrumentos, e essa herança é interiorizada e recriada a partir de suas atuais condições.



## 2.2 Práticas Discursivas e Corporais dos Jovens

As práticas discursivas dos jovens têm sido recriar, reinventar a utilização do tempo e do espaço, com música, teatro, reflexões, no

sentido de fixar para si mesmos fins e meios. Têm uma função crítica, de desaprender modos que regulam sua conduta e produzir um discurso. Essas práticas podem ser compreendidas como processos de singularização, à medida que se tornam formas inovadoras de recriar a cultura e, ao mesmo tempo, modos de pensar e fazer política.

Quando falo de produção de discurso me refiro ao pensamento de Foucault, quando diz que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 1998, p.10).

Pode-se perceber que a luta dos jovens Sem Terra e suas famílias se inicia pela conquista da terra, mas vai além, quando lutam para ter educação, trabalho, liberdade, e também para entrar no jogo de disputa onde podem exercitar saberes e poderes.

Nas ocupações e acampamentos, sonham em conseguir a terra e melhores condições de vida. Vivem também encontros. São espaços de construção de relações, uma vida coletiva, interativa, onde podem agir, falar, lutar, produzir e suscitar acontecimentos.

Outros momentos importantes para os jovens são as festividades dos assentamentos, pois são sempre eles os responsáveis pela animação, organização. Nessa ocasião, seus discursos são mais qualificados pelos adultos, e então podem falar por si. E essa fala não fica somente em palavras, mas, com movimentos, eles cantam e teatralizam a festa, a política e a realidade, elaborando um discurso que opera transformação à medida que se fundamenta em uma prática de resistência à sujeição e que reflete a consciência de si.

As práticas discursivas e corporais dos jovens em alguns momentos são formas de luta e protesto, expressas com o corpo, com gestos, com palavras, com o canto, com a poesia, que recusam a sujeição econômica, a sujeição política e a sujeição subjetiva imposta pela máquina capitalista. São “microprocessos revolucionários”, que incitam questionamentos e

mudanças sobre as relações dos jovens com a cultura, com a comunicação, com o consumo e até mesmo com os seus sonhos.

Os jovens dos assentamentos, como tantos outros jovens rurais, vivem em condições de pobreza e, mesmo depois de obter a terra, permanecem fora dos projetos dos órgãos públicos de assistência aos assentamentos. Desde crianças, iniciam como aprendizes do trabalho agrícola e doméstico, e, quanto à educação, mesmo tendo crescido o número de estudantes, quando chegam ao ensino médio aumentam as dificuldades de acesso à escola.

Com relação à cultura e lazer, a exclusão é ainda maior, nos assentamentos e em muitas das cidades mais próximas, como no Município de Ocara, por exemplo, não existem alternativas como cinema, teatro, museu. Diante de toda essa exclusão, da falta de oportunidades, que recursos dispõem os jovens para afirmar um modo próprio de agir? Como inventar dispositivos para resistir à captura da fábrica de subjetividade capitalista que produz individualidades serializadas, cuja mídia tem papel de destaque? Como não reproduzir modelos se tem sempre alguém que pensa, organiza, a vida social dos jovens?

Desde a infância, a família, os vizinhos, a escola, a igreja transmitem às crianças modelos de identidade, significações que estão conectadas aos sistemas das grandes máquinas capitalistas que controlam e definem o modo de perceber o mundo. É possível escapar?

Muitos acontecimentos no decorrer da história têm mostrado que os jovens são capazes de criar opções, de produzir o novo. Dessa forma, é possível pensar que os jovens assentados podem desenhar outra paisagem, fazendo funcionar dispositivos de resistência. Como Perbart (2002), acredito que os excluídos não são uma massa inerte à mercê do capital e podem reverter a situação.

Quando os jovens das áreas de assentamento compõem músicas e poesias criticando o capitalismo, denunciando o latifúndio, relatando a luta pela terra e dizendo em versos o que se passa no assentamento e seus dilemas cotidianos, eles estão mostrando que

são capazes de resistir, questionar, romper normas. Ao tentar mudar a situação, expressando seu potencial de inovação cultural, os jovens estão entrando em uma micropolítica.

As iniciativas dos jovens de reinventar danças dando um sentido político, de fazer encenações sobre a história da ocupação da terra, produzindo um universo de imagens e símbolos, são momentos fortes, mágicos, místicos. Essas formas de fazer cultura montam uma paisagem política que mostra a originalidade do grupo e recria formas de vida no assentamento. Vejo nessas iniciativas a capacidade que esses jovens têm de construir “territórios subjetivos”, pois eles não estão apenas na imitação, vivendo um processo de criação. Como diz Peter Pål Pelbart:

*A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação produzida por qualquer um, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação (2002, p. 255).*

Durante o trabalho de campo, inicialmente em mais de um assentamento, e nas observações feitas em encontros, cursos e noites culturais, pude perceber a potencialidade dos jovens em criar formas de expressar sua arte. Alguns exemplos podem confirmar essa afirmação, no Assentamento Antônio Conselheiro. Ainda no período do acampamento, os jovens organizaram um conjunto musical, aproveitando alguns instrumentos dos acampados. Em um acampamento vizinho, chamado Denir, os jovens construíram uma bateria com sucata. Nos encontros de jovens sempre aparece um novo poeta, um novo compositor. Os temas abordados nas criações artísticas são ligadas à terra, à luta e ao amor.

Essas produções dos jovens são micropolíticas processuais que constroem modos de subjetividade, modos de práxis social. Como diz Guattari (1992, p.115), “é nas trincheiras da arte que encontramos núcleos de resistência dos mais conseqüentes ao rolo compressor da subjetividade capitalística”.

Através da arte, os jovens criam um estilo de atividade, inventam meios de mudar a vida no acampamento ou assentamento, e passam a ter outro modo de sentir o mundo: “a arte aqui não é somente a existência de artistas patenteados mas também de toda uma criatividade subjetiva que atravessa os povos e as gerações oprimidas, os guetos, as minorias...” (GUATTARI, 1992, p.115).

Existem também ações dos jovens na vida cotidiana, aparentemente minúsculas, que mostram uma mudança de prática social e política. Os jovens dos assentamentos vivem menos isolados que seus pais, têm uma maior mobilidade, tanto pelas migrações temporárias como pela participação em eventos políticos; há também uma mudança de valores em curso, que se percebe nos costumes, na forma de falar e de vestir, nas crenças, no lazer, no tipo de associação e no desejo.

A maioria dos jovens do Assentamento Antônio Conselheiro viveu a experiência do acampamento, e esse acontecimento teve influência na maneira como os jovens vêm e constroem o mundo. O acampamento é um espaço de luta e de produção de subjetividade.

A ocupação e o acampamento são práticas sociais, políticas e estéticas que, ao serem experimentadas, geram a expectativa de conquista da terra e, ao mesmo tempo, a incerteza da conquista do desconhecido. A vida no acampamento possibilita outra relação com a terra, outro modo de sentir o mundo e dá uma nova dimensão à luta.

Mesmo depois de assentados, muitos jovens permanecem lutando por melhores condições de vida e se engajam ao MST. Faço uma pausa para analisar as possíveis visões sobre o fazer política no assentamento quando o MST é o mediador.

A atuação dos jovens no Movimento pode ser vista como uma forma de enquadramento a um modelo que diz o modo de ser, de agir e de sonhar. Nesse caso, os jovens seriam repetidores de convicções políticas e, dessa forma, tudo estaria dado, não haveria como pensar em mudanças?

Uma segunda visão compreende a ação política dos jovens como uma dominação às avessas, à medida que os jovens, juntamente com o MST, recusam o modelo capitalista, o modo de consumo que serializa os indivíduos. E, em torno dessa recusa, o MST constitui um outro tipo de modelização igualmente opressora que, mesmo de uma outra forma e com boas intenções, usa um só modo de referência em que tudo é guiado por códigos. Neste caso, a luta traduz repetição, mas também orienta a desconstrução e reconstrução de condições de vida, podendo nesse momento algo escapar à modelização e subverter essa posição.

Uma terceira forma seria entender a inserção dos jovens no MST como um laboratório, onde pode ser forjado um novo tipo de luta. Desse modo, os jovens dentro do Movimento aprendem a organizar a luta, como e quando utilizar as táticas e como o MST cria modos de proceder capazes de desobedecer a ordem rural estabelecida. Nesse caso, os jovens adquirem um saber na própria prática, podendo utilizar esse saber tal como o recebem ou inová-lo na sua aplicação. As táticas, por exemplo, podem se tornar uma arma de não-aceitação ao instituído, inclusive internamente.

Outra possibilidade de compreensão seria considerar as forças e fluxos que existem nos assentamentos e que entram em jogo no cotidiano, impulsionando alguns jovens a reagir aos processos de recuperação e buscar possibilidades de microdimensões de liberdade e de desejo. Nessa visão, o engajamento no Movimento tem o sentido de fortalecer a luta interna do assentamento por direitos a créditos, assistência técnica, escola, e um sentido mais amplo, como espaço de luta por terra, trabalho, saúde, educação, igualdades social, e ainda um pequeno espaço para colocar suas sensibilidades particulares. Aqui pode se vislumbrar a emergência de um ponto de singularidade, mesmo correndo o risco de, a qualquer momento, ser recuperado.

Essas maneiras de perceber o fazer política dos jovens nos assentamentos coordenados pelo MST mostram as diversas possibilidades de percepções, e não se trata de

verificar qual a verdadeira, mas é importante compreender que existem diferentes situações e variadas formas de percebê-las.

Na prática, os jovens dos assentamentos e os militantes podem, em alguns momentos, de maneira mais autônoma e emancipatória, fazer emergir um novo modo de pensar e agir na política e, em outros momentos, de forma conservadora, reproduzir discursos e crenças. Há uma certa flexibilidade que permite essas duas maneiras de agir se emaranharem de tal forma que podem coexistir. É o que Deleuze e Guattari chamam de nível molar e molecular.

*Toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular. Se elas se distinguem, é porque não têm os mesmos termos, nem as mesmas correlações, nem a mesma natureza, nem o mesmo tipo de multiplicidade. Mas, se são inseparáveis, é porque coexistem, passam uma para a outra, segundo diferentes figuras como nos primitivos, ou em nós – mas sempre uma pressupondo outra. Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.90).*

Como se expressa na prática o fazer política dos jovens? O que teria de novo e de repetição?

As micropolíticas são quase imperceptíveis, mas criam orientações, direções que modificam o universo cultural e político dos assentados. Quando jovens participam de uma marcha, por exemplo, o que tem de novo não é caminhar em fileiras carregando bandeiras e dizendo palavras de ordem, mas é o que se passa durante o percurso que produz diferenças e potencial de criação.

Na relação com o Movimento, os jovens vão adquirindo um capital político que os reconcilia com um discurso do querer político e cria uma cultura da revolta, que os faz enfrentar leis, proibições e outros obstáculos da luta.

As expressões de resistência dos jovens vão se construindo dentro e fora do assentamento. Embora em muitos momentos os jovens sejam representados, em outros eclode o desejo de independência e, então, eles são capazes de agir, de lutar e de falar por eles

mesmos. Um exemplo são os dois últimos encontros estaduais, espaço onde são tomadas algumas deliberações, cujos participantes eram mais de 50% jovens. Nos assentamentos, essa resistência se torna mais fragmentada, principalmente em assentamentos que têm poucos jovens.

No Assentamento Antônio Conselheiro, mesmo dividido em três agrovilas, o número de jovens é elevado e eles estão presentes em qualquer evento promovido pelo MST, dentro e fora do Assentamento. No cotidiano os jovens sonham com mudanças tanto individuais como coletivas.

Os jovens quando falam dos seus sonhos demonstram uma vontade de mudança imediata, mas também a preocupação com o futuro. Alguns deles entendem que a conquista da terra melhorou as condições de vida da sua família, contudo, vislumbram iniciativas que atinjam diretamente a autonomia econômica da juventude. Como fala esse jovem:

*Aqui é muito bom que tivesse uma coisa que desse renda pros jovens, mesmo que fosse pequena, mas colocasse a maioria dos jovens, que os cadastrado já tem mais ou menos assim o seu trabalho certo. Os jovens têm que ajudar os pais, mas se tivesse assim uma fábricazinha ou uma indústria de doce, de costureira uma coisa que funcionasse, né, seria mais fácil que os jovens tinha renda e dava renda para o assentamento (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Além da renda, que seria algo mais imediato, a maioria dos jovens sonha com uma ascensão social futura através dos estudos. Para os jovens, quanto maior a escolaridade mais possibilidades eles têm de deixar o trabalho da roça, considerado por eles como trabalho pesado. É importante ressaltar que muitos jovens fazem questão de afirmar que deixar a roça não significa deixar o assentamento, e muitos deles expressam a vontade do retorno ao campo.

*Eu penso que estudar, que pelo o meu estudo eu vou aprender muitas coisa e sai mais fácil pra mim, que muitas coisas que eu tenho vontade de ser, mas o estudo é pouco, a gente estudando é mais fácil a gente conseguir. Conseguir ser um Advogado, um Doutor, uma pessoa que tem um trabalho mais maneiro e ganha mais, né. Eu penso me formar e trabalhar aqui, contribuir com o assentamento (Apollo, 19 anos, 5ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Ter um curso superior, “ser doutor”, faz parte dos sonhos de muitos jovens dos assentamentos, e isso se decorre principalmente do trabalho do MST, que se torna um vetor de autovalorização. Através do Movimento, os jovens conseguem vislumbrar vôos mais altos, e reagir à exclusão maciça dos homens e mulheres do campo. Com certeza, a luta e os confrontos são escolas políticas que produzem uma sinergia coletiva capaz de desenhar outras possibilidades de vida no campo.

*Eu sou muito apaixonada por medicina, é tanto que em dezembro nesse ano o movimento tá abrindo aí a questão de um curso no Rio Grande do Sul pra Enfermagem, são divididos por etapas. Meu nome foi escolhido pela questão de eu gostar, eu disse: X (que é a nossa dirigente estadual) esse ano eu não vou poder fazer, eu vou terminar o terceiro e logo que terminar o terceiro eu vou fazer um curso de enfermagem e eu tenho um grande sonho, abriu-se uma faculdade em Cuba, do Movimento Sem Terra e o meu nome é um dos apontados pra ir. Minha mãe fica assim receosa, ah, mas você vai passar muito tempo distante de mim, são seis anos, mas no intervalo de dois anos você pode vim visitar o Brasil e retornar, aí a mãe: ah, mais eu tenho muito medo. Mas eu vou fazer. Então eu vou terminar o terceiro científico e vou viajar pra Cuba, pra fazer Medicina. (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O fazer política dos jovens assentados tem o sentido positivo e ganha proporções de potência da própria vida que geram novas formas de cooperação, de solidariedade, novos desejos que desenham outras possibilidades. Quando falam dos seus sonhos, as jovens conseguem romper com algumas determinações da herança que diz sobre as funções que os rapazes e as moças devem cumprir.

*Os meus planos pro futuro, muitas vezes a maioria, acho que 80% diz: ah, eu quero casar, quero ter os meus filhos. Não, eu não sei se eu tô sendo ambiciosa, claro que um dia eu quero alguém ao meu lado, principalmente um filho, porque eu acredito que no amanhã a gente vai precisar dele, de um filho, de alguém ao nosso lado, mas o meu futuro eu queria mais ou menos assim, eu queria um bom trabalho, progredir, poder ajudar os meus pais, minha família, eu não sei, eu queria muito dar a mão a quem precisa, certo, eu tenho vários sonhos pro meu futuro, eu não sei, desde os meus 16 anos que eu não dependo de ninguém então eu quero que o meu futuro seja assim independente (Pandora, 20 anos, Professora, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Os jovens sonham em melhorar suas condições de vida e de suas famílias, mas também têm sonhos coletivos. O cuidado com o outro, com o assentamento, com a sociedade,

é preocupação dos jovens. Nas falas, o cuidado aparece em vários sentidos: no sentido cristão, quando tratam do cuidado com o próximo, com quem precisa. O sentido socrático, quando prestam atenção no que se é, nos seus valores. O cuidado pode ser ainda inquietação, angústia, como no pensamento de Nietzsche, ou ainda, como no pensamento de Heidegger, no sentido de acordar (EIZIRIK, 1997).

Os sonhos dos jovens são tecidos com o desejo de despertar e se preparar para a vida e, ao expô-los, expressam sua vontade de mudar o mundo.

*Eu tenho bastante sonhos em relação, pelo menos o primeiro passo que eu quero dá pra isso é a questão da nucleação, eu tô pretendendo nesse ano conseguir trabalhar os núcleos do assentamento, pra depois disso a gente organizar, porque a gente observa que no decorrer dos tempo tá assim um pouco desorganizada, tá muito dispersa, mulheres, jovens, então a gente não quer isso, é pra isso que a gente trabalha o gênero, pra que os homens e mulheres possam trabalhar juntos e ter um direito diferente, cada um possa conciliar, é aquela velha história de acabar com aquilo, a questão que só mulher pode fazer aquilo e só homem pode fazer isso, eu acho que não, os direitos são os dois, os deveres são os dois, e eles podem conciliar isso. Nos núcleos de base, vai tá incluído homens, mulheres, jovens, crianças e brevemente a gente tá aí na questão de acabar com aquela questão do presidencialismo, porque você é presidente numa associação só tem o direito de mandar e isso a gente não quer, cada núcleo vai ter o seu coordenador, então pra tomar as decisões é discutido naquele núcleo e os coordenadores levam as propostas, se reúnem, discutem e aprovam juntamente com a base, então esse é o nosso sonho (Hera, 15 anos, 2º ano do ensino médio, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

Outra questão importante que percebi durante a pesquisa é que as jovens começam a repensar as desigualdades de gênero dentro da família, na organização do assentamento e no Estado através da política do INCRA. Algumas delas questionam e querem romper com o papel de mulher passiva, tutelada e obediente. Há um desejo de construir outro imaginário, de investir na inclusão das mulheres. Um indício de que algo começava a mudar no modo de pensar das jovens, foi quando, nas oficinas, perguntei qual o seu projeto de futuro e a maioria das jovens respondeu que era se formar, trabalhar. O casamento não apareceu como uma prioridade de sua vida.

A organização do assentamento é outro aspecto relevante para os jovens, uma vez que, após terem conquistado a terra, acreditam que podem coletivamente reivindicar direitos. Essa autoavaliação anima os jovens a permanecer na luta e ter outro modo de sentir o mundo e os acontecimentos.

*Eu pretendo que a gente consiga organizar mais a juventude, consiga reabrir esse colégio, botar pra funcionar novamente. O maior sonho que eu tenho é ocupar todos os latifúndio, aí o pessoal diz assim, vixe Beto..., eu disse não, é porque eu gosto, dizer que eu gosto de alguma coisa assim que fez, Celecina, mudar a minha vida. A minha vida mudou agora completamente. Quando eu cheguei aqui eu era complicado. Meu sonho é ser militante, porque eu acho assim uma coisa envolvida, se eu chego conversando com outros no encontro regional, (...) estive conversando com outras pessoas que tinha formado assim umas propostas, umas coisas bem entendidas, assim bem desenvolvidas, perguntaram se eu não tinha vontade, é o seguinte, eu ainda não quis eu tenho um pouco de experiência, eu tenho fé em Deus. (Pan, 19 anos, 6ª série, jovem do Assentamento Antônio Conselheiro).*

O contato com jovens das áreas de assentamento me fez perceber que eles cultivam o sonho de mudar o mundo, ser livre, ser feliz. Esses sonhos é que mobilizam essa vontade de lutar, resistir e viver. As palavras de Foucault a seguir, conseguem elucidar, dar transparência ao desejo e objetivo da luta política, que, nas suas palavras, é a luta pela vida.

*(...) o que é reivindicado e serve de objetivo é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. Pouco importa que se trate ou não de utopia; temos aí um processo bem real de luta; a vida como objeto político foi de algum modo tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la. Foi a vida, muito mais do que o direito, que se tornou objeto das lutas políticas, ainda que estas últimas se formulem através de afirmações de direito. O “direito” à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades (FOUCAULT, 1985, p.136).*

Os jovens estudados revelam, através de seus sonhos, o desejo de autonomia, que tem suas bases concretas na vontade de poder superar as desigualdades. Esses desejos de mudança iniciam com suas próprias condições individuais de vida, como a falta de trabalho, educação, moradia, informação e a garantia dos direitos mínimos para que possam lutar por uma felicidade possível e impossível.

A vontade de autonomia, tão sonhada pelos jovens, não é prerrogativa dos jovens assentados. No decorrer da história, os jovens se rebelaram, contestaram valores. Para alguns jovens, os grupos, os movimentos, funcionam como canal para extravasar sua capacidade de revolta que incita o gosto pelo novo e rejeita o institucional. Os movimentos juvenis são produtores de acontecimentos, ainda que muitos deles não tenham um sentido emancipador.

Os jovens rurais, como sujeitos desejantes, sonham com uma sociedade nova e acreditam que nas organizações podem inventar práticas criativas, revolucionárias. Seus sonhos se transformam em ação quando se manifestam, se recusam a legitimar a ordem vigente, quando se rebelam e questionam a segregação, a exclusão, o comportamento das elites, e ainda desenvolvem também formas de estar no mundo, para garantir, muitas vezes, a sua própria sobrevivência.

O potencial criador dos jovens constrói possibilidades de mudanças na vida cotidiana, desperta sonhos de ser livre, ser feliz.

Nas expressões culturais dos jovens, percebo suas possibilidades de criação, mesmo que muitos deles estejam ainda vivendo momentos de capturar elementos do outro para adaptar, para copiar. Compreendo que muitos caminham para romper modelos e fazer as próprias criações. No entanto, estive atenta para perceber se as ações dos jovens eram apenas imitação ou devir. Segundo Lins (1999, p.242), “Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem se conformar com um modelo, mesmo quando este é vinculado à “justiça” ou à “verdade”.

Nos últimos cinco anos, o MST tem recebido críticas sobre o seu agir político, algumas o colocam como espaço de arregimentação e controle para os jovens. Mas acredito que se o Movimento pode capturar miniprocessos de desejos dos jovens, e sua liberdade de singularização, pode também estimular o surgimento de microvetores de subjetivação singular. Quando o MST traz para sua formação política a preocupação com a equidade de

gênero e com questões ecológicas, e coloca em debate os valores culturais instituídos, isso já pressupõe a construção de uma nova subjetividade.

Mas não se pode deixar de observar que os jovens, principalmente, ampliam esses limites e são capazes de inventar espaços-tempo e um novo tipo de atividade que foge ao preestabelecido para eles. É somente quando os jovens acreditam que é possível e necessário transformar a situação em que vivem, é que eles começam a encontrar meios de inventar um novo estilo de atividade, criar condições para operar as mudanças.

As participações dos jovens em atividades políticas e culturais promovidas pelo MST não são fixas, obrigatórias, porém, mesmo assim, muitos jovens encontram no Movimento a oportunidade de terem visibilidade e liberdade. O sentido de liberdade é ter mais autonomia do que eles têm na família, no trabalho, na escola, na comunidade.

*(...) é ir em frente na luta pra conseguir terra para plantar, colher para o nosso sustento e estudar para que mais na frente nos formarmos verdadeiros militantes do MST para em frente de massa conquistarmos nossa liberdade, esse é o nosso desafio. Falta de compromisso, falta de desinformação política, é uma dos grandes desafios a formação dos coordenadores dos jovens. Ocupar, resistir e progredir, transformar a juventude em militantes. Lutar muito para que possamos conseguir mais um pouco de educação e companheirismo, ter mais força e união para lutar contra a burguesia, são esses os nossos desejos. A gente construir no nosso assentamento, acampamento, pra que a gente não tenha que ir pra cidade, ter que sair de dentro do campo e ir embora, é possível construir essas alternativas (Eros, 18 anos, 7ª série, jovem do Assentamento Che Guevara, Município de Ocara - CE).*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ao invés de apostar sobre a eterna impossibilidade da revolução e sobre o retorno fascista de uma máquina de guerra em geral, por que não pensar que “um novo tipo de revolução está se tornando possível”, que todo tipo de máquinas mutantes, viventes, fazem guerras, se conjugam e traçam um plano de consistência que mina o plano de organização do Mundo e dos Estados? (DELEUZE; PARNET, 1998, p.170).*

Ao iniciar este trabalho, convidei o leitor a fazer uma viagem. Após trilhar diversos caminhos e sempre refazendo o percurso, faço mais uma parada, desta vez, menos turbulenta e menos revolta. Durante esta viagem, mantive contato com novas forças, novos fluxos, vindos de várias direções.

As conversas, entrevistas, observações e convivência com os jovens assentados e militantes do MST me fizeram perceber que no ambiente coletivo algo sempre acontece, e sempre compõe uma nova paisagem.

Nos encontros propiciados pela prática e pela teoria, ocorreram composições que me trouxeram novas idéias e novas sensibilidades. A pesquisa foi para mim um momento de criação e surpresas. Quando comecei a investigação, a minha hipótese era de que os jovens faziam política fora dos canais convencionais, ou seja, os jovens nos movimentos de minorias criavam espaços-tempo para fazer a política, dando a ela outro sentido.

Com o desenrolar da pesquisa, percebi que fazer política não significava necessariamente uma participação dos jovens em grandes eventos, como marchas, cursos, concursos culturais, acampamentos, etc. A vida cotidiana era um espaço privilegiado para

esses jovens fazerem política, e a novidade estava nas formas de fazer política sempre se recriando.

Outra questão importante foi constatar que, no Assentamento, começa a se perceber uma certa cronologia do curso da vida; a categoria juventude se tornou mais visível do que nas comunidades rurais tradicionais. Embora os critérios permaneçam flexíveis, e não haja uma tentativa de homogeneidade etária, existe uma faixa de idade legitimada pelas famílias, como o tempo da escola, o tempo de realizar determinadas tarefas e o tempo de desenvolver aprendizados na roça e em casa.

Nos assentamentos que visitei, e naquele pesquisado, percebi, durante as conversas que mantive com os adultos e pais, uma demonstração de credibilidade nas potencialidades dos jovens em construir a luta para operar mudanças no Assentamento. Ser jovem no assentamento tem outro significado; embora não tenham o reconhecimento jurídico, os jovens passam a ser portadores dos sonhos dos adultos assentados. Devo, contudo, ressaltar que, ao casar ou engravidar, esse quadro se modifica, pois deixam de se considerar e serem considerados jovens.

Ainda com relação à idade, foi interessante perceber, nesses três anos de trabalho de campo, a mudança de faixa etária do que o MST considera ser jovem. No início da pesquisa, a definição da faixa etária da juventude para o Movimento era 14 a 25 anos, mas, em um levantamento realizado em 2002, o MST estabeleceu uma nova faixa, 12 a 21 anos. Quando perguntei a uma militante da Direção estadual do Ceará o motivo dessa modificação, ela explicou que a decisão surgiu a partir de uma discussão nacional sobre a idade dos participantes dos encontros e cursos que o Movimento organiza para os jovens. Portanto, essa decisão captou o entendimento que os assentados têm sobre o ciclo de vida.

Constatedei, logo no início da pesquisa, que grande parte das ações políticas e culturais da juventude das áreas de assentamentos estava atrelada às programações do MST,

pois este cria um espaço para os jovens e os incumbe de tarefas e aprendizados. Com isso, poderia, de forma apressada, pensar que as intervenções dos jovens são todas tuteladas pelo Movimento, mas, após uma observação mais atenta da vida cotidiana, pude perceber que, mesmo não tendo total autonomia, os jovens afetam e são afetados pelas forças atuantes do próprio Assentamento.

O movimento migratório juvenil, por exemplo, tem forte influência no modo de vida do Assentamento, pelo contato que os jovens mantêm com o mundo urbano, assim como os encontros nos finais de semana, o trabalho diário, a ida à escola e o lazer têm sua própria dinâmica, portanto, isso independe do MST. Mesmo no interior dos grandes eventos, como encontros, cursos, marchas e acampamentos, os jovens têm ritmo próprio.

Alguns estudiosos têm criticado a postura do MST em relação aos assentados, afirmando que o Movimento tem imposto um modelo, um certo jeito de se comportar, um sistema de valor no rural que reproduz a relação de submissão. Embora reconheça que há excesso de disciplinarização no MST, durante a investigação, observei que no MST do Ceará existe um interesse de preservar as microdimensões de liberdade e de desejo dos jovens.

Em certos momentos, o MST reproduz velhas posturas e estratégias, mas noutros, ele também consegue ter um agir político que sai do domínio tradicional. No plano micropolítico, o MST-CE abre espaço para o exercício da autonomia e da construção de saberes. Os eventos do MST funcionam como um aprendizado para os jovens, quando eles exercitam falar em público, negociar com autoridades e, com isso, adquirem autoconfiança.

O MST tem se destacado, principalmente, pela demonstração de sua potência de mobilização, originalidade na forma de fazer política e por ter recolocado a questão da reforma agrária na cena política. Mas, ao pretender se tornar uma frente unificadora, com um mesmo programa e as mesmas atividades em todo o País, e ainda quando tenta recuperar as dissidências, ele pode estar repetindo velhas concepções de movimento de massa.

Mesmo correndo o risco de se tornar um grupelho, ele não impede que os jovens afirmem sua singularidade, pois acredito que o MST-CE tenha conseguido, ao longo desses anos, abrir espaço para experimentações e produções de novas subjetividades.

Nesse panorama, pode-se dizer que, no Assentamento, emergem subjetividades e saberes, portanto, é possível na luta do Assentamento a afirmação de uma singularidade. Ao analisar as práticas dos jovens, percebi que, nos momentos coletivos, quando estão em contato com outros jovens, eles refazem o mundo e reafirmam seu desejo de autonomia. No Assentamento as expressões culturais vão compondo novas paisagens e elas são produzidas com as ferramentas, os utensílios, as indumentárias e os gestos cotidianos.

Os jovens em agrupamentos aprendem a jogar, a utilizar os espaços instituídos, e, por não terem um próprio, utilizam os sistemas impostos, alterando suas regras, ampliando seus limites. Nesses momentos de reapropriação e reemprego do espaço, eles começam a modificar o equilíbrio das forças, passando a criar uma maneira singular de utilizar o tempo e o espaço.

No cotidiano do Assentamento, os jovens não separam trabalho, estudo e lazer, e nos eventos políticos eles desenvolvem programações paralelas.

Somente quando tive a sensibilidade de captar o jogo dos jovens, nos diversos espaços, consegui perceber que a criação não vem do ambiente institucional e que as expressões culturais dos jovens nos assentamentos estavam na música, teatro, mística, dramatização, poesia, cordel, mas estavam também na *invenção do cotidiano*.

Nesse momento, minha análise desliza, e comecei a me perguntar: será que as manifestações culturais estariam inseridas na luta política? Qual seria então o ponto de articulação entre a vida cotidiana e o fazer política? Ou ainda, as expressões culturais dos jovens estariam criando ou recusando as condições de possibilidades da reintrodução dos problemas políticos?

Mais uma vez, fiz uma parada, a paisagem que eu havia desenhado era de visibilidade das expressões culturais dos jovens como uma nova forma de fazer política. Observando atentamente, sem querer forçar qualquer comprovação, fui captando os campos possíveis onde se instauram as ações e, então, descobri as tentativas dos jovens de expressar, através de manifestações culturais, sua forma de resistência.

Mesmo limitadas e conservando as formas sociais dominantes, as expressões culturais dos jovens do Assentamento Antônio Conselheiro, e de muitos outros jovens assentados que observei, são portadoras de vetores de transformação. Ainda que muitas funcionem apenas no plano molar, plano das representações, da imitação e repetição, existem ações microscópicas que entram no plano molecular, das crenças e desejos, onde há um movimento intenso e agitado de criação.

A novidade das expressões culturais dos jovens do Assentamento Antônio Conselheiro está, ora no reemprego de manifestações culturais tradicionais, ora na criação do novo. Esse novo não emerge do nada, do vazio, na verdade é novo pelas suas composições e rupturas, pela *invenção de novas possibilidades de vida*. Como diz Deleuze (1992, p.167), “um criador é alguém que cria suas próprias impossibilidades, e ao mesmo tempo cria um possível”.

O novo não diz respeito a grandes acontecimentos, a grandes criações artísticas, mas se refere a minúsculas inovações que podem ser percebidas quando se buscam os detalhes, as pequenas imitações e invenções.

Ao final da viagem, chego a pensar que ela não é o final da linha, mas o começo. Os caminhos percorridos, as paisagens visitadas, me fizeram produzir essas constatações parciais, fruto da produção de um trabalho de campo exaustivo.

Os jovens, no cotidiano e nos acontecimentos políticos, apesar dos limites do mundo rural, das suas precárias condições materiais e da exclusão telemática, estão recriando

possibilidades que escapem ao instituído e à produção de subjetividade capitalista, quando, através de rede de relações, de organizações coletivas e grupos informais, eles sonham em inventar o mundo e a própria vida.

Os jovens estudados, companheiros de viagem, são jovens que trabalham na roça, vivem no campo, mas que não param de viajar, não apenas migrando em busca de emprego e de acesso a bens e valores urbanos, mas viajam através do sonho. Sonho de inventar, de produzir condições de mudança na vida coletiva e para si próprio.

No trabalho de campo, observei, entrevistei e convivi com esses jovens, e posso afirmar que, na vida cotidiana ou em outros espaços políticos, eles contestam o sistema de distribuição da terra, questionam a vida cotidiana, recusam a sujeição do trabalho agrícola e começam a estabelecer diferentes relações com o consumo, com o lazer, com a cultura e com a política. Por isso, me arisco a afirmar que esses jovens estão produzindo microprocessos revolucionários.

Este processo de transformação está apenas se iniciando. Contudo, é animador ver os jovens tomando consciência de que é possível e necessário mudar, e este é o primeiro passo. Neste sentido, já começam a agir quando desencadeiam mudanças, criando um novo tipo de atividades e valores sociais.

O risco deste processo é, ao pensar e agir em nome do coletivo, do grupo, da comunidade, não abram espaço para diferenças e deixem anular a individualidade, a singularidade. Dentro ou fora do MST, é preciso que os jovens, nos seus agrupamentos, tenham o cuidado de não deixar que suas ações políticas tomem formas unificadoras e totalizantes.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n° 5: 25-36. São Paulo: ANPED, 1997.

ABRAMOVAY, Ricardo. Nova forma de luta pela terra: acampar in **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – ABRA**, Ano 15, N° 2- mai/jul, 1985

\_\_\_\_\_ **Juventude e Agricultura Familiar: desafios dos novos padrões sucessórios.** Brasília: UNESCO, 1998.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças; **Companheiras ou “coordenadoras de painelas”?** As relações de gênero nos assentamentos rurais. Brasília: UNESCO: 2000.

ALENCAR, Francisco Amaro (coord.). Programa Cédula da Terra: o caso do Estado do Ceará. **Relatório da Pesquisa “Estudos sobre a política do Banco Mundial para o setor agrário brasileiro com base no Programa Cédula da Terra”.**Fortaleza: 2002.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Questão do Território no Brasil**, São Paulo: Hucitec, Recife: IPESPE, 1995.

\_\_\_\_\_ **A terra e o homem no Nordeste: contribuições ao estudo da questão agrária no Nordeste.** 6ª ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1998.

\_\_\_\_\_ **A problemática da seca.** Recife: Líber Gráfica Editora, 1999.

\_\_\_\_\_ **Geopolítica do Brasil.** São Paulo: Papyrus, 2001.

ARENDDT, Hannah. **Sobre la revolucion.** Madrid: Editorial Revista do Ocidente. 1967.

\_\_\_\_\_ **A Condição Humana.** Tradução Roberto Raposo, 5ª edição, Rio de Janeiro: Forense, 1991.

\_\_\_\_\_ **A Dignidade da Política.** Tradução Helena Martins e outros, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

\_\_\_\_\_ **O que é Política?** Tradução Reinaldo Guarany, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª ed. 1999.

ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e das famílias.** Tradução Dora Flaksman, 2ª edição, Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1981.

ARISTÓTELES. **Política,** Tradução Torrieri Guimarães, São Paulo: Martin Claret, 2001, (Coleção "A Obra-Prima de Cada Autor").

\_\_\_\_\_ **Tópicos; Dos Argumentos Sofísticos,** tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, São Paulo, Nova Cultural, 1987 (Coleção "Os Pensadores").

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: **informação e documentação:** citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_ NBR 14724: **informação e documentação:** trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_ NBR 6023: **informação e documentação:** referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BARREIRA, C. **Crimes por encomenda, pistolagem e violência no cenário brasileiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

BEJAMIM, César; CALDART, Roseli Salette. **Projeto Popular e Escola do Campo.** Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2000. (Coleção por uma Educação Básica do Campo, nº 3).

BENEVUTO, Mônica Aparecida, Mitos e imagens nos modos de expressão de jovens rurais in ALVIN, Rosilene; GOVEIA, Patrícia (org.), **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos**, Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

BERGAMASCO, Sônia M. e NORDER L. Cabello. **O que são assentamentos**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1996.

BOFF, Leonardo. Alimentar Nossa Mística in **Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo**, São Paulo: Caderno do Setor de Formação do MST, 1998.

\_\_\_\_\_ ; BETTO, Frei, **Mística e espiritualidade**, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_ ; BETTO, Frei, BOGO, Ademar. **Valores de uma Prática Militante**, São Paulo: Caderno de Consulta Popular, nº9, 2000.

BOGO, Ademar, **A vez dos Valores**. São Paulo: MST, 1998a.(Caderno de Formação, Nº26)

\_\_\_\_\_ Como melhorar nossa mística in **Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo**, São Paulo: Caderno do Setor de Formação do MST, 1998b.

\_\_\_\_\_ **Lições da Luta pela Terra**, Salvador: Memorial das Letras, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_ **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

\_\_\_\_\_ As Contradições da Herança. In LINS, Daniel S (org). **Cultura e Subjetividade: Saberes nômades**. São Paulo: Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_ ; PASSERON, J. C. A dominação masculina revisitada. in: LINS, Daniel. **A dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998.

BRIGGMANN, Arcanjo Pedro. Discurso: estrutura, evento ou processo? in **Revista Educação, Subjetividade e Poder**, V.3 (mar-jul/1996) Porto Alegre: Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa em Educação da UFRGS): ed. UNIJUI, 1996.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia da Terra: Escola é mais do que a escola**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_ **Educação em Movimento**: formação de educadoras e educadores no MST. Rio de Janeiro: Vozes. 1997.

CÂMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Vereador Durval Ferraz (coord.). **MST: a luta pela terra**. Fortaleza: Ed. Celigráfica, 1997.

CARLEIAL, Adelita N. Cultura Migratória in **Transições Migratórias**. Fortaleza: IPLANCE, 2003.

CARVALHO, Horácio M. **Formas de Associativismo vivenciadas pelos Trabalhadores Rurais nas áreas oficiais de Reforma Agrária no Brasil**. Curitiba: Ministério Extraordinário de Política Fundiária e Instituto Interamericano de Cooperação para Agricultura, 1998 (Mimeo).

\_\_\_\_\_ A emancipação do movimento no movimento de emancipação social continuada (resposta a Zander Navarro). in SANTOS, Boaventura de Sousa. (org). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Mary; LAVINAS. Do Feminino ao Gênero: A construção de um objeto in **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

CAVALCANTE, M. Juraci. A cristalização de uma “Cultura de Migração no cotidiano de indivíduos, famílias e jovens interioranos do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, 1997.

CERIOLI, Paulo; MARTINS, Adalberto. **Sistema cooperativista dos assentados**. 2ª Edição. São Paulo: CONCRAB.(Caderno de Cooperação Agrícola, 5), 1998.

CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**, Tradução Enid Abreu dobránszky, Campinas- São Paulo: Papyrus, 1995.

\_\_\_\_\_ **A invenção do Cotidiano 1**, Artes de Fazer, Tradução Ephraim F. Alves, 4ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_ **A invenção do Cotidiano 2**, Morar, cozinhar, Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

COLETIVO NACIONAL DE MULHERES DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA. **Compreender e Construir Novas Relações de Gênero**, Coletânea de Textos, São Paulo: MST, Cartilha 1992.

CONCRAB. **Organicidade e núcleo de base**. São Paulo: MST, 1996.

DAMASCENO, Maria N. Saber Social e Construção da Identidade. In: **Revista Contexto e Educação**. Unijuí-RS, Ed. Unijuí, n° 38 abril/jun,1995.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Engajamento**: trabalho, prática educativa e consciência do campesinato. Fortaleza: Ed. UFC, 1990.

\_\_\_\_\_ A Construção do Saber Social pelo Camponês na sua Prática Produtiva e Política in THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria Nobre (org.) **Educação e Escola no Campo**, Campinas-SP: Papyrus, 1993.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia do Enfrentamento no Cotidiano das Lutas no Campo**. Belo Horizonte: Cadernos da ANPED n° 6. 1994.

\_\_\_\_\_ Luta Social e Escola no Campo. **Cadernos de Pós-Graduação em Educação n° 1**. Fortaleza: Ed. UFC, 1995.

\_\_\_\_\_ ; THERRIEN, Jacques. **Relatório da Pesquisa “Saber e Prática Social do Educador”**. Fortaleza: UFC/CNPq, 1996.

\_\_\_\_\_ **Artesões de um Outro Ofício**: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar. S. Paulo: Annablume, 2000.

\_\_\_\_\_ Trajetórias da Juventude: caminhos, encruzilhadas, sonhos e expectativas in DAMASCENO, Maria N.; MATOS, K.; VASCONCELOS, G. (Org.). **Trajetórias da Juventude**. Fortaleza: LCR, 2001.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DELEUZE, Gilles, **Conversações**, Tradução Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_ **Foucault**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1991.

\_\_\_\_\_ ; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo, Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs V.1**. Capitalismo e esquizofrenia, Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_ **Mil Platôs V.3**. Capitalismo e esquizofrenia, Tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1996.

\_\_\_\_\_ **Mil Platôs V.4**. Capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_ **O que é Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Munoz. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.

DESCARTES, René. **Discurso do Método; As paixões da Alma**. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, 4ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os Pensadores).

DIAS, Sousa. **Lógica do Acontecimento: Deleuze e a Filosofia**. Porto-Portugal: Edições Afrontamentos, 1995.

DINIZ, Aldiva Sales. A construção dos perímetros irrigados e a criação de novas possibilidades no sertão. in ELIAS, Denise; SAMPAIO, J. Levi. (org.), **Modernização excludente**. Fortaleza: Ed. Demóclito Rocha, 2002.

DIÓGENES, Glória. **Cartografia da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop**. São Paulo: Annablune, 1998.

DROIT, Roger-Pol. Gilles Deleuze, um pensador plural e singular. in PELBART, Peter Pál; ROLNIK, Suely (org.). **Cadernos de Subjetividade**, (número. especial). São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade em Psicologia Clínica da PUC-SP, jun. 1996.

DURHAM, Eunice. **A caminho da cidade**, São Paulo:ed. Perspectiva. FLACSO 1986.

EIZIRIK, Maria Faermann. Ética e Cuidado de Si: Movimentos da Subjetividade. in **Revista Educação, Subjetividade e Poder, V.4** (mar-dez/1997) Porto Alegre: Núcleo de Estudos

sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa em Educação da UFRGS), ed. Unijui, 1997.

ELIAS, Denise. Integração competitiva do semi-árido in ELIAS, Denise; SAMPAIO J. Levi. (org.), **Modernização excludente**. Fortaleza: Ed. Demóclito Rocha, 2002.

EQUIP- FASE- CENAP. **Os Movimentos Sociais a Crise, o Prometo**. Caderno sobre Seminário de Análise da Conjuntura. Recife: EQUIP- FASE- CENAP, 1994.

ERIKSON, H. Erik. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1972.

ESPINOZA. Vicente, **La Participación Social y Política de los Jóvenes**. Esquema para Presentación en Congreso ALAS. Universidad de Concepción. Universidad de Santiago de Chile. 1998.

FABRE, Daniel. Ser jovem na aldeia. LEVI, G.; SCHMITT, J. (org.). **História dos jovens 2**. São Paulo: Cia. das Letras: 1996.

FALCÃO, Márlío F.P. **Pequeno Dicionário Toponímico do Ceará**. Fortaleza: Quadricolor, 1993.

FAU, René. Características gerais do grupo durante a adolescência. In: BRITTO, S. de. **Sociologia da juventude III - A vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Gênese e Desenvolvimento do MST**. Caderno de Formação Nº 30, São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, 1998.

\_\_\_\_\_ **Questão Agrária, pesquisa e MST**. São Paulo, Cortez, 2001 (Coleção Questões da nossa época, V. 92).

FLITNER, Andréas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. Tradução Breno Schuman. in BRITO, Sulamita (org) **Sociologia da Juventude I**. Rio de Janeiro:Zahar, 1968.

FORACCHI, Marialice. A juventude e a realidade nacional. In: **Revista da Civilização Brasileira**, nº 5/6, ano I, março. 1966.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, 3: o cuidado de si**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque, 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_ **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado, 6ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

\_\_\_\_\_ **Vigiar e Punir**. Tradução Ligia M. Ponde Vassallo, Petrópolis: Vozes, 9ªed. 1991.

\_\_\_\_\_ **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves, 4ªed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_ **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**, Tradução Andrea Daher, Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_ **A Ordem do Discurso**. Tradução Laura F. de Almeida Sampaio 4ªed. São Paulo: Loyola. 1998.

\_\_\_\_\_ **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas**, Tradução Salma Tannus Muchail, 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. O Partido como Educador-Educando. In **A Educação como Ato Político Partidário**. Cortez. São Paulo. 1988.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

FUGANTI, Luiz Antônio. Saúde, Desejo e Pensamento in LANCETTI, Antônio. **Saúde e Loucura**. São Paulo, Hucitec, 1990.

GALLAND, Oliver. **Sociologie de la Jeunesse**. L' entrée dans la vie. Paris: Armand Colin Éditeur, 1991.

GEERTZ, Clifford, **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_ **Nova Luz sobre a Antropologia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GILLARDOT, Pierre, **Geographie Rurale**. Paris: Ellipes, 1997.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 1997.

GOMES, Iria Zanoni, **Terra e Subjetividade**: a recriação da vida no limite do caos, Curitiba: Criar Edições, 2001.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. Campinas-SP: UNICAMP.IE, 1996.

\_\_\_\_\_ **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas- S P.: UNICAMP. IE, 1999.

GROPPO, Luís Antônio, **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas, Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GRZYBOWSKI, Cândido. **Caminhos e Descaminhos dos Movimentos Sociais no Campo**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético, Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo, Petrópolis: Vozes, 4ª ed., 1996.

HEILBORN, M. L. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil in COSTA, Albertina de O.; BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma Questão de Gênero**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, São Paulo: Fundação Carlos Chagas. 1992.

HEREDIA, Beatriz M. Alásia de. **A morada da vida**: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBBS, Thomas, **Leviatã**, ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil, Tradução de João P. Monteiro e Maria Beatriz N. da Silva. São Paulo, Nova Cultural, 4ª ed., 1988 (Coleção "Os Pensadores").

IANNI, Octavio. O jovem radical In: BRITO, Sulamita. (org.) **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_ **A luta pela terra**: história social da terra e da luta pela terra numa área da Amazônia, Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_ **A sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 1995-1996**. Rio de Janeiro, Ed.IBGE, 1998.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População Jovem no Brasil**. Rio de Janeiro, Ed.IBGE, 1999.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000** – resultados preliminares. Rio de Janeiro, Ed. IBGE, 2000.

INCRA/ SIPRA - Sistema de Informação de Projetos de Reforma Agrária, Informações do Projeto de Assentamento Córrego do Quixinxé, -abr/2000.

INCRA/Superintendência regional do Ceará. Laudo de Vistoria e avaliação da Fazenda: Córrego do Quixinxé/Córrego do Faço. Novembro, 1995.

INCRA/Superintendência regional do Ceará. Laudo de Vistoria e avaliação da Fazenda: Córrego do Quixinxé/Canafístula. Novembro, 1995.

INCRA/Superintendência regional do Ceará. Laudo de Vistoria e avaliação da Fazenda: Córrego do Quixinxé/Juá. Novembro, 1995.

INCRA/Superintendência Regional do Ceará. Situação dos Beneficiários da Reforma Agrária - Analítico. outubro, 2002.

INCRA/Superintendência Regional do Ceará. Demonstrativo dos Projetos de Assentamentos Estaduais PCT – Reconhecidos pelo INCRA. Jun/2002.

INCRA/Superintendência Regional do Ceará. Demonstrativo dos Projetos de Assentamentos. Fev/2002.

IPEA Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas. Indicadores da pobreza entre 1995 e 2000.

IPLANCE. Perfil Básico Municipal, 1999.

KEYSER, Bernard, **La Renaissance Rurale**: Sociologie des campagnes du monde occidental. Paris: Armand Colin, 1990.

LAPASSADE, Georges. Os rebeldes sem causa. In: **Sociologia da juventude III**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEFORT, Claude. **Pensando o Político**: ensaios sobre democracia, evolução e liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LINS, Daniel. Como Dizer o Indizível? in LINS, Daniel (org) **Cultura e Subjetividade**: saberes nômades. Campinas- SP: Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_ **O sexo do poder** in LINS, Daniel. **A dominação masculina revisitada**. São Paulo: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_ **O dedo no olho**: micropolíticas do cotidiano, São Paulo: Annablume, 1999.

\_\_\_\_\_ **Sujeitos e devires: o corpo-drogado** in LINS, Daniel. **Nietzsche e Deleuze**: pensamento nômade, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guaracira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. Vol.20 (2).jul/dez 1995.

LUZZATO, Sergio. Jovens Rebeldes e Revolucionários: 1789-1917. in LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (org.). **História dos Jovens 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MACHADO, Lia Zanotta. Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade. in COSTA, Albertina de O.; BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo:Fundação Carlos Chagas, 1992.

MACHADO, Roberto, **Deleuze e a Filosofia**, Rio de Janeiro, Graal, 1990.

\_\_\_\_\_ **Zaratustra**, tragédia nietzschiana, Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_ **Ciência e Saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault, Rio de Janeiro, Graal, 1981.

\_\_\_\_\_ Introdução: por uma genealogia do poder, in Foucault, Michel, **Microfísica do Poder**, 6ª ed. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1986.

MANGUEIRA, Maurício. **Microfísica das Criações Parciais**: pensamento, subjetividade e prática a partir de Nietzsche e Deleuze. São Cristóvão-SE: Editora UFS, Fund. Oviêdo Teixeira, 2001.

MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. Tradução Octávio Velho. In: BRITO, Sulamita. (org.) **Sociologia da Juventude**. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

MARQUES, M. O. Escola noturna e jovens. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5: 63-75. São Paulo, ANPED, 1997.

MARANHÃO, Silvio (org), **A Questão Nordeste**: estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos ideológicos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

MARTINS, José de Sousa. **Expropriação e Violência**: a questão política no campo. São Paulo: Hucitec, 1980.

\_\_\_\_\_ **O Cativo da Terra**. São Paulo, Ed. LECH, 1983.

\_\_\_\_\_ **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_ **A Chegada do Estranho**. São Paulo: Hucitec 1993.

\_\_\_\_\_ **Reforma Agrária**: O impossível Diálogo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

MARTINS, M. Helena. S. O jovem no mercado de trabalho. **Revista Bras. de Educação**, nº 5: 93-108. São Paulo: ANPED, 1997.

MATOS, Ralfo; SANTOS Ivan. Migração e Pobreza nas Microrregiões Geográficas. in **Transições Migratórias**. Fortaleza: IPLANCE, 2003.

MATZA, David. As tradições ocultas da Juventude. In: Brito, Sulamita, **Sociologia da juventude III**, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MALVANO, Laura. O mito da juventude transmitido pela imagem: o fascismo italiano. LEVI, G.; SCHMITT, J. (org.) **História dos jovens 2**. A época contemporânea, São Paulo:

Companhia das Letras, 1996.

MELUCCI, Alberto. Juventude tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, n° 5: 5-14. São Paulo: ANPED, 1997.

\_\_\_\_\_ **A Invenção do Presente: movimentos sociais nas sociedades complexas.** Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MEDEIROS, Leonilde; LEITE, Sérgio.(org). **A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas.** Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Universidade/UFRGS/CPDA, 1999.

\_\_\_\_\_ ; SOUSA, Inês; ALENTEJANO, Paulo. O Promissor Brasil dos Assentamentos Rurais. **Revista Proposta**, n° 77 jun/ago Rio de Janeiro: 1998.

MORISSAWA, Mitsue, **A História da luta pela terra e o MST**, São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOURA, Clóvis. **Sociologia Política da Guerra Camponesa de Canudos: Da destruição de Belo Monte ao aparecimento do MST.** São Paulo: Expressão Popular, 2000.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Programa de Reforma Agrária.** São Paulo: Caderno de Formação. N° 20. 1993a

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA **Mística.** Uma necessidade no trabalho popular e organizativo. São Paulo, Mar/1993b.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Como deve fazer a escola que queremos: o planejamento.** N° 6, São Paulo, 1995.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, **Princípios da Educação no MST.** São Paulo: Cadernos de Educação. N° 8, 1996.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Proposta para Organização da Juventude do MST** (Texto para debate, discussão e aprofundamento). São Paulo, 1998a.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **O papel da Cultura no MST**. São Paulo, Mai/1998b.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **A arte de Formar Quadros**. Bahia, Mai/1998c.

MOVIMENTO DOS SEM TERRA. **Gênero no MST**. São Paulo, Jan/1999.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, **O MST e a Cultura, Caderno de Formação nº 34**. São Paulo-SP: Outubro, 2000.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, **Para Soletrar a Liberdade**, Nº 1, Nossos Valores, São Paulo: Caderno do educando, 2000.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Construindo o Caminho**. São Paulo, 2001.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Agenda 1992**

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Agenda 1998**.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Agenda 1999**.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Agenda 2003**.

MICHAUD, Eric. Soldados de uma idéia: os jovens sob o Terceiro Reich. in LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean. (org.) **História dos jovens 2**. A época contemporânea, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MUXEL. Anne. Jovens dos anos noventa. À procura de uma política sem “rótulos”. Tradução Ines Rosa Bueno, in Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. Número Especial, st/out/nov/dez 1997.

NAVARRO. Zander. Mobilização sem emancipação: as lutas sociais dos sem-terra no Brasil. in SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.) **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_ O MST e a canonização da ação coletiva (resposta a Horário Martins Carvalho) in SANTOS, Boaventura de Sousa. (org). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_ MORAES. M.; MENEZES, R. Pequena história dos assentamentos rurais no Rio Grande do Sul: formação e desenvolvimento. in MEDEIROS, Leonilde; LEITE, Sérgio.(org). **A formação dos assentamentos rurais no Brasil: processos sociais e políticas públicas**. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Universidade/UFRGS/CPDA, 1999.

\_\_\_\_\_ **O Projeto – piloto “Cédula da Terra” – comentário sobre as condições sociais e político-institucionais de seu desenvolvimento recente**. – (Parecer solicitado pelo Banco Mundial), Brasília/agosto 1998.

NOVAES, Regina R. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. in ABRAMO, H.; FREITAS, M.; SPOSITO, M. (org). **Juventude em debate**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Gilberto Pontes. **Proposta para Organização da Juventude do MST**. Brasília-DF: 1998. Mimeo.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da Amizade: Arent, Derrida, Foucault**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

PAIS, José Machado. Lazeres e sociabilidades juvenis- um ensaio de análise etnográfica in **Análise Social**, vol. XXV (108-109), Lisboa: Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa, 1990.

PAIS, José Machado (org). **Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea**. Lisboa: Gradegráfica, 1993.

\_\_\_\_\_ **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

\_\_\_\_\_ **A vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PALMEIRA, Moacir. **Diferenciação social e participação política do campesinato: primeiras questões**. Rio de Janeiro Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, (19--?) Mimeo.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. in LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean. (org.) **História dos jovens 2**. A época contemporânea, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PASTOUREAU, Michel. Os emblemas da Juventude: atributos e representações dos jovens na imagem medieval. in SCHMITT, Jean-Claude; LEVI, Giovanni. (org.) **História dos Jovens 1**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PELBART, Peter Pål. Biopolítica e biopotência no coração do império in LINS. Daniel e GADELHA. Silvio, (org.), **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

PERROT, Michelle. Na França da Belle Époque. Os Apaches, primeiros bandos de jovens, in **Os excluídos da História**. Operários, mulheres, prisioneiros, Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_ A juventude Operária. Da oficina a fábrica LEVI, G.; SCHMITT, J. (org.). **História dos jovens 2**. A época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PLATÃO. **Diálogos**. Tradução José Cavalcante de Sousa e outros. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987 ( Coleção Os Pensadores).

RENNÓ JR. Lúcio. Indivíduo, Comunidade e Cultura: fronteiras do debate entre Liberalismo e Comunitarismo no Brasil in ARAÚJO, Caetano E. Pereira. et al (org.) **Política e Valores**, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Edições Liberdade. 1989.

\_\_\_\_\_ Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura in LINS, Daniel. **Cultura e subjetividade**. Campinas: Papyrus.1997.

\_\_\_\_\_ Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização in **Cultura e Subjetividade**: saberes nômades. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

\_\_\_\_\_ Tristes Gêneros in LINS, Daniel (org) **A dominação masculina** São Paulo: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_ Machos e Fêmeas in LINS, Daniel (org) **A dominação masculina** São Paulo: Papyrus, 1998.

RUA, Maria das Graças; ABRAMOVAY, Miriam. **Companheiras ou “coordenadoras de painelas”?** As relações de gênero nos assentamentos rurais. Brasília: UNESCO, 2000.

SADER, Eder. **Quando os Novos Personagens entram em cena.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SALES, Celecina de Maria Veras, **Conflitos no Feminino: Trajetórias Políticas de Mulheres no Campo**, Fortaleza: Dissertação de Mestrado, UFC, 1995.

\_\_\_\_\_ Os Jovens como Experimentadores e Produtores de Devires, in DAMASCENO, Maria Nobre e outros(org.) **Trajetórias da Juventude.** Fortaleza: LCR, 2001.

\_\_\_\_\_ Juventude, Política e Relações de Gênero: o jovem enquanto sujeito político in AMARAL, Célia C. Gurgel, SALES, Celecina de M. Veras, e outras (org.), **Múltiplas Trajetórias**, Fortaleza: REDOR/NEGIF-UFC, 2001.

SAMPAIO, José Levi. A mobilidade da população cearense e a reestruturação produtiva in **Transições Migratórias.** Fortaleza: IPLANCE, (prelo).

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais.** Ed. Loyola. São Paulo, 1993.

SCHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna. in LEVI, G.; SCHMITT, J. (org.) **História dos Jovens 1.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHNAPP, Alain. A imagem dos jovens na cidade grega. in LEVI, G.; SCHMITT, J. (org.) **História dos Jovens 1.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCOTT, James. Formas cotidianas da resistência camponesa. Tradução Marilda A. Meneses; Lemuel Guerra. In **Raízes**, Revista de Ciências Sociais e econômicas. Paraíba:UFPB, [ 2000].

SCOTT, Joan. **Gênero:uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1992.

SILVA, Luís A Machado da. A Respeito de Movimentos Sociais: rápida incursão sobre problemas teóricos na produção brasileira, in **Movimentos Sociais: Para Além da Dicotomia Rural-Urbano**. Centro de Estudo e Pesquisa Josué de Castro. Recife: 1985.

SILVESTRO, Milton et al. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD, 2001.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **Reivencões da Utopia**. A militância política de jovens nos anos 90. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

SOUZA, I. a. Gómez de. Prefácio in SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. Ed. Loyola. São Paulo, 1993.

SPOSITO, Marília. A sociabilidade juvenil e ação coletiva na cidade. in **Tempo Social**. São Paulo. 1994. Vol. 5, nº. 1-2, nov.

\_\_\_\_\_ A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In **Juventude Contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação. Número Especial, 1999.

STEDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**, São Paulo, Ed. Perseu Abramo, 1999.

TEIXEIRA, Gerson. Um novo modelo de desenvolvimento rural sob a perspectiva do governo FHC, **Documento do PT**. Núcleo Agrário/ Secretaria Agrária Nacional do Partido dos Trabalhadores, Brasília 08/03/1999.

THEMUDO, Tiago Seixas. Por uma sociologia do intensivo. in LINS, Daniel.; COSTA, Silvio Gadelha; e VERAS, Alexandre (org). **Nietzsche e Deleuze**. Intensidade e paixão. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.

WOLF, Eric R, **Sociedades Camponesas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_ **Guerras Camponesas do século XX**, São Paulo, Global, 1984.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas-SP: Ed. Autores Associados, 2002.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**. Rio de Janeiro: Zahar. 1974.

**PERIÓDICOS**

Jornal dos Sem Terra ANO XVII N. 186 jan/fev 1999

Jornal dos Sem Terra ANO XVII N. 189 maio 1999

Jornal dos Sem Terra ANO XIX N. 208 março 2001

Folha de Rosto – Anexo

Regiões de Assentamento do MST

## Microrregiões Geográficas

Atuação do Inca

Regiões Semi-Áridas, Áreas Úmidas e Sub-Úmidas.

Fotos

## LISTA DOS NOMES GREGOS E SIGNIFICADOS

<b>Afrodite</b>	Deusa do amor e beleza. Filha de Zeus e Dione.	<b>Apollo</b>	Deus da profecia, da luz e da verdade. Deus da agricultura. Era músico.
<b>Atena</b>	Deusa da sabedoria e da inteligência. Protetora dos guerreiros	<b>Ares</b>	Deus da guerra.
<b>Hebe</b>	Deusa da Juventude.	<b>Eros</b>	Deus do amor. Cupido romano.
<b>Ártemis</b>	Deusa da caça e dos animais selvagens, da natureza e da colheita. Deusa do parto.	<b>Morpheu</b>	Deus dos sonhos. Filho de Hipnos deus do sono.
<b>Hera</b>	Rainha dos deus, protegia o casamento.	<b>Aristeu</b>	Protetor dos caçadores e pastores. Inventor da apicultura. Venerado como deus beneficente.
		<b>Hermes</b>	Mensageiro dos deuses. Deus do comércio, divindade dos atletas.
<b>Nikê</b>	Deusa da vitória.	<b>Hefaístos</b>	Deus do fogo e dos trabalhos manuais.
<b>Pandora</b>	Aquela que possui todos os dons. Vulcano a criou por ordem de Zeus. Foi a primeira mulher.	<b>Dionísio</b>	Deus do vinho, da vegetação e da alegria.
<b>Perséfone</b>	Deusa da terra e agricultura. Filha de Zeus e Deméter. Era uma personificação do renascimento da natureza na primavera .	<b>Pan</b>	Deus dos bosques, campos e fertilidade.
<b>Selene</b>	Deusa da lua.	<b>Hélio</b>	Antigo Deus do sol, único deus que pode ver toda a terra do alto do céu.
<b>Tétis</b>	Divindade oceânica. Era servida pelas ninfas do mar.	<b>Posêidon</b>	Deus do mar.